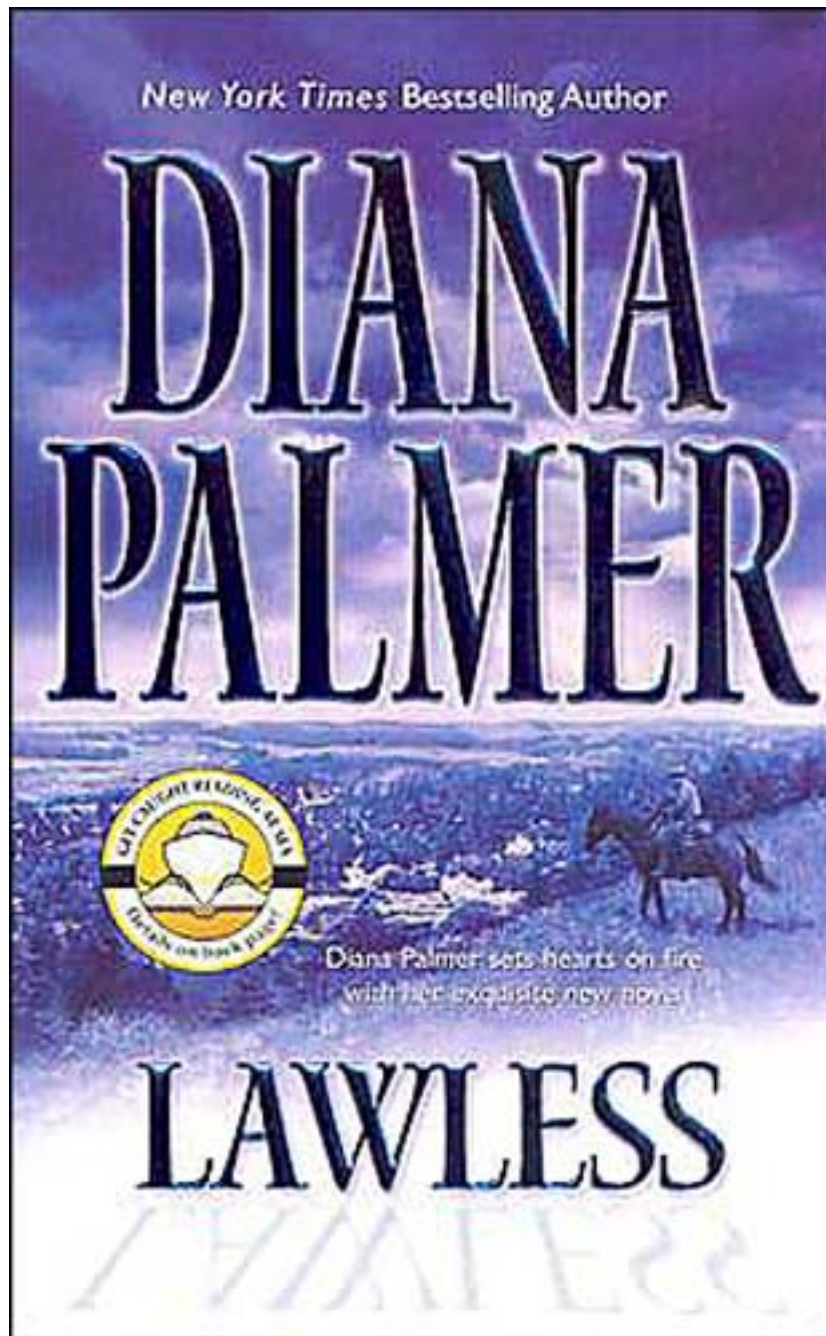




Fora da Lei

Diana Palmer

Cinco anos atrás, Judd Dunn, um patrulheiro do Texas, colocou o pai de Christabel Gaines atrás das grades. Mas a presença de Judd na vida de Christabel estava longe de terminar. Eles se casam apenas no cartório, jurando salvar o rancho que pertence aos dois e ignorar a grande atração que existe entre eles.

Quando Judd enfim decide libertá-la de um compromisso fadado ao fracasso, é perseguido por um inimigo sedento de sangue que resolve atingi-lo



em seu ponto fraco: sua esposa. Não mais uma menina inocente, Christabel é uma mulher inteligente e destemida com desejos insatisfeitos. E fará qualquer coisa em nome do amor... até mesmo ser baleada no lugar de seu marido.

Com suas vidas em jogo, Christabel e Judd precisam enfrentar novos rivais e os desejos mais profundos... armadilhas de um destino do qual não podem fugir.

Fora da lei é um romance hipnótico, cheio de tensão dramática e personagens fascinantes, que prende a atenção do leitor até seu desfecho surpreendente.

Diana Palmer é presença constante na lista de mais vendidos do The New York Times. Começou sua carreira como repórter mas logo revelou seu talento especial para contar histórias com charme e humor.

A autora vive com sua família em Cornelia, na Geórgia.

CAPÍTULO 1

Era um dia quente de rachar no sul do Texas, mesmo para o início de um mês como setembro. Christabel Gaines usava uma blusa branca decotada com jeans desbotados. A blusa delineava os seios pequenos e firmes, e o jeans grudava suavemente em cada linha de curva suave de seu corpo jovem. A leve brisa prendia os cabelos longos e loiros na linda boca em forma de arco, com a testa larga e as maçãs do rosto salientes. Ela afastou os fios de cabelo dos olhos castanhos e grandes, e parecia estar se divertindo com alguma coisa que um dos estudantes a seu lado dizia sobre um colega. Era uma longa e monótona manhã de segunda-feira.

Debbie, uma garota de sua classe de informática, de repente olhou fixo para o estacionamento além de Christabel e deu um assobio:

– Nossa! Já sei o que quero no Natal – disse, um pouco mais alto que um sussurro.

Teresa, outra colega, também olhava fixo.

– Oba, oba – disse com um sorriso malicioso, mexendo as sobrancelhas.
– Alguém sabe quem ele é?

Curiosa, Christabel virou-se para ver um homem alto, moreno e bonito caminhar com graça pelo gramado na direção delas. Usava um chapéu creme de abas largas, puxado para cima dos olhos. A elegante camisa de manga comprida, de algodão branco, estava presa com gravata-boleadeira de cor turquesa. As pernas longas e firmes estavam enfiadas em calças largas cinza, os pés em botas cinza trabalhadas a mão. No bolso da camisa, uma estrela prateada num círculo brilhava à luz do sol. Um coldre de couro marrom e um cinturão estavam presos nos quadris magros. No cinturão, trazia uma pistola Ruger Vaquero calibre .45. Em geral, carregava uma pistola automática, uma Colt ACP .45, mas ela estava recebendo um novo cabo feito sob medida e com a estrela dos Texas Rangers. Hoje, também por acaso, era dia de competição na Sociedade de Tiro de Ação Simples do Clube de Arma de Fogo de Jacobsville, da qual era membro. O grupo de sacar rápido e atirar usava roupa de faroeste nos encontros. Assim, era conveniente que ele usasse a arma não-automática para trabalhar só dessa vez.

– Meninas, o que vocês fizeram? – brincou um dos rapazes, fingindo surpresa. – Um patrulheiro dos Texas Rangers está procurando alguém!

Christabel não disse uma palavra. Apenas ficou olhando como os outros, mas os olhos escuros dele brilhavam enquanto ela o observava andar com passos largos em sua direção, com aquela determinação que o tornava tão bom em seu trabalho. Era o homem mais sexy e maravilhoso do mundo. Ela lhe devia tudo que tinha, tudo que era. Às vezes desejava de todo coração ter nascido linda, e talvez então ele a notasse da maneira que ela queria. Sorriu em segredo, pensando no que as outras garotas diriam se soubessem sua verdadeira relação com aquele dinâmico Texas Ranger.

Judd Dunn tinha 34 anos. Passara a maior parte da vida fazendo cumprir a lei, e era bom nisso. Estava na Companhia D dos Texas Rangers havia cinco anos. Estivera na lista dos que podiam ir a tenente, mas recusou porque era um trabalho mais administrativo e ele gostava mesmo era do trabalho de

campo. Conservava o corpo delgado e comprido em forma trabalhando na fazenda, propriedade que dividia com Christabel.

Tornara-se responsável por Christabel quando ela estava com apenas 16 anos. A fazenda D/G estava arruinada, e pronta para falir e pegar fogo. Judd a tirara do vermelho e fizera a fazenda dar lucro. No decorrer dos anos, Judd investiu seu próprio dinheiro para aumentar o rebanho de gado de corte mestiço que eles supervisionavam. Com seu senso comercial sagaz e o conhecimento de Christabel em computadores, estavam começando a ter um pequeno lucro. Isso permitira que Christabel tirasse seu diploma de programação em computador, e Judd às vezes pudesse gastar algum dinheiro em supérfluos. Sua última aquisição extra, um ano atrás, tinha sido aquele chapéu creme de abas largas inclinado sobre a sobrancelha escura. Era de pele de castor e lhe custara um salário. Caía bem nele, ela tinha de admitir. Ele ficava bonito e provocante. Era uma pena que nesse ano tivessem que economizar. Houve uma seca e os preços do gado tinham caído. Os tempos eram duros de novo, justamente quando começavam a progredir.

Qualquer outro homem teria notado, com satisfação, os olhares arrebatados das duas colegas de Christabel. Judd prestou a elas a mesma atenção que daria a um pinhão. Tinha algo em mente, e nada iria distraí-lo.

Caminhou direto até Christabel, elevando-se acima dela para o espanto de suas colegas.

– Recebemos uma oferta – disse ele, segurando-a pela parte superior do braço de uma maneira impessoal, como se tivesse prendido um criminoso. – Preciso falar com você.

– Judd, só estou no intervalo das aulas – protestou ela.

– Não vai demorar nem um minuto – murmurou ele, estreitando os olhos negros para encontrar um lugar isolado. Achou um debaixo de um enorme carvalho americano. – Venha.

Ela foi escoltada à força até a árvore, enquanto suas colegas observavam a cena com curiosidade, de olhos arregalados. Ela sabia que mais tarde seria colocada na berlinda para responder a um monte de perguntas.

– Não que eu não esteja contente em ver você – explicou quando ele a soltou abruptamente, longe de ouvidos curiosos –, mas só tenho cinco minutos...!

– Então não os desperdice falando – atalhou ele. Sua voz era aveludada, profunda, mesmo quando não tinha essa intenção. Fazia arrepios deliciosos correrem pela espinha de Christabel.

– Está bem – admitiu ela com um suspiro. Estendeu a mão, a palma para cima.

Ele notou o anel com sinete – o anel com o sinete dele – que ela sempre usava no anular. Embora ela houvesse mandado ajustar o tamanho, o anel ainda era grande demais para sua mão delgada. Mas insistia em usá-lo.

Ela acompanhou o olhar fixo dele e dobrou a mão.

– Ninguém sabe – disse ela. – Não faço fofoca.

– Está para chegar o dia – concordou ele, e por um instante o humor afetuoso fez brilhar seus olhos negros.

– Qual é o problema?

– Não é bem um problema – disse ele, descansando a mão direita preguiçosamente na coroa da pistola. O emblema do Texas Ranger era entalhado no cabo de bordo. O novo cabo da automática teria a mesma

madeira e emblema. O coldre e o cinturão eram de couro curtido trabalhado a mão. – Recebemos uma oferta de uma equipe de filmagem. Eles inspecionaram as terras daqui, com um representante da comissão estadual de filme, procurando um lugar provável para situar uma fazenda fictícia. Gostaram da nossa.

– Uma equipe de filmagem. – Ela mordeu o lábio carnudo. – Judd, não gosto de ter um bocado de pessoas em volta.

– Sei disso. Mas queremos comprar outro macho de rebanho puro-sangue – continuou ele –, e se conseguirmos o tipo certo vai ser caro. Eles nos ofereceram trinta e cinco mil dólares para usar a fazenda durante algumas semanas de filmagem. Isso nos deixaria com saldo. Até poderíamos aumentar a cerca elétrica e trocar o trator.

Ela deu um assobio. Aquilo parecia uma fortuna. Sempre havia alguma coisa numa fazenda, equipamento quebrado, vaqueiros que queriam mais dinheiro, bomba elétrica enguiçada, falta de água... Nesse meio tempo, o veterinário tinha de ser chamado para olhar o gado doente, colocar etiquetas nas orelhas dos animais, marcá-los com ferro em brasa, sem contar o material para a cerca... Ela se perguntou como seria se fosse rica e tivesse tudo o que desejasse. A fazenda que pertencera em sociedade a seu tio e seu pai ainda estava longe de ser próspera.

– Pare de sonhar – disse ele de modo brusco. – Preciso de uma resposta. Tenho um caso esperando.

Os olhos dela se arregalaram.

– Um caso? Que caso?

Os olhos dele se estreitaram.

– Agora, não.

– É homicídio, não é? – perguntou ela excitada. – A jovem de Victoria que foi encontrada com a garganta cortada, caída numa vala apenas com uma blusa. Você conseguiu uma pista!

– Não vou contar nada.

Ela moveu-se para mais perto.

– Ouça, comprei maçãs frescas hoje de manhã. Tenho canela em pau. Açúcar mascavo. – Ela inclinou-se para mais perto. – Manteiga de verdade. Farinha para massa.

– Pára – gemeu ele.

– Você nem pode ver aquelas maçãs, borbulhando naquela crosta até se tornar uma simpática, macia, linda, cheia de flocos...

– Está bem! – Ele cedeu, lançando um rápido olhar em volta para assegurar-se de que ninguém estava perto demais para ouvir. – Ela era a mulher de um fazendeiro local – disse ele. – A história do marido está sendo verificada, e ela mesma não tinha nenhum inimigo no mundo. Achamos que foi ao acaso.

– Nenhum suspeito?

– Ainda não. E muito poucas pistas, com exceção de um cabelo e algumas fibras de pano muito colorido que não combina com a blusa que ela estava usando – disse ele. Lançou um olhar penetrante para ela. – E isso é tudo que você vai conseguir, com ou sem torta de maçã!

– Está bem – disse ela, dando-se por satisfeita. Inspecionou o rosto bonito e delgado dele. – Você quer que deixemos a equipe de cinema mudar-se para lá – acrescentou, percebendo as coisas.

Ele concordou com a cabeça.

– Semana que vem vamos precisar de uns mil dólares, depois de pagarmos os impostos previstos – disse ele calmamente. – Vamos ter de comprar mais forragem. A enchente destruiu a maior parte do nosso feno e a colheita de cereais, sem mencionar a alfafa. Consertei o silo, mas não a tempo de nos ajudar a sair de dificuldades nesta temporada. Vamos precisar também de mais vitaminas e suplementos minerais para misturar com a ração.

– E vamos ter de comprar ração adicional ou vender o gado que precisamos – disse ela com uma respiração longa e pensativa. – Não seria adorável se tivéssemos milhões, como aquele seriado de tevê que se passava em Dallas? Poderíamos comprar máquinas de ceifar e debulhar, novos tratores e enfardadeiras de feno...

Ele franziu os lábios e sorriu com o entusiasmo dela. Seus olhos negros deslizaram para sua linda figura, demorando-se involuntariamente em seus seios. Pareciam pequenas maçãs sob aquele tecido aderente, e ele teve uma ânsia inesperada e meio faminta ao olhar para eles. Arrastou os olhos de volta para encontrar os dela.

– Você não gostaria de uma calça jeans nova em vez disto? – perguntou, acenando com a cabeça na direção dos buracos nos jeans dela.

Ela encolheu os ombros.

– Ninguém por aqui usa coisas bonitas. Bem, Debbie usa – emendou, lançando um olhar para trás em direção à colega que estava vestida com uma roupa de grife. – Mas os pais dela têm milhões.

– O que ela está fazendo numa escola profissionalizante? – indagou ele.

Ela levantou o rosto.

– Tentando pegar o filho de Henry Tesler!

– Ele é um aluno, imagino. – Ele abriu um sorriso largo.

Ela sacudiu a cabeça.

– Ensina álgebra.

– Um daqueles – concordou ele com olhos brilhantes.

– É um verdadeiro cérebro. – Ela acenou com a cabeça. – E muito rico também. O pai de Henry é dono de cavalos de corrida, mas ele não gosta de animais, de modo que dá aula. – Ela consultou o relógio nada feminino que trazia no pulso. – Oh, meu Deus, vou perder minha aula! Tenho que ir!

– Direi à equipe de filmagem que eles podem vir – disse ele.

Ela virou-se para correr atrás das colegas, que já se aproximavam da entrada lateral do prédio principal. Parou e olhou por cima do ombro, apreensiva.

– Quando eles chegam?

– Duas semanas a partir de sábado, para tirar algumas fotos e discutir as modificações que precisam fazer para montar as câmeras.

Ela suspirou.

– Bem, diga que não podem acelerar as máquinas perto do celeiro! Bessie está com cria!

– Vou dizer tudo a eles.

Ela examinou-o com admiração.

– Você está mesmo sexy, sabe – disse ela. – Minha colega Debbie quer você de Natal – acrescentou em tom malicioso.

Ele olhou com raiva para ela.

Os olhos dela brilharam.

– Só faltam três meses. Te digo uma coisa, se me comprar uma camisola vermelha transparente com laço, eu uso pra você – provocou.

Ele não se permitiu imaginá-la dessa maneira.

– Sou quatorze anos mais velho do que você – observou.

Ela sacudiu o dedo anular para ele.

Ele deu quatro longos passos e elevou-se sobre ela.

– Se você se atrever a contar para alguém...! – ameaçou em tom sombrio.

– Não faço fofoca – disse ela. – Mas não há nenhuma razão legal ou moral no mundo que o proíba de olhar para mim quando eu estiver usando lingerie fina – observou ela –, quer as pessoas saibam ou não que somos casados.

– Eu lhe disse há cinco anos e vou repetir agora – disse ele com firmeza –, nada desse tipo vai acontecer algum dia entre mim e você. Dentro de dois meses você terá vinte e um anos. Vai assinar um papel e eu também, e seremos sócios comerciais... nada mais.

Ela examinou os olhos negros dele com a excitação familiar quase sufocando-a.

– Diga-me que nunca se perguntou como sou sem minhas roupas – sussurrou ela. – Eu te desafio!

Ele lhe endereçou um olhar que teria assado um pão. Era um olhar famoso no sul do Texas. Conseguia render bandidos com ele. Na verdade, havia rendido o próprio pai dela com aquele olhar, pouco antes de atacá-lo com os dois enormes punhos.

Ela olhou irada para ele com um suspiro tristonho.

– Que desperdício – murmurou, pensativa. – Você sabe mais sobre as mulheres do que jamais saberei sobre os homens. Aposto como deve ser sensacional na cama.

Os lábios dele se tornaram uma linha fina, o olhar fuzilava.

– Está bem. – Ela cedeu por fim. – Vou encontrar algum garoto bonito que me ensine o que fazer com todas essas ânsias inconvenientes que sinto de tempos em tempos, e vou lhe contar cada detalhe sórdido, juro.

– Um – disse ele.

Ela levantou as sobrancelhas.

– Como é?

– Dois.

A mão dela apertou a bolsa de livros.

– Escute aqui, não posso ser intimidada por um homem que me conhece desde que eu usava roupa com babados e sapatos de verniz...

– Três!

– ... e ainda por cima, não me importo se você é um...

– Quatro!

Ela girou nos calcanhares sem terminar a frase e foi direto para a entrada lateral. O próximo número acabaria em algo indigno. Ela se lembrava de muitas contagens passadas. Ele era realmente sincero!

– E só estou sendo compreensiva para que você se sinta no controle! – gritou ela. – Não pense que estou fugindo!

Ele escondeu um sorriso até voltar ao SUV preto que dirigia.

Na mesma semana, Jack Clark, um homem que trabalhava para eles, foi preso em flagrante com um par de botas caro que colocara na conta deles. Christabel checkou a lista de compras e mostrou a Judd. Demitiram o empregado na mesma hora. Ela não contou a Judd que o sujeito se engraçara para o lado dela, nem que fora obrigada a ameaçá-lo invocando Judd para fazê-lo parar.

Alguns dias depois da demissão, o jovem touro Salers, novo em folha, fora encontrado morto numa pastagem. Para Christabel, pareceu um jogo sujo. O touro estava saudável, e ela se recusou a acreditar na afirmação de Judd de que tinham sido as ervas daninhas, causadoras de inchaços, que mataram o touro e deixaram outros quatro vivos na mesma pastagem. Afinal de contas, Jack Clark jurara vingança. Mas Judd removeu suas suspeitas e chegou a dizer a Maude que achava que Christabel estava tentando conseguir atenção porque ele a ignorava enquanto estava regateando com o pessoal da filmagem. Quando soube disso, ficou furiosa. No entanto contou para o capataz, Nick Bates, o que pensava e lhe disse que ficasse de olho no gado. Às vezes Judd a tratava como a uma criança. Isso não a aborrecia muito antes, mas nos últimos tempos era perturbador.

Judd apareceu cedo na manhã de sábado duas semanas depois, em seu enorme veículo preto, acompanhado por um segundo SUV que estava cheio de pessoas estranhas. Havia um representante da empresa cinematográfica do Texas e um diretor que Christabel reconheceu de imediato. Ela não havia percebido que seria alguém famoso. Havia também um assistente de direção e quatro outros homens que foram apresentados como parte da equipe, inclusive um fotógrafo e um responsável pelo som.

Ela ficou sabendo que o astro do filme seria um ator de primeira, um jovem bonito que infelizmente nunca estivera em cima de um cavalo.

– Isso vai limitar nossas cenas com o seu gado – disse o diretor a Judd com um risinho. – Claro, Tippy Moore também nunca esteve perto de gado. Você deve tê-la visto em capas de revista. Eles a chamam de Vaga-lume da Geórgia. Vai ser seu primeiro filme, mas ela se saiu bem nos testes. Verdadeiramente natural.

Judd franziu os lábios e seus olhos negros se iluminaram.

– Eu a tenho visto nas capas de revistas de esporte – confessou. – Todo homem de sangue vermelho nos Estados Unidos sabe quem ela é.

Christabel se sentiu desconfortável. Olhou de soslaio para Judd, bem consciente do interesse dele, e poderia ter gritado de dor. Eram casados, mas ele não prestava nenhuma atenção a ela. Era-lhe afeiçoado, era compreensivo, e só. Nem sequer a beijara quando se casaram. Era sombrio imaginar que em dois meses tudo estaria acabado. Ela tentara de tudo para fazer com que ele a notasse, até provocando-o em relação a um colega na escola que queria se casar com ela, uma mentira que ele descobrira de imediato. Agora não acreditava em nada que ela dissesse. Ela examinou o físico alto e sexy dele e se perguntou o que ele diria se ela entrasse no gabinete uma noite enquanto ele estivesse revisando os livros e tirasse todas as roupas.

Então se lembrou das terríveis cicatrizes nas costas lisas, aquelas que seu pai bêbado deixara ali com um rebenque curto quando ela estava com dezesseis anos. Ela tentara salvar seu pobre cavalo, mas o pai se voltara contra ela. Ainda podia lembrar-se da dor. Suas costas ficaram em farrapos.

Judd tinha ido ver seu pai para tratar de negócios naquela manhã de sábado, quando estava trabalhando na guarnição do Texas Ranger em San Antonio. Grande parte da lembrança era nebulosa, mas se lembrava com clareza de como Judd pulou a cerca do curral atrás de seu pai, com tamanha ameaça em sua aproximação silenciosa que o pai de fato deixou o rebenque cair e começou a se afastar. Isso não o salvou. Judd foi buscá-lo com aqueles punhos enormes e, segundos depois, o bêbado estava caído na lama, semi-inconsciente, para em seguida ser trancado no galpão de arreios.

Judd levantou-a nos braços, de maneira carinhosa, murmurando palavras de afeto, gritando com voz rouca para Maude, a governanta, dizendo-lhe que chamasse a polícia e o serviço de ambulância. Ele mesmo colocou-a na ambulância e foi até o hospital com ela, enquanto a mãe inválida chorava amargamente na varanda quando o marido era levado embora. Judd apresentou queixa e o pai foi parar na cadeia.

Nunca mais, dissera Judd friamente, aquele homem iria levantar a mão para Christabel.

Mas o dano fora feito. Levou semanas para as feridas cicatrizarem por completo. Não havia dinheiro para cirurgia plástica. Continuava não havendo. De modo que Christabel tinha cicatrizes brancas nas costas em linhas paralelas, dos ombros até a cintura. Tinha tanta consciência delas que, apesar de sua provocação, jamais teria tido coragem para tirar as roupas na frente de Judd ou de qualquer outro homem. Em todo caso, ele só queria livrar-se dela. Não queria estar casado. Amava seu emprego e sua liberdade. Vivia dizendo isso.

Mas sabia quem era Tippy Moore. A maioria dos homens sabia. Tinha o rosto de anjo e um corpo que suplicava por carícias. Ao contrário da pobre Christabel, cujo rosto era passável, mas não realmente bonito, e cujo corpo era como o da pobre besta na história do monstro do Dr. Frankenstein.

Judd e o diretor, Joel Harper, estavam falando sobre usar um dos cavalos de sela quebrada numa cena e de como seria aconselhável ter o capataz, Nick Bates, por perto durante a tomada.

– Também vamos precisar de segurança – disse Harper, pensativo. – Gosto de usar a polícia local, quando posso, mas você está fora dos limites da cidade, não está?

– Você poderia conseguir um dos policiais de Jacobsville para trabalhar aqui quando estiver de folga – sugeriu Judd. – Nosso chefe de polícia, Chet Blake, está fora da cidade. Mas Cash Grier é chefe-assistente e ficaria contente em ajudar. Trabalhamos juntos durante alguns meses fora do departamento dos Rangers em San Antonio.

– Amigo seu? – perguntou Harper.

Judd fez um som áspero com a garganta.

– Grier não tem amigos, ele tem parceiros de boxe.

Christabel tinha ouvido um bocado sobre Cash Grier, mas jamais o conhecera. Tinha visto Grier por ali. Ele era um enigma que usava um uniforme conservador de polícia com seus cabelos negros longos e grossos presos num rabo-de-cavalo. Tinha um bigode e um pequeno cavanhaque bem abaixo do lábio inferior nos últimos tempos, e parecia... ameaçador. O crime despencara firme em Jacobsville desde sua chegada. Havia alguns boatos desagradáveis sobre o seu passado, inclusive um que dizia que havia sido matador de aluguel nos dias de juventude.

– Ele deu um soco em Terry Barnett que o fez sair pela janela – lembrou Christabel em voz alta.

Os olhos de Harper se arregalaram.

Christabel percebeu que eles estavam olhando fixo para ela e corou.

– Terry estava quebrando pratos no bar local porque sua mulher, que trabalhava lá, estava de caso com outro homem. Ele pegou os dois juntos e começou a aterrorizar. Dizem que ele partiu para cima de Grier com uma fôma de *waffle*, e Grier apenas deslocou o peso e Terry atravessou a janela. – Ela assobiou. – Dizem que levou trinta pontos e foi condenado, mas com direito a sursis, por ataque a um oficial de polícia. Isso é crime – acrescentou, prestativa.

Judd a estava olhando fixo.

Ela encolheu os ombros.

– Quando você passa o tempo perto deles, a coisa sai sem querer – explicou a Harper com um sorriso tímido. – Conheço Judd há muito tempo. Ele e meu pai eram... sócios comerciais.

– Meu tio e seu pai eram sócios em negócios – apressou-se Judd a corrigir. – Herdei a parte da fazenda de meu tio, ela herdou a metade do pai.

– Entendo – disse Harper, acenando com a cabeça, mas seus pensamentos estavam no filme que iria fazer, e já estava montando as cenas na cabeça para a história. Estava considerando a logística. – Vamos precisar de alguém para fornecer comida enquanto estamos trabalhando – murmurou. – Também vamos precisar fazer reuniões com funcionários da cidade, porque uma parte do trabalho de locação será feita em Jacobsville.

– Uma parte? – perguntou Christabel, curiosa.

– Vamos fazer parte do filme em Hollywood – explicou Harper, sorrindo. – Mas preferimos fazer a locação do cenário numa fazenda em funcionamento. A cidade é parte da atmosfera.

– Sobre o que vai ser o filme? – quis saber Christabel. – Você pode dizer?

Ele abriu um largo sorriso com o interesse dela. Tinha duas filhas mais ou menos da mesma idade.

– É uma comédia romântica sobre uma modelo que vem ao Oeste para filmar um comercial numa fazenda de verdade e se apaixona por um fazendeiro. Ele odeia modelos – acrescentou para ajudar.

Ela deu uma risadinha.

– Vou comprar uma entrada.

– Espero que milhões de outras pessoas também comprem. – Ele voltou-se para Judd: – Vou precisar de informação sobre o tempo... Vai nos custar uma fortuna se começarmos a filmar na hora errada e tivermos de ficar por aí à toa durante três ou quatro semanas até o tempo melhorar.

Judd acenou com a cabeça.

– Acho que posso encontrar o que você precisa.

– E queremos reservar quartos no melhor hotel que você tem, enquanto durar a coisa.

– Também não tem problema aí – disse Judd em tom seco. – Não é exatamente uma arapuca para turistas.

Harper estava abanando-se com um maço de papéis e suava.

– Não neste calor – concordou.

– Calor? – Christabel perguntou sem pensar. – Você acha que está quente aqui? Meu Deus!

– Corta essa – murmurou Judd, sombrio, porque o diretor começava a ficar pálido.

Ela franziu o nariz para ele.

– Só estava brincando. Os homens da lei não têm senso de humor, sr. Harper – disse ela. – O rosto deles é pintado e eles não conseguem sorrir...

– Um – disse Judd por entre os dentes.

– Está vendo? – disse ela, atrevida.

– Dois...!

Ela jogou as mãos para cima e caminhou para a casa.

Christabel acabava de tirar uma torta de maçã do forno, quando ouviu portas batendo e uma máquina acelerar. Judd entrou na cozinha passando por Maude, que abriu um sorriso para ele enquanto se dirigia aos fundos da casa para colocar as roupas no secador.

– Fiz uma torta de maçã para você – disse Christabel, ondulando-a debaixo de seu nariz. – Penitência.

Ele suspirou enquanto servia-se de uma xícara de café puro, puxava uma cadeira e se sentava à pequena mesa da cozinha.

– Quando vai crescer, menina levada? – perguntou.

Ela baixou o olhar para as próprias botas empoeiradas e as calças jeans manchadas. Podia imaginar que o cabelo com tranças se projetava em tufo em volta do rosto enrubescido, e sabia, sem baixar os olhos, que a blusa de algodão amarela e mangas curtas estava toda enrugada. Já as calças jeans de Judd tinham bom caimento e estavam limpas. De tão engraxadas, as botas refletiam a toalha de mesa. Sua camisa branca com a estrela prateada de sargento do Texas Ranger no bolso não tinha rugas, a gravata com padrão azul-escuro em perfeita ordem. O cinturão de couro rangeu quando ele cruzou as pernas longas e rijas, e a pistola Colt ACP .45 mudou de posição de maneira agourenta no coldre.

Ela lembrou-se que o bisavô dele havia sido pistoleiro – sem mencionar que também fora Texas Ranger – antes de entrar em Harvard e se tornar um famoso advogado em San Antonio. Judd tinha o recorde do saque mais rápido do norte do Texas, e seu amigo e companheiro dos Rangers, Marc Brannon, de Jacobsville, detinha o recorde para o sul do Texas na Sociedade de Tiro de Ação Simples. Eles treinavam com frequência no clube de tiro local como convidados de Ted Regan, amigo de ambos. Ser sócio do clube era caro, custava centenas de dólares que o pessoal da lei em geral não podia gastar. Mas o antigo mercenário Ebb Scott abrira uma escola de treinamento antiterrorismo em Jacobsville e colocava à disposição sem nenhum custo para qualquer pessoa da lei que o desejasse usar. Entre Ted e Ebb, eles conseguiam um bocado de prática.

– Você ainda faz aquele saque rápido? – perguntou ela, enquanto cortava a torta.

– Faço, e não mencione isso para Harper – acrescentou ele em tom categórico.

Ela olhou-o de relance por cima do ombro.

– Você não quer aparecer em filmes? – disse ela, arrastando as palavras.

– Tanto quanto você, meu docinho – observou ele, apreciando de modo distraído o corte daquelas calças jeans e a curva dos seios dela na blusa.

Ela encolheu os ombros.

– Seria engraçado, num filme. – Examinou a torta, as mãos sossegadas.
– Talvez eu pudesse ser a estrela de um filme de terror se me pusessem em roupa de banho e filmassem por trás.

Houve um silêncio pesado.

Ela colocou uma fatia de torta num pires e juntou um garfo, deslizando-o na frente de Judd.

Ele pegou-a pela mão e baixou-a para o seu colo.

– Ouça – disse naquele tom profundo e carinhoso que usava quando pequenas criaturas eram feridas –, todo mundo tem cicatrizes. Talvez não apareçam, mas estão ali. Um homem que ame você não vai ligar para algumas pequenas linhas brancas.

Ela levantou a cabeça, tentando não deixar que ele visse o quanto a afetava estar tão perto dele. Gostava da loção de barba que ele usava, do cheiro de limpeza de suas roupas, do leve sopro de couro que subia do cinturão.

– Como sabe que são brancas? – perguntou ela.

Ele lançou-lhe um olhar experiente e afrouxou a gravata do colarinho, desabotoando os botões de cima da camisa para revelar um peito bronzeado com uma penugem de cabelos negros encaracolados. Ela o havia visto sem camisa, mas isso sempre a perturbava.

Ele puxou para um lado a camisa e a imaculada camiseta branca debaixo dela, indicando um lugar franzido em seu ombro, de onde se irradiavam linhas brancas.

– Arma calibre .32 – disse ele, puxando a mão dela para a marca. – Sente só.

A mão dela estava fria como gelo. Tremeu naquela carne quente e musculosa.

– Está em relevo – disse ela, a voz soando como esbaforida.

– Feia? – insistiu ele.

Ela sorriu.

– Não mesmo.

– Não imagino que nenhuma das suas seja tão má assim – acrescentou ele. – Me abotoe.

Era íntimo, excitante, fazer aquela simples e pequena tarefa. Ela deu um sorriso bobo.

– Isso é novidade.

– O quê?

– Você nunca me deixou sentar em seu colo – lembrou ela.

Ele estava olhando para ela com uma expressão estranha.

– Não deixo ninguém sentar em meu colo.

Ela franziu os lábios quando chegou na clavícula dele.

– Com medo de que eu possa tentar tirar sua roupa?

O peito dele se encrespou, mas quando ela levantou os olhos, o rosto de Judd estava impassível. Os olhos dele estavam brilhantes de humor reprimido.

– Não faria muito bem a você – comentou ele.

– Por que não?

Uma sobranceira negra se arqueou.

– Você não saberia o que fazer comigo quando tirasse minhas roupas.

Houve um barulho de batatas caindo no chão.

Judd e Christabel olharam fixo na direção da porta onde Maude estava parada com as duas mãos nas pontas do avental e batatas ainda se espalhando em torno de seus pés.

– Mas que droga é o seu problema? – perguntou Judd, sombrio.

Os olhos de Maude pareciam pires.

– Oh, entendi – disse Christabel abrindo um sorriso largo. Estava com uma das mãos no ombro de Judd e a outra na gravata. – Ela acha que estou tirando sua roupa. Está tudo bem, Maude – acrescentou, levantando o dedo anular. – Somos casados.

Judd lançou-lhe um olhar penetrante e superior e, suavemente, tirou-a de seu colo e colocou-a no chão. Ela abriu um sorriso malicioso para ele do linóleo. Ele recostou-se na cadeira e terminou de ajustar a gravata.

– Eu estava mostrando uma de minhas cicatrizes para ela – disse ele a Maude.

Maude havia recolhido as batatas e tentava fazer força para não dizer alguma coisa estúpida. Mas aquele comentário inocente produziu uma onda de risada descontrolada.

– Ora, não faça isso – gemeu Christabel, levantando-se. – Maude, foi muito inocente, e ele estava mesmo me mostrando a cicatriz dele.

Maude sacudiu a cabeça com entusiasmo e voltou para suas batatas. Lançou um rápido olhar divertido para Judd que estava com o garfo cheio de torta de maçã suspenso no ar e olhava de modo penetrante para ela.

– Claro que estava – concordou Maude.

Os olhos de Judd se estreitaram.

– Estou armado – avisou ele.

Maude baixou a faca e a batata e abriu os braços.

– Eu também – disse meneando as sobrancelhas.

Judd olhou carrancudo para ela, e para Christabel, que estava com um sorriso aberto de orelha a orelha.

– Agora sei porque ela está sorrindo – disse para Maude.

– Ele só está com ciúmes porque não pode fazer gracejos – disse Christabel com malícia.

Judd lançou-lhe um olhar avaliador e voltou para a torta.

CAPÍTULO 2

Nessa noite, depois que Judd voltou para o apartamento em Victoria, onde era sua guarnição, Christabel ficou deitada acordada durante horas, preocupada com Tippy Moore e a estranha reação de Judd à notícia de que ela estaria no filme. Ele parecia fascinado com a mulher, que só conhecia de fotos, e era óbvio demais para ser doloroso. Ele podia segurar Christabel em seu colo para tranquilizá-la em relação às cicatrizes dela, mas foi impessoal. Ele jamais a tocara de uma maneira imprópria, apesar dos esforços dela.

Sua mente viajou até aquele sábado muito tempo atrás quando sua vida mudara de forma tão dramática. Ela podia sentir o cheiro de sangue e couro, sentir o chicote nas costas...

Por meio de ondas de dor, ela ouvia uma voz profunda e grave praguejando sem parar. Era o único som audível, embora outros cinco vaqueiros estivessem parados em sua volta com rostos inflexíveis e postura rígida onde ela estava deitada. O curral estava poeirento porque não havia chovido e havia fiapos de feno em seus cabelos louros desgrehados. Estava caída de bruços, a blusa em tiras. O sangue saía dos cortes fundos em suas costas. Tinha havido golpes surdos e gemidos em algum lugar próximo, seguidos de sons de uma porta sendo batida. Um minuto mais tarde, ela sentiu alguém ajoelhar-se ao seu lado.

– Christabel, pode me ouvir? – Judd perguntou asperamente em seu ouvido.

Os olhos escuros dela se abriram, apenas uma fenda. Era difícil enfocar, mas ela se lembrava que Judd Dunn era a única pessoa que sempre a chamava pelo nome completo. Todo mundo a chamava de “Crissy”.

– Sim? – Foi sua voz? Soou fraca e forçada. O sol estava tão brilhante que ela não conseguia abrir os olhos.

– Vou ter que levantar você, querida, e isso vai doer – disse ele, sem meias palavras. – Cerre os dentes.

Ela engoliu com força. Sentia as costas em carne viva. A blusa estava grudada na pele dilacerada e ela podia sentir o sangue quente e úmido esfriar enquanto encharcava o tecido. Tinha um cheiro engraçado, como metal.

Os braços fortes de Judd deslizaram por baixo das pernas e em torno da caixa torácica, com todo o cuidado que ele podia ter. Ele balançou-a para cima, tentando evitar agarrar a carne rasgada. Os pequenos seios dela ficaram pressionados contra o músculo quente de seu peito e ela soluçava, tentando abafar o som apesar da dor excruciante.

– E... papai? – perguntou, sufocada.

Os olhos negros dele flamejaram com tanta violência naquele rosto delgado e bronzeado que dois dos vaqueiros subiram na cerca do curral para evitá-lo.

– Está no quarto de arreios – disse ele com poucas palavras. – Ficar lá até os homens do xerife chegarem.

– Não – gritou ela. – Judd, não! Você não pode mandar... prendê-lo! Mamãe está doente e não pode dirigir a fazenda. Eu também não posso...!

– Ele já está preso – respondeu ele com raiva. – Sou um Texas Ranger – lembrou-lhe. – Mas mandei seu capataz ligar do rádio de meu carro para o gabinete do xerife. Eles já estão a caminho.

– Quem vai dirigir nossa parte da fazenda? – repetiu ela ainda em choque com aquilo que acontecera de forma tão inesperada. Seu pai tinha um histórico de comportamento violento quando bebia. Na verdade, sua mãe, Ellie, era uma inválida agora porque Tom Gaines a socara para fora de uma escada numa fúria bêbada e quebrara sua bacia. A cirurgia de emergência não curara por completo e, ainda por cima, ela tinha pulmões fracos.

– Eu vou dirigir a fazenda, a sua parte e a minha – disse ele em poucas palavras, e continuou caminhando. – Fique quieta, querida.

Lágrimas rolaram por suas faces pálidas. Os olhos estavam fechados e ela tremia. Ele baixou os olhos para ela, com os lábios formando uma linha fina. Os cabelos louros e longos dela haviam se soltado do rabo-de-cavalo e estavam emaranhados com o próprio sangue coagulado. Ele praguejava sob a respiração, e só parou quando a ambulância chegou.

Maude, a governanta atarracada e de seios grandes, torcia as mãos na varanda. Correu à frente com o cabelo desgrenhado.

– Meu pobre bebê – disse ela, soluçando. – Judd, ela vai ficar bem?

– Vai. Não posso dizer o mesmo para Tom. Se ela não apresentar queixa, por Deus, eu apresento!

Uma mulher baixa e magra com cabelos grisalhos chegou coxeando na varanda da frente com um velho e esfarrapado roupão de chenile, as lágrimas rolando pelas faces enquanto olhava para a filha.

– Ela vai ficar bem. Volte para a cama, Ellie – gritou Judd, e para ela sua voz foi suave. – Vou cuidar dela.

– Onde está Tom? – perguntou ela abalada.

A voz dele mudou.

– Trancado na sala de arreios.

Os olhos dela se fecharam e ela se encostou na varanda.

– Graças a Deus...!

– Maude, que droga, leve-a de volta para a cama antes que desmaie no chão! – berrou Judd e continuou caminhando direto em direção aos enfermeiros que nesse momento saíam da ambulância. Atrás deles chegava um carro de patrulha do xerife com as luzes lampejantes, e um delegado saltou para se aproximar de Judd.

– O que aconteceu? – perguntou o delegado Hayes Carson, os olhos nas costas de Christabel.

– Aconteceu Tom – replicou Judd sucintamente, esperando que os enfermeiros preparassem a maca para Christabel. – Ele estava batendo na potranca dela com um rebenque. Ela tentou afastá-lo.

Hayes estremeceu. Era delegado havia cinco anos e já havia visto uma quantidade de casos de espancamento. Mas aquele... Christabel mal tinha 16 anos, era magra e frágil, e a maioria das pessoas em torno de Jacobsville, Texas, a amava. Ela estava sempre assando bolos para bazares e levando flores para doentes idosos, ajudando a entregar refeições quentes a inválidos depois da escola. Tinha um coração tão grande quanto o Texas, e pensar no braço grande de Tom Gaines descendo um rebenque nas costas dela com toda a sua força era demais para deixar repugnado até mesmo um oficial veterano.

– Onde ele está? – perguntou Hayes com frieza.

Judd apontou na direção da sala de arreios, enquanto seus olhos não se separavam do rosto ensopado de lágrimas de Christabel. As lágrimas eram ainda mais tocantes porque ela não emitia um único soluço.

– A chave está na porta. – Ele encontrou os olhos de Hayes. – Mantenha esse filho da mãe trancado, não importa o que for preciso. Juro por Deus que se você deixá-lo solto, eu mato ele – disse num tom de voz que provocou calafrios nas costas de Hayes.

– Farei com que a fiança seja a mais alta possível – assegurou o delegado em tom inflexível. – Vou pegá-lo. Ele está bêbado?

– Estava – disse Judd. – Agora está chorando. Está arrependido, claro. Está sempre arrependido...!

Acomodou Christabel na maca.

– Vou com ela – disse ele aos enfermeiros.

Eles não estavam inclinados a discutir. Judd Dunn já era bastante intimidador quando não estava de mau humor.

Ele olhou de volta para Hayes.

– Que tal ligar para a base Ranger em San Antonio e dizer que é provável que eu chegue tarde hoje de manhã? Assim, eles podem arranjar alguém para me substituir.

– Tudo bem – disse Hayes. – Espero que ela fique bem.

– Vai ficar – disse Judd em tom sombrio. Subiu na ambulância e sentou-se ao lado de Christabel, apertando a mão suave e pequena dela com as suas. – Pode dar a ela alguma coisa para dor? – perguntou ao enfermeiro, enquanto as lágrimas continuavam saindo de seus olhos.

– Vou pedir instruções. – O enfermeiro ligou pelo rádio para o hospital e explicou as condições da paciente. Foi interrogado com poucas palavras pelo Dr. Jebediah Coltrain, o médico na ligação.

– Me passe isso – disse Judd em tom ríspido, estendendo a mão para o microfone. O enfermeiro não discutiu. – Coltrain? – perguntou, abrupto. – Judd Dunn. As costas de Christabel parecem carne viva. Ela está em agonia. Peça que eles dêem alguma coisa para ela. Assumo toda a responsabilidade.

– Quando não assumiu? – murmurou Coltrain secamente. – Me passe de volta para Dan.

– Claro. – Ele entregou o microfone ao enfermeiro, que ouviu, acenou com a cabeça e foi encher uma seringa hipodérmica num pequeno frasco.

Judd tirou o chapéu e enxugou o suor grosso do cabelo negro e liso que estava pingando na testa larga. Jogou o chapéu para o lado e fitou Christabel com olhos brilhantes.

– Judd – sussurrou ela com voz rouca quando a agulha entrou. – Tome conta de mamãe.

– Claro – respondeu ele. Seus dedos estreitaram-se em torno dos dela. Seu rosto parecia pedra, mas os profundos olhos negros ainda brilhavam de fúria.

Ela examinou os olhos dele.

– Vou ficar com cicatrizes.

– Elas não importam – disse ele entre os dentes.

Os olhos dela se fecharam, cansados. Tudo ficaria bem. Judd tomaria conta de tudo...

E tomou. Cinco anos depois, ainda estava tomando conta de tudo. Christabel jamais se sentira culpada por isso, mas de repente passou a sentir. Ele tinha responsabilidade por tudo ali, inclusive por ela. Seu pai morreu de um ataque cardíaco pouco depois da prisão. A mãe de Christabel morreu no ano em que ela se formou no segundo grau, deixando apenas Maude na casa com ela. Judd aparecia para ficar nos feriados de Ação de Graças e Natal, e os três passavam bons momentos juntos. Mas Judd jamais quis ter uma relação física com sua jovem mulher e ia a extremos para se assegurar de que não tivessem.

Nesse ano, ele havia sido transferido para a guarnição dos Texas Rangers de Victoria, quando um ranger idoso que trabalhava lá se aposentou. Não foi muito tempo depois que seu amigo e companheiro do Texas Ranger, Marc Brannon, e Josette Langley se casaram, e Cash Grier veio de San Antonio para se tornar assistente do chefe de polícia de Jacobsville. Marc também trabalhou na guarnição de Victoria, durante um breve tempo, mas deixou os Rangers para se tornar fazendeiro em tempo integral quando Josette engravidou de Christopher. Judd visitava os três com frequência.

Por que razão ele a deixara sentar-se em seu colo naquela noite? Mas isso não significou nada e jamais significaria. O coração dele nem sequer disparou, ela se lembrou com tristeza. Mas quando o diretor mencionou Tippy Moore e ele sorriu, houve um ar puramente masculino em seus olhos.

Ela sabia que Judd não era virgem, mas ela era. Ele exalava um ar experiente em torno de si, e as mulheres pareciam sentir isso, como sua amiga Debbie sentira na escola. Mais tarde, ela havia observado que provavelmente ele seria ótimo na cama e que havia partido corações de mulheres em toda parte.

Christabel ficou meditando depois disso, porque se recordou de algumas observações de sua mãe muito tempo atrás a respeito de Judd e da companhia que ele mantinha em San Antonio. Aparentemente, ele não era estranho a mulheres permissivas, mas jamais levou alguma à fazenda. Sua mãe sorria um sorriso inteligente em relação a isso. Judd não iria querer desfilar nenhuma de suas amantes na frente de Christabel, observou. Não quando os dois eram casados em segredo.

Ela ficara arrasada ao pensar que Judd não honrava os votos de núpcias, mesmo que fosse um casamento de papel. Em termos realistas, ele não poderia ter passado vários anos sem uma mulher, ela sabia disso. Mas odiava imaginá-lo numa cama com alguém deslumbrante. Ela chorou durante dois dias, escondendo as lágrimas no galinheiro enquanto recolhia os ovos ou cavalgava na linha divisória com os rapazes.

Sua natureza de menina levada perturbava a mãe inválida, que dizia que Christabel devia estar aprendendo a se vestir e colocar os talheres no lugar apropriado, em vez de derrubar bezerros para serem marcados a fogo e tratar os cavalos no estábulo prestes a desmoronar. Christabel não lhe dava a menor atenção e continuava com suas tarefas. Ela sentia que tinha de cumprir, de alguma forma, sua parte da responsabilidade pela fazenda, e ajudar nas tarefas diárias antes e depois da escola e nos fins de semana era sua maneira de fazer isso. Judd notou isso, a princípio com assombro e depois com indulgência afetuosa.

Ele se preocupava com ela, à sua maneira. Mas não era da maneira que Christabel queria que ele se preocupasse. Ela tinha uma terrível premonição sobre a mudança que a chegada da produção cinematográfica no mês seguinte iria causar em sua vida diária. Judd já havia declarado sua intenção de conseguir uma anulação em novembro. E se ele ficasse de cabeça para baixo pela modelo internacionalmente famosa pela qual a maioria dos homens adultos babava? Ela não podia deixar de pensar que a modelo também podia achá-lo atraente. Judd era um gato.

Ela começou a rolar na cama e pôs o travesseiro em cima da cabeça. Tempo de sobra para essas preocupações depois que acabasse a prova da aula de informática na escola na segunda-feira. A prova! Como pôde esquecer! Estendeu o braço para pegar o despertador e colocá-lo para uma hora mais cedo do que o habitual. Uma revisão final de último minuto nunca fazia mal a ninguém.

Ela passou pelo exame e as outras aulas e foi para casa fazer as tarefas. Tinha acabado de tratar sua égua – a mesma que conseguiu salvar da brutalidade do pai quando era apenas uma potranca –, quando ouviu um carro chegar.

Maude tinha ido ao armazém, de modo que ela foi ver quem era. Ficou surpresa ao encontrar um carro preto e marrom da polícia de Jacobsville parado ali. Um homem alto, de boa estrutura física, de uniforme, com seus cabelos negros e grossos num rabo-de-cavalo, virou-se à sua aproximação e desceu os degraus com a mão na coroa de sua automática .45, num coldre em seu cinturão de serviço bem carregado, dividindo espaço com um porta-munição de pente de balas de couro, junto com um bastão de couro, aerosol, lanterna e porta-facas.

Era Cash Grier, o chefe-assistente. Crissy só o havia visto uma vez, mas tinha ouvido um bocado sobre ele. Ele era igual a Judd, supôs, só negócios e rosto de pedra.

Num impulso travesso, ela colocou as duas mãos em cima da cabeça.

— Eu confesso. Fui eu! – gritou. – Eu assaltei o banco de Jacobsville e o dinheiro está no celeiro. Vá em frente, pegue uma corda!

Ele parou e suas sobrancelhas se levantaram. Sua boca cinzelada e muito disciplinada entre o bigode cheio e a pequena pêra virou-se para cima em ambos os lados e seus olhos escuros brilharam num rosto moreno e cicatrizado.

— Como queira. Leve-me até uma árvore – replicou ele.

Ela abriu um sorriso. Isso mudou seu rosto, deixou-o radiante. Esfregou a mão direita suja na calça jeans também suja e estendeu-a.

— Oi! Sou Christabel Gaines. Todo mundo me chama de Crissy, exceto Judd.

Ele apertou a mão.

— Como Judd chama você? – perguntou ele.

— Christabel – disse ela com um suspiro. – Sem imaginação, e também não tem senso de humor. Se você não quer me prender, por que está aqui? Nem sequer estamos em sua jurisdição. A placa de limite da cidade fica a seis quilômetros nessa direção – e apontou.

Ele deu um risinho de satisfação.

— Na verdade, estou procurando Judd. Ele deixou um recado para mim. Sei que há uma equipe de cinema que está vindo para cá, e eles precisam da segurança local feita por alguns de meus policiais de folga. Eu me apresentaria como voluntário – acrescentou –, mas eles me matariam de preocupação tentando me fazer interpretar a chefia no filme. Eu tenho boa aparência, caso você ainda não tenha notado – acrescentou com um sorriso malicioso.

Ela levou um minuto para entender, depois explodiu em risada.

— Você vai estar nele? – insistiu ele com um sorriso forçado.

Ela acenou com a cabeça.

— Vou interpretar um arbusto lilás perto dos degraus da varanda. Sei que a maquiagem vai demorar o dia inteiro.

Ele deu uma risadinha. Ela era realmente sedutora, além de bonita. Ele gostou da personalidade dela. Fazia um longo tempo desde que uma mulher o atraía tanto num primeiro encontro.

— Sou Cash Grier, o assistente de chefe de polícia – apresentou-se. – Acho que você já imaginava isso. O que foi que me denunciou... O carro de patrulha?

— Ele se sobressai – observou ela. – Muito bonito.

— Nós gostamos de pensar que temos os carros-patrulha mais sexies do Texas – concordou ele. – Eu fico bem num carro de polícia – acrescentou.

Os olhos escuros dela fitaram os dele.

— Vejamos.

— Oh, não – replicou ele. – É demais para algumas mulheres. Vamos ter de avançar pouco a pouco até deixar você me ver no carro. – Ele levantou as duas sobrancelhas e seus olhos cintilaram. – Também fico muito bem com uma xícara de café.

Foi uma insinuação e ela aceitou-a.

— Está bem. Vamos ver.

Antes de entrarem na casa, a caminhonete da fazenda parou com Maude nele. Ela saltou e puxou uma sacola de compras de seu lado. Seus olhos verdes foram do carro patrulha para o homem alto uniformizado. Virou-se para Christabel e lançou um olhar penetrante.

— Bem, o que você fez agora?

— Este é Cash Grier, nosso assistente de chefe de polícia. Ele disse que fica bem com uma xícara de café – disse para Maude. – Vou deixar que ele prove isso.

Lançou um olhar expressivo para Grier.

— Ouvi falar de você. Dizem que você brinca com cascavéis e faz lobos fugirem.

— Oh, faço mesmo – assegurou Grier em tom cordial. – Gosto de uma colher para mexer meu café – acrescentou.

— Então, vai se sentir em casa aqui. É assim que Crissy faz.

— Passe para cá – disse ele, tomando-lhe o fardo dos braços com jeito. – Que se dane a liberação feminina, nenhuma mulher delicada e pequena deve ter que carregar pacotes pesados e subir degraus.

Maude prendeu a respiração e levou uma das mãos ao coração.

— O cavalheirismo ainda vive! – exclamou.

Ele inclinou-se.

— Cavalheirismo é meu nome do meio – informou. – E farei quase qualquer coisa por uma fatia de torta. Não sou orgulhoso.

Maude deu uma risada, junto com Crissy.

— Temos uma linda torta que sobrou de ontem, se Judd não comeu toda. Ele é fanático quando se trata de torta de maçã.

— Sobrou um pouco porque fiz duas – disse Crissy a Maude. – Venha, senhor Assistente de Chefe de Polícia que vou alimentá-lo.

Grier afastou-se para o lado a fim de deixar Maude entrar na frente.

— A beleza antes dos títulos – disse ele com um sorriso. – E, por favor, não conte para meu superior que sou suscetível a subornos.

— Chet Blake também é – informou Maude. – Ouvi dizer que é seu primo.

Ele suspirou enquanto seguia as mulheres para dentro da casa.

— O nepotismo mostra sua cabeça feia – concordou ele. – Mas ele estava desesperado e eu também.

— Por quê? – perguntou Crissy, curiosa.

— Não seja rude – repreendeu Maude. – Ele mal entrou na casa. Dê um pouco de café para ele e torta. Depois interrogue-o! – acrescentou com uma risada.

Na verdade, Grier consumiu duas fatias de torta e duas xícaras de café.

— Você é uma boa cozinheira – disse para Crissy enquanto tomava a segunda xícara.

— Aprendi cedo – respondeu ela, girando a xícara sob as mãos. – Minha mãe foi inválida até sua morte. Aprendi a cozinhar quando tinha dez anos.

Ele sentiu que havia uma história ali e se perguntou sobre a relação dela com Judd Dunn. Tinha ouvido boatos de todos os tipos sobre o estranho casal que dividia a fazenda D/G.

Ela levantou os olhos, notando o ar de curiosidade nos olhos escuros dele.

— Está curioso em relação a nós, não está? – perguntou ela. – O tio de Judd e meu pai foram sócios nesta fazenda durante dez anos. Circunstâncias – disse ela, resumindo a tragédia de sua vida numa palavra – nos deixaram com metade da participação para cada. Sou boa com computadores e matemática, de modo que faço a maior parte da contabilidade. Judd é bom com criação de gado, de modo que cuida da compra e venda e da logística.

— O que acontece se um de vocês se casar?

— Oh, mas nós já somos... – Ela parou de repente. Seus olhos tinham apreensão e auto-condenação em partes iguais.

Ele olhou para a mão esquerda dela com o anel de sinete de homem reduzido para poder caber em seu dedo. Seus olhos voltaram-se para os dela, mostrando que compreendiam o que se passava.

— Jamais conto o que sei – disse ele. – Governos viriam abaixo. – Abriu um sorriso.

Ela sorriu de volta para ele.

— Você não sabe de coisa alguma – disse ela de maneira deliberada.

O olhar fixo dele era especulativo.

— É de verdade ou só no papel?

— Eu tinha dezesseis anos na época – respondeu ela. – É só no papel. Ele não se sente assim.

As sobrancelhas dele se ergueram.

— Mas você, sim?

Ela evitou o olhar fixo dele.

— O que sinto não importa. Ele salvou mais do que a fazenda. Ele me salvou. E isso é tudo que vou contar para você – acrescentou ela quando ele a fitou. – Em novembro, faço vinte e um anos e serei uma mulher livre.

Ele franziu os lábios e estudou seu rosto.

— Tenho trinta e oito. Anos demais para você... – Sua voz se dissipou, como uma pergunta.

Jamais havia ocorrido a ela que um homem a acharia atraente. Judd a tratava como um pé machucado. Maude a mandava de um lado para outro. Os garotos da escola estavam interessados nas moças bonitas e femininas que namoravam. Crissy era amigável, porém não namorava nem se vestia de forma sugestiva. Na verdade, ficava muito mais em casa em torno dos cavalos, do gado e dos vaqueiros que havia conhecido na maior parte da vida. Era tímida com a maioria dos homens.

Ela enrubesceu.

— Eu... eu... não interesse aos homens – deixou escapar.

Ele baixou a xícara de café devagar.

— Como é?

— Quer mais um pouco de café? – perguntou ela, atarantada.

Ele estava fascinado. As mulheres que desfilaram em sua vida eram sofisticadas, tão conhecedoras do mundo como ele, chiques, urbanas e

sensuais. Não davam a menor importância em ir até ele com todos os tipos de sensualidade física e verbal. Aquela mulher era intacta, incorrupta. Tinha um frescor, uma vibração que o fazia querer ser jovem de novo, jamais ter tido as experiências que o haviam tornado amargo e frio por dentro. Ela era como um junquilhao florescendo na neve, um lampejo obstinado de otimismo numa paisagem cínica e fria.

Ele franziu as sobrancelhas, examinando-a.

O rubor ficou pior.

— Você intimida quando cerra as sobrancelhas. Igual a Judd – disse ela, intranquila.

— A culpa é de um passado duro – disse ele, mastigando as palavras. Empurrou a cadeira para trás, ainda com as sobrancelhas franzidas. – Diga a Judd que colocarei uma nota em nosso quadro de avisos sobre o trabalho de segurança no local. Até aqui recebemos mais de cem solicitações. Temos apenas vinte tiras – acrescentou com um suspiro. – Até minha secretária se alistou.

— Sua secretária?

Ele acenou com a cabeça, empurrando devagar a cadeira de volta para baixo da mesa.

— Ela disse que se a contratam para fazer segurança, terão de lhe dar um distintivo e uma arma, e ela poderá me prender a qualquer momento que quiser se eu a fizer trabalhar até tarde.

Ela deu uma risada contra a própria vontade. Ele havia ido longe demais um minuto antes, e ela se sentira desconfortável.

— Você é um chefe mau?

— Sou temperamental.

Dava para ver, mas ela não diria isso.

— Obrigado pelo café e pela torta – disse ele tranquilo.

— Não tem de quê.

Ele virou-se e desceu o corredor. Crissy notou que as costas dele eram retas e que tinha um andar peculiar, uma suavidade de passo vagamente inquietadora. Andava como um homem que estivesse caçando.

Ele chegou aos degraus da frente e se voltou de modo tão repentino que ela perdeu o equilíbrio e teve de agarrar um dos pilares da varanda para se salvar.

— Você gosta de pizza? – perguntou ele abruptamente.

Ela ainda estava cambaleante por causa da parada súbita dele.

— Hum, gosto.

— Sexta-feira à noite – insistiu ele, os olhos escuros estreitados. – Tem uma banda. Você dança?

— Danço – disse ela.

— O que Judd vai fazer se você sair com um outro homem?

Ela ficou intranquila.

— Eu... bem, na verdade, não sei. Não acho que ele se importe. Não é esse tipo de relacionamento.

— Ele pode se importar que você saia comigo – disse ele em tom categórico. – Ele sabe mais sobre mim do que a maioria das pessoas por aqui.

Ela ficou chocada e intrigada.

— Você é um homem mau?

Algo terrível reluziu nos olhos escuros dele.

— Fui – disse ele. – Não sou mais.

O rosto dela atenuou-se quando olhou para ele. Ela se perguntou se ele percebia o quanto seus olhos revelavam. Havia pesadelos neles.

Ela soltou-se do pilar e aproximou-se um degrau dele.

— Todos nós temos cicatrizes – disse ela, compreendendo o que Judd havia dito para ela naquele dia na cozinha. – Algumas aparecem, outras não, mas todos nós as temos.

Os olhos dele se estreitaram.

— As minhas são profundas.

Ela começou a sorrir.

— As minhas também. Mas de repente não me importo mais com elas. Elas parecem menos evidentes.

O peito largo dele subiu e desceu. Ele se sentia leve.

— Gozado. As minhas também – e sorriu.

— O único lugar que serve pizza e cerveja e tem uma banda dançante é o O'Shea's Roadhouse & Bar, lá na estrada de Victoria – disse ela. – Judd nunca vai lá. Receio que ele não gostaria que eu fosse.

— Eu tomo conta de você – disse ele.

Ela suspirou.

— As pessoas vêm tomando conta de mim toda a minha vida, e serei uma mulher feita em menos de dois meses. – Ela examinou o rosto dele. – Vou ter que aprender a tomar conta de mim.

— Gozado que mencione isso – disse ele e seus olhos se suavizaram. – Escrevi um livro sobre auto-defesa para mulheres.

— Não esse tipo de tomar conta – murmurou ela.

— Eu lhe ensino, dá no mesmo. Já atirou algum dia com arma?

— Judd me ensinou a atirar no prato – disse ela. – Sou dura no manejo de um calibre .28. Tenho o meu próprio, uma Browning. – Não mencionou que ele não a levava para praticar havia anos.

Ele sorriu, surpreso. Muitas mulheres tinham medo de armas de fogo.

— Imagine!

— Você atira?

Ele lançou-lhe um olhar que reduziu o tamanho dela em dez centímetros.

— Você é policial. É claro que atira – murmurou.

— Ebb Scott tem um lindo estande de tiro. Ele nos deixa usar para treinar. Vou ensinar você a atirar com pistola no estilo do FBI.

— Você sabe andar a cavalo? – perguntou ela.

Ele hesitou.

— Sei. Mas não gosto.

Ele era provavelmente um homem da cidade, ela imaginou, e não tinha lidado muito com cavalos nem com uma vida em fazenda.

— Não gosto de pistolas – confessou ela.

Ele encolheu os ombros.

— Não podemos gostar de tudo. – Ele baixou a vista para ela com emoções misturadas. – Imagino que sou mesmo velho demais para você.

Cash, que era quatro anos mais velho do que Judd, achava que ela era jovem demais. Talvez Judd também achasse. Isso explicaria, como nada mais explicava, a hesitação que ele demonstrava em se envolver com ela. Isso magoava.

— Por outro lado – murmurou ele, interpretando de maneira errônea o ar de desapontamento dela –, que droga. Aquela estrela de cinema que é avó acabou de se casar com um homem de vinte e cinco anos.

Os olhos dela brilharam e ela abriu um sorriso largo.

— Você está se declarando? Depois de apenas duas fatias de torta de maçã? Meu Deus, imagine se eu tivesse preparado um jantar!

Ele explodiu numa risada. Não ria desse jeito havia muito tempo. Sentiu-se como se todos os pontos frios e mortos dentro dele estivessem esquentando.

— Imagine – concordou ele, aprovando com a cabeça. – Pizza, sexta à noite – acrescentou.

— Pizza e cerveja – corrigiu ela.

— Cerveja para mim, refrigerante para você – disse ele. – Ainda não é permitido para você. Aqui no Texas, tem que ter vinte e um anos para beber cerveja.

— Está bem, sou dócil... tomarei uísque e bourbon em vez disso – concordou ela.

Ele deu-lhe um olhar zombeteiro e desceu os degraus. Hesitou e voltou os olhos para ela.

— Quantas pessoas sabem que você é casada?

— Poucas pessoas – disse ela. – Também sabem que é um acordo comercial. Não vai prejudicar sua reputação.

— Não tenho mais nenhuma reputação para ser prejudicada – disse ele. – Estava pensando na sua.

O rosto dela se abriu num sorriso.

— Muito gentil de sua parte!

— Gentil. – Ele sacudiu a cabeça enquanto abria a porta do carro patrulha. O rádio emitia estática. – Posso imaginar pelo menos uma dúzia de pessoas que rolariam no chão se me ouvisse ser chamado assim.

Os olhos escuros dela piscaram.

— Me passe o número do telefone deles. Vou ligar!

Ele abriu um largo sorriso.

— Vejo você na sexta. Mais ou menos às cinco?

Ela acenou com a cabeça.

— Mais ou menos às cinco.

Ele partiu com um aceno de mão e Crissy voltou à cozinha, onde Maude estava parada ao lado da pia, parecendo preocupada.

— Qual é o problema? – perguntou Crissy.

— Ouvi sem querer o que você disse. Acabou de concordar em ter um encontro.

— É. Mas, e daí?

— Você é casada, querida – lembrou-lhe Maude. – Judd não vai gostar disso.

— Por que ele haveria de se importar? – perguntou ela sensatamente. – Ele já disse muitas vezes que não me quer para valer. É só um acordo de negócios.

Maude não disse nenhuma palavra. Estava se lembrando da expressão no rosto de Judd, quando entrou na cozinha de maneira inesperada, e encontrou Crissy sentada no colo dele. Crissy não havia notado nada diferente, mas ela, sim. Voltou para suas tarefas. Judd não ia gostar daquilo.

CAPÍTULO 3

Judd entrou no pátio na tarde de sexta-feira, com seu enorme SUV preto, justamente uma hora antes daquela que Christabel e Grier tinham combinado. Ela estava nervosa. Pior ainda, estava vestida até os dentes, e Judd notou.

Tinha deixado o cabelo louro solto, e ele caía como seda dourada até a altura da cintura nas costas. Não usava muita maquiagem, apenas pó-de-arroz e um batom suave, mas seus olhos pareciam maiores, um castanho líquido que lhe dominava o rosto e o pequeno queixo suave. Estava usando uma saia preta colante com sapatos pretos de salto alto presos nos tornozelos, exibindo o arco sexy de seus pequenos pés. A blusa preta com gola em V que estava usando era muitíssimo apertada e realçava os seios pequenos, firmes e redondos de uma maneira que fez Judd sentir dores em todos os lugares errados. Uma larga mantilha espanhola preta com franjas completava o traje. Não era cara, e era velha, mas era sexy. Ele não estava acostumado a ver Christabel vestida daquele jeito. E, de repente, Judd se perguntou por que ela estava vestida assim e por que não o olhava nos olhos. Sabia por longa experiência que ela estava escondendo alguma coisa.

Ele apoiou um enorme pé com bota no degrau mais baixo da varanda e seus olhos estreitos se fixaram no rosto dela.

— Está bem, pode ir falando – disse ele de modo sucinto. – Por que está vestida desse jeito e por que não saiu correndo no minuto em que me ouviu chegar? Está indo a um encontro e esqueceu de me contar? – acrescentou.

Ela levantou os olhos e fitou-o. O sarcasmo magoou.

— Já não era hora? – perguntou ela com igual sarcasmo. – Por acaso estou saindo para dançar.

Ele não reagiu durante vários segundos. Depois uma raiva súbita endureceu seu rosto magro.

— Dançar? Com um homem?

Ela se arrumou.

— É. Com um homem. – Seu sorriso foi extremamente provocante. – Vá em frente, Judd, diga-me que não tocou em nenhuma outra mulher desde que nos casamos. Diga-me que não tem encontros.

Era impossível interpretar a expressão do rosto dele. Ele subiu os degraus, elevando-se acima dela.

— Quem é ele? Algum rapaz da escola?

Ela percebeu com um sobressalto que aquilo, que parecia inofensivo e divertido, se tornava vergonhoso e embaraçoso. Seu rosto ruborizou-se.

— Não é um garoto da escola – adivinhou ele. Seus olhos se estreitaram novamente. – Vamos brincar o jogo das vinte perguntas? Diga-me! – disse ele abruptamente.

— É Cash Grier – deixou escapar, desconcertada pela autoridade no tom de voz dele.

Agora ele parecia ameaçador, além de zangado.

— Grier é ainda mais velho do que eu e tem um passado que eu não desejaria para a irmã do meu pior inimigo, muito menos para você! Você não vai sair de casa com um homem assim!

A autoconfiança dela definhava. Ela apertou a pequena carteira contra o peito.

— Não vou fugir com ele – começou, tentando recuperar o terreno perdido. – Vamos sair para comer pizza e tomar cerveja...

— Você é menor de idade.

— Eu sei disso! Não vou tomar cerveja, ele é que vai – murmurou ela. – Vamos dançar e comer pizza.

Os olhos dele deslizaram por ela bem devagar. Ela sentiu-se como se ele estivesse afagando sua pele nua e sentiu-se cambaleante nos saltos altos com os quais não estava acostumada.

— Onde conheceu Grier? – insistiu ele.

Ela jogou as mãos para o alto e voltou para a casa, deixando que ele a seguisse. Era óbvio que ele não iria parar até saber de tudo. Ela se perguntava o que ele quis dizer em relação ao passado de Cash. O próprio Cash insinuara algo desagradável.

Ela atirou a carteira e a mantilha em cima da enorme poltrona e se empoleirou no braço largo, cruzando as pernas na altura dos tornozelos. Estranho, como os olhos dele ficaram concentrados nela durante alguns segundos.

— Ele veio aqui para conversar com você e providenciar a segurança para o pessoal de cinema – disse ela. – Você não estava, de modo que dei café e torta a ele, e ele me convidou para sair.

Ele recostou-se no batente da porta e fitou-a por baixo da aba em ângulo baixo de seu chapéu creme de aba larga. Parecia elegante daquele jeito, e tão sexy que ela sentia dor só de olhar para ele. Judd tinha pernas rijas e compridas em calças jeans de bom caimento que nada faziam para disfarçar os músculos dentro delas. A automática .45 que em geral carregava estava no coldre novo, substituindo o revólver que teria usado na competição de tiro do clube de vaqueiro. Exibia o novo cabo de bordo e a logomarca dos Texas Rangers. A camisa branca estava esticada no peito musculoso, uma sombra escura debaixo dela dava indícios dos grossos cabelos escuros e enrolados que cobriam aqueles músculos duros. A estrela do Texas Ranger estava no bolso daquela imaculada camisa branca. Em geral, ele usava uma jaqueta naquela época do ano, mas estava quente para início de outubro. Havia uma leve linha de transpiração em seu lábio superior.

— Ele não vai levar você ao O'Shea's – disse ele, tenso.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Por que não? Judd, já tenho quase vinte e um anos – lembrou. – A maioria de meus amigos vai lá há anos às noites de sexta. Não é um lugar ruim. Apenas vendem cerveja.

— Tem pancadaria por lá. Uma vez houve um tiroteio.

— Eles têm dois seguranças desde que Calhoun Ballenger quase destruiu o lugar protegendo sua mulher, Abby, antes de se casarem. Isso foi anos atrás, Judd!

— O tiroteio foi no ano passado – alertou ele.

Ela suspirou.

— Cash é um bom policial. Ele carrega uma arma. Se alguém tentar atirar em mim, tenho certeza que ele vai atirar de volta.

Ele sabia disso. Também sabia de coisas sobre Grier que não se sentia à vontade para revelar. O sujeito tomaria conta dela, sem dúvida, mas Judd

não gostava da idéia de Christabel sair com um outro homem. Incomodava-o o fato de ela sair.

— Não parece certo.

Os olhos dela encontraram os dele, e ela sentiu que os anos de solidão pesavam dentro dela.

— Eu vou à escola, faço a contabilidade, verifico os rapazes quando estão trabalhando. Cavalgo nas linhas divisórias, ajudo a derrubar, marcar e medicar o gado doente – disse ela. – Não vou a um baile desde o meu segundo ano na escola secundária, e acho que não tive ainda um encontro de verdade. Sou solitária, Judd. Que mal pode fazer me deixar sair para dançar? Nós só somos casados no papel, em todo caso. Você não me quer. É você quem diz.

Ele sabia disso. Mas não adiantava.

Ela levantou-se do sofá e foi até ele. Mesmo estando de salto alto, ele se elevava acima dela. Ela levantou a vista para os turbulentos olhos escuros dele.

— Só vou sair uma noite – observou ela. – Não me faça sentir como se estivesse cometendo adultério. Você me conhece muito bem para isso.

Ele respirou fundo. Involuntariamente, sua mão magra foi ao cabelo solto dela e juntou uma mecha grossa nos dedos, testando sua suavidade sedosa.

— Nunca vi você vestida desse jeito.

— Não posso sair com um homem como Grier usando calça jeans e camiseta de ginástica – disse ela com um sorriso moleque.

Ele franziu as sobrancelhas.

— O que quer dizer com um homem como Grier?

Ela ergueu um ombro, intranquã com o contato dos dedos dele, que faziam todo o seu corpo formigar, mas tentando esconder isso. Até podia sentir o calor do seu corpo naquela proximidade e o cheiro picante da loção pós-barba oriental que ele gostava de usar.

— Ele é um tipo muito maduro e sofisticado. Não quero deixá-lo embaraçado aparecendo com minha roupa de trabalho.

Ele franziu as sobrancelhas.

— Nunca levei você a lugar nenhum – recordou ele.

Ela piscou os olhos, desconcertada.

— Você salvou minha vida – disse ela. – Salvou a fazenda. Manteve todos nós em atividade, ficou de olho em mim e em mamãe enquanto era viva. Ainda está assumindo o fardo da responsabilidade por administrar as coisas por aqui. Não precisava começar também a assumir a responsabilidade por meu entretenimento, pelo amor de Deus!

Ele franziu as sobrancelhas com a maneira como ela se expressou, como se tudo o que ele tinha feito por ela fosse uma tarefa, uma obrigação. Ela quase brilhou quando sorriu. Tinha uma pequena e atrevida silhueta sexy, mesmo sem saber. Tinha tanto calor em seu interior que ele quase se sentia bem quando estava ao seu lado. Estaria Grier, com seu passado frio e obscuro, reagindo de maneira semelhante ao brilho de Christabel? Estaria procurando um lugar para aquecer seu coração frio?

Ela havia concordado em sair com o sujeito. Estaria atraída por ele? Ele, dentre todos os homens, sabia o quanto ela era inocente. Ela considerava obrigatórios os votos do casamento no papel. Ele duvidava que ela houvesse realmente beijado alguém ou tivesse sido beijada, a menos que se pudesse chamar assim aquele beijo frio na face que ele lhe dera no gabinete do juiz.

Judd pensou em Grier, um paquerador como nunca houve outro, beijando-a apaixonadamente.

— Não – disse ele sem querer. – Que droga, não!

— O quê? – perguntou ela, intrigada com a expressão do rosto dele.

Ele se mexeu, com um daqueles movimentos rápidos como o raio que conseguiam intimidar até mesmo seus vaqueiros. Suas mãos magras emolduraram o rosto redondo dela e puxaram-no para cima de modo que os olhos escuros dela encontrassem os seus numa proximidade que jamais haviam compartilhado.

— Não Grier – disse ele com voz rouca, seus olhos baixando para os lábios cheios e separados dela. – Não na primeira vez...

Enquanto ela tentava ter respiração suficiente para perguntar do que ele estava falando, Judd curvou a cabeça. Ela sentiu nos lábios o roçar lento e leve da boca firme de Judd com verdadeira intenção pela primeira vez em sua turbulenta relação.

Ela respirou com dificuldade e ficou rígida.

Judd levantou a cabeça apenas o suficiente para ver o choque e a perplexidade nos olhos dela.

— Exatamente como você não vai ao extremo com o primeiro homem que a beija, Christabel – sussurrou ele com aspereza incomum na voz. – Sou seu marido. A primeira vez... deveria ser minha.

Ela abriu a boca para falar, mas ele baixou a cabeça de novo antes que ela o pudesse fazer. Seus lábios apertaram os dela com uma pressão que a cada segundo ficava ainda mais intensa, mais exigente. Ela agarrou-se nos braços dele para não cair, dominada pelas sensações que se sucediam. Sentiu uma onda de calor na parte inferior do corpo, junto com uma súbita palpitação que a fez tremer. Ela se perguntou se poderia senti-la enquanto ainda conseguia pensar.

As mãos dele foram para sua cintura e deslizaram para cima e para baixo, enquanto seus polegares roçavam logo abaixo dos seios, sem pressa, num crescendo de excitação que a fez querer erguer-se na direção deles. Ela subiu na ponta dos pés, empurrando a boca contra a dele, abrindo os lábios para a faminta urgência dele. Sentiu uma vibração nos lábios, algo como um gemido abafado, pouco antes dos braços dele a engolirem de repente, levantando-a para a curva de seu corpo.

Os braços dela estavam agora em volta do pescoço de Judd, agarrando com sofreguidão, enquanto sua boca sondava a dela e, de repente, ela sentiu a língua de Judd entrar direto em sua boca. Ela tinha ouvido e lido sobre beijos profundos. Nada daquilo a preparara para as sensações que sentiu. Estava tremendo. Não sabia o motivo, e não poderia parar. Ele iria sentir a qualquer minuto. Ela gemeu de frustração com sua própria incapacidade de controlar as reações. Inexplicavelmente, o gemido fez Judd enrijecer-se. Uma mão magra foi aos quadris dela e juntou-os ferozmente ao encontro de seu corpo. Havia algo de estranho nessa sensação, algo vagamente ameaçador. Ele puxou-a para mais perto, e ela ofegou ao perceber o que estava acontecendo.

Ele percebeu ao mesmo tempo e afastou-se dela num movimento brusco. Não a soltou de uma vez. Seus olhos estavam mais escuros do que o habitual quando penetraram nos dela.

A boca de Crissy estava inchada. Seus olhos estavam chocados, atordoados, deslumbrados, encantados. Ela só tremia de leve. Sua respiração

vinha em pequenas contrações roucas. Ele baixou os olhos para o corpete de sua blusa e viu pontinhos duros.

Seus olhos encontraram os dela novamente. Suas mãos quase machucavam a parte superior dos braços dela, enquanto a segurava.

— É tão fácil assim – disse ele, conciso.

— Tão... fácil? – ela repetiu, sem fôlego.

— Para um homem experiente deixá-la desequilibrada e fazer com que você ceda – continuou ele. – Grier sabe ainda mais do que eu. Não deixe que ele chegue perto demais. Ele não é homem de se casar. Em todo caso, você não é livre para experimentar, com casamento no papel ou não.

Ela não estava entendendo nada. Apenas olhava para ele, completamente desorientada. Jamais havia sonhado que ele a beijaria daquele jeito. Ele jurara no passado que nunca iria tocá-la. Ela sentia-se quente e trêmula no corpo todo. Queria deitar-se com ele. Queria tocar sua pele. Queria que ele beijasse seus seios, da maneira como os homens beijavam as mulheres naqueles filmes escandalosos por satélite altas horas da noite, a que ela assistia, quando Maude ia para a cama nos fins de semana.

— Você está me ouvindo? – perguntou ele, impaciente.

A cabeça dela recuou contra o ombro. Ela pressionou uma mão fria no peito dele e moveu-a para frente e para trás de maneira involuntária.

— Estou ouvindo. Este vestido é mesmo quente. Pode me ajudar a tirá-lo...? – sussurrou em tom malicioso.

Ele deu-lhe um olhar penetrante.

— Pare com isso – disse ele, lacônico. – Estou tentando falar com você.

Os olhos dela estavam semicerrados, seu corpo cedia por completo. Ela achava que havia derretido nele, se tornara parte dele. Perguntava-se como seria estar deitada debaixo dele na cama. Ruborizou-se com as imagens que apareceram inesperadamente em sua mente. Judd, na cama com ela, nu da cabeça aos pés e ávido por ela. Deus, ela morreria por isso!

O desejo que sentia por ele estava em seu rosto. Ele ficou espantado com o fato de ela mostrar-se tão imediatamente receptiva a ele, com tanto desejo. Para começar, ele não tinha a intenção de tocá-la. Foi Grier, maldito seja. Ele ficou apreensivo porque ela iria sair com Grier. Não confiava no sujeito. Perturbava-o que aquele relacionamento súbito dela houvesse acontecido debaixo de seu nariz e sem o seu conhecimento. Nem em seus sonhos mais frenéticos, jamais esperaria que Grier pudesse ser atraído por uma mulher da idade de Christabel. Não confiava nos motivos de Grier e não queria que Christabel fosse seduzida. Ia ser obrigado a ter uma conversa com Grier.

Ele observou-a enquanto sua mente trabalhava. Ela ainda tremia de leve. Judd sabia como ela se sentia. Sentia-se da mesma maneira. Seu corpo doía. Jamais havia esperado que tamanha paixão explosiva se desencadeasse entre eles. Jamais devia tê-la tocado. Tinha sido estúpido em deixar que o ciúme o provocasse a esse ponto. Esperava que ela não tivesse conhecimento suficiente para ver como ele era suscetível a ela. Recuou um degrau, só por precaução.

Ela avançou um degrau.

— Posso correr direto até a cidade e comprar uma camisola vermelha – disse ela sem fôlego. – Pedirei um emprestado. Roubarei um. Tem uma cama a apenas três metros daqui...!

— Eu lhe disse que jamais vamos ter qualquer tipo de relacionamento físico – disse ele com gelo gotejando em cada sílaba.

— Foi você quem começou – lembrou ela desembaraçadamente.

— Fiz isso de forma deliberada. Conheço Grier. Vocês não deviam ter marcado um encontro – disse ele entre os dentes. – Você não conhece coisa alguma sobre os homens e a culpa é minha. Você não pode sair com um homem como Grier sem saber dos perigos. Foi uma lição, Christabel. Apenas uma lição!

Ela olhava fixo para ele. Apenas olhava, enquanto todos os seus sonhos de pertencer e ser amada em troca dava em nada. Sempre pensara em Judd como muito exigente em relação às mulheres. Mas a inocência podia reconhecer a experiência, e de repente ela soube que estava completamente fora de sintonia com ele. Ela não fez coisa alguma por ele. Judd apenas estava mostrando o que podia ser uma paixão traiçoeira. Mas parecia diferente agora quando ela olhava para ele.

— Você ouviu alguma palavra do que eu disse? – perguntou ele, exasperado.

— Algumas, aqui e ali – disse ela, mas estava olhando para a boca dele. – Não tenho certeza de ter compreendido toda a lição. Podia fazer de novo...?

Ele respirou com raiva e seus lábios se achataram. Podia sentir o sabor dela neles, coisa que o irritou ainda mais.

— Não, eu não poderia fazer de novo! – vociferou, furioso. – Ouça-me, droga! Nós vamos conseguir uma anulação em novembro, ponto! Não quero casar e ter família. Adoro meu emprego e minha liberdade e não vou abrir mão de nenhum dos dois. Está claro?

Saindo de seu transe, ela se afastou dele. Sim, estava dolorosamente claro. Mas ela sorriu de forma deliberada, em todo caso. Sua voz, assim como sua respiração, estava convulsiva.

— Está bem. É uma grande perda para minha educação, mas se você acha assim, não espere que eu me ofereça para tirar a roupa para você de novo. Vou preparar café, se quiser – acrescentou. – Cash só deve chegar daqui a meia hora.

— Ótimo.

Ela foi à cozinha e fez café. Isso acalmou-a. No momento em que pôs uma xícara e o pires na mesa, junto com os condimentos, suas mãos haviam parado de tremer.

— Quer o café no gabinete? – gritou ela.

— Não. Vou tomar aqui dentro. – Ele entrou no cômodo e sentou-se diante da mesa da cozinha. Tinha tirado o chapéu e arregaçado as mangas da camisa. Seus cabelos ainda estavam desarrumados pelos dedos inquietos e famintos dela, e sua boca, como a dela, tinha um leve inchaço pela urgência dos beijos que haviam compartilhado.

Grier vai notar isso, pensou ele. Talvez o fizesse hesitar. Ele perguntou-se por que se sentia tão arrogante quando olhava para ela agora. Sentia quase posse. Era severo com esses pensamentos. Não queria ser casado. Não estava pronto para a vida em família. As ligações esporádicas lhe bastavam. O amor era perigoso, e ele não queria fazer parte disso. Tinha visto o amor destruir a vida de seu pai e sabia que as mulheres não tinham força para resistir. Sua mãe abandonara seu pai. O único interesse amoroso sério de Judd o abandonara dez anos atrás, quando ele se recusou a desistir de seu

emprego arriscado por ela. Também era bom evitar confusões. Christabel era muito jovem...

— Você está muito solene – disse ela.

— Não quero que tenha uma idéia errada sobre o que acabou de acontecer – disse ele, alfinetando-a com os olhos.

— Não sou burra – disse ela. Evitou olhar diretamente para ele. Estava abalada demais para esconder suas emoções. – Você disse que foi apenas uma lição. Eu não tinha planejado pular no assento traseiro com Grier e fazer do meu jeito com ele, você sabe.

Ele pigarreou.

— Ele dirige uma picape. Não tem assento traseiro.

Ela encarou-o fixo.

— Você sabe o que eu quis dizer!

— E não é o fato de você pular em cima dele que me preocupa.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Por que não? Você acha que eu não saberia como? Sei o que acontece entre homens e mulheres, mesmo não sendo a voz da experiência!

— Eu sei – murmurou ele secamente.

— Como é?

Ele pigarreou novamente.

— Sou eu quem pago a conta da tevê por satélite.

Ela ficou quieta. Aquilo não havia lhe ocorrido antes.

Judd levantou a cabeça.

— Os títulos já dão uma boa idéia. “Parceiros Apaixonados”, “Desejo na Areia”, “A Virgem Curiosa”... Devo continuar?

Ela gemeu e escondeu o rosto nas mãos.

— Mas lembre-se que aquilo a que você está assistindo é pura fantasia encenada – observou ele. – Na vida real não é assim.

Ela moveu dois de seus dedos e olhou para Judd através deles, com curiosidade.

Ele inclinou-se para trás, sentindo profundamente sua experiência enquanto encontrava aquele olhar.

— Dois beijos e uma palmadinha, e eles atacam sem parar, com gemidos de acompanhamento e expressões atormentadas, em posições que não estão registradas nem no *Kama Sutra* – explicou ele.

Ela ainda estava observando, ouvindo, esperando.

Ele soltou um longo suspiro.

— Christabel, uma mulher não aceita o corpo de um homem com tanta rapidez, ou com tanta facilidade, sem um bocado de preliminares. E a maioria dos homens não consegue agüentar o tempo suficiente para passar por todo o catálogo de posições escandalosas. Em geral, basta uma.

Ela estava vermelha como fogo, mas prestava completa atenção enquanto tentava não parecer como estava. E ele estava ansioso por mostrar a ela, em vez de contar, como poderia ser satisfatória uma união física. De repente, Judd sentia coisas que não queria sentir. E pela única mulher na terra que estava fora de seus limites, mesmo sendo a única esposa que já tivera.

Terminou o café e endereçou um olhar penetrante a ela.

— Não me importo que saia com Grier, desde que seja discreta – disse ele, odiando as palavras mesmo quando pronunciava com uma indiferença

deliberada. Seus olhos negros alfinetaram os dela. – Mas não passe dos limites com ele.

Ela sabia muito bem o que Judd queria dizer e se sentiu insultada.

— Como se eu fosse passar, Judd!

— Até que esteja anulado, continua sendo um casamento – continuou ele. – E algumas pessoas da cidade sabem disso.

— Compreendo por que você é tão preocupado com fofoca... – começou ela e depois mordeu a língua porque era um assunto que ele odiava.

O queixo dele se ergueu e os olhos se estreitaram perigosamente.

— Meu pai era pastor – disse ele, rouco. – Você consegue imaginar como foi para ele, e para mim, ter toda Jacobsville falando de minha mãe e de seu caso espalhafatoso com o vice-presidente da empresa manufatureira local? Eles nem tentaram esconder. Ela se mudou para a casa dele e viveram juntos abertamente enquanto ainda era casada com meu pai. Todo mundo sabia. Toda a congregação dele sabia, e meu pai tinha de pregar todo domingo. Depois que o amante dela a deixou por outra mais nova, depois de estar farto do caso, ela suplicou para voltar para casa de novo e fingir que nunca tinha acontecido. Meu pai até tentou deixar.

Judd desviou os olhos para a mesa, frio com a lembrança de como aqueles dias tinham sido para ele. Amava a mãe. Mas seu pai, apesar de sua fé, foi incapaz de esquecer o que ela havia feito. No mundo dele, como no de Judd, os juramentos eram sagrados.

— No final, foram as fofocas que tornaram impossível para ele esquecer. Elas não pararam, mesmo depois que mamãe deixou o amante. Algumas pessoas da congregação se recusavam a falar com ela. Isso o afetou, embora ele tentasse não deixar que afetasse. No final, papai pediu que ela fosse embora, sem discussão.

— Você só tinha doze anos quando aconteceu, não tinha? – perguntou ela suavemente, tentando fazer com que ele falasse sobre a coisa. Judd nunca tinha falado.

Ele acenou com a cabeça.

— Eu a amava. Meu pai também, mas não conseguiu esquecer o que ela fez. Foi público demais para qualquer um dos dois superar, numa cidade pequena.

Ela desejou ardentemente deslizar até ele no outro lado da mesa, mas sabia que ele a rejeitaria. Judd era inabordável quando falava do passado.

— Ela lhe escreveu?

Ele sacudiu a cabeça.

— Meu pai disse que ela podia, mas ela se mudou para o Kansas onde tinha um primo e, ao que parece, jamais olhou para trás. – Ele ficou brincando com a asa da xícara de café. – Ouvimos dizer que se casou de novo e teve uma criança antes de morrer. A única coisa que recebemos foi um cartão anunciando o funeral e uma fotografia marcada com dobra, de mim e de papai, que ela guardava na carteira. – A voz dele ficou tensa e ele empertigou-se na cadeira.

— A criança era menino ou menina? – perguntou ela.

Judd olhava fixo no espaço com olhos vazios.

— Uma menina. Morreu de meningite espinhal quando tinha seis anos, e minha mãe morreu num acidente de carro alguns meses depois. – Ele trincou

os dentes. – Foi uma boa mãe – acrescentou. – Mesmo que tenha sido uma esposa desprezível.

Ela estudou-o em silêncio.

— Às vezes, as pessoas se apaixonam pela pessoa errada – começou ela. – Acho que não conseguem evitar.

Os olhos negros dele penetraram nos dela.

— Em meu livro, se você fez um juramento perante Deus, você cumpre. Ponto.

Ela suspirou, pensando que era muitíssimo improvável que ele houvesse cumprido os votos de casamento que lhe tinha feito quando ela estava com 16 anos, mas não disse isso.

— Espero que ela tenha se arrependido do que fez com seu pai.

Os ombros largos de Judd se mexeram inquietos.

— Ele disse que ela escreveu uma carta. Nunca me contou o que estava nela, mas admitiu que seu próprio orgulho havia matado qualquer esperança de os dois voltarem. Não conseguia suportar que todo mundo soubesse o que ela fez com ele. – Judd abriu um sorriso triste. – Ela foi a primeira mulher dele – acrescentou com um olhar de soslaio para os olhos arregalados de Christabel, que o fitavam. – E a última. Acho que algumas pessoas de hoje não pensam que seja possível que um homem seja fiel a uma mulher a vida inteira, mas não é uma coisa tão rara assim nas cidades pequenas, mesmo no mundo moderno.

— Acho que você pensou como teria sido se ele pudesse tê-la perdoado.

— É. – Ele virou a xícara de café em suas mãos grandes e magras. – Foi uma vida solitária depois que ela foi embora. Nunca pude falar com meu pai do jeito que falava com ela, sobre coisas que me afligiam. Acho que me fechei por dentro depois.

Ele nunca tinha falado com ela daquela maneira, como se fosse uma adulta, uma igual. Ela estudou o rosto dele e ficou ansiosa por ter a boca de Judd grudada na sua. Sabia que jamais seria capaz de esquecer como foi.

Ele se afastou da mesa e se pôs de pé.

— Preciso voltar a Victoria.

Ela também se levantou, fitando-o com curiosidade.

— Para que veio até aqui?

— Leo Hart me telefonou para falar de alguns touros Salers que morreram de forma misteriosa. Disse que tinha ouvido que nosso touro novo foi envenenado. Eu queria falar com ele sobre isso.

— É, eu tentei lhe dizer quando aconteceu que achava que Jack Clark era o responsável, mas você não me deu atenção... – começou ela.

Judd levantou a mão.

— Você sabe que não mandou os rapazes inspecionarem aquela pastagem à procura de ervas que causam inchaço – disse ele. – Eu disse isso a Leo. Eu lhe avisei sobre isso, Christabel. Você não pode acusar as pessoas de crime sem provas consistentes.

— Não estava! Judd – disse, exasperada. –, havia quatro outros touros novos naquela pastagem com ele. E não morreram.

— Sei disso. Tiveram sorte.

Ela fez uma careta.

— Eram Herefords – disse ela, impaciente. – O único touro que perdemos foi um Salers, e ele era do mesmo grupo do qual Fred Brewster

comprou bezerros. Ele acha que o touro do senhor Brewster foi envenenado, e acho que o nosso também foi.

Judd pegou o chapéu de abas largas e inclinou-o na testa.

— Prove – disse ele.

Ela jogou as mãos para cima.

— Não guardo touros mortos! – exclamou ela. – Você não vai acreditar em mim e eu não poderia pagar uma autópsia. Nós o enterramos com a retroescavadeira!

— Desenterre.

Ela lançou-lhe um olhar penetrante e expressivo.

— Mesmo que eu desenterrasse, onde conseguiria dinheiro para mandar fazer uma autópsia?

— Boa questão – disse ele, suspirando. – Estou depenado. Usei minhas últimas economias para consertar aquele trator usado que tínhamos para a forragem.

— Eu sei – disse ela, sentindo-se culpada. – Ouça, assim que me formar, no ano que vem, vou conseguir um emprego numa dessas empresas da cidade. Programação de computadores paga bons salários.

— E depois, quem vai fazer a contabilidade? – perguntou Judd. – Não me importo em preencher cheques para pagar contas, mas não vou me enterrar em dez colunas de números nem justificar demonstrativos de conta bancária. Esse é o seu departamento.

— Vou justificar os demonstrativos e imprimirei à noite ou nos fins de semana.

— Pobre Grier – disse ele, com sarcasmo.

— Só acabei de conhecer o cara – observou ela.

— Fique fora de carros estacionados com ele – disse Judd com rara malícia.

— Ele dirige uma caminhonete – lembrou Crissy atrevidamente, parafraseando a afirmação que Judd tinha feito antes.

— Você sabe o que quero dizer. – Virou-se e saiu pela porta da frente.

Ela seguiu-o, fervendo por dentro. Ele não a queria, mas tampouco queria algum outro homem em volta dela.

— Vou fazer o que eu quiser, Judd – disse com arrogância.

Ele girou na varanda da frente.

— Você colocou seu nome numa licença de casamento – disse ele, rude.

— Você também, mas isso não o impede de fazer o que quer!

Judd levantou uma sobancelha e desceu os degraus até seu carro.

— O pessoal do filme vai voltar no sábado para montar o equipamento – avisou ele. – O diretor vai trazer Tippy Moore junto, e também o sujeito que está interpretando o caubói... Rance Wayne.

Ela não podia estar menos interessada no pessoal da filmagem. Odiava a maneira como os olhos de Judd brilhavam quando mencionava Tippy Moore. A mulher era internacionalmente famosa por sua beleza. Christabel iria parecer um pé de cacto em comparação, e não estava gostando disso.

— Mal posso esperar – murmurou ela. – Eles gostam de cobras de estimação? Estou pensando em adotar uma preta e ficar com ela na sala de estar...

— Seja gentil – disse ele com firmeza. – Precisamos do dinheiro. Não existe outra maneira de podermos consertar o celeiro ou comprar uma nova cerca elétrica sem esse dinheiro adiantado.

— Está bem – disse ela, suspirando. – Serei gentil.

— Para variar – observou ele deliberadamente.

— E isso é só o começo, porque não me vesti nem fiquei sexy para você – disse ela, fazendo pose. – Pode ir para casa e sonhar comigo naquela camisola vermelha, porque vai ser a única maneira que vai ver isso na vida – acrescentou.

Ele fez um som áspero com a garganta, algo parecido com risada, e continuou caminhando.

Ela seguiu-o com o olhar e seus olhos escuros brilharam, desejando que Cash chegasse de carro antes de Judd ir embora, de modo que ela pudesse exibir a pessoa com quem tinha um encontro na frente dele.

É tão raro os devaneios se tornarem verdade, pensou, tristonha, enquanto Judd se colocava atrás do volante, dava a partida no SUV e partia com um aceno de mão negligente.

Foi somente dez minutos mais tarde que Cash Grier chegou em sua picape preta. Era um enorme veículo novo com uma caçamba imaculadamente limpa.

— Ora, dá pra ver que você não transporta gado – disse ela ao sair ao encontro dele nos degraus inferiores.

— Talvez eu só mantenha a caminhonete imaculada. – Ele deu uma risada.

Ele tinha de fato uma boa aparência. Estava usando um suéter preto de gola alta, com um paletó casual e calças de traje a rigor. Os sapatos estavam polidos num brilho perfeito. O cabelo preto estava preso num rabo-de-cavalo caprichado. Estava lindo.

— Você está bonito, até mesmo sem uniforme – disse ela.

Ele também estava usando os olhos, com um olhar pelo menos tão experiente quanto o de Judd. Ela pensou na maneira como Judd a beijara e ruborizou-se.

— Você parece um pouco tensa – observou ele. – Está com segundas intenções em relação à noite de hoje?

— Nenhuma – disse ela, firme.

— Não está preocupada com o que Judd vai dizer? – insistiu ele enquanto a ajudava a entrar na caminhonete.

— Judd disse que não se importava – replicou ela. – Esteve aqui mais cedo.

O que explicava o ar desconcertado dela e o inchaço profundo de seu lábio inferior, pensou Cash reservadamente e um pouco divertido. Pelo visto, Judd tinha mais ciúmes de sua mulher no papel do que Christabel percebia, e se assegurara de que ela tivesse um padrão de comparação com o qual pudesse confrontar homens. Ele tinha a sensação de que jamais ficaria à altura do culto ao herói que ela nutria pelo marido. Mas ela o fazia sentir-se bem por dentro, jovem, e ele não iria cair na primeira cerca por causa de uma pequena competição.

Ela colocou o cinto de segurança enquanto ele entrava e colocava o seu, com os olhos sorrindo ao aprovar a ação.

- Sou obrigado a dizer para a maioria das pessoas que coloque o cinto – disse ele.
- Não para mim – disse ela. – Judd me ensinou cedo que eu não andaria de carro com ele se não usasse o cinto.
- Você o conhece há um longo tempo.
- A maior parte de minha vida – concordou. Suspirou. – Ele toma conta de mim há cinco anos. Não é que ele seja possessivo – disse ela na defensiva.
- Ele só quer ter certeza de que estou em segurança.
- Ele deu-lhe um sorriso devasso.
- Você está tão segura quanto quiser – disse ele.
- Ela deu uma risada.
- Bem, isso é que é encorajamento, o maior que já ouvi!

CAPÍTULO 4

O O'Shea's Roadhouse & Bar ficava mais ou menos um quilômetro e meio fora de Jacobsville, na estrada para Victoria. Era movimentado e turbulento nos fins de semana e, apesar de servir cerveja e vinho, não era o covil da maldade mencionado por Judd. Em geral, havia dois seguranças. Um deles quebrara um braço numa queda, de modo que só sobrava Miúdo para manter as coisas em ordem. Não era difícil. Miúdo era o contrário de seu nome, enorme e pesado, mas com uma natureza doce e personalidade cuidadosa. Sabia se impor quando as pessoas se descontrolavam e ninguém durava muito tempo numa alteração com ele.

Foi o que ela disse a Cash quando estavam sentados em uma das mesinhas redondas de madeira, esperando que os servissem.

— Altercação? – repetiu ele com um sorriso. – Você fala como um tira.

— A culpa é de Judd – disse ela, suspirando. – Sai sem querer quando se anda com homens da lei.

Ele deu uma risada, brincando com o guardanapo.

— Tem certeza de que ele não se importou que você saísse comigo?

Ela franziu os lábios.

— Acho que se importou, um pouco. Ele é muito convencional.

As sobancelhas dele se arquearam.

— Estamos falando do mesmo Judd Dunn? – perguntou ele, alegre. – O mesmo que algemou uma prostituta com o ex-prefeito de Jacobsville, quando flagrou os dois num bordel e mandou alguém dar a dica aos jornais?

Ela pigarreou.

— Ele era um policial daqui na época...

— ...e caçou um motorista em excesso de velocidade todo o trajeto até Houston para aplicar uma multa?

Ela mexeu uma mão, inquieta.

— ...e depois fechou o salão de sinuca local até o proprietário prometer que pararia de vender cerveja para menores?

Ela suspirou.

— É. Imagino que ele costumav` ser menos convencional do que agora. Ele acha que não deve causar embaraço para os Texas Rangers. Os números

exatos mudam de tempos em tempos, mas neste ano só existem cento e três deles no mundo.

Ele lançou-lhe um rápido olhar divertido.

— Eu sei. Já fui um deles.

Os olhos escuros dela se arregalaram.

— Você?

Ele acenou com a cabeça.

— Na verdade, trabalhei uns tempos com Judd. Fui eu quem lhe ensinei aqueles movimentos de artes marciais que ele usa de forma tão eloqüente hoje em dia.

— Você conhece artes marciais? – Ela ouvia com atenção cada palavra.

Ele deu uma risada.

— Tem um caubói de cinema na estrada perto de Fort Worth que também dirige uma academia de artes marciais. Foi ele que me ensinou.

Ela disse o nome do ator.

Ele confirmou com a cabeça.

— Uau! – exclamou Crissy, obviamente impressionada.

— Ora, não fique com essa cara – murmurou ele. – Você me deixa embaraçado.

Ela empinou a cabeça, lembrando-se de alguma coisa que tinha ouvido sobre ele antes.

— E é você quem fala de Judd como não convencional – acrescentou ela com um sorriso malvado. – Ouvimos dizer pue você usou a câmera de seu carro de polícia para filmar um casal no banco traseiro de um carro estacionado em San Antonio...?

Ele deu uma risada.

— Não a câmera da polícia... a minha própria. E eu sabia que eram dois policiais locais que tinha captado em minha fita. Fiz os dois prometerem que se comportariam com mais decoro antes de entregar a única cópia da fita.

— Você fez um péssimo inimigo – disse ela.

Ele acenou com a cabeça e não sorriu.

Em volta deles, a banda estava começando a afinar os instrumentos. Eram quatro sujeitos: dois na guitarra, um na rabeca e outro no teclado. Eles atacaram com “San Antonio Rose” e casais começaram a se mover para a grande pista de dança.

— São muito bons – disse ela.

— Estão perdendo o baixista – observou ele.

— Não brinca...

— Oh, ele está na cadeia – disse ele, sorrindo quando a garçonete se aproximou.

— Por quê?

— Algum outro cara estava namorando com a garota dele. Ele perseguiu os dois em seu carro até a casa dela e fez a maior cena. Ela nos chamou. – Ele encolheu os ombros. – Acasos da guerra. Algumas mulheres são mais difíceis do que outras de serem conservadas, imagino.

— Pobre sujeito.

— Ele vai sair na segunda-feira, mais sábio e mais prudente.

— Oi. O que posso trazer para vocês? – perguntou a garçonete, uma mulher mais velha.

— Pizza e cerveja – disse Grier.

— Pizza e café – disse Crissy quando chegou sua vez.
— Não quer cerveja? – perguntou a garçonete.
— Ainda não tenho vinte e um anos – esclareceu Crissy. – E meu... guardião – escolheu as palavras com cuidado. – É um Texas Ranger.
— Você é Crissy – disse a moça de imediato, com um risinho de satisfação. – Fui gamada por Judd quando éramos mais novos, mas ele estava saindo com aquela moça Taft de Victoria. Os dois brigaram por causa do trabalho dele, não foi?

Crissy acenou com a cabeça.

— Algumas mulheres não conseguem viver com o perigo.
— Parece que isso não te incomoda – disse a garçonete, ironizando, enquanto fitava Grier de maneira incisiva antes de sair para atender ao pedido.

Crissy deu uma risadinha satisfeita enquanto Grier lhe dava um olhar significativo.

— Não, eu não sou medrosa – concordou ela. – Às vezes me preocupo, mas não em excesso. Judd pode tomar conta de si mesmo. Assim como você, imagino.

— Bastante bem – disse ele, acenando com a cabeça.

A multidão aumentava enquanto Crissy e Grier terminavam a pizza e tomavam suas bebidas. A música era agradável, pensou ela enquanto observava os casais tentarem fazer as filas de dança do Oeste na pista.

— Deram aulas disso no centro cívico – disse Crissy. – Mas nunca pude ir lá. Gosto das danças latinas, mas jamais pude encontrar alguém que soubesse dançá-las por aqui, a não ser Matt Caldwell. Ele está casado agora.

Grier estava sorrindo de orelha a orelha.

— A modéstia me impede de lhe contar que uma vez ganhei um prêmio numa competição de tango, lá na Argentina.

Ela olhava fixamente para ele, sem respirar.

— Você sabe danças latinas? Então por que continua sentado aí? Venha!

Ela agarrou-o pela mão e o arrastou para a pista de dança até o líder da banda.

— Sammy, sabe tocar algum tipo de música latina? – perguntou ela ao jovem, um de seus ex-colegas.

Ele deu uma risadinha.

— Se sei!

Ele e a banda pararam de tocar, deliberaram, e o tecladista abriu um sorriso largo enquanto ajustava seu instrumento e um saltitante ritmo latino começava a tomar forma.

A pista se esvaziou enquanto os espectadores, esperando alguma coisa incomum, se moviam para os cantos da pista de dança.

— É melhor que você seja bom – disse Crissy com um sorriso malicioso. – Essa multidão é difícil de agradar e eles não se importam em vaiar pessoas que apenas acham que sabem dançar. Matt Caldwell e sua Leslie são lendários com danças latinas aqui.

— Não vão me vaiar – prometeu ele, tomando-a pela mão direita e pela cintura como um dançarino profissional. Balançou a cabeça para marcar o ritmo e passou a rodopiá-la com uma facilidade devastadora.

Ela agüentou com certo esforço. Havia aprendido com um garoto da escola, um estudante de ascendência latina transferido de Nova York. Ele

havia dito que ela era boa. Mas Grier era totalmente fora de sua classe. Ela observava os pés dele e acompanhava com um jeito natural. No momento em que estavam na metade da música, ela agüentava o ritmo e acrescentava passos e movimentos seus. Quando a banda desacelerou devagar, a platéia estava realmente acompanhando a batida com palmas.

Grier rodopiou-a contra ele e enlaçou-a com o braço para terminar. Todo mundo aplaudiu. Ele puxou-a para trás, rodopiou-a ao seu lado e os dois agradeceram os aplausos. Ela estava ofegante. Ele nem sequer tinha dificuldade para respirar.

Ele conduziu-a de volta aos assentos, com uma risada de satisfação.

— Mande Caldwell superar essa – murmurou ele.

Ela riu, quase arquejando com o esforço.

— Estou fora de forma – murmurou ela. – Vou ter de sair mais de casa.

— Meu Deus, caras, vocês são ótimos! – disse a garçonete quando parou por um breve momento junto à mesa deles. – Reabastecimento?

— Obrigado. Pode apostar – disse Grier, entregando-lhe a garrafa vazia.

— Para mim também – acrescentou Christabel, empurrando a xícara para a borda da mesa.

— Volto num segundo – a moça disse com um sorriso.

— Judd dança? – perguntou Grier.

— Só quando alguém chuta o pé dele – respondeu ela com ironia.

— Está para chegar esse dia.

— Isso me lembra uma coisa – disse ela e inclinou-se para a frente. – Preciso do seu conselho. Estou quase certa de que alguém envenenou um de nossos touros novos. Judd não quer acreditar em mim, mas tenho certeza que estou certa.

Ele ficou sério.

— Conte-me isso.

— Nós compramos um touro novo Salers no começo de setembro. Os Hart têm um touro Salers de dois anos, e Leo Hart ia comprar o touro novo Salers de Fred Brewster, que vinha do mesmo lote que o nosso de Victoria. Mas acharam o touro de Fred morto num pasto há pouco tempo, porque Leo Hart chamou Judd, pois sabia que também tínhamos um animal desses. O nosso morreu antes do de Fred, de modo que puxamos o nosso trator até o pasto e o enterramos com uma retroescavadeira emprestada.

— Vocês não mandaram fazer a autópsia dele? – perguntou Cash.

Ela fez uma careta.

— Dinheiro. Nós até que estávamos indo bem no ano passado, mas tivemos uma seca na primavera e no verão, e os preços do gado caíram. No momento, custa tudo que Judd pode ganhar para me manter na escola e pagar o aluguel do apartamento dele em Victoria. Vendemos gado para pagar as despesas habituais e para comprar forragem para o gado quando não temos capim suficiente para pastar. Ele até anda fazendo uns bicos para poder equilibrar o orçamento. – Os olhos dela ficaram sombrios. – Estamos passando por um momento duro. Depois que me formar, vou direto trabalhar para ajudar. Já era perita em computadores e, para começar, não queria ir para a escola técnica profissionalizante. Mas Judd disse que eu precisava de conhecimentos especializados em programas de planilhas, de modo que pudesse fazer melhores registros. Tinha razão. Só que é difícil administrar a coisa, isso é tudo. Imagino que você saiba como é.

Ele não sabia. Ninguém sabia quanto dinheiro ele tinha em bancos estrangeiros, dos tempos iniciais de sua profissão, quando fazia trabalhos operacionais altamente qualificados para vários governos. Ele não fazia propaganda disso. Mas poderia aposentar-se no momento que bem entendesse. Ter um emprego convencional servia para continuar afiando suas habilidades e não deixar que as pessoas conhecessem sua verdadeira situação financeira. E suas verdadeiras habilidades.

— Em todo caso – continuou ela –, Judd disse que não inspecionei o pasto antes de pôr os touros nele, e os animais fizeram a maior farra com o trevo-azedo e incharam com enterite. Como não usamos antibióticos como preventivo... e sem dúvida tampouco podemos gastar dinheiro usando óleos vegetais para isso... Judd disse que os ácidos tânicos do trevo-azedo causaram a enterite. – Ela suspirou, impaciente. – Ouça, sei tanto de administração de pasto quanto ele, e não sou tão burra assim para enfiar touros novos num pasto sem primeiro alimentá-los com feno ou capim. E os touros Herefords estavam lá também, todos os quatro. *Eles* não tiveram enterite!

— Disse isso a Judd?

Ela acenou com a cabeça.

— Acho que ele pensa que existe um gene Salers especial que atrai enterite – murmurou Crissy, irritada.

Ele tentou não rir e não conseguiu.

— Em todo caso, isso aconteceu logo depois que despedimos o tal Clark – prosseguiu a garota. – Jack Clark. Ele tem um irmão, John. São sujeitos detestáveis, que não param num emprego, pelo que ouvi dizer. Despedimos Jack por roubar nas ordens de compra. Suponho que ele não percebeu que verificávamos as ordens de compra para nos assegurarmos de que não estavam sendo fraudadas. Ele comprou um par de botas de duzentos dólares na Western Shop e colocou em nossa conta com a fotocópia de uma ordem de compra. Mas devolveu as botas e nós as entregamos de volta, de modo que não apresentamos queixa. Mas o despedimos.

— Ele está trabalhando para Duke Wright agora – disse ele. – Dirige um caminhão de gado.

— É melhor Duke ficar de olho nele – foi tudo que ela disse. – Um de nossos vaqueiros novos disse que os garotos Clark foram suspeitos de envenenar gado em algum lugar do qual um deles foi demitido há alguns anos. Nosso cara estava trabalhando com eles na época.

Grier a observava atentamente.

— Isso é sério. Tem certeza que Judd não acreditou em você?

— Não contei a ele tudo que acabo de lhe contar, porque só alguns dias atrás foi que descobri que os Clark foram suspeitos de ter envenenado gado – disse ela. – Tampouco contei a ele que encontramos um corte na cerca.

— Você devia ter contado tudo a ele. Um homem que envenena touros indefesos também seria capaz de envenenar pessoas.

Ela balançou a cabeça com um suspiro.

— Eu disse aos rapazes que ficassem de olho nos outros animais, e eu mesma cavalgo nas linhas da cerca quando chego da escola.

— Sozinha?

Ela olhou fixamente para ele, confusa.

— Claro que sozinha – disse ela em poucas palavras. – Sou uma mulher crescida. Não preciso de babá.

— Não foi o que eu quis dizer – explicou ele. – Não gosto da idéia de alguém saindo para pastagens distantes, sozinho e desarmado. Você não carrega uma arma, carrega?

Ela fez uma careta.

— Acho que deveria, não? – Deu uma risada, constrangida. – Às vezes, tenho esse pesadelo maluco de que fui alvejada e estou tentando chegar até Judd para contar, mas ele não consegue me ouvir.

— Na próxima vez que for cavalgar nas linhas divisórias, leve alguém junto – aconselhou ele. – Não se arrisque.

— Não me arriscarei – prometeu Crissy, mas sem concordar em levar uma escolta junto.

Tinha aquela espingarda calibre .28 que Judd lhe dera. Poderia levar junto quando fosse cavalgar na cerca. Cash fazia sentido. Se um homem não hesitava em envenenar um touro indefeso, podia não pensar duas vezes antes de matar uma jovem. Por sorte, a garçonete voltou com o café e a cerveja a tempo de distraí-lo, e os dois esperaram até que ela fosse embora antes de retomar a conversa.

— Quer que eu fale com Judd sobre o touro? – perguntou ele.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não faria nenhum bem. Ele tomou a decisão dele, é isso. – Ela tocou na xícara e notou que estava pegando fogo de tão quente. Afastou os dedos. – Em todo caso, ele anda distraído nos últimos tempos. Aquele pessoal do filme vai chegar no fim de semana, inclusive os astros. – Ela olhou de soslaio para ele. – Acho que todo mundo já ouviu falar de Tippy Moore.

— O Vaga-lume da Geórgia – concordou ele. Seu rosto ficou duro e os olhos frios.

— Você a conhece? – perguntou ela, intrigada.

— Não gosto de modelos – disse ele, tomando um gole de cerveja.

Ela esperou, sem querer intrometer-se, mas a expressão dele era perturbadora.

Ele baixou a garrafa, viu a maneira como ela estava olhando-o e deu uma risada.

— Você nunca pressiona, não é? Só espera e deixa que as pessoas falem se quiserem.

Ela sorriu, constrangida.

— Acho que sim.

Ele recostou-se na cadeira.

— Minha mãe morreu quando eu tinha mais ou menos nove anos – disse ele, pensativo. – Fiquei com ela no hospital enquanto me deixaram. Meus irmãos eram muito novos, e meu pai... – Hesitou. – Meu pai – começou de novo com aversão em seu tom de voz – estava totalmente apaixonado por outra mulher e não conseguia ficar longe dela. Costumava sacanear minha mãe, dizendo como a amante era jovem e linda, que iria casar-se com ela assim que minha mãe deixasse o caminho livre.

— Esteve doente por um longo tempo, mas depois que ele começou o caso, minha mãe desistiu. Quando morreu, ele estava ocupado demais com a amante para se preocupar. Só foi ao hospital uma vez, para fazer os arranjos para o corpo dela ser levado para a casa funerária. A nova mulher dele era

uma modelo de segunda categoria, vinte anos mais nova do que ele, e meu pai estava louco por ela. Três dias depois do funeral, ele casou-se com ela e levou-a para casa. – Pegou a cerveja e tomou outro longo gole. Seus olhos estavam fixos no espaço. – Nunca odiei um ser humano tanto em minha vida, antes ou depois.

— Foi cedo demais – comentou ela.

— Teria sido sempre cedo demais – disse ele, categórico. – Minha madrastra jogou fora as coisas de minha mãe no minuto em que pôs os pés na casa, todas as fotografias, todo o trabalho feito a mão... até vendeu as jóias de minha mãe e riu disso. – Seus olhos se estreitaram. – Nesse mesmo ano, meu pai me mandou para o colégio militar. Nunca mais voltei para casa, nem mesmo quando ele finalmente criou juízo, oito anos mais tarde, e tentou me levar para casa de novo.

Alguns homens odiavam o contato físico quando rememoravam episódios dolorosos. Mas assim mesmo ela deslizou a mão por cima da de Cash, algo que jamais teria feito com Judd. Grier deu um rápido olhar para ela com um sobressalto, mas depois de alguns segundos seus dedos se enroscaram na mão. Eram dedos fortes, curtos e grossos, com uma pressão que teria sido dolorosa se se contraíssem um centímetro mais. Ela notou que ele não usava jóia alguma, exceto um relógio de metal prateado com um mostrador super-complicado no pulso esquerdo. Nenhum anel.

— Perdi minha mãe no ano em que concluí o ginásio – lembrou ela. – Era mais velha do que você, mas doeu mesmo assim. Mas eu tinha Judd... e Maude – acrescentou com um sorriso. – Ela veio quando eu era bebê, para ajudar mamãe que era muito frágil. Maude tem sido como uma segunda mãe para mim.

— Ela é uma pessoa divertida – disse ele, virando a mão dela para cima a fim de examinar as pequenas cicatrizes. – O que você faz com as mãos? – perguntou curioso, ao notar as unhas curtas e os cortes.

— Conserto cercas quebradas, remendo selas, uso cordas de bezerro, ganho mordidas de cavalos, subo em árvores... – enumerou ela.

Ele deu uma risada.

— Garota levada.

— Não fui feita para uma mansão nem sala de diretoria – disse ela com um sorriso malicioso. – Se as mulheres são liberadas mesmo, então sou livre para fazer qualquer coisa que me dê na telha. Gosto de criação de gado e de plantação, além do trabalho na fazenda. Odeio a idéia de um escritório e um estilo de vida das nove às cinco da tarde. Sou uma moça do campo. Claro que não me importaria ser uma baronesa do gado.

— Não tem nada de errado nisso.

— Claro, sou sócia plena na fazenda – disse ela, pensativa. – E faço a contabilidade, tomo decisões sobre criação e dieta, e faço upgrade no equipamento. Quando terminar o tal curso de informática, serei capaz de reescrever os programas de planilha e acompanhar melhor meu programa de criação.

— E Judd não se importa em lhe dar essa autoridade? – perguntou ele, intrigado.

Ela sorriu, curiosa.

— Por que se importaria? Sou boa no que faço, melhor do que ele, e Judd sabe. Além disso, não conheço nada de marketing. Esse é o

departamento dele. Oh, e ele paga as contas. – Ela fez uma careta. – Não me importo em ajustar demonstrativos de conta bancária e fazer projeções em números, mas meu limite é preencher cheques.

— Eu também não gosto disso – admitiu Cash. Deu uma risada. – Eu te imaginava como uma linda menininha que freqüentava a escola e deixava Judd fazer todo o trabalho duro.

— Sai dessa – zombou Crissy. – Nenhum homem me sustenta enquanto fico sentada lendo revistas e pintando as unhas. Sou sócia de pegar no pesado.

— Judd jamais pareceu o tipo de homem que toleraria uma sócia – murmurou ele secamente.

— Você não o conhece bem, não? – perguntou ela, sorrindo. – Ele lutou muito para levar mulheres para a força policial de Jacobsville e não toleraria homens que subestimem o valor das mulheres nos negócios ou na aplicação da lei. Além disso, sabe cozinhar e limpar a casa melhor do que eu. Se ele se casar de verdade e tiver filhos, a mulher dele será uma sortuda. Ele adora crianças – acrescentou, distraída, odiando a idéia de ele estar determinado a conseguir uma anulação de casamento no instante em que ela fizesse 21 anos, no mês seguinte, e justamente na época em que Tippy Moore estaria à mão.

— Você parece preocupada.

Ela encolheu os ombros.

— Tippy Moore é linda e famosa – disse ela sem pensar. – Judd realmente se animou quando mencionaram que ela seria estrela do filme. Ele nunca esteve perto de mulheres assim. É filho de pastor, bastante convencional e, de certa maneira, nada mundano.

— Você acha que ela vai fasciná-lo.

Ela enfrentou o olhar fixo dele com calma.

— Não sou bonita – disse ela, categórica. – Sou caipira, conheço computadores e gado, mas não posso competir com uma modelo internacionalmente famosa que sabe agir de modo sedutor. Ela deve atrair homens como moscas, você vai ver.

— Não a mim – disse ele, calmo. – Sou imune.

— Judd não vai ser – disse ela, preocupada.

— Judd já é crescidinho. Pode tomar conta de si mesmo.

Ele estava lembrando, e não querendo desiludi-la ao admitir que Judd tinha muito pouco trabalho para atrair mulheres bonitas no passado. O sujeito não era nenhum Romeu, mas era bonito, confiante e agressivamente sedutor com as mulheres que desejava. Também tinha sucesso. Ele não mencionou isso para Crissy. Ela teria ficado deprimida. Grier se perguntou se ela sabia como seus sentimentos por Judd apareciam quando falava sobre ele.

— Suponho que sim – murmurou ela. Levantou a xícara e tomou o café quente. – Gostaria que não precisássemos ter gente de cinema andando por toda a fazenda – acrescentou, impaciente. – Mas estão nos oferecendo uma pequena fortuna pela locação do cenário, e precisamos tanto do dinheiro que não podemos recusar. – Ela suspirou. – Aquele velho dito popular está certo, não está, que diz que todo mundo tem um preço. Eu não achava que tivesse, mas quero substituir aquele touro Salers. – Ela sorriu um sorriso teimoso. – Não fazemos seguro contra perda de gado, mas pelo menos ele será uma dedução de imposto como perda comercial. – Sacudiu a cabeça. – Paguei cinco mil dólares por aquele touro. Se Clark o envenenou e eu puder encontrar

uma maneira de provar, vou arrastá-lo até a Suprema Corte. Posso não conseguir meus cinco mil de volta, mas vou arrancá-los em troca.

Ele deu uma risada.

— Gosto de seu estilo, Crissy Gaines.

Ela sorriu para ele sobre a xícara de café.

— Se eu puder provar, você o prende por mim?

— Claro. — Ele ficou sóbrio. — Mas não vá se meter em encrenca sozinha.

— Não. Sou do tipo cautelosa.

Ele duvidou, mas não iria discutir por isso.

— Está com vontade de voltar para a pista de dança?

— Pode apostar!

Ele abriu um sorriso malicioso e pegou a mão dela, conduzindo-a para fora. O líder da banda, ao notá-los, parou de imediato a lenta melodia country que tocavam e começou um cha-cha-cha. Todo mundo riu, inclusive o casal da noite na pista de dança.

Na manhã de sábado, bem cedo, o diretor, seu assistente, o câmera, o cinegrafista, o técnico de som, dois técnicos e os astros do filme entraram na estrada da fazenda com um enorme Ford Expedition.

Judd tinha acabado de chegar ao pátio, um minuto antes deles. Christabel e Maude saíam na varanda para encontrá-los. Maude usava um velho vestido caseiro, com os cabelos desordenados. Christabel estava usando calça jeans e uma blusa de algodão, os cabelos arrumados numa trança. Mas quando viu a ruiva descer do enorme veículo, seu coração quase parou.

Não ajudou o fato de Judd ir em direção à mulher, sem lançar um único olhar a Christabel, para ajudá-la a descer do assento traseiro alto com as mãos em volta da minúscula cintura dela.

Ela riu, e foi um som de sinos de prata. Tinha um sorriso perfeito – dentes brancos e uma boca vermelha em arco. Sua silhueta também era perfeita. Estava usando um vestido longo verde rodado, que grudava nas linhas longas e elegantes de seu corpo. Judd olhava para ela com intensa simpatia, de uma maneira que nunca olhara para a modesta e pequena Christabel. Pior ainda, a modelo olhava de volta para ele com abjeta fascinação, flertando descaradamente.

— Ela é uma atriz! – disse Maude com a mão consoladora em seu braço. – Jamais se adaptaria aqui, nem iria querer, portanto pare de parecer uma morta numa laje de mármore.

Christabel deu uma risada, constrangida.

— Você é um tesouro – sussurrou ela.

— E também sou esperta – disse Maude com um largo sorriso malicioso.

– Vou fazer um bule de café e fatiar o bolo inglês. Eles podem entrar e comer quando estiverem prontos.

— Christabel! – gritou Judd rispidamente.

Ela olhou de soslaio para Maude, pesarosa, e desceu os degraus com seu habitual passo desinibido, indo parar ao lado de Judd, que fez as apresentações.

— Esta é Christabel Gaines. É proprietária de parte da fazenda. Christabel, tenho certeza que está lembrada de Joel Harper, o diretor – disse ele, apresentando o homem baixote com óculos e um gorro de beisebol, que sorriu e acenou com a cabeça. – Este é Rance Wayne, o ator principal.

Ele acenou com a cabeça na direção de um homem alto e bonito, com cabelos louros e bigode.

— Este é Gary Mays, o diretor-assistente – continuou, apresentando um homem mais jovem, que olhava de soslaio abertamente para a modelo. – E esta é Tippy Moore – acrescentou em um tom de voz diferente, os olhos cravados na ruiva de olhos verdes, que deu uma rápida olhada em Christabel, como se a declarasse fora do páreo, e em seguida ofereceu a Judd um sorriso brilhante.

— Estou contente em conhecer vocês – disse Christabel, educada.

— Igualmente. Estamos prontos para começar a filmar na segunda – disse Harper a Judd. – Só precisamos discutir alguns detalhes técnicos...

— Se quiserem saber alguma coisa sobre o gado – começou Christabel.

— Perguntaremos a Judd – disse a modelo com voz arrogante e rouca. – Com certeza, ele deve saber mais do que você – acrescentou com rudeza deliberada.

Os olhos escuros de Christabel cintilaram.

— Eu cresci aqui... – começou ela, em tom beligerante.

— Judd, eu adoraria ver aquele touro grande da qual você falou – arrulhou a modelo, pegando o braço de Judd com as mãos delgadas e puxando-o.

Christabel foi deixada plantada, enquanto Judd caminhava obedientemente em direção ao enorme celeiro, com Tippy, Joel Harper e seu séqüito. Teve vontade de roer as unhas. Afinal de contas, era sócia plena na fazenda. Mas pelo visto eles a consideravam nova demais para tomar grandes decisões, e Judd estava parado demais na ruiva para se importar com o fato de ela ter sido descartada como uma qualquer em sua própria casa.

Ela seguiu-os com um olhar feroz até que o som de um cavalo se aproximando chamou sua atenção. Nick Bates, seu capataz de gado e administrador da fazenda, chegava a cavalo com a silhueta alta e ágil afundada na sela.

— Qual é o problema? – perguntou ela.

— Estive caçando vacas – murmurou ele, sombrio. – Algum maldito maluco cortou a cerca e cinco vacas saíram. Nós as levamos para um outro pasto e voltei para pegar o caminhão e um pouco de arame para consertar a cerca.

— Não foi a vaca prenhe – disse ela, preocupada.

Ele acenou com a cabeça.

— Mas parecem estar bem. Mande os rapazes levarem elas para o pasto lá perto do celeiro, só por precaução.

— Quem deixou a porteira aberta? – quis saber Crissy.

— Nenhum de meus homens – assegurou Nick, com os olhos escuros cintilando no rosto magro e austero. – Fui de cavalo até a casa de Hob Downey e conversei com ele. Ele passa a vida naquela cadeira de balanço na varanda da frente na maior parte do ano. Imaginei que pudesse ter visto quem cortou o arame.

— Ele viu?

— Disse que havia uma picape estranha lá embaixo no início da manhã, uma dessas com laterais feitas em casa, como um caminhão de gado teria – disse Nick. – Um caminhão mais velho, preto com uma listra vermelha. Dois homens desceram e um deles agiu como se estivesse consertando a cerca,

então Hob saiu na varanda e gritou com eles. Eles hesitaram, mas um carro patrulha do xerife subiu pela estrada e eles pularam no caminhão e foram embora na maior disparada. Era uma abertura pequena, com largura suficiente para passar uma vaca e só visível de perto.

Ela se aproximou do cavalo, preocupada e pensativa.

— Quero que você ligue para Duke Wright para perguntar se ele tem um caminhão preto com uma listra vermelha, e pergunte quem estava dirigindo hoje de manhã.

Nick reclinou-se sobre a parte alta da sela, encontrando os olhos dela.

— Você tem alguma idéia de quem é – ele disse.

Ela assentiu com a cabeça.

— Mas não vou mencionar nomes, e o que sei vou guardar para mim.

Desça daí.

Ele levantou ambas as sobrancelhas.

— Por quê?

— Não quero ter que ir até o celeiro para selar Mick – admitiu. – A equipe de filmagem está lá. Eles me deixam nervosa.

Nick desceu com um giro gracioso.

— Aonde você vai?

— Só vou até lá para ver como a cerca foi cortada – disse ela.

— Eu já lhe disse...

— Você não entende – disse ela, aproximando-se mais. – A cerca onde o touro morreu também foi cortada, lembra? Nunca mencionei isso a Judd, e nós consertamos, mas notei como foi cortada. Não existem duas pessoas que façam a mesma coisa exatamente igual. Consigo dizer se foi Maude ou Judd que abriu uma lata de Coca-Cola, só pela maneira como deixam a lingüeta. Sei como foram os primeiros cortes no arame.

— Tenho que encontrar Denny. Ele pegou algumas pitadas novas de sal de terreno. Vamos levá-las quando formos consertar a cerca.

— Muito bem. – Ela girou com graça na sela e deu um tapinha suave no pescoço vermelho do capão, sorrindo. – Vou tomar muito cuidado com Tobe, está bem?

Ele encolheu os ombros.

— Nunca duvidei disso. Quer que eu e Denny peguemos o caminhão para te seguir até lá?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não sou nenhuma patricinha. – Ela notou o rifle que se projetava na longa bainha ao lado do arção da sela. – Importa-se que eu leve isso junto? – acrescentou.

— De jeito nenhum. Eu me sentiria melhor se levasse. Lembre-se que a trava de segurança está armada. Judd está por lá? – perguntou ele abruptamente, acenando com a cabeça em direção ao celeiro.

— Está, de modo que é melhor você ir direto para o barracão de equipamento. O que ele não sabe não vai me causar uma repreensão.

Ele começou a argumentar, mas ela já se afastava trotando.

Na verdade, ela não precisava ir olhar os cortes para imaginar que Jack Clark estivera por perto, causando dano. Talvez ele só quisesse deixar algumas vacas saírem ou podia estar planejando roubar algumas. Mas ela queria fugir de Judd e dos outros. Se tivesse sorte, já teriam ido embora quando voltasse. Além disso, não faria mal nenhum assegurar-se de que sua

teoria estava correta. Se pudesse conseguir algum tipo de indício para dar a Cash, ele poderia cuidar de Jack Clark para ela.

Lembrava-se da expressão nos olhos negros de Judd quando ajudou Tippy Moore a descer do SUV e da maneira como deixou que ela o levasse embora depois de insultar Christabel. Ele tampouco pareceu ter notado que ela fora insultada. Seu coração estava magoado. Tal como receava, a chegada da modelo marcou um ponto de virada em sua vida. Ela desejou poder fazer o relógio voltar. Nada voltaria a ser igual de novo.

CAPÍTULO 5

Como Crissy suspeitava, a cerca fora cortada no mesmo lugar que a outra, muito perto dos suportes verticais do arame trançado. Desceu da sela com um giro e examinou os cortes atentamente. Os cortadores de arame usados nas duas vezes não eram afiados e os cortes não eram limpos nem bem-feitos.

Ela virou-se, conduzindo Tobe pelas rédeas, e suspirou com raiva ao olhar em direção ao horizonte baixo. Jack Clark os tinha roubado, e eles o despediram com justa causa. Mas Clark tinha uma caudalosa veia vingativa e queria mesmo vingança. Crissy receava que a coisa não fosse acabar com os touros envenenados e os cortes na cerca. Esperava que Duke Wright tivesse alguma novidade para Nick sobre os irmãos Clark, quando ele ligasse.

Localizou Hob Downey em sua varanda e caminhou para cumprimentar o velho.

Hob estava nos seus setenta anos de idade. Tinha sido vaqueiro a vida inteira, até ser aposentado à força pelo chefe. Sabia mais coisas sobre cavalos do que a maioria das pessoas, e era solitário. Ficava sentado na varanda da frente a maior parte de todos os dias, esperando que alguém parasse para conversar com ele. Era uma mina de ouro de informação sobre tudo, da Segunda Guerra Mundial até os velhos tempos de fazenda. Crissy o visitava quando o tempo permitia, mas, como a maioria dos jovens, era pouco o estoque de tempo em sua vida.

— Oi, Hob! – gritou.

— Venha sentar para descansar um pouco, senhorita Crissy – convidou ele com um sorriso largo.

— Gostaria de ter tempo, Hob. Nick disse que você viu alguns sujeitos numa picape perto de nossa cerca hoje de manhã.

Ele acenou com a cabeça.

— Claro que vi. Andando sorrateiramente. Não tenho telefone, do contrário teria ligado para você.

— Um deles era um homem alto e careca? – perguntou ela com cuidado. Ele fez uma careta.

— Um deles usava um chapéu puxado para baixo na testa, de modo que não posso dizer se era careca. Também não posso dizer se era alto. O outro sujeito estava usando uma camisa que poderia enlouquecer um cara daltônico. Ficou no outro lado do caminho a maior parte do tempo, não pude vê-lo direito.

Ela suspirou.

— E quanto ao caminhão?

— Tinha um grande ponto de ferrugem no pára-lama da frente – arriscou ele. – O resto era preto com uma listra vermelha fina. Tinha portas feitas em casa, não pintadas. Me pareceu que estavam prestes a pegar uma ou duas vacas, senhorita Crissy.

Ela teria de descobrir se os irmãos Clark tinham uma picape ou se rodavam com um de Wright que se encaixasse nessa descrição, e de que cor era.

— Cortaram aquela cerca, não? – insistiu ela.

Ele acenou com a cabeça.

— Mas não deixe isso se espalhar, está bem? – disse ela. – Podem ser perigosos, e você vive sozinho aqui.

Ele deu uma risada.

— Tenho uma espingarda.

— Mas não pode ficar acordado vinte e quatro horas por dia.

— Eles podem voltar para tentar de novo.

Ela não podia ter certeza disso.

— Trate de ficar de olhos abertos e vigiar suas costas – disse ela.

— Alguém maluco por você, não é?

— Algo por aí. Obrigada, Hob. Cuide-se, e tranque as portas à noite.

— Você também, senhorita Crissy. Tem certeza que não quer se sentar para descansar um pouco?

Ela sorriu.

— Voltarei quando puder. Mas estou até o pescoço de gente do cinema nesse momento. Preciso voltar para casa.

— Ouvimos dizer que iam fazer um filme em sua fazenda. Você vai participar?

Ela deu uma risada.

— Eu, não! Nos vemos, Hob.

—Nos vemos.

Ela voltou para Tobe e virou-o em direção à estrada de terra que levava de volta à fazenda. Era desconcertante pensar que Jack Clark e seu irmão poderiam ser responsáveis pelos dois atentados ao seu gado. Podiam tentar novamente e, nesse exato momento, eles não podiam se dar ao luxo de ter muitas perdas, nem mesmo com a renda extra que a filmagem daria. Precisavam de um novo rumo ou afundariam.

Especialização, pensou, era a única resposta para o problema deles. Podiam fazer o mesmo que Cy Parks fez e criar gado puro-sangue, mas para isso era preciso um investimento inicial de uma grande fortuna que eles não possuíam. Podiam fazer o que alguns outros produtores tinham feito e tentar colocar no mercado uma marca própria de carne orgânica. Mas isso implicaria modernizar os métodos de produção e encontrar um comprador que desejasse carne orgânica de qualidade... talvez um comprador no exterior, porque esses lucros eram realmente altos, de acordo com Leo Hart que vendia carne orgânica para o Japão.

Se ao menos os cavalos pudessem voar, pensou e riu da própria fantasia. Judd já havia tentado pensar nesse aspecto do problema e fracassara. Disseram a eles que seu gado não era sem gordura suficiente para os mercados de preços altos, que eram alimentados com milho demais e capim de

menos. Era por isso que Christabel estava empurrando seu gado para pastos a fim de engordá-lo com capim – e perdeu o valioso touro Salers nesse processo.

Mas não foi o capim – tampouco o trevo-azedo – que matou seu touro. E aquele corte na cerca também não foi nenhum acidente. Foram os irmãos Clark. Ela sabia disso, mesmo que Judd não quisesse ouvir. Cash ouviria. E ela provaria isso de alguma forma.

Levou Tobe até o celeiro, notando que o enorme SUV tinha ido embora, assim como a caminhonete de Judd. Que alívio. Pelo menos não teria que se preocupar com companhia nesse dia.

Mas o alívio teve vida curta. Tirou a sela de Tobe e escovou o cavalo. Quando foi devolver o rifle a Nick, havia novidades indesejáveis.

— Duke Wright não tem uma picape preta com listra vermelha – disse Nick com um suspiro, jogando o chapéu para trás dos cabelos louros suados. – E não há nenhum vaqueiro que tenha.

Ela fez uma careta.

— Eu tinha tanta certeza...!

— Talvez ele tenha tomado emprestado – disse ele.

As sobranceiras dela se levantaram.

— Você acha?

— Tudo é possível. – Ele lançou-lhe um longo olhar. – Judd queria saber onde você estava. Eu disse que você tinha ido a cavalo inspecionar as vacas que saíram do pasto. – Ele levantou a mão. – Eu não disse que a cerca estava cortada. Imaginei que você diria quando quisesse.

Ela sorriu.

— Obrigada, Nick. Te devo uma.

Ele encolheu os ombros.

— Sem problema. Eu já disse aos rapazes para ficarem de olho em qualquer veículo suspeito que apareça por aqui.

— Boa idéia. E mantenha aquele pasto para onde mudou o gado com guarda vinte e quatro horas, mesmo que tenha que pagar hora extra a alguém – acrescentou ela com firmeza, fazendo uma careta em seu íntimo para uma outra despesa que mal poderiam pagar. – Assegure-se também de que o guarda esteja com um rifle.

Ele acenou a cabeça com ar sério.

— Farei isso.

Ela hesitou.

— E tire fotos da cerca do jeito que está agora, e guarde o arame do lugar onde estão os cortes – disse ela como uma reflexão tardia. – Se isso der em alguma coisa, vamos precisar de provas.

— Pode apostar! Vou colocar no barracão de equipamento.

— Obrigada, Nick. – Ela caminhou de volta até a casa.

Maude estava embrulhando fatias de bolo que não foram tocadas e resmungava.

— “Não posso comer bolo”, disse a outra. “Tem muitas calorias.” – Maude olhou de modo penetrante para Crissy abafando um sorriso. – E não toma café porque a cafeína faz mal. Em todo caso, não tinham tempo para isso, e ela deu um olhar em nossa casa que me deu vontade de empurrá-la pelos degraus!

— Não vão ficar muito tempo aqui – disse Crissy para consolar.

— É o que você pensa! Eu ouvi o diretor dizer a Judd que levaria alguns meses para fazerem o filme e, que mesmo depois, era provável que tivessem de voltar para refilmar algumas cenas.

Isso significava que ficariam ali até o Natal. Ela pensou em Judd ao redor da modelo todo esse tempo, e seu coração afundou. Era pior do que sonhara ser.

— Aquela modelo estava realmente bajulando ele – resmungou Maude.
– Ficou pendurada nele como uma corrente o tempo todo, sorrindo para ele, rindo com ele. Já está caída por ele.

— E ele está caído por ela, não está, Maude? – perguntou ela, tranqüila.
Maude corou.

— Ele é casado, querida.

— Não é, ouça ele dizer isso. – Ela sentou-se na cadeira mais próxima.
– Seja gentil e me passe uma xícara de café. Estou triturada.

Relatou sua suspeita sobre a cerca cortada para uma preocupada Maude.

— Você contou a Judd?

Ela hesitou.

— Não.

Maude cerrou as sobrancelhas.

— Isso é imprudente. Quando eu for para minha irmã nos fins de semana, você vai ficar sozinha. O alojamento não é perto o bastante para os homens escutarem você gritar. Devia contar a Judd.

— Ele não acreditou em mim quando lhe contei que o touro foi envenenado, Maude – disse ela, aceitando a xícara de café puro e agradecendo. – E tampouco vai acreditar que a cerca foi cortada de propósito.

— Mostre a ele.

— Mesmo que eu mostre a prova a ele, ainda assim não vai acreditar em mim. Ele pensa que só estou tentando atrair a atenção dele.

Maude sorriu.

— Você está.

Ela encolheu os ombros.

— Não é nenhum segredo. Mas não conto mentiras. – Ela tomou o café.
– Quando é que o pessoal do cinema vai começar?

— Amanhã, de manhã cedo.

Ela engasgou com o café.

—Tão cedo? – gemeu.

— Querem começar enquanto o tempo está bom. Já se mudaram para o Hotel Comercial de Jacobsville, onde pernoitam. Contrataram fornecedores para trazer aqui o café da manhã e almoço da equipe, e os eletricitistas já andaram falando em marciano com Judd o que querem fazer com os geradores portáteis – acrescentou ela, brincalhona. Sacudiu a cabeça. – Aquele sujeito, o diretor, disse que vão trazer caminhões enormes para carregar todo o equipamento, além de trailers para os astros usarem como vestiário e camarim. Contrataram o Bailey's para transportar o elenco e a equipe ida e volta todos os dias.

— E vão trazer banheiros portáteis? – perguntou Crissy, esperançosa.

— Judd disse que podiam usar os do alojamento. Não vai haver nenhum vaqueiro lá dentro durante as horas de trabalho, exceto os do turno da noite, e só um tornado poderia acordar Billy e Ted depois que dormem.

— Boa observação – disse ela, sorvendo o café.

— O prefeito e o chefe de polícia vão participar do filme – acrescentou Maude.

— Bela jogada, falando em termos políticos – concordou ela.

— Vão fazer algumas das tomadas na cidade. Não faz mal nenhum impressionar as pessoas antes de começar a rasgar estradas e causar congestionamento no trânsito.

Crissy abriu um largo sorriso.

— Talvez provoquem alguém e sejam chutados para fora da cidade!

— Sem esperança. Tem gente demais aqui que acha que nasceu para ser astro de cinema. – Maude sacudiu a cabeça. – Vai ser um pesadelo, querida – disse pesadamente. – E a modelo...! – Maude torceu o nariz. – Ela mata um asmático com o perfume com que toma banho.

Crissy baixou os olhos escuros.

— E é linda.

— É mesmo.

— Não tem nenhum jeito de eu poder competir com alguém como ela – disse Crissy, tristonha.

Maude virou-se.

— Judd te conhece a vida inteira – disse ela. – Você é boa, gentil e tem um jeito de fazer com que um homem se sinta especial e afetuoso. Além disso, não tem muita coisa aqui que você não consiga manejar, desde a administração do gado até as melhorias na fazenda. Você tem uma cabeça boa. A maioria dos homens se sente atraída pela beleza, mas só se houver alguma coisa por trás dela para mantê-los interessados. Ela é um rosto e um corpo bonitos com péssimos modos. Judd não vai se deixar enganar.

— Você acha? – Ela terminou o café. – Fico contente por estar na escola – disse, depois de colocar a xícara na pia. – Não vou ter que ficar muito perto deles.

— Também vão filmar nos fins de semana – disse Maude, hesitante.

Ela virou-se no vão da porta, franzindo as sobrancelhas.

— Você disse alguma coisa sobre geradores?

Maude acenou com a cabeça.

— Para acender todas as luzes que estarão usando na casa e no celeiro...

Seu rosto congelou-se numa caricatura de sua expressão normal.

— Na casa? Em minha casa?

Maude fez uma careta.

— Judd não mencionou isso?

— Não!

— Só a sala de estar e a cozinha – disse ela suavemente. – Vão precisar mudar algumas coisinhas aqui e ali... vão pagar extra por isso! – Parou rápido de falar quando Crissy começou a ficar com o rosto vermelho.

— Judd disse que podiam fazer isso? – gemeu.

— Ele me disse que precisamos do dinheiro – respondeu Maude com voz suave. – Vai ser por pouco tempo, Crissy. Só por pouco tempo. É um bocado de dinheiro.

— E vamos à bancarrota sem ele, sei disso – falou com voz triste. – Só que eu não estava esperando nada disso. É... como uma invasão! Não vamos ter nenhuma privacidade!

Maude acenou com a cabeça.

— Eu sei, mas de alguma forma vamos passar por isso. Basta sair do caminho e deixar que a coisa role – aconselhou. – Em outras palavras, querida, pegue o dinheiro e corra. Vai acabar antes que você perceba! Honestamente!

Não foi assim. No dia seguinte, Crissy voltou da escola e encontrou a entrada de carro completamente bloqueada, para manter os curiosos afastados. Havia cinco ou seis carros estacionados no acostamento da estrada de terra que levava à fazenda, e pessoas haviam espalhado mantas sobre o capim baixo, usando binóculos para observar a equipe de cinema que tomava o lanche. Havia meia dúzia de trailers, dois caminhões de caçamba baixa, pelo menos dois carros com reboques, além do que parecia ser um pequeno exército de pessoas carregando equipamentos.

Crissy não poderia mover à força o carro-reboque que mantinha a estrada bloqueada, de modo que foi obrigada a deixar a picate por lá e andar um quilômetro e meio até a casa da fazenda. Ao chegar à escada, empoeirada, suada e cansada, foi parada nos degraus por um dos homens de Cash Grier que trabalhavam na segurança.

— Sinto muito, senhorita Gaines – disse o policial em tom de desculpa –, mas estão filmando uma cena na sala de estar agora mesmo. Não pode entrar por aqui.

Ela virou-se sem dizer uma palavra e foi para os fundos da casa. No caminho, tropeçou num enorme feixe de cabos de extensão e quase mergulhou de cabeça dentro de uma câmera montada bem do lado de fora da cozinha. Se Judd estivesse em algum lugar por perto, ela teria atirado os livros direto na cabeça dele.

Lá dentro, um técnico de som trabalhava numa antena de microfone, enquanto dois completos estranhos, um homem e uma mulher, estavam sentados à mesa de sua cozinha com xícaras vazias e técnicos de iluminação rondavam com metros, fitas e equipamento portátil de iluminação.

Maude fez sinal para ela ir ao corredor dos fundos e arrastou-a para o quarto de dormir.

— Temos que ficar muito quietas – sussurrou. – Estão filmando uma cena na sala de estar.

— Quando vão terminar? – perguntou Crissy.

— Bem, eles começaram logo depois que você saiu. Já filmaram a coisa dez vezes.

Crissy gemeu alto.

— A antena do microfone apareceu numa cena. Depois alguém tossiu na próxima. A modelo errou as falas três vezes porque não dormiu na noite passada por conta do trem que passa muito perto do hotel. Depois o ator principal tropeçou naquele velho tapete persa que você não joga fora porque sua mãe o adorava, e depois disso uma luz se apagou...

— Quero mudar hoje para o Alasca – disse Crissy num tom de voz deplorável, colocando os livros de lado para se deixar cair sentada na cama.

— Mas o diretor acha que podem acabar na hora do jantar – concluiu Maude.

— E isso é só uma cena – pensou Crissy em voz alta. – Meu Deus!

— Deve ficar mais fácil à medida que avançarem – assegurou Maude. – As coisas são sempre difíceis no começo. – Ela franziu as sobrancelhas. – No entanto, não sei quanto às brigas.

— Brigas?

— Parece que o ator principal não gosta do assistente de direção. Já trabalharam juntos antes e tiveram uma briga feia por causa de uma mulher. O ator perdeu. Agora o ator está humilhando o sujeito e se recusa a fazer as cenas da maneira dele. A senhorita Moore também não gosta do assistente e ele a persegue, a não ser quando Judd está por perto. O autor também está sendo obrigado a vir aqui, porque o ator diz que não vai fazer a cena no celeiro do modo como foi escrita. Diz que seu papel é estúpido e que Tippy Moore tem as melhores falas. Diz que seu contrato garante falas iguais para ambos.

Crissy sacudiu a cabeça.

— Que tipo de mudanças vão fazer em minha casa? – perguntou.

— Só alguns móveis novos e tapetes, assim como cortinas e objetos, pois no filme a heroína redecora a casa do herói para ele. – Ela se animou. – Também estão refazendo a cozinha e vamos ficar com todas as coisas que usam como acessórios!

— E se não gostarmos? – quis saber Crissy.

— Vamos gostar – assegurou Maude. – O diretor disse a Judd que também vão conseguir todos os utensílios novos de cozinha. Tippy Moore vai com ele, o contra-regra e um assistente de câmera para pegá-los. Ela disse que precisava de um toque de mulher.

Isso foi desanimador. Era a casa de Crissy, não de Tippy Moore. Ela devia ter algum papel nas aquisições. Mas ninguém se importava com sua opinião. Crissy se sentia como se houvesse desembarcado no inferno. Não poderia ficar pior. Simplesmente não podia. Ela tinha de tentar pensar no dinheiro. Eles precisavam tanto dele.

Maude deu um tapinha nas costas da jovem.

— Anime-se. É só por pouco tempo. Ela irá embora e a cabeça dele vai voltar para onde deve ficar.

No fim de semana, Christabel havia imaginado uma maneira de tomar o café da manhã antes que o ônibus de turismo descesse em direção ao celeiro com os atores – levantando antes da luz do dia. Ela gemia com o número e tamanho dos caminhões e trailers espalhados por lá, e o número das pessoas de apoio que pelo visto era necessário para fazer um filme. Havia equipamento de som, câmeras, trilhos para as câmeras rolantes, refletores enormes e ventiladores e antenas de microfone. Parecia uma invasão de técnicos, e Christabel não podia esperar para ir embora.

Recolhia seus livros e disparava pela porta lateral em direção à velha picape que dirigia à escola. O veículo pertencera a seu pai e era uma das poucas coisas que ela possuía sem dívidas. Era velho, precisava de uma pintura, mas andava muito bem, graças a Nick.

Assim que abriu a porta da caminhonete, viu Judd chegar nos degraus da frente. Seu coração disparou e ela hesitou. Mas nesse momento, ele saiu do SUV e deu a volta ao carro para abrir a porta do carona. A modelo ruiva desceu ao lado dele, rindo para ele com um sorriso que honraria meia dúzia de capas de revista. Christabel sorriu tristonha e subiu em sua caminhonete.

Quando se afastou, viu o braço de Judd deslizar em volta dos ombros finos de Tippy Moore, enquanto os dois caminhavam em direção ao celeiro onde a equipe de filmagem esperava por ela. Chega, pensou ela, de sonhos lamentáveis.

Os dias se arrastavam enquanto a equipe de cinema trabalhava. Por sorte, a escola tomava a maior parte do tempo de Crissy. Quando estava em casa, saía com os homens para supervisionar os vários projetos da estação que tinham de ser completados antes da chegada do inverno. Não se deu ao trabalho de tentar se vestir com elegância, usar mais maquiagem ou mudar o estilo de cabelo de seu coque habitual no topo da cabeça. Era impossível competir com uma mulher linda como Tippy Moore. Não, não a pegariam tentando fazer isso.

Não que Judd notasse muito. Ele andava ocupado no trabalho por causa da investigação em andamento sobre o assassinato em Victoria. Cash a vinha mantendo informada a respeito da investigação. A maioria dos agentes de polícia do Texas sabia dela, por causa da maneira como a vítima foi morta e abandonada. Cash achava que tinha a aparência ritual de uma morte por vingança pessoal, devido à mutilação e o modo como o corpo da vítima foi exposto depois da morte.

— Não estão tendo muito progresso com o caso – disse ele a Crissy numa tarde de sábado, ao lado do carro patrulha perto da porta da frente da casa dela. – Nem ao menos existe um suspeito.

Dentro da casa, a cozinha estava ocupada com luzes, câmeras e uma centena de cabos elétricos grossos ligados num gerador portátil, que parecia poder acender cada lâmpada de Jacobsville.

— Talvez seja um dos irmãos Clark – disse ela, meio de brincadeira.

Ele não sorriu como ela esperava.

— Eu estava brincando!

Ele ainda não sorriu, mas não era pelo tema em questão. Estava olhando por cima do ombro de Crissy com um olhar fixo e penetrante, como se todos os cães do inferno tivessem sido soltos no pátio.

— Você veio prender a senhorita Gaines? – Uma voz doce como mel surgiu por trás de Crissy. – Não pode ser por excesso de velocidade, não naquele caminhão velho e caindo aos pedaços que ela dirige!

Crissy virou-se e olhou de soslaio para a modelo. Tippy Moore estava usando uma vasta saia branca rodada, um minúsculo top azul e um cinto largo da mesma cor. Usava saltos extremamente altos, e seus longos cabelos ondulados louro-avermelhados estavam num emaranhamento encantador em torno de seu rosto lindo. Ela sorriu para Cash com um brilho assombroso que fazia seu rosto saltar para fora das capas de revista com tanta vitalidade. Ela pôs as mãos nos quadris e jogou o cabelo para trás, obviamente bem à vontade com qualquer homem que se aproximasse dela.

Mas Cash não pareceu impressionado. Na verdade, ficou, no mesmo instante, ativamente hostil. Olhou de modo fixo para a mulher com pura maldade.

Surpresa com a reação dele, Tippy deu uma risada, um som que pareceu o tinido de sinos de prata, e voltou a jogar o cabelo para trás.

— O gato comeu sua língua, senhor policial? – provocou ela.

Os olhos escuros de Cash se estreitaram. Ele fez uma avaliação da mulher que teria feito justiça a um leilão de gado, e sua atenção voltou de imediato para Crissy.

— Que tal um hambúrguer com fritas? – perguntou com um sorriso suave. – Pode vir em meu carro e deixarei você brincar com a sirene.

Crissy deu uma risadinha satisfeita, indescritivelmente encantada porque ele a preferia a uma modelo internacional.

— Eu adoraria. Posso ir como estou? – perguntou, indicando a calça jeans desbotada e manchada e a camiseta velha que usava com botas sujas. Crissy estivera ajudando os rapazes a mudar o gado para um pasto novo.

Ele encolheu os ombros com calma.

— Você me parece ótima. – Ele lançou um olhar expressivo para Tippy. – Gosto de uma mulher de verdade, que não parece uma boneca pintada com vestido de festa.

Tippy ficou vermelha, girou nos calcanhares, quase perdendo o equilíbrio, e disparou em direção à casa.

— Por que diabos uma mulher usaria saltos daquela altura quando nem consegue andar com as malditas coisas? – perguntou Cash em voz alta.

Tippy andou mais rápido.

Crissy pegou o braço de Cash e puxou-o em direção ao carro patrulha.

— Vamos embora antes que ela chegue ao armário das armas – disse ela num cochicho, numa altura de voz para que a outra ouvisse.

Grier lançou um sorriso largo para ela.

— Desmancha-prazeres.

Sentaram-se numa cabine do café local e Cash contou mais coisas sobre a investigação.

— Eles não têm nenhuma pista de quem cometeu o assassinato – disse ele. – Ou do motivo. Ela foi estuprada e assassinada brutalmente com uma faca, de uma maneira que não dá para contar. Mas não tinha inimigos nem ligações com qualquer criminoso.

— Eles têm certeza de que não foi o marido?

— Têm – disse ele. – Ele ficou tão abalado quando encontraram o corpo que teve de ser hospitalizado – acrescentou, tranquilo. – Nunca vi um homem daquele jeito em minha vida. E o pior é que ela estava grávida de três meses. Era o primeiro filho deles.

— Meu Deus do céu! – sussurrou ela. – Que horrível.

— O marido nem sabe ainda se quer continuar com a fazenda – acrescentou ele. – Um fazendeiro chamado Handley arrendava terra dele para criar touros, mas todos os animais foram envenenados.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— É de onde o touro de Fred Brewster veio – murmurou ela, pensativa. – O dele e os nossos eram do mesmo pai. – Ela franziu o cenho. – Ouvi dizer que o touro de Fred morreu.

— Pode ter sido coincidência – disse Cash, mas estava processando a informação de Crissy na mente.

Crissy estava com o cenho fechado.

— Nossa cerca foi cortada no lugar em que o touro novo morreu, e uma cerca estava cortada no lugar por onde algumas de nossas vacas saíram. Eu mesma examinei os cortes em ambas as cercas e mandei fotografá-las – disse

ela. – Eram os mesmos cortes que estou convencida que Jack Clark fez, mas quando Nick foi averiguar com Duke Wright, ele não tinha um caminhão preto com um ponto de ferrugem e uma listra vermelha fina...

— O que tem isso? – indagou Cash com cuidado.

Ela hesitou.

— Hob Downey mora no limite de nossos pastos ao norte – disse ela. – Ele viu uma picape preta com um ponto de ferrugem num pára-lama, uma listra vermelha fina e portas de gado feitas em casa, parado perto de minha cerca. Disse que os dois homens desceram e estavam olhando para a cerca. Hob não soube dizer se a tinham cortado.

Cash tirara um bloco de anotações e caneta.

— Hob Downey – disse, verificando a ortografia. – Ele tem telefone?

— Não. Pobre velhinho, nem pode pagar calefação. Tem um fogão a lenha. Vive do seguro social, que não é muita coisa. – Ela deu a direção da casa de Hob. – Por que está tão interessado?

Ele estudou-a e fez uma careta.

— Não posso contar – disse por fim. – Sinto muito. Não estou autorizado a falar a respeito.

Ela abriu um sorriso malicioso.

— Ajudei você a solucionar um caso sem saber?

Ele afastou o bloco de anotações.

— Quando eu puder, deixarei você saber se ajudou – prometeu.

Ela bebeu o café.

— Você foi muito rude com a senhorita Moore – disse ela. – Não gosta nem um pouco dela, não?

— Ela me lembra minha madrastra.

— Ela me lembra uma serpente de cabeça vermelha – murmurou Crissy sem olhar para Cash. – Sinto-me como se já não vivesse mais ali. Não posso entrar em minha própria casa sem tropeçar num ator ou peça do equipamento.

— Tem visto Judd nos últimos dias?

O rosto dela retesou-se.

— Ele vem de carro de Victoria toda tarde depois que sai do trabalho para pegar a senhorita Moore e levá-la ao hotel. Ela não gosta de andar de ônibus com o pessoal inferior – acrescentou com um risinho malvado.

Ele estudou-a com curiosidade por cima da xícara de café, percebendo mágoa atrás do humor.

— Judd não é ingênuo. Ela é uma novidade. Vai passar.

Ela deu uma risada sem humor.

— Você acha? Nunca o vi tão animado.

— Todo homem gosta de mulher bonita.

— Não você – falou ela sem pensar. Os olhos dela procuraram os dele com intensidade. – Ela não pôde acreditar que você não tivesse ficado de cabeça virada por ela à primeira vista.

— Já vi centenas delas nesses anos – disse ele friamente. – Egoísta, fútil, sem consciência de nada que acontece em volta dela. Ela deve ter vinte e seis ou vinte e sete anos, e seus dias como modelo estão contados. Se não tiver sucesso no cinema, vai ficar desempregada dentro de poucos anos.

— Não parece tão feliz quanto a isso – repreendeu ela.

— A cabeça dura. A beleza, não.

— Gozado, foi isso mesmo que Maude disse – lembrou Crissy enquanto terminava o café. – Talvez seja como na escola, onde as meninas populares são sempre as mais bonitas. Mas não gostam dos rapazes realmente agradáveis, que não são tão bonitos e conhecidos quanto os heróis esportivos.

— Heróis e esportes são duas palavras que podemos usar sem combinar – disse ele, balançando um dedo para ela.

Ela abriu um largo sorriso.

— Sei quem são os verdadeiros heróis – disse ela. – Todo o país sabe agora.

Ele acenou com a cabeça, o cenho fechado.

— Uma droga de maneira para aprender.

— Pare de ser tão severo – murmurou ela, colocando uma mão suave sobre o braço dele. – Vai assustar as pessoas.

Ele deslizou a mão sobre a dela e sorriu.

— Você é uma novidade em minha vida, sabia? Não consigo lembrar de ter tido uma mulher como amiga.

Os olhos escuros de Crissy cintilaram.

— Precisamos de alguém com quem conversar – disse ela. – Pense em mim como um homem com brincos e senso para vestidos.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Conheço homens que usam brincos. Na verdade – acrescentou –, eu costumava usar um.

— Que excitante! Por que parou?

Ele olhou sombrio.

— Meu primo Chet achou que não era digno de um chefe-assistente, encorajar policiais mais novos a romper com o código de vestuário no departamento de Jacobsville – disse com desgosto.

Ela deslizou a mão sobre a dele.

— Você satisfaz do jeito que é. A propósito, obrigada por me salvar dos maníacos do cinema. Às vezes gostaria de poder mudar para uma casa mais tranqüila.

— Eles vão embora perto do Natal.

— Você acha? – Ela suspirou. – Espero que esteja certo. Se eu tiver de bancar Papai Noel, conheço uma modelo ruiva que vai pegar uma cobra de metro e meio debaixo da árvore.

Os dois riram juntos. À distância, eles pareciam mais intimamente envolvidos do que amigos. Judd Dunn notou isso quando hesitou no vão da porta com emoções mescladas, e a primeira delas foi uma ânsia súbita e inexplicável de espancar Cash Grier e fazê-lo sair pela janela da frente do restaurante.

CAPÍTULO 6

Christabel e Grier estavam tão concentrados que só notaram Judd quando ele puxou uma cadeira fazendo barulho e escarranchou-se nela ao lado deles. Ambos olharam surpresos para ele.

O coração de Crissy deu um salto, mas ela tentou esconder. Ele estava com raiva, muita raiva.

— O que foi que fez agora? – perguntou Christabel com indiferença estudada.

Ele lançou-lhe um olhar penetrante.

— O que disse a Tippy? Ela estava banhada em lágrimas quando fui embora.

Crissy ficou perturbada demais com a pergunta atrevida para responder.

Cash não ficou. Seus olhos escuros cintilaram.

— Crissy não disse coisa alguma para ela. Ela chegou e começou a flertar comigo, e eu a tratei com rudeza – disse ele a Judd. – Não gosto de modelos. Se ela ficou perturbada, a culpa foi minha, portanto não culpe Crissy.

Judd ergueu as sobrancelhas.

— O que você tem contra ela?

— Pessoalmente, nada.

Ele fitou Cash com franca curiosidade.

— Tive de levá-la de volta para o hotel na cidade. Ela não pôde trabalhar. O assistente do diretor está furioso.

— Droga, eu realmente detesto isso por ele – disse Cash sem nenhuma inflexão de voz. Seu rosto retesou-se. – Você pode dizer a ele por mim que eu realmente não sou alcoviteiro de egos de pirralhas mimadas de nenhuma idade. – Cash levantou-se. – Crissy, vou levar você de volta à fazenda. Quero seguir aquela pista.

Ela levantou-se, presa entre a raiva de Cash e a agitação de Judd, sem nenhuma saída. Gostaria de ter ido na própria caminhonete.

— Você pode voltar comigo – disse Judd – para poupar uma viagem a Cash.

Genial, pensou ela, não vai me sobrar pulmão quando eu chegar, virarei conserva com o perfume caro que Tippy usa. Provavelmente, o veículo de Judd estaria saturado dele.

— Não me importo de levá-la – disse Cash de maneira incisiva.

Judd aproximou-se mais do homem mais velho. Não piscava os olhos. O chapéu de aba larga estava virado para baixo sobre uma sobrancelha e havia sugestão agressiva em cada linha retesada de seu corpo poderoso. Estava louco por uma briga.

Cash sabia disso e teve bom senso suficiente para não deixar a coisa tomar esse rumo.

— Está bem – disse ele, tranquilo. – Crissy, vou ligar para você na semana que vem e a levarei ao cinema no meu dia de folga.

— Ótimo – disse ela, sorrindo para ele. – Obrigada pelo lanche.

Ele encolheu os ombros.

— Foi um prazer. Te vejo, Judd.

Judd acenou com a cabeça e Cash deu a volta nele com indiferença, como se não percebesse a ameaça visível na pose de Judd.

Crissy sabia que ele estava perturbado. Imaginava que fosse pelo que Cash dissera a sua modelo. Pegou a pequena bolsa a tiracolo e pendurou-a no braço.

Ele virou-se e deu-lhe um olhar de desaprovação.

— Você podia ter mudado de roupa antes de vir para a cidade com essa aparência.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Se você não gosta da maneira como estou, então vá você mudar o gado, cavalgar pelas linhas divisórias e inspecionar os poços d'água, e tire a forragem e o esterco dos estábulos e...

Ele levantou a mão e suspirou com raiva.

— Sei que precisamos de mais homens. Não gosto que você seja um deles.

— Sou filha de fazendeiro – lembrou ela. – Não estou fazendo nada que não tenha feito desde que meu pai me pôs num cavalo pela primeira vez.

Ele procurou os enormes olhos escuros dela e notou os círculos em volta deles, as novas linhas de tensão em seu rosto.

— Eles estão dando em seus nervos, não? – perguntou.

Ela não precisava perguntar quem eram eles.

— Não pude trocar de roupa porque eles trancaram meu quarto – disse ela em tom categórico. – Eu já havia deixado o assistente de diretor maluco por ter esquecido meus livros em cima da mesa da cozinha. Tive que levá-los de volta à caminhonete até ele terminar de filmar a cena. Ele não disse coisa alguma, mas saía fumaça de seus ouvidos. A casa é minha e sou obrigada a pedir permissão para usar o banheiro. Claro que estão dando em meus nervos! – Ela recuperou lentamente o fôlego. – Mas precisamos do dinheiro. De modo que está tudo bem.

Ele virou-se e saiu. Ela o seguiu até o enorme SUV preto. Judd esperou até os dois estarem dentro do carro, colocou o cinto de segurança antes de dar a partida, e falou de novo.

— É. Nós precisamos do dinheiro – concordou ele, tranqüilo. – Odeio ficar sublinhando isso, mas é verdade. Quero que você se forme antes de começar a pegar mais trabalho. – O olhar que lançou a ela foi eloqüente. – Você devia estar indo a festas e se divertindo, como outras mulheres de sua idade, em vez de fazer os serviços mais sujos da fazenda.

— Entendo. – Ela acenou com a cabeça. – Está me encorajando a cometer adultério de modo que possa pedir pensão alimentícia quando se divorciar de mim.

Ele hesitou, depois explodiu numa risada.

— Que droga!

Ela deu um largo sorriso, olhando os campos lá fora, enquanto ele dirigia.

— Vou tratar de compensar o tempo perdido quando a coisa for legal. Enquanto isso, vou ficar batendo papo com Cash e manter a coisa em fogo lento.

— É?

Ela virou a cabeça na direção dele.

— É o quê?

— Fogo lento.

— Cash é meu amigo, Judd – disse ela. – Sei que você pensa que sou repulsivamente antiquada, mas eu fiz um juramento e vou cumpri-lo até não precisar mais.

A sobrancelha dele se contraiu. Odiava o prazer que aquela declaração lhe dava. Não devia se importar se ela tivesse encontros. Ele queria a própria liberdade. Nem mesmo Tippy a ameaçava. Mas Christabel, sim. Ela o deixava aceso por dentro. Quando estava com o humor mais sombrio, ela conseguia tirá-lo dele com um gracejo, um sorriso, com aquele seu humor esquisito. Ele

jamais conhecera alguém que o fizesse se sentir... inteiro. A idéia de perder tudo isso para outro homem o deixava intranquilo. Ele continuava sonhando com ela num penhoar vermelho...

Ele afastou a idéia. Não iria abrir essa lata de minhocas. Estava lembrando de algo que Cash dissera pouco antes de ir embora.

— Que pista Cash estava indo seguir?

— Não compreendo – disse ela com indiferença determinada. – Ele tirou um bloco de anotações, rabiscou alguma coisa e disse que tinha de seguir uma pista.

— Oh.

— Você continua não acreditando que nosso touro foi envenenado?

Judd sacudiu a cabeça e depois olhou de esguelha para ela.

— Mande Nick trabalhar naquele trevo-azedo do pasto que causou enterite. Se formos alimentar o gado com capim, então tem de ser apenas capim.

— Mandarei.

Ela ficou sentado ao seu lado sem falar, com vontade de poder conversar com ele da maneira como falava com Cash, que ele ouvisse suas idéias e não as rejeitasse como se fossem pó.

— Por que acha que ele foi envenenado? – perguntou Judd de repente.

Ela queria despejar tudo – as cercas cortadas, as novilhas prenhes que quase se perderam, o que Hob lhe dissera, o que havia dito a Cash. O touro morto de Fred Brewster. Mas não tinha nenhuma prova de verdade e não queria se ver vigiada como um gavião cada vez que saísse cavalgando sozinha a partir dali. Ela poderia investigar isso. Não era grande coisa. Além disso, racionalizou, Judd tinha o bastante na cabeça nos últimos tempos com aquele assassinato brutal e sem sentido que estava investigando. Ela sabia que ele devia ter visto a vítima. Era provável que isso o estivesse desgastando pesadamente.

— Só uma coisa que ouvi – disse ela após um minuto. – É provável que seja só conversa relacionada com os irmãos Clark. Eles não são muito queridos por aqui.

— Conte-me sobre isso – disse ele, distraído. Entrou na estrada da fazenda levantando poeira. – Eles foram demitidos de meia dúzia de empregos no ano passado. Não ficam muito tempo em lugar nenhum.

— De onde eles são? – perguntou ela, curiosa.

— Não tenho a menor idéia.

Isso era algo que ela mesma podia verificar. Brincou com o botão da janela.

— Você ainda tem aquela imitação de .45 que atira com munição calibre .22?

— Tenho. Por quê?

— Que tal dar uma limpeza nela e me conseguir algumas balas? Estou com vontade de praticar um pouco de tiro ao alvo.

— Por quê?

— Você está cheio de perguntas hoje.

— E você, escassa de respostas.

— Cash disse que me ensinaria tiro ao alvo – disse ela com a esperança de que ele não a colocasse em encrenca indo pedir a Cash para confirmar a mentira.

— Eu poderia ensinar – disse ele, mostrando indignação. – Atiro melhor do que ele.

— Sei disso, mas você tem andado tão ocupado nos últimos tempos...

Ela quase mordeu a língua ao dizer isso. Judd estava sensível em relação à investigação do assassinato. Odiava falar de negócios com ela, com qualquer pessoa, porque o que tinha de ver era muito sangrento. Não gostava de expor sua sensibilidade.

Houve uma longa pausa.

— Não estou tentando invadir sua privacidade – disse ela por sua vez. – Sei o que você está tendo ao ajudar a investigar e que odeia falar a respeito. Eu não estava me intrometendo. Li um artigo sobre como é difícil para o pessoal da lei lidar com homicídios. Sei que isso aborrece você, bem lá no fundo onde não aparece.

Ele olhou-a intensamente enquanto reduzia a velocidade para fazer uma curva. Seus olhos voltaram para a estrada.

— Você sabe demais sobre mim – disse ele de maneira inexplicável.

Crissy encolheu os ombros.

— Vivi a maior parte da minha vida perto de você.

Ele deu uma risada cínica.

— Sou obrigado a ver coisas que nenhum ser humano jamais deveria ver. Sou um homem da lei. Isso não devia me perturbar. Eu deveria ser capaz de lidar com qualquer coisa que aparece.

Ela acenou com a cabeça.

— Isso está no artigo que li – disse Crissy inesperadamente. – É por isso que é tão difícil para o pessoal da lei admitir que precisa de aconselhamento, ou mesmo conversar com alguém sobre coisas que os perturbam. Vocês são durões e isso também vale para as mulheres da polícia. Essa coisa nem devia arranhar vocês que são feitos de aço. – Ela virou-se no assento, o máximo que o cinto de segurança permitia, e encontrou seus olhos curiosos. – Mas vocês não são. Parte de vocês é muito humana, e dói olhar para pessoas que foram mortas. Isso apenas significa que vocês sentem compaixão, não que sejam fracos.

Ele parecia menos tenso. Olhava pelo pára-brisa empoeirado enquanto se aproximavam da casa da fazenda.

Ela sorriu.

— Claro que nós dois sabemos que você consegue mastigar dez pregos de um centavo – acrescentou ela com um sorriso malvado.

Ele soltou uma risada enquanto freava atrás do enorme caminhão que bloqueava permanentemente a entrada de carro e dava a volta por cima da grama.

— Não consigo fazer isso – observou ela, estremecendo ao ver a vala a menos de cinco centímetros dos pneus do lado do carona. – Sei que vou acabar caindo na vala se tentar.

— Com essa atitude, cai mesmo. – Judd parou ao lado da varanda da frente. Estava estranhamente deserto. – Por que Cash odeia modelos? – perguntou de maneira brusca.

Crissy hesitou. Mas sua lealdade a Judd era mais forte do que a lealdade a Cash.

— A madrasta dele era modelo – disse ela. – Ela desuniu a família dele.

— É duro.

Ela acenou com a cabeça.

— Ele também consegue mastigar dez pregos de um centavo – sugeriu ela.

Judd não sorriu. Estendeu a mão e puxou um cacho comprido de cabelo louro que escapara do seu coque.

— Você devia estar usando roupas bonitas e passeando no shopping.

Ela fez um muxoxo.

— Não me estereotipe.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— O quê? Achei que mulheres jovens de sua idade gostavam desse tipo de coisa.

— Gosto de touros – disse ela. – Lindos touros Salers e touros novos Herefords, e bezerros cruzados que outros fazendeiros invejariam, criados de forma orgânica.

Ele sacudiu a cabeça.

— Você também – disse ela.

Ele deu uma risada.

— Talvez eu também. – Girou o cabelo macio em volta do polegar e estudou-o. Todo seu rosto estava concentrado. Ele hesitou, mas só até ver a compaixão tranqüila na expressão dela. – A vítima tinha apenas vinte e cinco anos – disse abruptamente. – Estava grávida. Estava caída no chão, fora da estrada, no capim alto. Parecia tão sozinha, tão vulnerável, tão indefesa, caída nua lá, exceto por uma blusa rasgada. Ela foi esfaqueada repetidas vezes e mutilada como se a pessoa que fez isso odiasse sua feminilidade. Eu não teria dito ao marido como a coisa foi feia, mas a mídia relatou cada detalhe sangrento. Ele acabou sendo sedado no hospital.

Ignorando a certeza de que não deveria tocá-lo, os dedos de Crissy tocaram de forma involuntária a mão forte que segurava seu cabelo.

— Você vai pegar o cara que fez isso – disse ela com firmeza.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Cara?

— Ela foi encontrada numa vala e a cena do crime era ritualística. O cabelo dela formava um halo em volta da cabeça, estava caída com o rosto para cima e os olhos abertos, pernas e braços esticados. Havia um punhado de barro em sua boca. Todo mundo da lei disse que o assassinato tinha todos os sinais característicos de uma vingança, como se o assassino a odiasse. Poderia ser um assassino em série? A maioria dos assassinos em série é de homens brancos com idade entre vinte e trinta e cinco anos, solitários e...

— Pelo amor de Deus! – murmurou ele. – Como sabe disso?

— Cash andou me informando e li tudo sobre a cena do crime. Também gosto de ler sobre formação de perfil – disse ela. – E tem um bocado desses programas de tevê da vida real sobre como assassinatos foram resolvidos. Como conheço alguém no ramo de pegar bandidos, não faz mal conhecer um pouco.

Ele riu.

— Não tem medo de que eu chegue em casa num caixão uma noite?

Os dedos dela acariciaram a mão forte.

— Você sabe se cuidar – disse ela suavemente. – É esperto e não confia nas pessoas. – Ela suspirou. – Mas faço um bocado de orações quando está trabalhando num caso como esse.

Ele deu um sorriso terno para ela.

— Muito gentil.

Ela franziu o nariz.

— Mas só não seja alvejado, está bem? Mas, se for, seja só um pouquinho.

— Vou fazer toda força – prometeu ele.

Ela procurou devagar os olhos negros dele.

— Minha qualidade de vida diminuiria sem você. Mesmo que se case com uma modelo internacional importante.

Ambas as sobrancelhas se arquearam.

— Casar?

— Certo. Palavra feia. – Ela retirou os dedos. – Que Deus proíba você de algum dia pôr um anel que não esteja ligado a uma granada ou algo parecido. – Estendeu a mão para a maçaneta da porta.

Judd pegou-a pela nuca e puxou o rosto dela de maneira firme, porém suave, para baixo do seu.

— Já sou casado – sussurrou ele, no exato momento em que sua boca dura cobriu a dela impetuosamente por um breve momento. Soltou-a e pulou da caminhonete enquanto ela ainda se recuperava do choque.

Abriu a porta dela e desceu-a pela cintura, segurando-a diante de si durante alguns segundos de emoção contida.

— Não se envolva demais com Grier. Não ficaremos casados por muito mais tempo, mas ainda vou me sentir responsável por você. Grier é de fato um caso difícil. Tem uma história que não posso contar. Você teria mais chance em domesticar um lobo.

A parte de não ficar casado por muito mais tempo era perturbadora. Ela tentou não reagir. O que ele estava dizendo, alguma coisa sobre Grier...

— Cash é meu amigo – disse ela.

Judd respirou fundo.

— Também é meu. Mais ou menos. Só... não chegue muito perto dele. Ele não é bem o que parece.

Ela sorriu para ele.

— Está bem.

Os olhos de Judd procuraram os dela, hesitantes. Desceram para a boca de Crissy e se desviaram. Sacudiu-a, de uma maneira muito suave, antes de soltar.

— Também me preocupo com você, aqui fora só com Maude e os rapazes. Talvez não faça mal deixar que Cash lhe ensine tiro ao alvo. Ninguém sabe mais sobre armas do que ele. – Ele levantou o queixo. – Bem, exceto eu – acrescentou num tom de voz profundo e açucarado que encrespou a espinha dorsal dela como um veludo. O corpo poderoso dele retesou-se apenas de leve. – Christabel, tem certeza que não quer que eu ensine você a atirar com pistola? – acrescentou de repente.

— Não abusar de seu tempo livre, Judd – disse ela sem dizer o que queria. – Você trabalha duro demais e merece um pouco de descontração.

— Está tentando me dizer alguma coisa? – perguntou ele, curioso.

— Nada, na verdade. Exceto que sei que você gosta de passar seu tempo livre com a senhorita Moore.

Seus olhos se contraíram no rosto dela.

— Está com ciúme? – perguntou ele em um tom de voz lento e suave, como se só então houvesse pensado nisso como uma possibilidade.

Ela prendeu a respiração. Seu coração estava disparado, e ela não poderia arriscar-se a revelar o que sentia. Não queria prendê-lo numa armadilha, fazendo-o sentir-se triste por ela.

— Judd, é um casamento no papel, você mesmo disse isso. Pode fazer o que bem entender – acrescentou ela abruptamente. Não ousou acrescentar que estava investigando cercas cortadas e gado envenenado, e que Cash era a única pessoa com quem podia falar disso. – Deixe que Cash me ensine a atirar com pistola. Ele gosta de passar o tempo comigo.

Agora a pausa foi longa e acalorada. Judd não disse outra palavra. Mas respirava com tanto controle que ela sabia que ele estava furioso. Não sabia o motivo. Era óbvio que ele estava enamorado por Tippy Moore, então por que haveria de se importar se ela tivesse aulas de tiro com Cash? Talvez fosse uma coisa masculina. Havia tantos rituais masculinos que as mulheres jamais poderiam compreender bem...

— Não vou entrar – disse ele em poucas palavras. – Te vejo na semana que vem.

— Claro. Obrigada pela carona.

Crissy não olhou para trás quando subiu a varanda. Entrou direto pela porta da frente e tropeçou num cabo de energia, caindo de cabeça numa cadeira e arruinando uma cena que não percebeu que estavam filmando.

— Oh, isso é perfeito, depois da décima sexta tomada! – vociferou, furioso, o assistente de direção, Gary Mays, enquanto o astro, Rance Wayne, e dois atores sem importância na cena olhavam boquiabertos para ele. – Sua estúpida, desajeitada...!

Christabel levantou-se com a ajuda do câmara e se endireitou rapidamente. Andou batendo os pés até o assistente e encarou-o com olhos penetrantes.

— Me escute bem, seu bundão mal-humorado com vontade de ser tirano, isso aqui em que você está é minha droga de sala de estar! Há dias que venho andando aqui, pisando em ovos, tentando ficar fora do caminho e a culpa não é minha se esse lugar está cheio de fios como um campo minado com cabos elétricos! Nem havia um cartaz dizendo que vocês estavam trabalhando aqui dentro! Se você quer privacidade, faça um cartaz e use-o quando estiver filmando! E tenha uma língua civilizada nessa sua cabeça grossa quando falar comigo, está entendendo?

O assistente de diretor ofegou e ficou tropeçando em palavras enquanto os atores, o técnico de som, o câmara e a equipe de apoio riam à socapa de maneira audível.

Havia uma outra risada por trás dela, profunda, lenta e compreensiva.

— Ela é temperamental, Gary – disse Judd ao assistente. – Não dá pra tirar isso dela.

— É o que estou vendo. – Gary deu uma risada, mas sem humor. – Sinto muito, senhorita Gaines – murmurou relutante.

Ela fez um breve aceno com a cabeça.

— Está tudo bem. – Lançou um olhar curioso para Judd, porque não estava esperando que ele entrasse na casa. Não sabia que ele tinha visto sua queda e correu de volta para a porta para assegurar-se de que não estava

machucada. Agora apenas olhava para ela, com um brilho estranho nos olhos negros.

— Vamos pendurar um cartaz na próxima vez – disse Gary afastando-se.

— Você está bem? – perguntou Judd, tranquilo, aproximando-se para estudá-la.

Ela assentiu com a cabeça, lisonjeada com a preocupação dele.

— Só abalada. Bati de leve.

Ele também acenou com a cabeça. Mas a maneira como olhou para ela foi diferente. Nova. Desconhecida.

Crissy ficou pensando naquele olhar a noite inteira, sem conseguir decifrá-lo.

Tippy Moore estava furiosa e não era de dar tapinhas de leve. Na manhã seguinte, estava esperando Crissy antes de os grandes geradores serem ligados.

— Diga para aquele... aquele... policial de cidadezinha de meia-tigela que eu uso o sapato que bem entender! – rangeu ela, os olhos verdes chamejando.

Crissy arregalou os olhos.

— Como é?

— Eu sei andar com eles – continuou Tippy, imperturbável. – E a partir de agora ele não pode mais falar comigo, para sempre! Eu só estava sendo amigável, sabe lá Deus por quê!

Crissy ficou surpresa demais para responder. A outra mulher estava enfurecida.

— Eu não estava flertando com ele! – continuou Tippy Moore. – Estava tentando ser civilizada. Ele me fez sentir como alguém com sarampo! Bem, não estou interessada num tira caipira de cidade pequena, não quando posso ter o homem que quiser! Diga isso para ele!

Crissy achou curiosa a resposta da mulher para a atitude de Cash, para dizer o mínimo.

— Cash não gosta de mulheres – disse ela, tentando suavizar o golpe. Não podia dizer à modelo por que Cash reagira daquela maneira, não era problema dela.

— Ele gosta de você – foi a resposta cortante, seguida de um olhar que sinceramente gritava “*sabe Deus por quê*”.

— Sou apenas uma fazendeira – disse Crissy com voz suave. – Não me arrumo toda, não ando flertando nem o ameaçando de alguma maneira. Somos amigos.

A outra mulher ainda estava furiosa.

— Aposto como você foi mimada quando criança – murmurou ela, ausente. – Mimada e cumulada de atenção, ganhando tudo que queria. O tesourinho do papai – acrescentou em tom sarcástico.

O rosto de Crissy retesou-se.

— Ninguém é mimado numa fazenda, senhorita Moore – replicou friamente. – Não há tempo. Todo mundo carrega seu peso, do contrário todo o equipamento entra em decadência.

— Por que Judd passa tanto tempo aqui? – perguntou ela.

Crissy arqueou as sobrancelhas.

— Ele é dono da metade da fazenda. Nós dois temos de estar aqui para mantê-la em funcionamento, e o único dinheiro que entra é o que Judd ganha... e o que estamos ganhando para deixar vocês fazerem o filme aqui.

— Com que então, esse é o motivo... — murmurou Tippy devagar e, na verdade, ruborizou-se. — Eu achava que os Texas Rangers ganhavam um bocado de dinheiro. Eles são especiais.

— Mais especiais do que você imagina — disse Crissy, sentindo-se ressentida e mais do que um pouco protetora em relação ao marido. — Mas não ganham salários principescos, e é preciso um bocado para manter uma fazenda de gado.

— Por que ele não vende?

— Porque eu não tenho o dinheiro para comprar a parte dele — disse ela, categórica. — Pode não parecer muita coisa para você, mas a fazenda tem sido de minha família e da de Judd há mais de cem anos. Nenhum dos dois iria vendê-la, a não ser que estivessemos mortos de fome.

— É só um pedaço de barro com um pouco de capim em cima.

Os olhos castanhos de Crissy se estreitaram friamente.

— Coisas de família. Coisas de tradição. Questão de dever, honra e responsabilidade. O dinheiro, não — acrescentou em tom categórico e com uma rispidez na voz que foi tão inconfundível como se estivesse fazendo um longo exame afrontoso na modelo.

Tippy levantou o queixo de uma maneira arrogante.

— Você ama Judd?

— Judd é meu sócio comercial — disse Crissy.

— Ótimo. Vejo que você não está com idéias em relação a ele — acrescentou Tippy. — Tenho planos para Judd.

— Como o quê, seu criado? — perguntou Crissy, furiosa demais para escolher as palavras. — Ou você só coleciona homens enquanto sai por aí e vai somando aos presentes que ganha? Em todo caso, imagino que um homem jamais seria suficiente para uma mulher como você.

O rosto de Tippy congelou, as mãos apertaram os lados do corpo.

— Você não sabe coisa alguma sobre mim!

— E você não sabe nada sobre mim! — foi a resposta. — Nunca mais chame minha atenção por causa de Judd. Ele e eu nos conhecemos desde que eu usava sapatos de verniz. Não pense que vai me cortar da vida dele por causa de um conhecimento de poucas semanas, senhorita Moore. Judd pode ser distraído por um rosto e corpo bonito, mas ele não é burro. Ele consegue perceber a feiúra através do brilho.

Tippy prendeu a respiração. Em seguida, sorriu friamente.

— Se isso é uma competição, você já perdeu — falou Tippy num tom arrastado e suave, os olhos verdes cintilantes. — Judd fará qualquer coisa que eu quiser. O dinheiro está curto, não está? Então como ele pôde comprar isto para mim?

A modelo levantou a mão e exibiu um anel de esmeralda, que teria custado centenas, se não milhares. Crissy sentiu o estômago enjoadado. Judd não era do tipo que comprava presentes para mulheres, exceto no Natal, e era sempre alguma coisa útil e não frívola. No ano passado, dera um casaco de couro para Crissy. Para ele comprar uma coisa tão cara como aquele anel, devia estar de cabeça virada de paixão pela mulher.

Crissy não disse nenhuma outra palavra. Sentia como se o coração estivesse despedaçado. Baixou os olhos e se afastou, caminhando de volta para casa com as costas tão retas como uma seta.

Atrás dela, a mulher ruiva fez uma careta e endureceu os lindos lábios. Na verdade, Tippy estremeceu ao ver a jovem mulher se afastar com aquele orgulho visível em sua própria postura.

A filmagem na fazenda terminou em poucos dias, enquanto a equipe se mudou para a cidade por uma semana a fim de fazer algumas tomadas ali. Christabel teve a casa para si temporariamente – exceto pelo equipamento deixado no lugar que tinha de ser contornado e os enormes caminhões de onde era o equipamento.

Judd só apareceu na outra quarta-feira e, quando apareceu, estava acompanhado de Tippy. Crissy havia acabado de selar o cavalo e estava levando-o para fora do celeiro, quando eles pararam junto aos degraus. Ela arrumava um rifle emprestado no estojo pendurado no arçã da sela, usava botas, calça jeans e casaco, com um surrado chapéu preto de aba larga enfiado com firmeza na parte superior dos cabelos louros.

— Aonde está indo? – perguntou Judd enquanto ajudava Tippy a saltar do veículo. A modelo usava um vestido de seda verde que parecia simples e provavelmente custaram os olhos da cara. Comparada com Christabel, estava vestida de uma maneira majestosa. O vestido combinava com o anel de esmeralda e diamante que Judd comprara para ela. O brilho à luz do sol atingiu Crissy direto no coração.

— Vou cavalgar as linhas de cerca – disse Christabel sem nenhuma inflexão na voz. Não acrescentou que outra cerca fora cortada. Nick acabara de ligar para casa do telefone celular para contar o fato. Ele e dois rapazes de meio expediente ainda estavam lá fora, esperando por ela.

— Na metade do dia? – perguntou Judd, franzindo as sobrancelhas enquanto verificava o relógio de pulso. – Viemos almoçar com você.

— Vocês podem comer com Maude – disse ela, movendo-se para girar graciosamente para a sela. – Tenho trabalho a fazer.

— Por que não está na escola? – insistiu ele, aborrecido com sua falta de animação.

— Meu professor de matemática está com um filho doente e o de inglês cancelou a aula para ir a um enterro.

Ele notou o rifle e fechou a cara.

— Por que está carregando uma arma?

Ela juntou as rédeas nas mãos enluvadas e lançou um olhar penetrante para ele. Tippy estava parada bem ao lado dele. Perto demais.

— Sempre carrego um rifle – disse ela. – Os rapazes avistaram um lobo – mentiu.

— Não pode atirar nele – disse Judd, lacônico. – É contra a lei.

— Sei disso – replicou ela, concisa –, mas posso atirar nas patas e afugentá-lo se estiver ameaçando o gado. – Ela caprichou na expressão em seu rosto.

— Já comeu?

Meu Deus, como ele era insistente.

— Tomei o café da manhã – disse ela. – Em todo caso, em geral não almoço. Tenho que ir.

Ela virou o cavalo, sem tomar conhecimento ou mesmo olhar para Tippy, e partiu antes que ele tivesse tempo para outra pergunta.

— Não estou gostando disso – murmurou ele. – Tem alguma coisa acontecendo. Ela não é a mesma.

A modelo agarrou o braço dele e forçou um sorriso.

— Judd, eu realmente poderia comer algo – disse ela. – Venha. As adolescentes têm essas mudanças de humor. Eu tinha quando estava com a idade dela.

— Ela está com vinte anos. Quase vinte e um.

Isso foi um choque. Tippy pensava que a mulher fosse muito mais nova. Isso alterava sua percepção em relação à rival. O anel que estava usando magoara Crissy. Ela não deveria se importar, claro...

— Ainda não é muito velha – acrescentou Tippy. – Está numa idade em que pode superar as coisas com facilidade – disse ela, mais em seu benefício do que no dele. – Venha. Ofereça-me algo para comer.

Judd observava Christabel se afastar a cavalo e sentia-se vazio. Ela não o fitara nos olhos. Não sorria para ele. E por que haveria de precisar de um rifle? Na verdade, por que estaria cavalgando junto à cerca?

Queria respostas. No minuto em que levasse Tippy de volta à locação na cidade, iria arrancá-las de Christabel.

Crissy encontrou Nick e Brad, o capataz e um dos três homens de meio expediente, ajoelhados ao lado de um touro no pasto onde a nova cerca fora cortada.

Temendo o pior, ela girou para fora da sela e ajoelhou-se ao lado do touro. Era um Hereford, o melhor que ela possuía. Estava morto.

— Que droga! – praguejou.

— Sinto muito – falou Nick. – Pensei que esses touros estivessem a salvo. Eu devia saber bem.

— A culpa não é sua, Nick. Mas dessa vez vou conseguir respostas. Quero um veterinário aqui agora mesmo e que seja tirada uma amostra de sangue. Se esse touro foi envenenado como os outros, quero prova. Sairei da escola e conseguirei um emprego para pagar se for preciso.

— Vou ligar para o veterinário agora mesmo – assegurou Nick.

Ela deu um tapinha na cabeça do jovem touro e seria capaz de chorar. Tinha tantas esperanças para ele no novo programa de animais cruzados. Ele parecia tão desamparado, tão vulnerável, daquele jeito. Involuntariamente, lembrou do que Judd havia dito sobre a vítima de assassinato.

Levantou-se e foi até a cerca, examinando o lugar onde foi cortado. O método era o mesmo dos dois cortes anteriores. A mesma pessoa. Alguém estava tentando tirá-los do negócio. Tinha de ser Jack Clark. Mas como iria conseguir provar?

Nick saiu do telefone e voltou-se para ela.

— O veterinário disse que vai acabar por volta das cinco. Vai me ligar quando estiver a caminho. Devemos tirar fotos do corte na cerca – acrescentou. – Também guardei o outro arame, do jeito que você pediu. Também devia ser fotografado. E você devia contar para Judd ou, pelo menos, notificar o departamento do xerife – disse ele com firmeza. – Não é seguro para você vir cavalgando até aqui sozinha, mesmo com um rifle.

Ela sabia que ele estava com razão, mas doía admitir isso. Não que ela fosse fazer o que ele dizia.

— A partir de agora mandarei um dos rapazes cavalgar a cerca comigo – mentiu de modo convincente.

— Ótimo. – Nick andou com ela até o cavalo. – Vou conseguir um filme e usarei a câmera do alojamento para tirar fotos da carcaça.

— Judd já tem o suficiente na base dele nesse momento com a investigação que está fazendo em Victoria. Não quero que ele também se preocupe conosco.

— Ele é dono de parte da fazenda – lembrou-lhe Nick com firmeza. – Tem todo o direito de saber o que está acontecendo.

— Eu disse a ele o que estava acontecendo semanas atrás e ele não me ouviu – respondeu Crissy em poucas palavras. – Acha que estou inventando, que é uma tentativa para obter atenção. Além disso, está tão enrolado com aquela modelo ruiva que nem me escuta... – Ela engoliu em seco. – Sinto muito. Ele tem muita coisa na cabeça. Eu também.

Nick estudou-a com compaixão, mas estava preocupado, e isso ele não conseguia ocultar.

— Crissy, se ele me perguntar, vou ter que contar.

Ela encolheu os ombros.

— Faça o que tem que fazer, Nick. Mas só se ele perguntar. Fechado?

Ele sorriu.

— Fechado.

— E quero saber o que o veterinário descobrir.

— Com certeza.

Ela virou o cavalo e cavalgou de volta à fazenda. Mas, na metade do caminho, apeou debaixo de uma noqueira frondosa e sentou-se. De nenhuma maneira iria voltar para casa antes de Judd e a namorada terminarem o almoço e irem embora. Aquele começara como um dia ruim e estava ficando cada vez pior, pensou com tristeza.

CAPÍTULO 7

No momento em que Crissy chegou a casa, tirou a sela da montaria e devolveu o rifle ao vaqueiro com quem pegara emprestado, Judd e Tippy tinham ido embora.

Maude estava na cozinha, resmungando por causa da confusão de equipamentos que tinha que contornar enquanto trabalhava.

Virou-se da pia quando Crissy entrou.

— Estava escondida, não estava? Gostaria que tivesse a gentileza de me levar junto em vez de me deixar aqui.

— Foi ruim?

— Ruim! – A mulher mais velha pôs uma panela suja na lavadora de pratos. – Ela perseguiu você como a um navio em fuga. Convinceu Judd de que você está fazendo tromba porque ele está dando muita atenção a ela. Acha que você é totalmente imatura.

— Acho que ela é um pé-no-saco – disse Crissy, jogando o chapéu para o lado antes de se esparramar numa cadeira junto à mesa da cozinha. – Ele comprou um anel de esmeralda para ela. Pelo jeito dele, também tem vários diamantes.

Maude franziu as sobrancelhas.

— Comprou para ela? Com o quê? – exclamou. – Ele não tem esse dinheiro todo.

— É provável que tenha comprado com as economias dele – disse ela, angustiada. – E o que eu poderia dizer, mesmo se tivesse certeza? Não é justo que ele tenha que gastar cada centavo que ganha para manter esta fazenda funcionando!

— Oh, querida – disse Maude, fazendo uma careta. – Sinto muito. Vi o anel, mas não tinha a menor idéia... Tem *certeza* que ele comprou para ela?

— Ela disse que comprou. Não vou perguntar a ele, se é isso que você está pensando. Já estou na lista negra dele porque quis que Cash me ensinasse a atirar de pistola.

Ela hesitou.

— Ele não gosta de Cash.

— Judd diz que tem coisas no passado de Cash que não pode me contar – disse ela. – Mas não estou com planos de me casar com ele. Cash é meu amigo.

— Acho que ele gostaria de ser mais.

Crissy abriu um sorriso triste.

— Sou casada. Não que isso importe para mais alguém.

Maude fez caretas e começou a lavar os pratos. A máquina fazia um som agradável de batedeira no silêncio da cozinha.

— Ela não sabe disso.

— Que diferença faria se soubesse? – perguntou Crissy filosoficamente. – Mulheres como ela não reconhecem obstáculos. Ela pode ter o homem que quiser. Ela mesma me disse isso – acrescentou com um sorriso malvado.

— Não Cash Grier – disse Maude.

Crissy riu, mas não com sinceridade.

— Pelo menos um homem não se ilude com aquele sorriso venenoso.

Maude olhou para a mulher mais jovem, preocupada.

— Os homens vão sempre olhar para uma coisa bonita. Mas quantos homens gostariam de se casar com um rosto que todos os outros homens ambicionam? Como poderia ter certeza de que seria fiel a ele?

— Se ela o amasse, poderia ter.

Maude se ofendeu.

— Ela ama bugigangas e não consegue passar os próprios bens para notar os de uma outra pessoa. Fique de olho nela – disse Maude com firmeza. – Vai separar você de Judd da maneira que puder, e ela é vingativa.

— Para começar, Judd não me quer – disse Crissy com um suspiro. – Nunca quis. – Descontava aquele longo e lento beijo. Afinal de contas, tinha sido apenas uma questão de comparação para ela. Não foi como se ele houvesse dado seguimento. Depois lembrou-se do estranho beijo rápido no SUV, quando Judd a levava para casa depois do lanche com Cash na cidade. Ainda não compreendia. Mas, por outro lado, Judd não era o mesmo nos últimos tempos.

— Aonde foi hoje à tarde?

— Ver meu touro Hereford novo morto – foi a triste resposta. – Tenho certeza absoluta de que foi envenenado, como nosso touro Salers. A cerca estava cortada, como as outras duas.

— E não contou para Judd? – indagou Maude.

— Você sabe que ele pensaria que estou inventando – Crissy limitou-se a dizer. – Tippy Moore o ajudaria a pensar que é apenas outro pedido de atenção.

— Não se Nick apoiasse você.

— Ele diria que instiguei Nick. Não. Dessa vez, eu tenho que ter provas. Maude mordeu o lábio.

— Criança, isso está ficando muito perigoso. Não devia sair cavalgando sozinha, mesmo com uma arma.

— Você e Nick! – exclamou Crissy, irritada.

— Nós dois temos razão, e você sabe disso.

Ela soltou o ar devagar.

— Contarei a Cash Grier – disse por fim. – É a única pessoa que vai acreditar em mim sem reservas.

Maude hesitou.

— Judd é dono da metade da fazenda.

— Sei disso, Maude – disse ela. – Mas aqui é só um touro morto. Ele está investigando o assassinato de uma mulher grávida, e isso é difícil para ele.

— Devia ser, sendo ele filho de pastor – concordou Maude. – Ele era um menino sensível. Desde que cresceu, aprendeu a esconder tudo, mas é a mesma coisa. Talvez a modelo afaste a mente dele da feiúra que é obrigado a ver.

— Talvez afaste – disse Crissy de maneira evasiva. – Pode me dar comida? – disse, tristonha. – Nem tomei café da manhã.

— Claro que posso. O que quer?

— Sopa.

— Vou pegar na despensa uma lata daquela sopa de carne que eu fiz no verão passado e vou preparar um pouco de broa de milho para acompanhar – disse Maude, sorrindo.

Crissy suspirou e recostou-se na cadeira.

— Comida de consolação – murmurou para si mesma, e depois deu uma risada com o próprio humor extravagante.

Antes que Judd voltasse à fazenda para perguntar a Crissy por que o estava evitando, Leo Hart telefonou para ela com informações sobre o pai do rebanho do touro Salers dela. Disse que o sujeito de Victoria que os criava, Jack Handley, havia demitido os irmãos Clark e perdeu misteriosamente seu premiado touro Salers e os quatro touros novos que eram suas crias. Quando ouviu falar da morte do touro de Christabel, mandou fazer autópsia num dos seus, e foi encontrado veneno. Andou averiguando e descobriu um padrão de roubo de gado e represália com os Clark, que remontava a dois anos. Pelo menos quatro patrões haviam falado com ele de problemas semelhantes com os irmãos. Os Clark eram suspeitos da morte dos touros de Handley, mas tinham álibis. John estava em Jacobsville visitando o irmão, e os dois tinham uma testemunha, um sujeito chamado Gould, que jurou que estavam com ele num rodeio no momento dos envenenamentos. Na verdade, Gould trabalhava para Handley e tinha a reputação de trabalhar duro e nunca criar problema.

Ela contou isso a Cash numa de suas tardes de pescaria no lago de pesque-e-pague nos arredores da cidade. Era um hobby que ambos compartilhavam – e uma boa comida quando pescavam alguma coisa. O lago ficava aberto até o fim de outubro, e já era quase isso. As tardes eram frias, ensolaradas e agradáveis nessa época do ano.

— Leo disse que tentou falar com Judd sobre isso, mas ele estava apressado e não tinha tempo para escutar – disse ela enquanto estavam sentados com os pés pendurados no cais, observando as bóias da linha de pesca que flutuavam.

Ele olhou de soslaio para Crissy e esticou sua linha.

— Você teve algum problema?

Ela sacudiu a cabeça.

— Sei que os Clark são culpados. Só gostaria de poder provar.

— Temos uma dica sobre uma picape preta com uma listra vermelha, parecida com a que Hob Downey viu parada perto de sua cerca, em conexão com o assassinato em Victoria. Mas verificamos em cada fazenda de Jacobsville e não encontramos nenhum que fosse igual. Se foram os Clark, talvez tenham se livrado dele depois que Downey o viu.

O veterinário havia confirmado que fora usado veneno contra seu touro Hereford. Crissy disse a Cash, mas ainda não contara a Judd.

Ele procurou os olhos dela durante um longo tempo, depois voltou a olhar para o lago.

— Se envenenaram seus animais, vamos pegá-los mais cedo ou mais tarde.

— Devíamos perguntar a Hob se viu aquela picape em algum lugar depois – comentou ela. – Ele também pode ter se lembrado de alguma coisa.

— Falou com ele do último touro que foi envenenado?

— Não. O touro Hereford não era mantido num pasto perto da casa dele. Ele não poderia ter visto nada.

— Que tal darmos uma parada por lá na volta para a fazenda, a fim de conversar com ele assim mesmo?

Ela sorriu.

— Se pegarmos mais dois peixes, podemos dividir com ele. Hob adora uma frigideira de truta. Ele e meu pai costumavam pescar juntos.

— Você não fala muito de seu pai.

Ela respirou fundo.

— Quando estava sóbrio, ele era um homem maravilhoso. Mas as cicatrizes são profundas... física e emocionalmente. Às vezes dói lembrar.

Ele apenas acenou com a cabeça, mas seu rosto estava expressivo.

Meia hora depois, colocaram seus seis peixes numa caixa cheia de gelo e desceram a estrada para a pequena cabana de Hob Downey.

O surrado caminhão dele ainda estava estacionado no mesmo lugar em que Crissy o vira no dia em que foi conversar com ele. Ela franziu as sobrancelhas. Em geral, Hob ia de caminhão até a cidade para comprar no armazém pelo menos uma vez por semana. Estranho que ele houvesse estacionado exatamente no mesmo lugar. Ou isso, ou então o caminhão não havia sido mexido. E uma outra coisa era estranha. A porta da frente estava fechada, mas a porta de tela estava entreaberta. Hob sempre a mantinha

fechada, de modo que pudesse abrir a porta de madeira sem que um de seus gatos entrasse correndo a seu lado.

— Que estranho – murmurou ela quando saltaram do caminhão. – Hob nunca deixa a porta de tela aberta desse jeito...

Antes de terminar a frase, Cash, que estava mais de um metro à sua frente, experimentou a porta de madeira, viu que estava destrancada e abriu-a. Parou abruptamente e todo seu corpo enrijeceu.

— Que há de errado? – perguntou Crissy.

— Acho que é melhor você esperar aqui.

Ela desconsiderou o conselho.

— Não sou nenhuma boboca – murmurou, seguindo bem atrás dele para a porta aberta.

Havia um cheiro, um cheiro doce e nauseabundo. Crissy nunca antes o havia sentido e só dedicou um pensamento fugaz a ele quando entrou na sala de estar onde Cash se encontrava parado.

A cena que seus olhos encontraram era tão horrível que Crissy teve náuseas. Virou-se, correu de volta à varanda e botou para fora o café da manhã e o almoço, pendurada na grade da varanda como um trapo mole, enquanto lágrimas de choque, ultraje e aflição desciam em seu rosto branco.

Ausente, ouviu Cash ligar para uma ambulância, o médico-legista e um técnico em cena de crime do Departamento de Segurança Pública. Também ouviu Cash fazer uma ligação para a guarnição do Texas Ranger, temporariamente situada no gabinete do xerife de lá.

Cash tirou-a da varanda e levou-a a sua caminhonete. Abriu a porta do carona e sentou-a no estribo do veículo. Segundos depois, passou-lhe um frasco prateado.

— Não cheire isso, não pense no que possa ser. Apenas beba – disse com firmeza, segurando-lhe a boca.

Crissy tomou um longo gole, engasgou e chorou um pouco mais. Cash puxou a cabeça dela para seu peito e a manteve ali, acariciando seus cabelos, pronunciando palavras que ela realmente não ouvia.

A ambulância veio, seguida de um delegado de xerife. O médico-legista chegou cinco minutos depois. Esticaram fita amarela da polícia em volta de todo o pátio da frente e da casa.

— Por que estão fazendo isso? – perguntou Crissy.

— Porque, até poderem realizar uma autópsia, toda morte suspeita está aberta à classificação – disse ele, tranquilo. – Hob pode ter tido um ataque do coração ou um derrame, mas também pode ser homicídio. Havia um pé-de-cabra ao lado do corpo e o osso hióide da garganta estava quebrado – acrescentou em tom profissional. – Vão examinar a casa detalhadamente com fita para impressão digital e documentar cada pista que puderem colher, até impressões digitais, pegadas e indícios de pista nas roupas dele.

Ela fitou-o pasmada.

— Quem mataria o pobre e velho Hob? – admirou-se ela.

Ele segurou a mão dela na sua.

— Ele viu uma picape e dois suspeitos junto à sua cerca – lembrou Cash.

— Oh, pelo amor de Deus, era apenas uma cerca cortada, eles nem roubaram nada – exclamou ela. – Ninguém poderia provar quem foi e, mesmo assim, não é assassinato ou algo parecido!

Cash não disse nada. Seus olhos estavam voltados para a casa que fervia de atividade. Um minuto depois, deixou-a e foi conversar com o médico.

Algun tempo depois, Judd chegou em seu SUV, junto com os técnicos em cena do crime em sua caminhonete.

Cash foi ao encontro deles. Judd olhou de soslaio para a caminhonete em que Christabel estava sentada e hesitou, mas Cash fez sinal para que ele subisse à varanda. Entraram na casa com o resto dos homens da lei e o pessoal médico e demoraram-se vários minutos até que saíssem de novo.

Christabel havia tomado três longos goles de conhaque da garrafa de Cash. A bebida equilibrou-a, mas ela não achava que pudesse voltar a fechar os olhos novamente sem ver o que sobrara do pobre e velho Hob Downey. Era evidente que já estava morto havia muito tempo, considerando-se o estado do corpo. Ela mal o reconhecera na hora.

— Christabel.

Ela ouviu a voz profunda de Judd como saindo de uma névoa. Ele virou o rosto branco de Crissy para os seus olhos preocupados e estudou-a.

— Choque – disse para Cash, sombriamente. – Nunca tinha visto algo assim. Vou levá-la ao hospital e pedir ao médico-residente para examiná-la.

— Você não vai – disse ela com voz rouca. – Estou bem.

Judd estremeceu.

— Você jamais devia ter sido exposta a essa cena – disse ele de maneira pouco amável e fitou Cash.

— Ele tentou me impedir – disse ela, defendendo o homem mais velho. – Não dei ouvidos. – Ela pôs-se de pé, um pouco insegura, e entregou a garrafa a Cash. Respirou titubeante.

— O que tem aí? – perguntou Judd, indicando o frasco.

— Suco de laranja – disse ela com firmeza. – Não pode ser conhaque, porque sou menor de idade, e Cash não iria violar a lei por minha causa.

Judd sabia que Cash violara, mas as circunstâncias eram extremas. Não era hora de se preocupar com ninharias.

— Está bem, Cash, leve-a para casa. Não posso sair daqui enquanto os caras do laboratório da polícia não terminarem. – Estava com cara de que o fato de deixá-la ir com Cash o estivesse matando.

Christabel olhou fixo para ele.

— É um homicídio, não é? – perguntou num tom de voz abafado. – Você acha que alguém o matou!

Os olhos dele se estreitaram.

— Estou mandando verificar todas as possibilidades. – Trocou um longo olhar com Cash. – Depois que a prova é perdida, ela jamais pode ser recuperada. Tire-a daqui, Cash.

Crissy começou a discutir, e Cash hesitou. Judd passou por trás de Cash, levantou-a suavemente e colocou-a de volta na picape, prendendo-a no assento. Ela pôde sentir o calor do corpo dele com a proximidade. Sentiu-se segura. Queria subir nos braços dele e agarrar-se com força. Então lembrou-se do anel que ele dera a Tippy. Nunca lhe dera algo tão pessoal. Jamais daria. O suspiro de Crissy saiu audível.

Judd viu a expressão no rosto dela e franziu as sobrancelhas, curioso. Suas enormes mãos seguravam os braços dela com firmeza.

— Fique com Maude até eu chegar lá, querida – disse ele num tom de voz terno que a fez querer chorar. – Não saia de casa e tente não pensar no que viu.

Crissy sentiu a dor até o fundo da alma.

— Você é obrigado a ver coisas como essa o tempo todo, não? – perguntou.

Ele acenou com a cabeça lentamente.

A mão dela foi até a boca dura de Judd e pressionou-a com suavidade.

— Sinto muito – sussurrou. Sua voz sumiu, e ela mordeu o lábio, tentando se equilibrar.

O peito de Judd subia e descia pesadamente.

— Eu também. – Levou a palma da mão de Crissy até a boca e beijou-a avidamente. – Eu cortaria meu braço para impedir que você visse aquilo! – Ele rangeu os dentes.

— Está tudo bem – disse ela com voz rouca, conseguindo sorrir. – Posso lidar com isso. Apenas trate de sair e pegar o cara que fez isso, está bem?

Ele respirou fundo. Crissy tinha coragem. Ele respondeu com um sorriso.

— Você é uma camarada durona, Christabel Gaines – murmurou Judd. – Está bem, tigresa. Vou pegar o bandido. Vá para casa!

Ela abriu um sorriso forçado, apesar da palidez.

— Está bem, chefe!

Ele sorriu um sorriso sombrio.

— Vejo você mais tarde.

Virou-se sem dizer outra palavra e subiu de volta à varanda da casa.

Cash entrou ao seu lado e colocou o cinto de segurança, com um rápido olhar de soslaio para o rosto dela.

— Você tem coragem, Crissy Gaines – disse ele com orgulho. – A maioria das outras mulheres teria gritado ou desmaiado. Você só vomitou.

Ela conseguiu dar um sorriso pálido.

— Aposto como você nunca vomitou.

— Você perderia. – Cash ligou o motor e saiu para a estrada. – O primeiro homicídio em que trabalhei foi numa casa trancada no verão. Havia três vítimas... um duplo homicídio e um suicídio, e fazia uma semana que as vítimas estavam lá. Na verdade, eu desmaiei. – Ele deu-lhe um sorriso afetuoso. – Você não consegue imaginar como foi ter de ir trabalhar no dia seguinte.

— Também posso imaginar. Apreendi com Judd que os tiras têm um senso de humor esquisito no trabalho.

Ele deu uma risada.

— Têm mesmo. Encontrei um esquilo morto em meu armário, um esquilo morto na mala de meu carro patrulha, um esquilo morto pendurado na maçaneta da porta de meu apartamento quando cheguei em casa... Desnecessário dizer que nunca mais deixei que vissem fraqueza de novo.

— Também não deixarei – disse ela com firmeza, envolvendo o peito dele com os braços. – A primeira vez sempre é a mais difícil, não é, com qualquer coisa?

— É. – Ele lançou um rápido olhar para ela. – Mas dá para agüentar. Pode-se agüentar muita coisa. Basta ficar acostumado.

Ela recostou a cabeça de volta no assento.

— Você acha que Hob foi morto, não acha, Cash?

Ele ficou quieto por um instante.

— Não acho coisa alguma no momento. Como Judd disse, queremos fazer um trabalho de investigação completo, por precaução. — Olhou de soslaio para ela. — Mas por enquanto você não vai cavalgar sozinha pelas cercas, mesmo carregando uma arma.

Ela acenou com a cabeça. Não encontrou os olhos dele. Judd a teria feito prometer. Cash não a conhecia bem o bastante.

— Sentindo-se melhor? — perguntou ele.

— Estou. Estava pensando nos médicos-legistas — mentiu. — O melhor amigo de Judd, Marc Brannon, está sempre brincando em relação a uma das assistentes de legista lá de San Antonio, uma técnica em cena do crime chamada Alice Jones, que tem um senso de humor bastante esquisito.

— A velha Alice-estocada-no-fígado-dele. — Cash deu uma risada. — Todo mundo a conhece. É uma lenda local.

— Como é que se vê em coisas assim, dia após dia, ano após ano? — quis saber ela.

— Vem com a descrição do emprego. Você tenta pensar na vítima, não em como reage ao olhar para ela ou ele. Pensa em descobrir e prender o autor, para que não possa fazer de novo. Se tiver sorte, não é obrigado a ver coisas assim com muita frequência. — Ele suspirou. — Mas alguns caras não conseguem lidar, em especial aqueles que são os mais afetados e se recusam a admitir que a coisa o incomoda. Pensam que deviam estar acima dos melindres em relação à qualquer coisa do trabalho. Policiais assim... e policiais que se envolvem em tiroteios fatais... às vezes não conseguem lidar com a coisa. Uma boa quantidade deles sai do emprego depois. Outros se tornam alcoólatras ou suicidas.

Ela acenou com a cabeça. Judd também lhe dissera tudo isso. Ela levantou a vista para Cash.

— Você não bebe.

Ele encolheu os ombros.

— Ocasionalmente. Nunca o bastante para perder o controle.

— Judd também não.

Ele sorriu devagar.

— Judd é um desses casos difíceis que não consegue admitir fraqueza. Nunca matou um homem. Na verdade, acho que nunca teve que atirar em alguém.

— Ele atirou na perna de um sujeito que estava tentando esfaquear outro policial, quando estava no departamento de Jacobsville. O sujeito sobreviveu e nem ficou manco depois.

— Sorte de Judd.

Ela estudou o rosto duro à sua frente.

— Você já matou homens.

Todo o corpo de Cash enrijeceu. Ele não olhou para ela.

Ela quis dizer outra coisa, algo consolador. Mas ele parecia pedra. Crissy mexeu-se inquieta, embaraçada por ter dito algo tão gritantemente pessoal. Seus olhos voltaram-se para a paisagem que estava passando lá fora.

— Hob não tem família.

— O condado assumirá as despesas do enterro, tenho certeza — disse ele após um minuto. — Pelo menos, vai ter um enterro decente.

— Pobre velho. Ele não possuía muita coisa. Acha mesmo que alguém o mataria só porque ele os viu cortarem a cerca?

— Não sei. Mas não importa, pelo menos morreu rápido. Não demorou. Ela suspirou.

— Espero que sim. Espero mesmo.

Judd parou na casa no caminho de volta a Victoria. Christabel estava na cozinha com Maude, sorrindo e ajudando a fazer pão e torta.

— Estou bem – assegurou ela. – Não precisa se preocupar comigo.

Ele hesitou, os olhos negros fechando-se no rosto dela. Crissy ainda estava um pouco pálida.

— Quando foi a última vez que viu Hob?

— Mais ou menos há uma semana – disse ela, e depois lembrou-se por que não podia contar a ele o que foi discutido na varanda da frente de Hob.

— Ele estava bem?

— Como sempre – disse ela, lançando um olhar penetrante a Maude, que estava prestes a dizer alguma coisa. – Eu até disse a Maude que ele parecia melhor do que nunca, não foi, Maude? – acrescentou de modo incisivo.

Maude fez uma careta.

— É, disse. Pobre sujeito. Era uma alma gentil.

— Se você está bem, vou voltar para o trabalho – disse ele a Christabel.

– Ainda parece abalada.

Ela conseguiu sorrir para ele.

— Aquilo abalaria qualquer um.

— É provável que sim. Fique por perto da casa por algum tempo. Deixe que Nick e os rapazes saiam para cavalgar.

— Como quiser, Judd – concordou alegremente.

Ele olhou fixo para ela durante um longo tempo.

— Estou falando sério. – Seus olhos se estreitaram com ar pensativo. – Prometa – acrescentou de forma deliberada.

Crissy pensou durante um minuto.

— Prometo que vou ficar por perto da casa.

— Está bem.

Judd lançou-lhe um último olhar, fez um aceno de cabeça para Maude e saiu pela porta dos fundos.

— Mentirosa – resmungou Maude.

— Algumas das linhas da cerca *ficam* perto da casa – disse ela. – Além disso, terei de mandar Nick e os rapazes saírem à procura de outras aberturas. Estamos com falta de empregados desde que Larry pediu demissão e Bobby voltou para a escola em meio expediente. Vou contar a Cash – prometeu.

— Se Judd descobre... – gemeu Maude.

Dois dias depois, Crissy cavalgou até o pasto onde haviam colocado um dos quatro touros Hereford restantes. Os touros foram separados com a esperança de que isso impedisse algum outro envenenamento. Levava de novo o rifle emprestado, além do telefone celular de Cash num estojo do cinto. Ele a obrigara a levar e dissera a Nick que ficasse perto dela na fazenda. Nick não conseguiria mais coisas com ela do que Cash. E dessa vez, ela quase pagou o preço.

No exato momento em que Crissy passava por um enorme carvalho perto da cerca, um homem surgiu em seu caminho.

Crissy tinha bons reflexos. Assim que ele se posicionou, ela já havia tirado o rifle do estojo e destravado. Não apontou a arma para ele, mas colocou-a deitada nas pernas da calça jeans e seus olhos diziam que atiraria, se recebesse a menor provocação.

— Vai atirar em mim, dona-chefe? – Jack Clark falava arrastando as palavras, os olhos apertados enquanto a fitava na trilha de terra.

— No segundo em que fizer um movimento em minha direção. – Ela acenou com a cabeça, sem piscar os olhos.

— Vi você vindo nesta direção pela estrada – disse ele, apontando para a estrada que ficava a poucas dezenas de metros de distância. – Quero que pare de espalhar boatos sobre mim em Jacobsville – acrescentou em um tom frio. – Não roubei nada de você. Comprei um par de botas, porque rasguei as minhas, quando estava cuidando do feno com aquele trator velho que você usa. Você me devia aquelas botas!

— E se você viesse até nós e nos pedisse, teríamos substituído as botas – disse ela, sentindo-se assustada e enjoada, mas determinada a não deixar transparecer. Sua mão apertou o rifle. – Você não fez isso. Comprou o par mais caro que pôde encontrar e mandou cobrar da fazenda.

— Não é motivo para demitir um homem sem escutá-lo.

Ele estava lançando um olhar que gelou o sangue de Crissy. Era o mesmo olhar que dava quando trabalhou, por um breve tempo, para ela e Judd até ir embora, no começo de setembro. Ele gostava de mulheres, mas nenhuma delas perderia tempo com ele. Tinha dentes estragados e uma atitude feia – sem mencionar a maneira vulgar de falar com as mulheres. Era um homem rústico, com feições brutas e cabelos que rareavam, magro e de aparência desprezível. As roupas estavam sempre amarrotadas, e os cabelos pareciam nunca ter sido lavados. Era a pessoa mais repulsiva que ela já havia visto. Estava usando uma camisa de flanela em tons desagradáveis de preto, verde e amarelo, que parecia quase tão repulsiva quanto ele.

— Já disse o que queria – disse ela em tom categórico. Levantou a arma, apertou o número de Cash que já estava na memória do telefone celular e baixou os olhos para ele com fria deliberação. – Você está invadindo. Quero que saia de minha terra. Agora. Acabei de discar o número do assistente-chefe de polícia neste telefone. Só preciso apertar uma tecla e ele saberá onde estou e por que estou ligando.

Ele hesitou, avaliando a distância entre os dois. Mesmo que ela pudesse completar a ligação, a resposta não viria de imediato. Os punhos de Clark se fecharam nos lados do corpo e ele começou a sorrir de uma maneira especulativa. Deu um rápido passo à frente.

Nessa fração de segundo, Crissy levava o rifle ao ombro e olhava cano abaixo.

— A trava de segurança está desengatilhada – disse ela, calma. – É a sua vez de jogar.

Ele parou de repente, quando ela levantou o rifle. Hesitou novamente como se medisse a distância uma segunda vez e ponderasse com que rapidez ela atiraria. Mas um olhar nos olhos dela lhe disse o que faria se ele se movesse outra vez.

Ele mudou a postura ameaçadora.

— Não tem nenhuma necessidade de tentar atirar num homem que faz uma pergunta civilizada! – disse ele com raiva.

— Meu braço está ficando cansado – disse ela em tom incisivo.

Ele praguejou uma palavra brusca e vulgar acompanhada pelo olhar de esquelha mais desagradável que Crissy já havia visto.

— Não valeria a pena, ainda por cima. Você é mais menino do que moça, mesmo sendo loura. Prefiro ter alguma coisa bonita!

— Sorte a sua! – murmurou ela.

— Já tive uma linda mulher loura um dia! – lançou ele de volta e depois ruborizou. Girou nos calcanhares e voltou batendo os pés, atravessando a área com bosque em direção à estrada. – Você vai pagar, sua putinha! – berrou de volta para ela. – Vai pagar caro! Farei você se arrepender de ter aberto a boca!

As mãos de Crissy estavam trêmulas quando ela descansou o rifle. Ouviu um motor acelerar e vislumbrou de relance uma velha picape amassada quando Clark passou pelo caminho em que ela cavalgava, sem tirar o dedo da buzina de forma beligerante enquanto se afastava. Definitivamente, notou ela, tampouco era uma picape preta com listra vermelha.

Crissy soltou a respiração que estava prendendo. Afastou o rifle e cavalgou rápido de volta para casa. Não ficou surpresa ao descobrir que o coração batia na garganta como um tambor.

Queria pedir conselho a Maude. Foram alguns minutos assustadores, e não sabia ao certo o que fazer em seguida.

Mas Maude não estava em casa quando ela chegou. Fez uma xícara de café e decidiu que, dessa vez, não poderia tratar das coisas sozinha. Soltou o telefone celular de Cash do cinto. Discou o número do gabinete de Cash e, como não tocou do outro lado, percebeu que esquecera de apertar o botão *send*. Apertou-o com raiva, e esperou que alguém atendesse.

O próprio Cash atendeu.

— Cash, você poderia vir até aqui por alguns minutos? – perguntou ela num tom de voz espectral.

— Você está bem? – perguntou ele de imediato.

— Estou. Jack Clark esteve aqui. Fui obrigada a ameaçar atirar nele.

Houve uma hesitação.

— Entendo – disse ele após um minuto. – Ele está aqui em meu gabinete, apresentando uma queixa. Diz que você apontou um rifle para ele sem nenhum motivo. Quer que seja presa.

CAPÍTULO 8

Crissy ficou sem saber o que dizer, o que fazer. Teve visões de estar sendo presa e trancafiada. Isso não pagaria o dia de Jack Clark?, refletiu, infeliz.

Respirou para se acalmar.

— Quer que eu vá até a cidade para me entregar? – perguntou, apenas de brincadeira.

A voz de Cash saiu fria.

— Não quero. Eu trato disso. Vejo você dentro de uns minutos.

Ele desligou. Crissy olhou à sua volta para a confusão de equipamentos que a equipe de filmagem deixara no lugar esperando seu retorno e se sentiu desesperada. Judd ia ser absorvido pela modelo famosa. A fazenda iria afundar por falta de capital operacional e criação de touros. Ela iria para a cadeia. Riu quase histericamente e se perguntou se não poderia vender a própria história para o produtor. Seria um filme muito mais excitante do que a comédia romântica dele.

Cash parecia alinhado quando entrou na sala de estar. Estava de uniforme, bonito, e não havia sido nem um pouco afetado pela visita de Clark.

Por outro lado, Crissy estava preocupada e pálida.

— Quer me algemar? – perguntou.

Ele deu uma risada.

— Não. Quero café.

Ela foi até a cozinha, deixando que ele a seguisse.

— Não estou presa?

— Não. – Ele sentou-se e ficou esperando que ela servisse café em duas canecas. – Você esqueceu? Está seis quilômetros fora da cidade. Não tenho jurisdição aqui. Clark também sabe disso. Ele só queria deixar você abalada, e sabia que eu e você somos amigos.

— Ele não vai deixar pra lá – disse ela, preocupada, enquanto se sentava ao seu lado.

Cash segurou os dedos frios dela com os seus.

— Eu disse a ele que qualquer mulher sozinha, diante de um homem ameaçador, tinha o direito de se defender. Além disso, ele estava invadindo terra particular sem permissão. Ele estava errado. Não se arriscou sem necessidade.

Crissy suspirou, aliviada.

— Aposto como ele não gostou disso.

Cash estudou o rosto dela calmamente.

— Você está mesmo assustada com ele.

Ela acenou com a cabeça.

— Ele é vulgar e ofensivo. Tentava me agarrar de modo espalhafatoso quando trabalhava aqui.

— Você contou a Judd?

Ela girou a caneca nas mãos.

— Era o mesmo que ficar levando mexericos – disse ela. – Eu achava que podia tratar da coisa. Falei a Clark que não gostava de gracinhas comigo e que ele iria perder o emprego se continuasse.

— Deu certo?

— Não sei, porque isso foi um pouco antes de ele colocar aquelas botas caras em nossa conta e nós o demitirmos.

— Ele tem um histórico.

Ela olhou fixo para ele.

— De que tipo?

— Investida sexual e espancamento numa adolescente muito nova, quando ele tinha vinte e poucos anos – explicou Cash. – A menina quase morreu por causa dos ferimentos. Ela denunciou-o à polícia e testemunhou contra ele. Clark pegou seis anos.

— O que aconteceu com a menina? – perguntou Crissy, curiosa.

— A família trocou de nome e mudou-se. Ninguém sabe para onde foram.

— E quanto ao irmão dele, John? – quis saber.

— John nunca fez coisa alguma para ser condenado. Foi acusado uma ou duas vezes de ter envenenado gado, mas não há nenhum histórico de que algum dia tenha machucado um ser humano. Desde que Jack saiu da prisão, tem havido acusações, mas nenhuma prisão de algum deles.

Crissy sentiu calafrios descerem pela espinha. Suas mãos estavam geladas em torno da caneca quente.

— Judd conseguiu a tal arma pequena para você?

Crissy piscou os olhos. Sua mente estava em outro lugar.

— Trouxe até aqui e deixou com Maude.

— Pegue-a. Uma pistola é uma arma muito melhor a curta distância do que um rifle.

Ela pegou o estojo no qual a arma estava debaixo da pia da cozinha e colocou-a em cima da mesa.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Bem, não é exatamente o primeiro lugar onde um ladrão procuraria uma arma – defendeu-se ela.

Ele deu uma risada. Abriu o estojo e tirou o revólver. Tinha a forma parecida de uma antiga Colt .45, mas atirava com balas de rifle longo calibre .22. Havia uma caixa de projéteis no estojo com a pistola.

— Está bem, vamos.

— Aonde? – perguntou ela, levantando-se.

— Para o estande de tiro. No final do dia, você saberá manejar essa pistola e eu me sentirei melhor com o fato de você e Maude estarem aqui fora sozinhas.

— Irei, mas não estaremos muito sozinhas depois do domingo. O pessoal do cinema está voltando – disse ela com um suspiro.

— Ficarei contente em tê-los aqui – disse ele em tom solene. – Não é provável que Clark venha atrás de você com um bando de pessoas a postos.

— Espero que não. – Ela acompanhou-o para fora pela varanda da frente. – Vai contar a Judd?

— Sou obrigado – disse ele, lacônico.

— Mas...

Ele virou-se, os olhos escuros sérios e preocupados.

— O laboratório da polícia do estado teve um relatório preliminar sobre Hob Downey. Ele foi atingido na garganta com um objeto duro, provavelmente a ferramenta de pneu que encontramos por perto.

Crissy sentiu o sangue escoar de seu rosto.

— Não posso acreditar que Hob foi morto só porque viu quando minha cerca foi cortada.

Ele ajudou-a a entrar no lado do carona da caminhonete.

— É mais complicado do que isso.

— E quanto a Jack Clark? – pressionou. – Ele é o suspeito mais provável, não é?

— É. Mas tem um álibi consistente para a hora aproximada da morte de Downey. Na verdade, tem um álibi consistente para o dia inteiro.

Ela esperou. Cash entrou e colocou o cinto de segurança.

— Estava com uma residente local muito conhecida em Victoria, uma vereadora da cidade.

— Ela é uma testemunha confiável?

— Infelizmente, é. Ela disse aos investigadores que Clark passou no gabinete dela e a convidou para almoçar. Disse que queria conversar com ela sobre a compra de terras... Ele é do ramo imobiliário. Ela o levou a duas propriedades diferentes. É estranho, mas não é ilegal. De modo que Jack Clark não é suspeito – disse ele pesadamente. – Mas não se preocupe. Vamos encontrar a pessoa que matou o velho Hob.

— E quanto ao irmão dele, John? – perguntou. – Ele tem algum álibi?

— Estava com um colega daquela fazenda de Victoria onde trabalha.

— Não posso acreditar que Clark tentou fazer com que eu fosse presa – disse ela, esfregando os braços.

— Você precisa de um suéter – disse ele ao notar sua camisa de cambraia de mangas longas por cima de uma camiseta.

— Não estou com frio. É de pensar no que podia ter acontecido se eu não estivesse com o rifle.

— Hoje vou ensinar você a atirar com uma pistola – disse ele, pegando a estrada. – Será mais fácil de usar com um atacante potencial do que algo como um rifle que ele poderia arrancar de sua mão. Isso vai ajudar a curto prazo. Mas ainda temos de contar a Judd sobre o que está acontecendo.

— Por quê? – perguntou ela, preocupada. – A equipe de filmagem estará aqui. Você mesmo disse que não vai acontecer nada com tanta gente por perto.

Ele olhou de soslaio para ela.

— Judd tem o direito de saber.

— Eu não vou contar a ele – disse Crissy, teimosa. – E fim de papo.

Cash não respondeu. Os dois foram para o estande de tiro da polícia e ela passou duas horas apertando o gatilho. Crissy parecia natural com uma pistola. Conseguiu acertar todos os tiros dentro do tamanho aproximado do tórax de um homem. Mas a idéia de atirar de verdade num ser humano a deixava com o estômago embrulhado.

— É por isso que está aprendendo a atirar de maneira apropriada – disse Cash. – Vai poder colocar os tiros.

— E se eu errar?

Ele virou-se para ela.

— E se nem sequer atirar?

Ela pensou em Clark e na maneira como olharia para ela, nas coisas que lhe diria. Crissy engoliu seu orgulho.

— Está bem. Vamos tentar de novo.

Suas mãos estavam machucadas quando terminaram, mas ela se sentia mais confiante. Cash prometeu levá-la pelo menos uma vez por semana ao estande de tiro para ela continuar o treinamento. Crissy esqueceu que ele não havia prometido não contar a Judd o que estava acontecendo.

A equipe de filmagem voltou, e com ela o caos de novo. Uma tarde Judd se aproximou dela por trás no exato momento em que Crissy saía da caminhonete depois da aula. Ele não estava sorrindo, e seus olhos negros estavam homicidas.

Ela olhou fixo para ele com resignação.

— Cash lhe contou.

— Ele me contou. Algo que você devia ter feito há muito tempo! – Ele rangeu os dentes. – Metade desta fazenda é minha. Tenho o direito de saber se ela está em perigo... se você corre perigo!

— Não corro. Sei atirar com uma arma...

— Clark estava aqui na propriedade e você só ficou sabendo disso na hora em que ele surgiu na sua frente – atalhou ele, furioso. – E se ele também tivesse uma arma?

— Ele não tinha.

— Isso não vem ao caso. Você devia ter me contado!

— Você não acreditaria! – esbravejou Crissy em resposta. Agora seus olhos escuros também chamejavam, os cabelos louros estavam desalinhados com o vento. – Você não quis acreditar quando lhe contei que o touro havia sido envenenado. Disse que eu estava com ciúme da atenção que você dava para a equipe de filmagem! E agora realmente teria uma razão para me acusar de estar mentindo, poderia dizer que eu estava com ciúme de sua modelo namorada!

Ele respirou devagar.

— Eu acreditaria numa análise de sangue feita por um veterinário – disse ele.

— Claro, desde que não exigissem que você acreditasse em alguma coisa que eu lhe dissesse.

— Cash sabia de tudo. – Ele falou como se isso fosse uma acusação.

— É, ele sabia. Ele não está suspirando por Tippy Moore e aceitaria minha palavra a qualquer momento, por qualquer coisa! – acrescentou Crissy de pura maldade.

Os olhos de Judd se estreitaram perigosamente e ele se enrijeceu.

— Tippy não é problema seu. Ela não tem coisa alguma a ver com a fazenda.

Crissy quis perguntar se ele tinha certeza disso, quando gastava um dinheiro que não tinha para comprar uma jóia cara para ela. Mas não perguntou.

Lançou-lhe um olhar feroz antes de se afastar.

— Clark não vai se aproximar furtivamente de mim outra vez.

— Isso não basta. Maude não está sempre aqui, e todos os dias você se afasta da fazenda quando vai para a escola.

— Cash me deu o telefone celular dele – disse ela, tirando-o do bolso para mostrar. – Posso ligar a qualquer momento que ele vem.

Era difícil avaliar a expressão do rosto de Judd. Ele removeu qualquer expressão enquanto ela tentava compreendê-la.

— A partir de agora, trate de levar um dos rapazes com você quando for cavalgar nas cercas, e leve a arma que ele está ensinando a atirar.

Ela parou e virou-se.

— Que rapaz devo levar junto? Com exceção de Nick, só nos restaram três, todos de meio expediente – disse ela em tom categórico. – A economia está se tornando uma religião por aqui. Quando eu terminar esse período – acrescentou –, vou sair da escola e conseguir um emprego. Estou cansada de usar as mesmas calças jeans há três anos e não ter dinheiro para comprar um vestido que seja!

Os ossos salientes do rosto dele estavam avermelhados. Ele não disse uma palavra, mas Crissy soube que ele compreendeu o que ela dissera. Judd não achava que ela soubesse do anel. Mas sabia que ela economizava em todas as partes, ao passo que ele gastava suas economias para comprar anéis caros para sua nova garota.

— Uma educação é... – começou ele.

— Um luxo nessas circunstâncias – devolveu ela, afastando-se. – Do jeito que estou me sentindo neste momento, podíamos pôr a fazenda à venda e esquecer de tentar equilibrar o orçamento para sempre! Estou farta de ficar lutando o tempo todo.

Crissy entrou na casa com uma fúria melancólica. Tippy Moore abriu a boca para falar e fechou-a no mesmo instante ao ver os olhos escuros furiosos de Christabel. Tinha ouvido o que fora falado do lado de fora e queria saber mais. Mas Christabel foi para o quarto e fechou a porta. Judd entrou no SUV e partiu em disparada sem entrar na casa. Maude, presa entre eles, apenas suspirou e fez mais café. Não precisava, mas Maude tinha de ter alguma coisa para fazer.

Claro que Crissy não poderia ficar em seu quarto para sempre. Ela saiu para o jantar. Para sua surpresa, a equipe de filmagem ainda estava por lá, mas prestes a ir embora.

Tippy Moore deu-lhe um olhar estranho, um olhar que abrangia a idade e o uso de calça jeans e da blusa de Crissy, bem como a pintura descascada dos painéis da porta, os pontos amarelados do teto do corredor, que indicavam uma infiltração.

— Deseja alguma coisa, senhorita Moore? – perguntou Crissy em poucas palavras.

Tippy suspirou.

— Não percebi como as coisas estavam difíceis para você aqui – começou ela.

— Minha fazenda não é problema seu – rebateu Crissy concisamente.

— No entanto em pouco tempo pode ser – foi a resposta lenta. Para uma boa medida, Tippy virou o anel de esmeralda e diamante. Estava com ele no dedo de noivado.

Crissy sentiu-se toda perturbada. Com que então Judd estava pensando em casar. Bem, seria bom ele conseguir a anulação primeiro, pensou com humor negro.

— Sua equipe está indo embora – avisou Crissy à modelo.

— Oh, em geral Judd me leva de volta à cidade – devolveu ela, a voz saindo quase como um ronronar.

Enquanto ela falava, Crissy ouviu o barulho familiar do motor do SUV de Judd. Não disse mais nada. Entrou na cozinha e ocupou-se ajudando Maude a preparar as batatas, de modo que não fosse obrigada a ver Judd outra vez.

Tippy saiu para cumprimentar Judd, colhendo os braços dele com as mãos perfeitamente tratadas.

— Eu me perguntava se você estava voltando. A senhorita Gaines passou a tarde inteira no quarto dela, fazendo beicinho depois da discussão que tiveram – disse ela alegremente. – Meu Deus, ela é imatura de dar medo, não é?

Ele hesitou, mas apenas por um segundo. Saiu com Tippy, entrou no veículo com ela e foi embora.

Depois disso, as visitas de Judd coincidiam com as horas de Crissy na escola, e ele conhecia muito bem os horários dela. Era a segunda semana de novembro. O aniversário dela era na sexta-feira. Em todos aqueles anos em que ela e Judd haviam sido casados, ele fazia questão de levá-la para comer fora no aniversário dela e lhe dar um presente pequeno – em geral algo prático, como um programa para o computador ou um CD que ela quisesse.

Haviam discutido, mas ela não esperava que ele esquecesse, mesmo naquelas circunstâncias. Crissy havia reservado um pouco de dinheiro para alguma emergência, mas nesse momento pegou-o e foi à loja de departamentos local. Se Judd podia comprar anéis de diamante e esmeralda para a namorada, Crissy tinha o direito a um vestido novo em dois anos. Comprou um vestido azul suave que, da cintura apertada de corte baixo, caía em dobras graciosas até os tornozelos. Tinha mangas folgadas e havia uma enorme echarpe delicada que combinava com ele. Usaria o cabelo para baixo, pensou, e o arrumaria em cachos, de modo que ficaria perfeito para sua única noite de saída ao ano com Judd.

Mas na sexta-feira, ela não tinha recebido nenhuma notícia dele. Na verdade, ela fez questão de dar o fora da aula nesse dia na hora do almoço, de modo que tivesse a oportunidade de lembrar a Judd que era seu aniversário – só para a eventualidade de ele ter esquecido. Mas ele não foi na sexta. De fato, Tippy Moore tampouco apareceu para trabalhar.

Era coincidência demais para Crissy. Com uma preocupada Maude parada por perto, ela foi direto a Gary Mays, o assistente de diretor, e perguntou à queima-roupa onde Tippy estava.

— Está em Victoria hoje, com Judd – disse ele com sarcasmo superficialmente velado. — Estão dando uma festa de aposentadoria para um dos oficiais locais, e Tippy se apresentou como voluntária para ir com Judd. Os solteiros do departamento estão dando cambalhotas, foi a última coisa que ouvi – acrescentou. — Tippy disse que Judd ficou encantado porque ela quis ir com ele.

— Obrigada – disse Crissy com um sorriso pálido.

— Não disse nada sobre Crissy? – perguntou Maude.

Gary estava olhando o roteiro com o assistente de continuidade e lançou um olhar mal-humorado.

— Por que haveria de dizer? – perguntou, distraído.

Crissy se afastou.

— Não tem nenhuma razão.

— Crissy – começou Maude, cheia de simpatia muda.

— Estou bem, Maude – disse ela e forçou um sorriso. — Ele vai me mandar um cartão ou algo parecido.

Desceu o corredor até o quarto sem dizer outra palavra. Estava furiosa e à beira das lágrimas. Aquela modelo estava arruinando sua vida, seu futuro, todas as suas esperanças. Ela podia jogar coisas. Mas de que adiantaria agora? Se Judd se importava tanto com Tippy a ponto de ter esquecido o aniversário de vinte e um anos de Crissy, então não sobrava nenhuma esperança.

E não demorou muito tempo para penetrar no espírito que Judd não tencionava levá-la para sair, em absoluto. Ele nem sequer ligou para perguntar de seus planos para a data ou para desejar feliz aniversário.

Grier chegou em sua enorme picafe pouco antes do pôr-do-sol na sexta-feira, uma hora depois que a equipe de filmagem arrumou as coisas para o fim de semana e foi embora. Parecia preocupado e fez uma careta quando Crissy saiu para cumprimentá-lo na comprida varanda da frente.

Ela pôde ver más notícias no rosto dele. O dela ficou desapontado.

— Está bem, desembuche – disse ela com um sorriso desanimado. – Dá pra ver que não é uma coisa que você esteja morto de vontade de me contar.

— Tem café? – perguntou ele.

— Ganhar tempo não vai adiantar de nada, mas sim, tenho café. Venha.

— Ela o conduziu para dentro e desceu o corredor até a cozinha. – Maude foi passar a noite com a irmã, de modo que estou preparando o jantar. Nada muito chique, só omelete. Quer um pouco?

— Não como desde as onze horas da manhã – murmurou ele, puxando uma cadeira em que se escarranchar. – Se não se importa com a companhia, eu adoraria.

Ela sorriu, e dessa vez não foi um sorriso desanimado.

— Farei torrada de canela para acompanhar.

Ele respondeu ao sorriso, embora parecesse mais uma careta. Não tinha tido muita prática em sorrir nos últimos anos. Ainda era difícil, mesmo com Crissy.

Ele esperou até os dois terminarem a breve refeição, antes de falar. Crissy acabara de servir uma segunda xícara de café para os dois, pôs creme na dele e ficou mexendo com a colher durante um tempo longo demais, quando apoiou o queixo nas mãos e olhou fixo para ele, de maneira incisiva.

Cash franziu as sobrancelhas.

— Está bem, aqui está, falando com franqueza. Judd está levando Tippy para uma festa de aposentadoria de um colega em Victoria hoje à noite. Achei que você devia ouvir de mim, antes que outra pessoa deixasse escapar.

— Oh, eu já sabia, Cash – disse ela. – O assistente de diretor me contou.

Ele suspirou pesadamente.

— Sinto muito, criança – disse com mau humor.

— Em cinco anos, é a primeira vez que ele esquece meu aniversário. Comprei um vestido novo só para usar hoje à noite. Faço vinte e um anos hoje – disse Crissy devagar.

— É mesmo? – perguntou ele, surpreso. – E Judd saiu com Tippy?

Ela deu uma risada.

— Imagino que tenha esquecido. Ele tem passado tanto tempo com ela ultimamente... você jamais adivinharia que ele era um cara casado, não? Claro que ele não iria querer me levar a qualquer festa de aposentadoria – racionalizou. – Sou apenas uma criança, como você disse. Ele iria querer alguém linda, sofisticada e famosa para mostrar aos amigos, não uma menina levada, caipira, que nem saberia o que fazer com as mãos na hora de se servir.

— Não é uma caipira – disse Grier de modo convincente. – Ouça aqui, não leve isso como algo pessoal. Imagino que ele pensa que está escondendo de você, que você não vai descobrir. – Cruzou as pernas compridas e recostou-se na cadeira com o café. – Talvez eu não devesse ter contado. Talvez você não soubesse de outro modo.

— Você não acha que Tippy adoraria enfatizar isso quando voltasse com a equipe de filmagem na próxima semana? – arriscou ela. – Pelo menos agora ela não vai me atingir sem que eu esteja esperando.

— Se você quiser ir, eu a levo – disse Cash com um sorriso malvado. – Eu trabalhava com o sujeito que está se aposentando e ele também me convidou.

Ela respondeu com um sorriso. Era tentador. Mas mesmo que ele procedesse de forma leviana com o coração dela, Crissy não poderia deixar Judd embaraçado dessa maneira, não depois de tudo que ele fizera por ela durante todos aqueles anos.

— Não – disse ela, sacudindo a cabeça. – Não faço esse tipo de jogo. Não sou de fato uma pessoa vingativa.

— Sei disso – disse ele. – Isso torna difícil machucar você.

Crissy examinou o belo rosto dele com um sorriso largo.

— Você é um homem gentil, Cash Grier – disse ela com voz suave.

Cash levantou as sobrancelhas e seus olhos escuros brilharam.

— Isso é novidade. Acho que já fui chamado de tudo diferente pelo menos uma vez.

— Bem, em todo caso, agora que tenho vinte e um anos, eu e Judd podemos ter uma anulação tranqüila na semana que vem, e ninguém jamais saberá que fomos casados, para começar. Fico com minha metade da fazenda – continuou, obstinada –, ele fica com a metade dele e ganha sua liberdade, de modo que pode se casar com aquela ruiva ideal.

Grier examinou-a de modo furtivo e pensou que, no lugar de Judd, a liberdade seria a última coisa que iria querer. Aquela gatinha tinha um coração do tamanho do mundo e não tinha ares de grandeza nem entrava em jogos de cabeça. Era honesta, corajosa e atenciosa. Cash lamentou que existisse tamanha diferença de idade entre eles.

— Por que está com essa cara tão taciturna? – provocou ela.

Ele estudou-a por baixo das sobrancelhas franzidas.

— Estava desejando ser mais novo.

Ela sorriu sem malícia.

— Estava? Por quê?

Ele deu uma risada. Ela não tinha idéia de seus próprios atrativos.

— Nada. Foi só um pensamento fugaz. – Examinou o complicado relógio que usava no pulso esquerdo. – Tenho algumas coisas a fazer antes da hora de largar. – Franziu as sobrancelhas. – Você disse que Maude foi para a casa da irmã. Quem vai ficar na casa com você?

— Ninguém, é claro. Mas Maude vai voltar amanhã bem cedo.

Ele não gostou disso. Era imprudente da parte de Judd, especialmente depois das ameaças feitas por Jack Clark.

— Você está preocupado – disse ela. – Por quê?

Ele relutava em dizer, e isso ficou evidente.

— Jack Clark jurou na frente de pelo menos uma testemunha que tenciona fazer você pagar por puxar uma arma para ele.

— Não bastou tentar mandar me prender? – perguntou ela, de brincadeira.

— Não é engraçado, Crissy – disse ele.

— Não, não é, mas nesse exato momento é só mais uma gota na poça de tristeza – disse ela. – Nos últimos tempos, minha vida não tem sido um mar de rosas.

— Quero que você seja paranóica e tranque as portas e janelas à noite, mesmo quando Maude estiver aqui. Se algum veículo estranho entrar no pátio, assegure-se de saber quem é, antes de sair correndo. Fique com a pistola à mão. A equipe de filmagem deve estar aqui de novo na semana que vem, certo?

— Certo. Segunda-feira de manhã bem cedo. Estou segura de que Tippy Moore não pode esperar para esfregar em meu nariz a saída à noite com Judd em *meu* aniversário – disse ela com um suspiro pesado.

— Você tem empregados da fazenda por aqui, não tem?

Crissy sentiu os joelhos enfraquecerem. Nunca antes teve de se preocupar com invasores. Era uma velha casa vitoriana com janelas compridas e baixas, e não muita segurança. Ela olhou para a arma em cima da mesa.

— No momento, temos três vaqueiros de meio expediente – ela murmurou –, e Nick, nosso capataz. Judd contratou-o. – Ela levantou os olhos. – Ele trabalhou para o Departamento de Investigação da Geórgia assim que saiu da faculdade, antes de se mudar para o Texas, e é um atirador de primeira.

— Ótimo. Isso me deixa menos preocupado. Todos vão estar por aqui nesta semana?

Ela piscou.

— Alguns deles. Nick, sem dúvida. Ele nunca sai muito.

Cash não pareceu convencido. Terminou o último gole de café e levantou-se. Tirou um cartão, lançou-o como um piparote em cima da mesa, pegou uma caneta no bolso da camisa e escreveu um número no verso. Deslizou-o em direção a Crissy.

— É o número do meu outro celular. Carrego-o comigo o tempo todo e nunca está desligado – acrescentou em tom solene. – Se precisar de mim, de dia ou de noite, ligue. Mesmo que eu esteja de folga, de qualquer modo posso mandar a polícia de Jacobsville para cá em três minutos exatos, caso eu demore mais tempo para chegar aqui. Está bem?

Ela sentiu-se tocada com o gesto. Sabia que Grier tinha a fama de ser um homem que não fazia amigos com facilidade. Em sua nova posição como assistente de chefe de polícia de Jacobsville, já estava fazendo inimigos na prefeitura com sua atitude inflexível com quem abusava de drogas. Mas Crissy o adorava. Ele era como uma família. Já havia feito mais coisas por ela do que qualquer outra pessoa, exceto Judd.

Crissy sorriu para ele com ternura.

— Obrigada, Cash – disse suavemente. – Estou falando sério.

Ele andou para a porta da frente com Crissy seguindo seus passos. Abriu a porta e virou-se, a silhueta contornando o anoitecer.

— Feliz aniversário, Crissy – disse ele, gentil, e inclinou-se para tocar a boca dura em sua face. – Lamento que não seja um aniversário mais feliz.

Ela sorriu para ele.

— Tem alguns filmes novos que eu gostaria de assistir há tempos. Acho que vou dar o programa de presente para mim.

— Sozinha? À noite? – Ele hesitou. – Ouça, não pode sair sozinha. Há anos que eu não vou a um balé – disse abruptamente. – Tem um em Houston.

Posso conseguir entradas num minuto. Leve-me junto em sua saída de aniversário. Também pago o jantar.

O rosto dela se iluminou.

— Está falando sério? Não tem planos para hoje à noite?

Ele deu uma risada.

— Não tenho planos para noite nenhuma – ele confessou. – Tenho dificuldade... com mulheres nesses dias. Tenho características muito brutas para se adequar à maioria delas.

Os olhos dela se suavizaram.

— Não, não tem. Adoro sair com você, mesmo que seja apenas para pescar ou comer um hambúrguer na cidade.

A mudança nele foi surpreendente. Cash quase corou. Pigarreou.

— Bem, então está bem. Iremos ao balé e você pode usar o vestido novo. Pego você às cinco e meia.

Ela sorriu de orelha a orelha.

— Estarei pronta!

Cash parou nos degraus e virou-se mais uma vez.

— Se preferir ver uma peça, eu estou pronto para o que der e vier.

— Oh, mas eu nunca fui a um balé! – protestou ela. – Adoraria ver um!

— Nunca? – perguntou ele, estupefato.

— Nunca surgiu a oportunidade – disse ela francamente, percebendo como era pouco experiente.

Ele franziu os lábios.

— Então vai ser balé. Haverá uma orquestra sinfônica tocando. A cultura é importante. Ela nos liga com o passado.

Os olhos dela brilharam.

— Eu achava que rodeio era cultura – provocou ela.

Ele deu uma risada.

— Em alguns círculos é a única.

Ela sorriu.

— Obrigada, Cash!

Ele encolheu os ombros.

— Não posso deixar uma linda jovem como você fazer vinte e um anos e não comemorar, posso? – e foi embora.

Assim, em vez de ficar em casa sofrendo em silêncio porque Judd não quis levá-la para sair em seu vigésimo primeiro aniversário, ela se vestiu para Grier. Quando olhou no espelho, teve de admitir que não estava nada mal. O vestido azul enfatizava suas lindas formas de uma maneira convencional, e ela possuía uma bonita e leve echarpe para cobrir as mangas folgadas que exibiam o corpete de corte baixo. Os saltos altos arqueavam seus pés num ângulo encantador, e ela gostava do corte do vestido que ia até os tornozelos. Era perfeito para o balé. Crissy estava usando o cabelo para cima num coque sofisticado.

O que a deixava mais triste era o fato de Judd nem ao menos ter telefonado para desejar feliz aniversário. Ela examinava a secretária eletrônica, que não piscava, a cada poucos minutos para ter certeza de que não perdera nenhum telefonema. Pensou em tirar o fone do gancho e ouvir o som de discar, para ter certeza de que estava funcionando, mas isso seria infantil demais. Se

Judd queria ignorar o aniversário mais importante dela, que ignorasse. Ela iria sair com Grier e passar bons momentos.

Divertia e agradava Crissy o fato de um homem como Cash querer passar uma noite enfadonha com alguém como ela. Crissy não duvidava de que ele poderia ter a mulher que quisesse para sair num encontro com ele. Era muito atraente e, a menos que errasse sua suposição, muito experiente com as mulheres.

Cash apareceu em uma hora exata, vestindo um terno escuro, com os cabelos negros e ondulados soltos em lugar do costumeiro rabo-de-cavalo, e o bigode e a pêra negra, debaixo do lábio inferior cheio, perfeitamente aparado. Os cabelos caíam além do colarinho, bem-penteados, enfatizando o pescoço musculoso. Parecia muito europeu daquele jeito, com sua tez azeitonada favorecendo a elegante camisa branca de algodão e a gravata azul que ele usava. Os sapatos pretos de gala estavam tão bem engraxados que refletiam o teto da varanda.

— Uau – disse ela com voz suave, porque nunca o vira tão alinhado.

Ele deu um sorriso tímido.

— Obrigado. Você também não está mal. – Seus olhos enfatizaram o cumprimento enquanto a percorriam como o pincel de um artista. – Pronta para sair?

— Só tenho de trancar a porta – disse ela, juntando-se a ele nos degraus.

— E quanto às janelas? – ele perguntou de repente.

— Todas fechadas – ela garantiu. – Passei a tarde me assegurando de que os cadeados estivessem no lugar e reforcei-os com cabos de vassoura que mandei um dos rapazes cortar sob medida para mim.

— Garota esperta.

Ela abriu um largo sorriso.

— Por falar em segurança, espero que você esteja com o trabuco, porque não tenho nenhum lugar onde possa carregar uma arma.

— Vou apoiar isso. – Ele deu risada. – Você não acha um tira no país que não ande armado. Não nos dias de hoje.

— Foi o que pensei.

— Judd tem o saque mais rápido ao norte do Texas – lembrou ele. – Marc Brannon é o bamba do sul. Sempre me perguntei quem venceria numa competição.

— Eu não gostaria de estar na mira de nenhum deles – disse ela enquanto Cash a ajudava a entrar no carro. Não queria falar de Judd. Do jeito que estava, já precisava fazer toda força para excluí-lo.

— Ele ligou?

— Não, não ligou – disse em tom categórico. – Não que isso importe.

Claro que importava. Crissy não conseguia dissimular o desapontamento. Ele deu a partida no motor.

— Vamos nos divertir – disse ele. – Estão apresentando *O Pássaro de Fogo*, hoje à noite. Também consegui bons assentos, mesmo já sendo tão tarde.

— *O Pássaro de Fogo*?

— Stravinsky – disse ele –, um dos compositores modernos. É um balé composto para a música. Quer que eu a informe no trajeto até Houston?

— Faria isso? – perguntou ela, genuinamente curiosa.

Ele deu uma risada.

— Eu adoraria.

O assunto preencheu todo o tempo de viagem até o teatro que apresentava o balé.

Havia gente vestida de tudo, de vestido de noite à jeans e tops, de modo que Crissy sentiu-se confortável em seu vestido. Ela e Grier tinham assentos bem na frente, e a beleza da produção a deixou com a respiração presa, como também a sensível partitura apresentada pela orquestra.

Ela pegou Grier observando-a uma vez e abriu um largo sorriso para ele. Cash respondeu ao sorriso, contente por ela estar gostando do balé.

Crissy observava as bailarinas em seus delicados trajes voando pelo palco ao som da música, em levantamentos altos e piruetas nos dedos dos pés, nas cambiantes luzes coloridas. Era impressionante. Ela nunca tinha visto algo tão glorioso. Era, como Grier disse mais tarde, como ver uma pintura de Degas assumir vida.

CAPÍTULO 9

Todas as luzes da casa da fazenda estavam acesas quando eles chegaram, e Maude saiu na varanda para encontrá-los.

— É sua noite de folga! – exclamou Crissy.

Maude parecia preocupada.

— É, era, mas vocês não estavam aqui e o telefone não estava funcionando. Como Judd não conseguiu entrar em contato com você, ligou para mim e perguntou se eu daria um pulo até aqui para vê-la. Acabei de chegar...

Ela perguntou-se vagamente por que o telefone não estaria funcionando.

— Cash me levou ao balé em Houston para comemorar meu aniversário – explicou Crissy, grudando-se ao braço dele com um sorriso aberto. – Tomamos champanhe e jantamos num restaurante quatro estrelas. Comi carne assada à Wellington, Maude!

Maude deu uma risada.

— Ora, ora. Foi gentil de sua parte, sr. Grier.

— Gentil é meu nome do meio. Pergunte a Crissy – acrescentou ele, provocando.

Maude sorriu.

— Só vou verificar o telefone de novo antes de voltar para minha irmã. Crissy, pode deixar a lâmpada da varanda acesa para mim quando entrar – acrescentou com um sorriso malvado. – Sem pressa!

O coração de Crissy ficou exaltado. Pelo menos Judd estava preocupado com ela, mesmo não estando preocupado o bastante para ir até lá. Afinal de contas, pensou, irritada, como poderia desapontar Tippy e deixar a deslumbrante modelo plantada, de modo a poder correr até Jacobsville para ver sua futura ex-esposa.

— Não fique ruminando – repreendeu Grier, dando-lhe um toque na face com o dedo indicador. – Sabe que ele se preocupa com você. Se não se preocupasse, não teria se dado ao trabalho de ligar.

— É habito. Vai se curar disso logo, quando houver a anulação. — Ela suspirou e olhou para ele com um sorriso especulativo. — Falta pouco para eu ser uma mulher livre. Vai me dar um beijo de boa noite?

Ele franziu os lábios firmes.

— Tenho pensado nisso. Não tenho certeza se seria uma boa idéia. Quer dizer, e se eu ficar viciado?

Os olhos dela brilharam como castanhas molhadas de chuva no rosto radiante.

— Adoro correr riscos. Venha. Seja ousado.

Ele sabia quase com certeza que Judd a beijara. Mas, a menos que fosse o álcool falando, ela parecia pensar no beijo como um jogo. Olhou para a boca de Crissy e ponderou as vantagens e desvantagens. Mas o fato de ela ainda estar casada com Judd o fez hesitar.

Puxou-a para si, suavemente, inclinou-se e tocou a boca dura na boca de Crissy, sem paixão. Seu coração disparou. O gosto dela era como vinho estonteante. Mas pôde sentir a falta de resposta da parte dela. Para Crissy, não houve descarga elétrica. Não houve música. Cash sentiu-se vagamente desapontado enquanto levantava a cabeça e via a realidade da resposta dela em seu sorriso. Ela nem sequer estava abalada.

— Obrigada por tornar meu aniversário especial, Cash — disse ela com voz suave.

Ele recuperou-se rápido.

— Para que servem os amigos? — provocou ele. — Durma bem. Se precisar de mim, sabe como me ligar, certo?

— Certo.

Cash examinou os olhos dela e sorriu.

— Eu me diverti. Estou contente porque você também se diverti. Boa noite.

— Boa noite. — Crissy ficou parada na varanda, observando-o, enquanto ele se afastava antes de entrar, trancar a porta e apagar a luz da varanda.

Maude entrou na sala de jantar, melancólica e quieta.

— Judd devia tê-la levado para sair numa ocasião tão especial como essa. Seus vinte e um anos.

— Judd nem sequer ligou para desejar feliz aniversário, Maude — disse ela rudemente.

— Não se lembrou que era seu aniversário. Eu não tive coragem de lembrar quando ele ligou. Estava muito perturbado porque não conseguia encontrá-la no celular. Telefonei há alguns minutos e disse que você estava bem. — Ela sorriu. — Não ficou contente quando ouviu que você tinha saído de novo com Grier — acrescentou com um ar satisfeito.

— Como se eu me importasse. Pelo menos tive alguém com quem comemorar meu aniversário! — replicou ela, os olhos enevoados de raiva. — Gosta do meu vestido? — indicou, dando uma volta. — Comprei para sair com Judd hoje à noite.

— Minha pobre criança. — Maude fitou-a com compaixão.

Crissy ergueu o queixo com orgulho.

— Não sou uma criança. Não agora. Sou uma mulher crescida e vou começar a agir como tal. Chega de andar no mundo da lua por causa de um homem que jamais irá me querer. Sobretudo quando existe um que me quer!

Maude não comentou. Apenas sorriu, com tristeza.

Na manhã seguinte, Christabel estava dando comida a um potro no celeiro quando ouviu um veículo parar do lado de fora na estrada de terra. Olhava para a entrada quando a porta foi batida, bem a tempo de ver Judd vindo em sua direção.

Seu coração saltou no peito e começou a disparar. Era tão bom olhar para ele. Ela não conseguia se lembrar de uma única vez em anos em que aquela sua passada larga e tranqüila com as pernas compridas não houvesse lhe causado excitação. Judd usava o uniforme de Ranger, inclusive a estrela e a automática .45 com coldre trabalhado a mão. Sobre o cabelo escuro, o chapéu creme de aba larga estava bem inclinado por cima dos olhos negros. A única coisa imediatamente visível em seu rosto magro era o nariz reto, a boca fina e a mandíbula quadrada.

Crissy logo se deu conta de que estava usando calça jeans rasgada, botas imundas e blusa xadrez verde desbotada, na qual faltava um botão. O cabelo estava parte dentro e fora da trança esmerada, e ela nem estava com batom. Podia contar que Judd apareceria no minuto em que sua aparência estava mais desleixada, mesmo que ela não se importasse. Ainda era recente a mágoa, devido ao esquecimento dele do seu aniversário e ao fato de, justamente nesse dia, ter saído para namorar outra mulher.

O rosto dela se fechou quando ele chegou perto o bastante para ser notado. Crissy voltou a atenção para o potro.

— Saiu para caçar velhacos, senhor Texas Ranger? — ela perguntou.

Judd empurrou o chapéu para a nuca, e os olhos negros cintilaram sobre ela.

— Que história é essa de você ir a Houston com Grier?

Crissy levantou as sobrancelhas e fitou-o com olhos fixos, como se ele tivesse enlouquecido.

— Há semanas que estou indo a lugares com Cash, ainda não notou?

— Só pela cidade, não em encontros elegantes em Houston — disse ele em tom categórico. Judd hesitou, inseguro em sua base. — Maude me contou do balé — declarou, a boca fina formando uma linha de lado a lado no rosto bronzeado. — Depois Grier mencionou isso para mim quando dei uma passada no gabinete dele hoje de manhã.

— Gosto dele — disse ela, os olhos escuros brilhando.

Foi uma declaração de guerra e Judd encarou-a assim.

— Grier tem trinta e oito anos — observou ele. — Tem um passado misterioso. É experiente demais para um broto como você.

— Eu disse que gosto dele — repetiu ela calmamente.

Terminou de dar a mamadeira ao potro e saiu no corredor, fechando a porta às suas costas.

— Você me ouviu.

Ela não levantou os olhos para ele. Teria sido fatal e ela precisava manter sua decisão.

— Você passou cinco anos tomando conta de mim. Agradeço tudo que fez por mim. Sei que foi um sacrifício, de várias maneiras — dizia enquanto lavava a mamadeira na pia enferrujada e a colocava numa prateleira. — Mas estou quase terminando a escola e até você tem de admitir que eu sei o que estou fazendo por aqui. Sei fazer a contabilidade tão bem quanto você. Sei comprar e vender gado. Sei contratar pessoal. — Ela virou-se e forçou os olhos

para cima. Foi uma luta. – Já é hora de eu assumir plena responsabilidade pela minha metade do negócio. Tenho de começar a andar com meus próprios pés e você tem que me deixar fazer isso.

— Quando tiver vinte e um anos – começou ele, obstinado.

Crissy tirou o anel de sinete que havia cinco anos ele colocara em seu dedo, tomou a enorme mão magra dele na sua e aconchegou o anel na palma da mão de Judd, fechando os dedos dele ao redor do anel.

— Não vou mais precisar disso. Fiz vinte e um anos ontem – disse com tanta dignidade quanto pôde reunir.

A expressão dele foi impagável.

— O quê?

— Fiz vinte e um anos ontem – repetiu, os olhos disparando fogo. – Enquanto você estava exibindo a senhorita supermodelo na festa em Victoria, eu estava jantando e tomando vinho com o homem que é experiente demais para mim! Ele me pagou um lindo jantar, com champanhe para brindar minha maioria, e me levou para ver *O Pássaro de Fogo* em Houston!

O rosto dela parecia de pedra. Ele estremeceu.

— Christabel... – disse ele suavemente. – Sinto muito!

Ela encolheu os ombros e desviou os olhos, fingindo que seu coração não estava partido.

— Não fique grilado. Tive um aniversário maravilhoso. Mas pode ir em frente e conseguir a anulação no momento que quiser. Só não espere que eu fique sentada em casa esperando. – Seus olhos brilharam. – Se pode namorar enquanto ainda somos casados, então não existe nenhuma razão para eu não poder fazer o mesmo.

Ela saiu pela porta do celeiro, os cabelos louros desgrehados, as costas retas.

Judd observou-a com o pesar comendo-o vivo. Como pôde esquecer uma data tão importante na vida deles? Baixou os olhos para o anel de sinete que ela usara tão fielmente nos últimos cinco anos e sentiu-se culpado. Sempre a levava para algum lugar no aniversário dela, sempre dera pequenos presentes.

Lembrou-se do anel que Tippy o convencera a comprar para ela e sentiu-se enojado. Pelo menos Christabel não sabia disso, consolou-se.

Deslizou o anel de volta no dedo mínimo e fitou-o, confuso. Ela havia dito que ele podia seguir em frente para conseguir a anulação no momento que quisesse. Seria porque o relacionamento dela com Cash Grier estava esquentando? Seus olhos estreitaram-se com raiva. Bem, ela podia esperar a anulação até que ele estivesse preparado. E ele não estava. Ainda não.

O pessoal em Victoria sabia de seu conhecimento com Tippy Moore e pediu, como um favor especial, que a levasse à festa de aposentadoria. Ele levou, sem pensar. Tippy gostava dele e pendurava-se nele o tempo todo. Sentia-se lisonjeado pelo fato de uma mulher tão linda e famosa o achar atraente. Mas havia uma coisa curiosa nela. Ela o tocava, de vez em quando, mas não gostava de ser tocada. Era fria como gelo com homens que flertavam com ela, que demonstravam seu entusiasmo pelo rosto e a figura. Adorava homens da lei e sempre conseguia um tempo para conversar com eles, por qualquer razão que fosse. Judd notou que, na verdade, ela se sentia desconfortável perto de outros homens e ficava perto dele quando estavam

juntos durante algum espaço de tempo – como na locação na cidade e, em especial, quando aquele assistente de diretor, Gary Mays, se aproximava dela.

Ela era um enigma. Judd a achava uma companhia agradável e ela afagava seu ego. Mas não pensara em como aquilo iria parecer para Christabel, que legalmente era sua mulher, alguém soubesse ou não disso. Ao levar Tippy de um lado para o outro, estava encorajando Christabel a fazer o mesmo com Grier.

Abrira uma porta que não podia mais fechar, e isso o deixava inquieto. Odiava pensar em Christabel com Cash Grier, cujo passado era, na melhor das hipóteses, dez graus distante do normal. O sujeito era perigoso, homem da lei ou não, e só de estar com ele, Christabel já estava correndo risco. Ele possuía inimigos.

Por outro lado, ela mesma corria perigo. Grier lhe avisara naquela mesma manhã sobre o fato de deixar Christabel sozinha na fazenda depois de seu confronto com Jack Clark e as ameaças que este fizera. Ele havia sido negligente em todos os cálculos, inclusive ao comprar para Tippy aquele anel caro que, na verdade, estava em total descompasso com suas posses. Ela estava acostumada com homens ricos que lhe davam qualquer coisa que admirasse. Judd não era um deles.

Olhou para o anel de sinete com tristeza. Magoara Christabel, que passara toda a vida de casados deles prestando atenção nele e tomando conta dos negócios da fazenda quando ele não podia. Judd retribuiu essa lealdade fazendo-a sentir-se insegura e sem valor. Agora ela queria a anulação, quando ele mal começava a sentir...

Reprimiu o pensamento. Não havia nenhum futuro para ele com Christabel. Tinha de pensar mais adiante numa anulação. Imediatamente, veio o pensamento de que Cash Grier tentava se estabelecer e estava muito interessado em Christabel. Se estivesse pensando em termos de casamento, podia pensar de novo. A anulação podia esperar. Podia esperar um longo tempo.

Tippy Moore voltou para trabalhar na segunda-feira e suas primeiras palavras para Crissy foram sobre o quanto se divertira com Judd na festa em Victoria.

— Estou tão contente – respondeu Crissy com calma e um enorme sorriso –, porque eu fui ao balé em Houston, com Cash, e jantamos com champanhe num restaurante cinco estrelas. Foi uma noite memorável.

O triunfo de Tippy fracassou. Aquele era seu tipo de rotina noturna. Não sabia que Cash Grier era tão culto ou que tivesse tanto dinheiro para pagar uma saída tão cara. Pelo visto, aquela mocinha do campo tampouco percebera como foi caro. A idéia de Judd de *gourmet cuisine* era hambúrguer e batatas fritas numa lanchonete. Era muito afeiçoada a ele, claro, e o trabalho dele o tornava uma raridade, uma peça de coleção, no mundo de Tippy. Mas ela logo ficara sabendo que ele não era rico. Bem, não foi o dinheiro dele ou a falta que a impressionou, disse Tippy para si mesma, foi a profissão. Sentia-se segura com ele. Estava segura com ele em relação a outros homens... homens como Cash Grier, que era uma verdadeira ameaça.

— Nunca me passaria pela cabeça que um policial caipira se interessasse por balé – murmurou Tippy.

— Cash possui antecedentes interessantes – disse Crissy. – Também foi Texas Ranger e trabalhou para o governo.

Tippy pareceu desconfortável.

— Ele sabe que garfo deve usar? – perguntou ela com sarcasmo.

— Ele me ensinou – respondeu Crissy. – Um bocado de coisas. Foi uma comemoração agradável para os meus vinte e um anos – acrescentou de forma deliberada e fria. Sentiu-se melhor, embora a rejeição de Judd ainda a magoasse.

Tippy desviou os olhos. Não sabia disso. Sentiu-se culpada. Sabia Deus por quê. Com certeza a outra mulher tinha uma paixão por Judd e gostaria de estar com ele em seu aniversário mais especial. Mas isto não era da sua conta! Virou-se devagar e voltou ao trabalho.

O Baile Anual dos Pecuáristas estava marcado para o sábado anterior ao Dia de Ação de Graças, e Cash já havia convidado Christabel para ir com ele. Ela também ficou encantada por não ter de ficar em casa naquela noite, enquanto Judd exibia sua elegante modelo no baile. Sabia que Judd não a levaria. Os dois agora mal se falavam, para o desânimo de Maude.

Grier, com os cabelos escuros e levemente ondulados abaixo do colarinho, a barba recém-feita e usando terno estava de chamar a atenção. Christabel sentia-se orgulhosa por ser vista com ele. Pelo menos, pensou com tristeza, ainda tinha seu lindo vestido azul para usar e ninguém em Jacobsville o havia visto. Ela não se sentiria tão desmazelada e fora de moda quanto se sentira apenas um ano atrás.

Judd nem sequer olhou em sua direção. Chegou tarde com a ruiva, bem a tempo de ver Christabel e Grier na pista de dança. Era bom que a maioria das pessoas não soubesse que ela e Judd ainda eram casados, pensou Christabel, porque ele levantaria sobranceiras em toda parte com Tippy Moore em seu braço, mesmo que não estivessem. Manteve os olhos em Grier e sorria como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

Ele levantou uma sobranceira depois que a banda terminou a melodia lenta que estava tocando e, depois que Matt Caldwell teve uma conferência aos sussurros com o líder, a banda entrou com um pot-pourri latino.

— Está pronta para o que der e vier? – perguntou Grier.

Ela arregalou os olhos.

— Pode apostar! – Deu uma risada, lembrando-se do quanto se divertiram no O'Shea's.

Ele riu enquanto a arrastava para a pista de dança, onde Matt e sua mulher eram os únicos ocupantes até então.

— Está bem – murmurou ele, marcando o ritmo. – Vamos mostrar a eles como se faz!

Girou-a fazendo Crissy entrar no ritmo e o resto foi pura mágica. Até mesmo Matt Caldwell levantou as sobranceiras enquanto o casal voava pela pista, acompanhando a batida da percussão e a melodia rápida.

Christabel ria de pura alegria. Nunca tivera um parceiro que soubesse essas danças até Cash aparecer. Desejara que Judd a levasse a um baile, qualquer baile, apenas uma vez e a deixasse exibir-se. Bem, ali estava ela agora. Mesmo não sendo com Judd, estava tendo o momento de sua vida. Seu coração partido sucumbia ao delicioso ritmo do fogo musical latino.

No momento em que a música chegou ao fim, Crissy mal conseguia respirar. Caiu sobre o corpo de Grier, que nem sequer respirava com dificuldade, e ria encantada para os gritos de viva e os aplausos dos outros convidados, inclusive os Caldwell.

— Lembre-me de levá-la a um clube de dança que conheço em Houston – disse Grier enquanto a acompanhava para fora da pista. – Vamos fazer aquela turma morrer de inveja!

Ela deu um sorriso, aprovando.

— Você é ótimo! – exclamou ela.

— É preciso uma boa parceira – disse ele, encolhendo os ombros, mas seus olhos brilhavam.

Judd Dunn olhava fixo para os dois, com toda a sua alma. Ao seu lado, Tippy também olhava.

— Ela adora se exhibir, não é? – disse Tippy em tom malévolo. – Acho que ele também.

Judd não mencionaria por coisa nenhuma desse mundo que jamais tinha visto Grier dançar antes. Tampouco o vira sorrir muito. Aborrecia-o o fato de Grier estar fazendo ambas as coisas com Christabel.

— É uma boba por dar esse espetáculo na frente de toda a cidade – continuou Tippy.

Judd baixou os olhos para ela, sombrio.

— Você sabe danças latinas?

Ela desviou os olhos.

— O que isso teria a ver com qualquer coisa?

Ele notou que Christabel estava parada muito perto de Grier junto à poncheira, e depois deu um olhar no rosto do homem mais velho enquanto este olhava para a cabeça inclinada dela. Isso fez com que alguma coisa explodisse dentro dele. Grier era um bom policial, seguro e calmo diante do perigo, e não tinha medo de coisa alguma no mundo. Mas também era um homem, e Christabel ainda era inocente. Judd sentiu-se protetor em relação a ela. Possessivo. Não queria que Grier a atingisse.

— Desculpe-me – disse a Tippy e andou até o outro lado para juntar-se a Grier e Christabel.

— Vocês não estão dançando? – perguntou Grier secamente e, de repente, sua mão enorme estava segurando a mão de Christabel com força.

Os olhos negros de Judd se estreitaram. Ele não sorriu.

— Pensei que você tinha de estar em Dallas na manhã de segunda-feira.

— Tenho mesmo. Voarei amanhã à tarde. – Grier limitou-se a sorrir lentamente. – Você tem algum problema com isso? – acrescentou num tom muito suave e com visível ameaça nos olhos.

Era um desafio. Os olhos de Judd cerraram-se.

— Talvez tenha – disse ele num tom de voz baixo e tranqüilo que fazia os trabalhadores da fazenda ficarem muito quietos.

Christabel não compreendia o que estava acontecendo, mas sabia que era algo explosivo. Soltoou a mão de Grier e pegou Judd pela manga.

— Quero falar com você um minuto – disse ela com firmeza e olhou em direção à porta lateral que dava para o pátio externo, no exato momento em que uma valsa enchia o grande salão e Harley Fowler levava Janie Brewster para a pista de dança.

Judd ficou bastante surpreso pelo tom peremptório desconhecido e a acompanhou, desatento ao olhar feroz de Tippy enquanto saíam.

À tênue luz das janelas compridas, Christabel virou-se para Judd.

— Qual é o problema com você? – perguntou ela. – Vamos obter uma anulação, Judd. Tenho todo o direito de sair com Cash. Eu não disse uma palavra sobre você e Tippy Moore, disse?

Não, não disse. Isso o irritava. Durante anos, ela fora possessiva em relação a ele, provocando, seduzindo, fazendo insinuações sobre camisolas vermelhas. Agora estava a mundos de distância, e com Grier, dentre todos os malditos homens no mundo...!

— Grier come crianças como você no café da manhã – disse ele, lacônico. – Viveu nas sombras a maior parte da vida adulta, trabalhando para órgãos secretos do governo...

— Que excitante! – Ela se entusiasmou.

— Escute aqui! – interrompeu ele. – Grier matou homens...

As sobranceiras dela se arquearam.

— E isso para você...

Os lábios dele formaram uma linha fina e ele soltou o ar secamente.

— Ele não é um animal de estimação que dá vontade de abraçar, que você pode ter dentro de casa e alimentar – insistiu ele, obstinado. – É um renegado, um cara selvagem. Não é domesticado.

Ela levantou as sobranceiras.

— E o que o faz pensar que eu quero ter um homem como animal de estimação? – perguntou ela com um sorriso agradável. – Agora que tenho vinte e um anos, sou livre pela primeira vez desde os dezesseis... para namorar e fazer o que quiser. – Ela examinou seu rosto exasperado com um estranho e doloroso prazer. – Nunca pude experimentar. Antes – acrescentou com voz rouca, com as mãos moldando deliberadamente os quadris cheios, os lábios separados, os olhos convidativos.

Aquelas palavras suaves provocaram-no de maneira inesperada. Ele segurou-a pela cintura, arrastou-a para as sombras e cravou o macio corpo dela contra seu poderoso corpo delgado.

— Sua maldita coquete irritante...! – Ele mordiscou a boca de Crissy.

O choque do beijo foi eletrizante. Ele raramente a tocava, e quando o fazia era com ternura, com afeto distraído. O único beijo sério que havia compartilhado com ele foi na primeira vez em que saíra com Grier. Aquilo era outra coisa. Foi bruto com ela, como se estivesse fora de controle. Uma enorme mão magra alisou a base de sua espinha enquanto a boca de Judd devorava a sua. Ele empurrou-a contra a curva de seu corpo, e ela sentiu de novo a pressão dura e insistente contra seu ventre, uma pressão que já havia sentido uma vez antes, quando Judd estava mostrando como Cash poderia seduzi-la com facilidade.

Ela ofegou sob a boca de Judd, dando-lhe a abertura que ele queria. A língua de Judd lançou-se dura e profunda, atravessando os lábios abertos de Crissy. Ele nunca tinha feito isso! As unhas curtas dela se fincaram nos braços dele, enquanto estranhas pulsações latejantes atravessavam seu baixo ventre. Ela nunca sentira algo assim. Tremia desamparada enquanto uma tensão quente apertava seus músculos e a fazia sentir-se toda inchada. Não havia nada de experimental nos beijos dele ou na maneira como segurava seu corpo. Ele não estava brincando. Ela estava faminta demais por ele para refrear

alguma coisa. Crissy cedeu por completo, tremendo enquanto encontrava a paixão experiente dele com arrebatado entusiasmo.

Por fim, ele afastou sua boca da de Crissy e fitou-a com olhos frios e estreitos num rosto tão duro como pedra.

Ela mal conseguia vê-lo. Seus olhos estavam enevoados. Crissy sentia-se deslumbrada, chocada, aturdida. Suas mãos soltaram os braços dele e pressionaram o branco de sua camisa de algodão, acariciando-a desamparadamente, sentindo a força dele.

Judd também estava desequilibrado e decidido a não deixar que isso transparecesse. Afastou-a com um leve empurrão e fitou-a com ar arrogante. Ele estava quase vibrando de paixão, mas mantinha isso escondido com todo o cuidado. Fora o batimento rápido de seu pulso, nada aparecia na superfície.

— Que droga, não, você não é livre para experimentar – disse ele em tom categórico, a voz mais profunda do que o habitual, mas tão áspera como sempre. – Ainda nem comecei os procedimentos para a anulação. Tenha isso em mente. Se “experimentar” com Grier, estará cometendo adultério.

Crissy levou as pontas dos dedos à boca inchada. Sua cabeça rodopiava lentamente.

— Você disse que iria preencher o pedido de anulação no dia em que eu fizesse vinte e um anos!

— Ainda não preenchi – disse ele com voz gélida. – Nunca me ocorreu que você estaria tão excitada para juntar os trapos com um de meus amigos... sobretudo não com um homem da idade de Grier!

— Ele só tem quatro anos a mais que você! – acusou-o num tom sufocado.

— Se eu sou velho demais para você, que droga, ele é ainda mais – devolveu ele de imediato. – Quando a anulação acontecer, eu aviso. Até lá – acrescentou num tom de voz com estranha posse, com olhos que devoravam o corpo delgado dela – você me pertence.

O modo como ele disse aquilo deixou-a de joelhos fracos. Ela odiou sua incapacidade de pensar numa réplica rápida. Não conseguia sequer fingir que estava divertida. Sua boca estava quente e inchada, assim como seu corpo jovem. Estava ansiosa por alguma coisa. Estava faminta, vazia. Seus lábios carregavam o gosto dele, masculino, picante e de menta, com um leve gosto de uísque no fundo. Podia sentir a loção pós-barba dele no próprio rosto. Estava afogando-se em desejos desconhecidos. Queria aproximar-se e sentir o corpo dele responder ao seu, como respondera quando se beijaram. Queria a boca dura e faminta de Judd em seus lábios novamente. Queria sentir a pele dele na sua...

— No papel – acrescentou ele, quando a falta de resposta de Crissy à declaração deixou-o desconfortável. – Depois da anulação, o que você fizer não é mais da minha conta. Nunca mais.

Girou nos calcanhares e voltou ao salão, deixando Christabel parada, sozinha, no escuro, com o coração no chão de pedra.

Só começou a voltar quando viu Judd saindo pela porta com Cash. Aparentemente, também havia algum problema entre Leo Hart e Janie Brewster, porque os dois estavam saindo pela mesma porta lateral por onde Christabel e Judd haviam saído pouco tempo antes. Mais tarde, ela soube que Janie e Harley Fowler haviam deixado a multidão enfeitiçada com uma valsa de improviso.

Grier e Judd voltaram para dentro e, logo depois, Judd levou Tippy Moore para o hotel. Pelo jeito, ela discutia, mas ele estava decidido. Grier não diria a Crissy o que havia sido conversado entre os dois homens. Mas ele estava com um largo sorriso quando foram embora à meia-noite.

CAPÍTULO 10

As coisas ficaram calmas na fazenda depois do Baile dos Pecuáristas, porque Judd e Christabel não estavam se falando. A equipe de filmagem se dispersou no fim da terça-feira, de modo que todos pudessem passar o Dia de Ação de Graças em casa. Aparentemente, até mesmo a famosa modelo tinha família em algum lugar no Leste, porque também foi. Crissy havia esperado que Tippy grudasse em Judd durante o feriado.

Como ela e Judd não estavam se falando, Christabel supôs que ela e Maude teriam a casa para si. No entanto, Judd apareceu na manhã do feriado, silencioso e preocupado. Com saudades de Tippy, pensou ela com malícia. Foi educada com ele, mas só isso. Maude observava os dois enquanto trabalhava com Crissy na cozinha.

— Grande Dia de Ação de Graças este – zombou ela. – Com vocês dois quase saindo aos tapas.

Judd olhou fixo para Christabel. Ela respondeu num instante com o mesmo olhar. Maude jogou as mãos para o alto e começou a trabalhar na torta de abóbora.

Comeram em silêncio amistoso. Judd assistiu sem muito entusiasmo à parada do Dia de Ação de Graças na TV. Ainda estava ruminando o caso de assassinato e a falta de suspeitos. Também estava preocupado com Christabel, sobretudo desde que Jack Clark foi de fato à fazenda para se confrontar com ela. Ele indagou Nick e este lhe contou também sobre as cercas cortadas. Tarde demais, ele acreditou nela em relação ao touro envenenado. Devia ter dado ouvidos, e não descartado as preocupações dela como fantasias infantis. Agora tinha de lidar com dois touros envenenados, além de um vizinho assassinado.

Estava preocupado porque não havia número suficiente de homens no lugar para ficar de olho nas coisas. O capataz, Nick, era bom, mas fazia muitos anos que se afastara da polícia e seus sentidos não estavam bem afiados por situações de trabalho do dia-a-dia, como os de Judd. Christabel sabia usar uma arma, mas e se Clark invadissem a casa no meio da noite, quando ela e Maude estivessem dormindo?

— Vocês podiam se esforçar mais para tornar o meu Dia de Ação de Graças infeliz? – perguntou Maude aos dois, após um silêncio especialmente longo. – Quer dizer, se vão fazer um serviço, que o façam direito.

Os dois pareceram envergonhados.

— O peru está uma coisa – tentou Christabel.

— E o molho é de outro mundo – concordou Judd.

Maude pareceu vagamente apaziguada enquanto lançava mão de um segundo bocado do purê de batatas.

— Conseguiu encontrar o assassino de Hob Downey? – indagou Christabel, abrupta.

Judd olhou-a de soslaio e sacudiu a cabeça.

— Jack Clark era meu melhor suspeito. O álibi dele é consistente.

— Foi o que Cash disse.

Ele baixou o garfo com força. Seus olhos negros chamejavam.

— Se ao menos conseguisse passar cinco minutos sem mencionar Grier...!

Ela também baixou o garfo e lançou um olhar feroz para ele.

— Cash é meu amigo!

— Escutem... – interveio Maude.

— Ele é um sobrevivente de operações sinistras com a mesma capacidade de um coelho para ficar parado! Jamais será capaz de se estabelecer numa cidade pequena!

— ... se ao menos pudéssemos nos entender... – continuou Maude.

— O que você sabe sobre se estabelecer em algum lugar? – perguntou Christabel, furiosa. – E quanto tempo acha que sua coleguinha ruiva da alta-sociedade permaneceria aqui? Ou pode mesmo vê-la empurrando um carrinho no supermercado daqui? – acrescentou.

— Parem com isso! – interrompeu Maude. – Parem, parem! Não sou juiz de boxe em cima do meu peru muitíssimo bem-assado!

Os dois pararam no meio da frase e olharam fixo para ela. Maude estava de pé nesse momento, com as mãos cruzadas e a boca formando uma linha reta.

Os dois se entreolharam e pegaram os garfos com resignação. Maude sentou-se.

— Por que eu deveria esperar que ela se estabelecesse aqui, para começo de conversa? – murmurou Judd entre os dentes.

Christabel mastigava um pedacinho do peru.

— Porque ela está usando no dedo de noivado aquele anel de diamante e esmeralda que você comprou, e ela disse que nosso negócio também é negócio dela agora – disse Crissy entre os dentes. – Portanto, para quando é o casamento? – perguntou em tom sarcástico.

Judd não disse coisa alguma. Maude olhava para ele como para a cara de uma fera. Christabel continuou mastigando. Não levantou os olhos. Uma pena. Seu rosto era um estudo clássico de culpa.

Judd baixou o garfo e se levantou, limpou a boca com o guardanapo antes de colocá-lo suavemente na mesa.

— Preciso voltar a Victoria. Feliz Dia de Ação de Graças. – Sua voz saiu tão contida quanto o olhar pesaroso que endereçou à cabeça abaixada de Christabel. Ela continuava sem levantar os olhos. Fazendo uma careta, ele lançou um olhar rápido a Maude, que continuava olhando fixo, e saiu pela porta, sem tocar na sobremesa.

Só quando o SUV se afastou foi que Crissy tomou o café e olhou para Maude.

— Eu não sabia que era um anel de noivado – murmurou Maude.

— Ela não lhe contou porque isso não magoaria você – disse Crissy com frieza.

— Ele não achava que você soubesse do anel, não? – adivinhou Maude.

— Bem, agora sabe — disse ela. Levantou-se e começou a arrumar os pratos vazios e o papel de alumínio na bancada. — Cash recusou meu convite para juntar-se a nós no Dia de Ação de Graças, de modo que mais tarde vou levar o jantar para ele.

Maude quis dizer alguma coisa, mas não tinha certeza se seria apropriado. Crissy estava magoada. Era provável que Judd também. Não sabia por que ele havia comprado aquele anel caro para a modelo, mas tinha certeza de que estava arrependido e não queria que Crissy soubesse. Talvez não esperasse que Tippy contasse a ela. Os homens eram assim, pensou Maude, tristonha, tão cegos para a verdadeira natureza das mulheres quando tinham alguém que percebiam como rival.

— Se ele não fizer o pedido de anulação logo, eu farei — acrescentou Crissy, enquanto enchia um prato. — Que se case com ela. Vai descobrir bem rápido que *ela* não ficará sentada aqui durante cinco anos esperando que ele a note!

Maude estremeceu.

— Criança, Grier é um lobo. Não é material de casamento.

Crissy olhou para a mulher mais velha com curiosidade.

— Material de casamento? Cash é meu amigo. Eu gosto dele mesmo. Mas não quero me casar com ele ou algo parecido.

— Judd acha que você se casaria. — Ela suspirou. — E Grier espera que você se case.

Crissy arregalou os olhos.

— Está brincando.

Maude sacudiu a cabeça.

— Você não viu a maneira como ele olha para você. Judd viu. É por isso que, de repente, começou a ser hostil com um homem que costumava considerar um amigo. Ele está com ciúme, Crissy.

Ela sentiu as faces ficarem quentes, mas voltou-se para sua tarefa.

— Claro que está. Foi por isso que comprou um anel de noivado e saiu com ela na noite do *meu* aniversário, e nem me mandou um cartão, muito menos um presente!

Maude desejou ter uma boa desculpa para isso. Não tinha.

Tampouco tinha o homem que estava passando o diabo para pelejar de volta a Victoria. Judd sentia o estômago embrulhado. Não havia percebido que Tippy anunciaria o fato de ele ter arrasado suas parcas economias para comprar-lhe aquela bugiganga cara. Sem dúvida, ele não queria que Christabel soubesse. Ela passou tanto tempo sem luxos, só para manter a fazenda funcionando. Sacrificara até mesmo a juventude pela fazenda. Ele retribuía comprando presentes caros para uma mulher que mal conhecia e esquecendo-se do aniversário mais especial de Christabel. Ela estava amargurada e magoada, e Judd não podia culpá-la. Olhando para trás, suas próprias ações o chocavam. Não era de admirar que ela estivesse apelando para Grier. Maldito sujeito, tinha tudo a seu favor quando se tratava de atrair mulheres. Sabia complicadas danças latinas e era culto. Estava em seu campo como caçador de mulheres, algo que Christabel não sabia. Ou sabia?

Bateu no volante com a palma da mão, furioso com a própria incapacidade de interpretar seus sentimentos turbulentos. Andar com Tippy de um lado para o outro lisonjeava seu ego. Havia atraído uma mulher que

qualquer solteiro morreria de vontade de acompanhar. Mas isso estava cobrando um tributo em sua vida privada e também profissional. Sabia que ela não era o tipo de mulher que poderia viver com seu emprego e seu estilo de vida, mesmo que sentisse atração física por ele – o que definitivamente não sentia. Ela estava acostumada com luxo e vida em pistas de alta velocidade. Gozado que odiasse Cash Grier, quando ele era o tipo exato de homem de que ela precisava.

Mas Grier queria Christabel. Judd podia ver isso toda vez que o homem mais velho olhava para ela. Estava apaixonado. Cash se casaria com ela num piscar de olhos se Crissy fosse livre. Ela parecia não saber, mas Judd sabia. Seus lábios formaram uma linha fina quando pensou nas possibilidades depois que colocasse a assinatura num documento legal. A consciência dela não a seguraria quando não estivesse comprometida com o casamento no papel.

Ele já podia imaginar Cash Grier de joelhos, brandindo um anel de noivado. Bem, Christabel podia se rasgar pela anulação! Não iria acontecer. Ainda não, por enquanto. Depois do Ano Novo, eles poderiam reavaliar suas posições, quando os ânimos esfriassem.

Neste exato momento, ele ainda tinha dois assassinatos para resolver ali pelo lugar e nenhum suspeito viável. Mas sabia que o assassinato da mulher em Victoria e a morte brutal de Hob Downey estavam relacionados. As coisas ficariam mais fáceis se ele também não estivesse preocupado com o gado envenenado do qual era co-proprietário com Christabel, e a descoberta dela do corpo do pobre e velho Hob. Sabia que os Clark estiveram ligados a envenenamentos de gado antes. Assim, apesar de seus álibis consistentes, não podia descartá-los como seus principais suspeitos. Mas sabia melhor do que a maioria das pessoas como as provas circunstanciais podiam ser perigosas. Estava com raiva de Jack Clark por causa do confronto com Christabel. Pelo menos, era isso que um estranho imparcial deduziria de qualquer acusação de sua parte. Se ao menos houvesse algum pequeno indício físico que os levasse a algum dos irmãos. Mas até o momento não havia.

Voltou a pensar na mesa de Ação de Graças e sentiu-se infeliz por ter se deixado atacar Christabel daquela maneira. Foi a menção a Grier. Ela não conseguia ter uma única conversa sem arrastar o nome do sujeito no meio. Se ao menos houvesse um modo de tirar Grier de Jacobsville para sempre! Mas Judd não tinha idéia de como realizar isso. Nem percebia então por que queria fazê-lo.

Crissy fez a ceia do Dia de Ação de Graças com Grier, voltou para casa e telefonou para os Hart. Leo não estava em casa, de modo que tentou Rey Hart. Estava curiosa em relação às ligações dos Hart com os japoneses e seu interesse nos mercados do exterior. Rey era vice-presidente de marketing, e ninguém conhecia melhor do que ele o modo de abrir novas avenidas de lucro.

— Gostaria de saber se você e Judd podiam estar interessados nessa oportunidade – respondeu Rey quando ela perguntou sobre a visita dos dignatários. – Cy Parks também estava, mas já comprometeu seu gado para o ano que vem, assim como os Tremayne. Seus novinhos seriam perfeitos, se você estiver interessada. Vocês são como nós, criam carne orgânica. É exatamente o que nossos contatos desejam para sua cadeia de restaurantes em Osaka e Tóquio.

A cabeça de Crissy deu um salto.

— O mercado paga bem?

Ele deu uma risada.

— Paga muito bem – disse ele. – Sobretudo agora. O Japão teve algumas perdas em seus recursos de carne no ano passado. Agora está começando de novo. Estão procurando gado reprodutor e carne orgânica de primeira. Esse é o melhor momento para formar alianças. – Citou um preço e ela teve de se sentar para não cair.

— Oh, que extraordinário – disse ela. – Há muito que estamos vendendo com prejuízo...!

— Só você? – replicou Rey. – Interessada?

— Estou! Judd também vai ficar quando ouvir.

— Que tal se vocês dois vierem até aqui amanhã por volta da uma hora para conhecer nossos hóspedes? Estão com Corrigan e Dorie.

— Não podia ser no sábado? Estou de folga da escola para os feriados, mas Judd tem de trabalhar.

— Desculpe, esqueci disso. Claro. Sábado à uma. Está bom para você?

— Está! Oh, Rey, você não sabe como ficamos agradecidos – disse ela.

— Todo mundo está passando por um momento ruim agora – ele explicou. – Por que acha que estamos olhando com tanto afeto para os mercados no exterior? Todos nós vamos nos ajudar a sair dessa. Que é o que os pecuaristas... e as pecuaristas fazem, não é?

Ela sorriu.

— É. Gostaria de poder fazer alguma coisa por você.

— Bem, você pode...

— O quê? – perguntou ela, ansiosa.

— Traga Cash Grier junto. Ele fala japonês com fluência e nós não, e eu gostaria de ter alguém do nosso lado para traduzir, assim como alguém do lado deles, só para ter certeza de que não estamos entendendo mal alguma coisa.

Ela deu risada.

— Cash adoraria.

— Ótimo! Nos vemos no sábado à uma.

Ela desligou e rangeu os dentes. Sabia que Cash iria se ela pedisse, mas isso não tornaria as coisas mais fáceis com Judd. No entanto, se havia alguma esperança de tirar a fazenda deles do vermelho, era essa. Era como uma dádiva do céu.

Discou o número de Judd antes de perder a coragem. O telefone tocou várias vezes, e ela estava prestes a desligar, quando ouviu a voz profunda dele no outro lado.

— Temos uma oportunidade de mercado – disse ela, rápido.

Houve uma pausa.

— De que tipo?

Ela esboçou o negócio dos Hart, o lucro a ser ganho, e esperou a resposta dele.

— Não sei falar japonês.

— Nem eu. Mas eles têm tradutores – ela explicou, rezando mentalmente para não ser obrigada a mencionar Cash, fazendo com que ele explodisse em sua cara de novo.

Judd fez um som áspero.

— Grier fala japonês fluentemente. Poderíamos levá-lo junto e pedir que traduza. Se você puder convencê-lo – sugeriu Judd com um sarcasmo mal velado.

— Os Hart já fizeram isso – ela mentiu. – Querem estar seguros de que entendem todos os detalhes.

— Oh. – Ele pareceu relaxar. Houve uma outra pausa. – Em relação ao jantar – disse ele, devagar. – Eu não tinha a intenção de pular na sua garganta daquele jeito.

Ele nunca pedia desculpas. Isso era o mais próximo de uma desculpa a que chegaria. Ela sorriu consigo mesma.

— Eu também – disse ela em tom formal. – Feliz Dia de Ação de Graças.

— É isso aí – Mais uma pausa. – Você se casaria com Grier?

O coração dela deu um salto.

— Como é?

— Se ele pedisse.

Crissy não conseguiu fazer a cabeça funcionar. A pergunta estava completamente fora do campo de jogo.

— Esqueça – disse ele de forma abrupta, quando ela hesitou. – Não será mais da minha conta depois da anulação. Vejo você mais ou menos às 12:30 do sábado.

— Está bem. Estarei...

Ele desligou.

Ela lançou um olhar feroz para o telefone e desligou. Judd era o homem mais exasperante que ela conhecia. Mas pelo menos, os dois estavam se falando novamente.

Grier concordou prontamente em acompanhá-los, mas foi em seu próprio veículo. Judd levou Christabel em seu SUV até a extensa fazenda Hart. Para surpresa dela, ele estava usando a roupa de trabalho.

— Estou num caso – disse ele. – Só pedi para sair o tempo necessário para fazer isso, mas tenho de voltar logo.

— Outro assassinato? – perguntou ela.

Ele sacudiu a cabeça.

— O mesmo. Acharmos que podemos ter uma pista. Houve uma testemunha que viu um caminhão suspeito andando em volta da casa da mulher.

— Ela vivia na cidade, em Victoria?

Ele sacudiu a cabeça.

— Ela e o marido tinham uma pequena fazenda fora dos limites da cidade. Estamos tentando descobrir se os irmãos Clark já trabalharam para eles.

— Eu não ficaria surpresa se eles estivessem envolvidos de alguma forma – disse ela.

Judd franziu as sobrancelhas intensamente.

— Não mencione essa nova marcha dos acontecimentos a ninguém.

Ponto.

Ela queria contar a Grier, mas aquele olhar intimidava.

— Está bem. Para ninguém. Certo.

Judd voltou a atenção para a estrada.

— Afinal, as coisas podem estar melhorando.

— Se fecharmos esse negócio, com certeza, vão melhorar – disse Crissy. – Imagine um preço desses por exportar nossa carne para outro país, quando nem estamos conseguindo dar de graça aqui.

— É um pequeno milagre, e precisamos de um.

Ela quase mordeu o lábio para não concordar com ele. O anel que Judd comprara para Tippy estava corroendo até a medula de seus ossos. A falta de capital operacional era uma ameaça real, e Judd comprometera a fazenda com aquele presente cintilante. Ele tinha de saber disso sem que lhe fosse dito.

— Rey disse que esses cavalheiros são homens de negócios muito gentis e honrados – disse ela antes que ele tivesse tempo para se perguntar sobre seu silêncio.

— Ele deve saber. Os Hart são homens de negócios sensatos. Conhecem um bom negócio só de olhar. – Judd olhou de soslaio para ela, curioso. – Foi Rey quem ligou?

Ela sacudiu a cabeça.

— Ouvi dizer que esses homens iriam à fazenda deles, esperando comprar carne orgânica. O certo pareceu ser telefonar para os Hart e perguntar se poderíamos entrar no negócio. – Ela enrubesceu. – Só agora fiquei achando que pareceu atrevimento.

— Parece o modo de pensar competente nos negócios. Se eu tivesse menos assassinatos com que pelear, eu mesmo poderia ter pensado nisso. – Judd mudou de assunto. – Ficou sabendo com Joel Harper quando a equipe de filmagem vai voltar?

— Sim. Ele disse que voltariam em quatro de dezembro – disse ela, concisa.

Os olhos negros dele encontraram os dela antes de voltarem à estrada.

— Não vai demorar nada e chega o Natal – observou ele, pensando no lindo colar de pérolas e o par de brincos de botão que compraria para ela como combinação de presente de aniversário atrasado e Natal. Eram de ouro puro com pérolas cor-de-rosa, as favoritas dela. Crissy adoraria.

Ela olhou para fora da janela.

— É mesmo. – Crissy se perguntava se a linda supermodelo teria planos para ele que incluíssem esse feriado. Mas não podia se dar ao luxo de deixar que Judd soubesse de suas preocupações. Ele não a queria. Ela não se jogaria sobre ele.

Judd parou junto ao prédio do escritório da fazenda dos Hart e desligou o motor. Crissy saltou de seu lado no exato momento em que Cash parava sua picape junto a eles. Estava de uniforme, era óbvio que trabalhava nesse dia.

— Ouvi dizer que precisam de mim como tradutor. – Ele provocou Crissy. Ela abriu um sorriso.

— Basta traduzir um bom negócio para nós que eu te recomendarei para todo mundo que quiser.

Ele deu uma risada. Judd afastou-se dos dois e partiu em direção ao escritório.

Os executivos da corporação japonesa eram encantadores e muito inteligentes. Ambos falavam inglês, embora as nuances do idioma e a fala arrastada do Texas fossem formidáveis oponentes para uma compreensão adequada.

Cash falava o idioma com uma fluência que provocou sorrisos encantados nos japoneses e nos dois tradutores. Parecia muito à vontade, até no costume de inclinar a cabeça em vez de apertar as mãos e sabendo exatamente como formular perguntas sem ofender.

— O senhor Kosugi gostaria que vocês dois fossem seus hóspedes em Osaka, em janeiro – disse Cash a Christabel e Judd. – Se concordarem, ele designará um de seus assistentes para ajudar vocês com os arranjos, encontrá-los no aeroporto e conduzi-los por Osaka. Quando vocês virem suas instalações, conhecerem a família e a equipe deles, assinarão um contrato formal.

Judd franziu as sobrancelhas.

— É uma viagem cara, Cash – ponderou.

— É a nossa, como vocês dizem isso, vez de convidar – disse o senhor Kosugi com um sorriso. – É a maneira como fazemos negócios.

Judd ainda estava com sobrancelhas franzidas.

— Trabalho com aplicação da lei – disse ele.

— Sim, sim, você é Texas Ranger – disse o cavalheiro mais velho, excitado. – Lemos sobre vocês, os Rangers, e assistimos a filmes americanos do Texas.

Judd sorriu.

— Sim. Por isso não posso aceitar presentes.

— Vocês podem me presentear com duas passagens – disse Christabel, desembaraçada. – Eu o levo comigo ao Japão.

— Christabel – disse Judd.

Ela puxou-o para o lado e olhou-o de modo penetrante.

— Ainda somos casados – disse ela energicamente. – O que possuo é seu também. Se eu ganhar duas passagens, posso dar uma a quem quiser, o que inclui você. Nem seu chefe pode se queixar se sua esposa lhe der um presente. A única coisa que precisa fazer é pedir uma licença para ir comigo.

Ele hesitou. Olhou de soslaio para Grier que observava com grande interesse. Ocorreu-lhe que Grier seria um companheiro de viagem ainda melhor para ela, porque também falava japonês. Seus olhos começaram a arder. Ele baixou os olhos para ela.

— Está bem. Não gosto disso, mas farei.

— Não é como se o senhor Kosugi lhe pedisse que roubasse um banco para ele nem que fizesse favores pessoais – disse ela. – É um negócio da fazenda, Judd. E se não formos, não vai haver fazenda por muito mais tempo.

Ele não poderia argumentar contra isso. Queria obtemperar, mas Crissy estava certa. Judd odiava a idéia de desistir da herança do tio e de seu direito inato a ela porque era teimoso demais para admitir que Christabel estava certa. Tampouco admitiria que sua extravagância os magoasse ainda mais.

— Eu vou – disse com voz pesada. E acrescentou, firme: – Mas antes, preciso discutir o assunto com meu chefe.

Crissy sorriu com suavidade.

— Não posso imaginar você sendo menos honesto com qualquer pessoa – disse.

As sobrancelhas grossas dele se uniram.

— Não fui honesto com você – disse ele, devagar.

As faces dela ficaram coradas. Ela desviou o rosto e toda a velha amargura voltou.

— Sua vida particular já não é da minha conta, Judd. Vamos nos concentrar na fazenda.

Crissy virou-se e voltou para os outros antes que Judd pudesse dizer outra palavra.

O fim de semana e a semana seguinte vieram e se foram e, num piscar de olhos, a equipe de filmagem estava de volta. Crissy olhou fixo para Tippy Moore, com toda sua alma, quando voltou da escola para casa, em especial quando Judd apareceu no fim do primeiro dia de filmagem para levar Tippy para o hotel. Era a mesma velha coisa, tudo de novo, exatamente quando Crissy esperara que ela e Judd, enfim, comessem novamente com o negócio japonês. Sem chance, com o Pirilampo da Geórgia no emprego. Ela também ainda estava usando o maldito anel.

Crissy mergulhou nos estudos e tentou ignorar o que estava acontecendo ao seu redor. Começava a achar que o pessoal do cinema iria viver com eles para sempre, e seus nervos estavam ficando em frangalhos.

Numa manhã de segunda-feira, depois de alguns dias de filmagem, Cash chegou cedo. A equipe começava uma pausa para café e bolinhos quando ele parou diante da casa.

Cash estava de uniforme e parecia sombrio. A aula de Crissy desse dia fora cancelada e ela estava em casa, tentando não se meter no caminho. Ela saiu ao encontro dele. Estava de calça jeans e camiseta, com os cabelos numa bela trança enrolada e presa na nuca.

— Que surpresa mais agradável – disse ela, sorrindo. – O que há?

— Nada sensacional, mas preciso conversar com você. – Ele puxou-a para um lado. – Soube o que aconteceu no sábado à noite?

— Não – disse ela, surpresa. – Não fui à escola hoje porque meu professor está doente, de modo que fiquei isolada de qualquer notícia.

— Parece que Jack Clark deu uma investida em Janie Brewster no O'Shea's e saiu dando socos nela. Também a ameaçou com uma faca. Estou com ele na cadeia.

— Pobre Janie – disse ela, chocada. – Mas que sorte a dela, já que ele está trancafiado. Sorte minha também. – Crissy sentiu que havia mais coisas. – Quem o prendeu?

— Eu – confessou Cash –, depois que tanto Leo Hart como Harley Fowler foram para cima dele. O sujeito conhece luta marcial, e é muito competente nisso. Usei velhos truques para derrubá-lo.

Crissy ainda ruminava a notícia. Tinha andado com um pouco de medo de Jack Clark. Agora estava segura. Assim como a pobre Janie.

— O irmão dele apareceu ontem, tarde da noite, para visitá-lo. Disse que iria conseguir um bom advogado para ele. – Cash suspirou. – Ele vai ter um pouco de dificuldade com isso. Ao que parece, ele pode perder o emprego em Victoria. Só Deus sabe onde ele pensa conseguir o dinheiro para um advogado de júri.

— Você parece muito preocupado – observou ela. Aproximou-se, cautelosa com a supermodelo ruiva que pairava nas proximidades. – Cash, o que há?

Ele descansou a mão no cabo da automática .45 no coldre do cinturão de trabalho.

— Crissy, Jack Clark tem um amigo que dirige uma picape preta com uma listra vermelha.

CAPÍTULO 11

Crissy ainda levou algum tempo para absorver a informação. Respirava aos trancos, asperamente.

— É a picape que o velho Hob viu perto da minha cerca cortada – lembrou ela.

Ele acenou com a cabeça.

— Acabo de contar a Judd. Esse veículo é o elo que falta. Sabíamos que havia uma ligação, mas não conseguíamos encontrá-la. Pelo visto, não pertence a Clark. Pertence a um camarada dele da fazenda em que está trabalhando, nos arredores de Victoria, um sujeito chamado Gould.

— Você pode prendê-lo? Judd pode? – perguntou ela.

Cash fez uma careta.

— Não é tão simples assim. Não podemos prendê-lo sem provas. A picape é a única pista que temos no momento.

— Ouvi Hob dizer que tipo de veículo era – rebateu ela.

— Sim, mas isso é apenas boato. Não é prova suficiente para prender um homem por suspeita de assassinato. Precisamos ir com calma e ver se podemos encontrar provas suficientes para obter um mandado de busca – disse ele. – Se ele suspeitar de alguma coisa, pode bater asas como um passarinho, mesmo com o irmão na cadeia.

Ela franziu as sobrancelhas e esfregou os braços, inquieta.

— Bem, pelo menos um dos Clark estará fora das ruas por algum tempo. Não é mesmo?

— Janie obteve um mandado de prisão por agressão com agravante – disse Cash. – Harley Fowler e Leo Hart também apresentaram queixa por agressão. Eu o acusei de resistência à prisão e agressão a um policial. Mas se o irmão dele conseguir um bom advogado e ele puder pagar a fiança... bem, é um risco.

— Para qualquer pessoa que tenha visto o tal veículo ou que saiba dele – adivinhou Crissy, preocupada.

— Não fique assim – disse ele com voz rouca. – Eu jamais deixaria que alguma coisa acontecesse com você!

Os olhos dela encontraram os de Cash e ela notou, pela primeira vez, a emoção que havia ali. Cash não conseguia dissimular direito.

— É a polícia de novo! – falou Tippy Moore, arrastando as palavras nas proximidades, atirando para o alto os longos cabelos ruivos, para o proveito de qualquer homem à vista. Sorriu com sarcasmo para Grier. – Você quase mora aqui, não? Veio prender alguém ou a senhorita Gaines não consegue passar um dia sem que você esteja nele? – acrescentou maldosamente.

Os olhos escuros de Cash deslizaram passando por Crissy e indo para a linda mulher que acabava de se juntar a eles.

— Estou colhendo informação para uma investigação de homicídio. A menos que você ache que pode solucionar o caso, está sobrando aqui – disse ele.

Tippy arqueou as sobrancelhas perfeitas.

— Quem foi morto? – Olhou de soslaio para Crissy, levantando a mão de propósito, de modo que a luz batesse nos diamantes e cintilasse com força. – Alguém que a senhorita Gaines conhece?

— Com certeza, ninguém que você conheça – respondeu ele em tom categórico. – Estou pressionado pelo tempo.

— Nossa, não acha que eu estou tentando detê-lo? – ela zombou. Seus olhos pousaram nele quase como um insulto. – Eu disse a ela que lhe dissesse que você não é meu tipo!

Os olhos escuros de Grier se estreitaram no rosto dela. Crissy pensou que jamais tinha visto olhos tão frios.

— Um elogio, sem dúvida – disse ele com voz suave. Até sorriu. – Meu gosto não chega ao seu tipo de mulher, senhorita Moore. Não preciso pagar mulheres para sair comigo.

O rosto de Tippy Moore ardeu. Ela lançou um olhar feroz a Cash.

— Eu não sou garota de programa – conseguiu soltar. – Mas se fosse, meu chapa, não haveria dinheiro no mundo suficiente para colocar você em minha cama!

— Você tem todo o direito! – disse ele friamente.

As mãos pequenas dela apertaram as laterais do corpo. Seus cabelos pareciam pegar fogo.

— Já rejeitei astros do cinema, milionários e até príncipes. O que o faz pensar que eu olharia duas vezes para um tira caipira como você? Já consegui tudo!

Ele ergueu uma sobrancelha e lançou-lhe um olhar que teria derretido ferrugem.

— O que você tem, minha dama, é um rosto bonito e formas passáveis. Dentro de cinco ou seis anos, não vai achar uma revista de moda que queira mostrar você nos anúncios. Então, o que vai fazer quando homens que suspiravam por você inventarem todas as desculpas para fugir da sua frente?

Ficou óbvio que ela já havia pensado nisso, porque ficou pálida.

— Você não parece ter educação, nem modos, nem cultura, nem consideração pelas outras pessoas. E acha que um rosto bonito compensa a falta desses atributos? – continuou ele. – Por que não dá uma boa olhada no espelho? É muito menos atraente para os homens do que pensa ser. E já conheço você muito bem, embora Judd Dunn não conheça ainda.

— Ele me deu um anel – disse ela entre os dentes. – Está louco por mim!

— Ele é louco mesmo, está bem – disparou Cash de volta. – Você o levaria à falência em duas semanas e o deixaria sangrando em seu trajeto em direção a uma carteira de dinheiro mais gorda. Nem olharia para trás para ver se ele morreu.

— Você... não sabe nada sobre mim! – disse ela, sufocando.

— Conheço ralé só de olhar – contra-atacou ele com olhos frios.

O lábio inferior de Tippy tremia. Parecia arrasada. Não conseguiu sequer uma observação mordaz de despedida. Virou-se e saiu, trêmula, de volta para

o cenário onde o diretor estava esperando, as costas retas. Mas quando chegou a Joel Harper, caiu em seus braços num choro convulsivo.

Os lábios de Cash se nivelaram.

— Teatro – disse ele, rudemente. – Essa mulher é uma manipuladora de primeira. Judd está maluco se acha que ela se importa com ele.

— Eu sei – disse Crissy com tristeza.

Mas sentia uma estranha pena de Tippy. Nunca tinha visto aquela mulher equilibrada e sofisticada em tal estado. Ficara desconcertada antes quando Cash fora rude com ela, mas dessa vez ficara genuinamente arrasada. Ele parecia odiá-la de fato. Crissy perguntou-se por que a opinião dele era tão perturbadora para Tippy quando ela parecia desgostar tanto dele.

— Preciso voltar ao meu gabinete – disse Cash em tom suave. – Fique atenta. Eu me assegurei de que Nick saiba ajudar. Não pense que Clark seja menos perigoso na cadeia. Já vi homens metidos em encrenca maior pagarem fiança.

Ela deu um suspiro.

— Vou ficar com a pistola à mão. Tome cuidado você também – disse ela com autêntica preocupação.

Ele encolheu os ombros.

— Já sobrevivi a coisas piores do que os irmãos Clark – disse, sorrindo. – Vejo você mais tarde.

— Certo.

Ele foi embora sem dar outro olhar na direção de Tippy. Mesmo com a concorrência que a outra mulher fazia pela atenção de Judd, Crissy não pôde deixar de se sentir mal por ela. Cash fora brutal, e era óbvio que a opinião dele importava para a linda modelo. Aquelas lágrimas foram de verdade, mesmo que Cash não pensasse assim.

Enquanto a equipe fazia uma pausa para dar tempo a Tippy a fim de que o maquiador consertasse o estrago que as lágrimas fizeram em seu rosto, Crissy ficou esperando do lado de fora até a mulher mais velha sair.

— O que você deseja, vangloriar-se? – perguntou Tippy com sarcasmo.

— Uma modelo acabou com o casamento dos pais de Cash – disse Crissy tranquilamente. – Isso não desculpa o modo como ele é, mas ajuda a explicar. Ele estava na escola primária e adorava a mãe.

Ela começou a se afastar, mas uma mão delicada tocou em seu ombro de leve, apenas o suficiente para ser percebida e detê-la.

— Tenho sido mesquinha com você – disse a modelo em tom solene. – Por que você haveria de se preocupar se ele magoa? Na verdade, o que você saberia sobre o mundo real, com seu passado protegido? – acrescentou com amargura.

Crissy encontrou calmamente os lindos olhos verdes.

— Você acha que vivo num mundo de contos de fadas com final feliz e perfeita harmonia? Meu pai se embriagava e quase me matou. Minha mãe morreu. Judd e Maude são tudo que eu tenho no mundo.

Virou-se e, dessa vez, não parou. Talvez não devesse ter dito aquilo a Tippy, mas Cash tinha sido cruel. Ele jamais pediria desculpas, não com seu histórico. Gozado, ponderou, que se importasse em ver a modelo em lágrimas. Ela não tinha feito outra coisa a não ser fazer Crissy passar um mau pedaço, e ainda por cima levou Judd embora. Mas Judd se importava com aquela mulher

horrível e não havia nenhum modo de Crissy ser capaz um dia de magoar alguém que ele amasse.

Atrás dela, a mulher mais velha ficou parada, congelada e rígida, odiando a compaixão naquela voz suave, a compreensão por trás dela. Antes pensava que a pequena Christabel Gaines tivera a infância perfeita. Foi um choque saber da verdade, e isso a fazia sentir-se culpada. Olhou para o anel caro no dedo e comparou-o com as calças jeans rasgadas e as botas velhas e gastas de Christabel. Voltou em direção ao cenário com o orgulho em pé. Nunca tinha pensado em si mesma como uma mulher cruel. Só que Judd a fazia sentir-se segura e era protetor demais em relação à sua sócia na fazenda, a senhorita Gaines. Ela não poderia desistir dele. Não poderia! Ele era a única coisa que ficava entre ela e os homens perigosos para ela. Homens como Gary Mays, o assistente de direção, e – acima de todos – Cash Grier. Apesar da compaixão de Crissy, elas eram rivais pelo mesmo homem. E era verdade que tudo era justo no amor e na guerra.

As últimas duas semanas antes do Natal foram frenéticas. Crissy estava fazendo os exames finais na escola, e o malabarismo com os estudos e as tarefas da fazenda parecia não ter fim. A desordem caótica do pessoal do filme que aglomerava-se ao seu redor tornava a vida difícil, e ela tornava-se cada vez mais impaciente. Maude ficava fora do caminho e Judd nunca se aproximava da fazenda a não ser para levar Tippy de volta ao hotel da cidade. Ele era educado com Crissy, mas a antiga afeição natural entre eles parecia ter acabado para sempre. Não lhe ocorreu que, em geral, Cash estava por perto sempre que Judd ia à fazenda e ele notava.

Ela, Nick e os trabalhadores de meio expediente cavalgavam beirando as cercas, cuidavam das vacas prenhes, consertavam telhados com infiltração, carregavam feno com forcado, transportavam água e faziam as mil e uma outras tarefas diárias que mantinham a fazenda funcionando. Num dia livre, ela percorreu todo o trajeto até Victoria para fazer compras, à procura de um tipo especial de alfinete de gravata de prata que Judd mencionara ter visto e gostado. Levou metade do dia para localizá-la numa pequena joalheria. Levou-o para casa, triunfante, e embrulhou-o. Quando ela e Maude montaram a árvore de Natal na sala de estar, Crissy aconchegou-o entre os galhos onde não seria óbvio demais. Comprou para Cash uma linda carteira, porque notara que a dele estava muito gasta.

As visitas de Cash se multiplicaram depois da prisão de Clark. Crissy percebeu que Tippy Moore não mais o atacava. Mantinha-se estranhamente contida quando ele estava por perto. Ficava fora do caminho dele e Cash a ignorava por completo.

— Tem fogo nessa fumaça – comentou Maude, certa tarde, depois que Cash foi embora no carro.

— Que fumaça? – murmurou Crissy com a cabeça enfiada no livro escolar.

— Aquela modelo e Cash Grier – disse ela. – Está ardendo em fogo lento, enquanto se evitam. Mas coloque os dois juntos e haverá explosões o tempo todo.

— Os dois se odeiam – disse Crissy, surpresa.

— Talvez sim, talvez não. – Ela levantou a cabeça, observando Crissy enquanto secava os pratos. – Você e Judd vão ao Japão?

— Só no ano que vem. Ainda nem decidimos uma data. Mas é a melhor notícia que tivemos nos últimos tempos. — Ela virou uma página. — Eu e Judd já decidimos que vamos usar todo o dinheiro do filme para substituir aquele touro Salers. Mas algumas de nossas novilhas já haviam sido cobertas por ele, e também por aquele touro Hereford que perdemos. Quando soubemos quantas novilhas prenhes tínhamos, Nick chamou um homem que conhece e faz inseminação artificial, e compramos sêmen de um touro Salers campeão. As novilhas restantes foram servidas. Assim, agora estamos esperando uma safra de bezerros na primavera. É nela que os japoneses estão interessados. Nada de aditivos, nenhum antibiótico desnecessário, alimentados a capim, apenas com uma pequena mistura de vitaminas e suplementos, nenhum deles componente animal, e livre de pesticidas.

— Pelo que me lembro — Maude abriu um sorriso largo —, Judd teve de ser convencido a aceitar essa coisa de carne orgânica.

— Quando sugeri, ele sabia que eu tinha feito o dever de casa. Agora está contente com esse negócio no exterior cozinhando.

Maude sorriu para a moça, afetuosamente.

— Criança, você é uma pecuarista de berço.

Crissy abriu um sorriso de satisfação.

— Assim como minha tia-avó Sarah — ela lembrou à mulher mais velha —, que administrou sua própria fazenda muito tempo antes que se tornasse uma atividade normal também entre as mulheres.

— Judd está orgulhoso de você — murmurou Maude, desviando os olhos para a pia. — Ele não quer que você desista da escola, não importa como as finanças fiquem difíceis por aqui.

— Farei o que tenho de fazer — disse Crissy. — Ouça, mantenha aquela porta dos fundos trancada quando só nós estivermos aqui — acrescentou. — Um dos Clark está na cadeia, mas o outro, não.

— Não esqueci.

— Não podemos nos dar ao luxo de baixar a guarda nem por um minuto — disse ela. — Eu até carrego minha pistola na caminhonete, debaixo do assento. — Suspirou preocupada. — Foi um dia triste para o leste do Texas quando os irmãos Clark se mudaram para cá.

— Talvez não fiquem por aqui por muito mais tempo — disse Maude.

Essas palavras acabaram sendo proféticas. Quatro dias depois que o elenco e a equipe foram passar o feriado de Natal em casa, John Clark viu-se desempregado e sem meios de pagar um advogado para o irmão.

Pensando que conseguiria o dinheiro da maneira fácil, vestiu uma máscara de meia e entrou no Banco Comercial de Victoria, na véspera do Natal, com uma espingarda de caça, pouco antes de o banco fechar ao meio-dia. Para infelicidade dele, o guarda de segurança localizou-o a tempo de pedir ajuda, e infelicidade maior foi a ajuda ter vindo na forma do Texas Ranger designado para aquele condado, Judd Dunn.

Clark disparou a espingarda contra os homens de uniforme e acertou o guarda de segurança, mas não antes que este e Judd Dunn atirassem com suas armas. Ele não teve ajuda.

Judd parou em frente à casa da fazenda pouco antes do anoitecer. A coisa toda esteve no noticiário das seis horas, a tentativa de assalto e suas

consequências. Houvera uma ampla cobertura filmada de Clark caído no salão do banco, coberto de sangue.

Maude assistira com Christabel, mas a irmã havia ligado e pediu que ela fosse passar a noite, já que não queria ficar sozinha na véspera de Natal. Maude sentiu-se mal por sair naquelas circunstâncias, mas a irmã não vinha passando bem. Crissy a convenceu a ir. Então ficou aguardando, esperando que Judd fosse consolá-la. Por mais incrível que parecesse, ele fora.

Christabel foi até o SUV e esperou que ele desligasse o motor e saísse.

Ele não saiu por um minuto. Olhava fixo para ela através da empoeirada janela lateral com olhos que mal a enxergavam. Eram olhos negros, mortos. Crissy abriu a porta e puxou-o pela manga da camisa branca.

— Fiz café, pão fresco, macarrão e caçarola de queijo. Tem torta de maçã de sobremesa. Venha.

Judd saiu do enorme veículo como um sonâmbulo. Ela notou que seu rosto estava estranhamente pálido.

Num impulso, ela engatou a mão pequena na de Judd e conduziu-o para a casa e o corredor até a cozinha. Era incomum da parte dele que a deixasse tocá-lo. Crissy ficou embriagada com a liberdade. Era bom sentir aquela mão grande e magra tão bem emaranhada entre seus dedos.

— Sente-se – disse ela em tom suave, empurrando-o para uma cadeira diante da mesa, que já estava posta.

— Você ouviu – murmurou ele, colocando o chapéu numa cadeira vazia.

Ela assentiu. Depositou legumes bem cozidos e pãozinhos frescos em recipientes sobre a mesa, junto com a caçarola de macarrão. Colocou pratos, guardanapos e utensílios em ambos os lugares, serviu café em duas canecas, passou um para ele e sentou-se.

— Diga a oração de graças, Judd – disse ela suavemente.

Ele disse, mas num tom de voz estridente. Não conversou. Ela não esperava que ele o fizesse. Por enquanto, era recente demais, traumático demais, para pôr em palavras. Crissy sabia.

No momento em que passaram à torta, Judd estava mais calmo e sua enorme constituição física menos rígida. Ele deu um débil sorriso.

— Você sabe como lidar comigo, não? – perguntou ele, olhando-a de soslaio.

— Eu conheço você – disse simplesmente.

Judd respirou fundo durante um longo tempo e terminou a torta. Tomou a segunda xícara de café, observando-a através da mesa.

— Nenhuma pergunta?

Os olhos de Crissy encontraram os dele, e ela viu a dor e o tumulto que havia neles.

— Seria cruel – disse.

No entanto, ele estremeceu. Baixou a xícara de café com força. Sua boca formou uma linha fina. Não poderia contar a ela. Queria conversar. Precisava conversar. Mas a áspera masculinidade, que era tão parte dele quanto sua camisa branca e o distintivo Ranger de prata, tornava isso quase impossível. Ele odiava fraquezas. Não poderia admitir isso.

— Você foi treinado para não deixar que as coisas o incomodem – começou ela, devagar, encontrando seus olhos. – Tem de ser forte, de modo que as outras pessoas possam confiar em você quando houver uma emergência. Você não pode sucumbir nem mostrar emoção, porque tem de

fazer o trabalho. É por isso que é tão difícil quando acontecem coisas assim. Você não quer admitir que magoa quando precisa usar esse revólver que carrega ou que isto o está dilacerando por dentro. – Crissy examinou-lhe os olhos, notando sua surpresa. – Mas você é muito humano, Judd, e foi criado numa igreja, de modo que a coisa se torna pior para você. Não vou sondar nem espionar, nem oferecer-lhe lugares-comuns. Resolva isso do jeito que precisar. Mas, se quiser conversar, eu sempre estarei aqui para ouvi-lo.

O peito de Judd subiu e desceu pesadamente.

— Você e Grier – disse ele, desanimado, olhando fixo para a xícara vazia. – Na verdade, ele me telefonou e disse que eu poderia conversar com ele se precisasse.

Crissy examinou-o com olhos famintos, que escondia com as pestanas.

— Cash fez um bocado de coisas terríveis nesses anos – replicou ela. – Já matou pessoas. Sabe como é.

Os olhos escuros examinaram os dela.

— Ele lhe contou sobre algumas delas?

Ela sacudiu a cabeça.

— Cash é como você. Não conversa sobre as coisas que mais machucam. Mas acho que poderia contar a você. Acho que você poderia contar a ele. Sei que não gosta dele, mas Cash é gentil comigo.

— Gentil quando eu não era – ele devolveu de maneira surpreendente. Seus olhos se estreitaram no rosto dela. – Grier é o tipo de homem que faz outros se sentirem desconfortáveis. Já fez de tudo, já esteve em todas as partes. É culto, rico e não tem medo de coisa alguma nesse mundo.

Ela quis dizer: “Mas ele não é você”. Não se atreveu. Ele estava envolvido com uma mulher que a fazia sentir-se inferior de todas as maneiras. Não estava mais conduzindo com o coração.

Crissy levantou-se e serviu mais café para os dois.

Judd a observava, notando as rugas de tensão em seu rosto, a fragilidade de seu corpo jovem, o estado da calça jeans desbotada, porém limpa, da camisa e das botas velhas. Fez uma careta, pensando no anel no dedo de Tippy. Na agonia daquele dia, também se esquecera do presente para Christabel em Victoria. Precisaria lembrar-se de dizer a ela que tinha o presente, de modo que ela não pensasse que não comprara algo de propósito.

Crissy tornou a sentar-se.

— Estou tão cansada – murmurou. – Acabei os exames e acho que passei em todos, mas eu e Nick estivemos fazendo reparos rápidos nas cercas e examinando as novilhas prenhes a tarde inteira. Se esse negócio com os japoneses der certo, talvez possamos contratar mais um homem em tempo integral, para que eu possa descansar um pouco. – disse ela em tom brincalhão.

Mas Judd não sorriu.

— Você é nova demais para ter de carregar tamanha responsabilidade nos ombros – disse.

Crissy arqueou as sobrancelhas.

— Sou meio proprietária deste lugar e não trabalho nem um pouco mais duro do que você! Na verdade, trabalho menos. Sou apenas uma estudante. Você tem um trabalho exigente.

O rosto de Judd retesou-se.

— Exigente demais nesse momento – disse ele, entre os dentes.

— Como está o guarda de segurança? – ela perguntou para distraí-lo.

— Está fora de perigo – respondeu Judd. – Ainda estão tirando chumbo de caçar passarinho calibre .00 dele, mas vai se recuperar bem. No entanto, talvez ele perca um pouco o movimento do braço. Que droga, ele localizou o sujeito e ligou pedindo ajuda, esperando que pudéssemos pegá-lo sem derramamento de sangue. Eu estava fora, numa investigação, a menos de meio quarteirão do banco. Corri todo o trajeto e cheguei na porta da frente no exato momento em que Clark ameaçava uma mulher com a espingarda. O guarda me viu entrando de mansinho pela porta da frente, com a arma na mão, e ele sacou a dele. Clark atirou. O guarda e eu atiramos simultaneamente, mas tarde demais para evitar o fogo de resposta. O guarda foi atingido. – Ele parecia absolutamente assombrado. – Clark caiu como um saco de areia.

Ele franziu as sobrancelhas com intensidade.

— As pessoas parecem tão desamparadas quando morrem, Christabel – disse num sussurro. – Como bonecos grandes. Ficam ali caídos, de olhos arregalados, enquanto todo mundo olha para eles, invadindo sua privacidade... e não podem fazer coisa alguma para se protegerem desses olhares embasbacados.

— Ele tentou matar alguém – lembrou Crissy. – Não consegue pensar no que podia ter acontecido se você não tivesse aparecido a tempo? Se John Clark fosse igual ao irmão, talvez não hesitasse em atirar para matar.

— Era isso que eu tinha medo que ele fizesse – Judd confessou. – A mulher nos disse que o enfrentou falando alto, quando ele lhe apontou a arma. Ele disse que tanto fazia ser enforcado por um carneiro como por um cordeiro. Nós não perguntamos se ele quis dizer que já havia matado.

Crissy assentiu com a cabeça.

— Talvez tenha matado o pobre Hob Downey, não é o que você pensa?

— É. – Judd brincou com a xícara de café. – Os meios de comunicação caíram em cima da situação dele sem demora. Pobre sujeito, o irmão na cadeia, sem dinheiro, sem emprego. E os grandes tiras malvados atiraram nele quando estava apenas tentando conseguir um pouco de dinheiro.

Crissy sorriu com tristeza.

— Vivemos numa época ruim, Judd – disse ela, tranqüila. – Às vezes, o mundo inteiro fica de cabeça para baixo.

— Telefonei para um advogado... o mesmo que o departamento usa... e pedi para me dizer o que fazer a seguir. Gozado, estive nos Rangers esse tempo todo e nunca me envolvi num tiroteio fatal.

— Você teve sorte.

Ele levantou o olhar.

— Acho que tive. Não sabem quem disparou o tiro fatal – ele acrescentou de maneira inesperada. – Um de nós atirou baixo, o outro alto. Vai ser preciso um teste de balística para determinar quem disparou qual tiro, mas tanto o guarda como eu usamos armas calibre .45. É véspera de Natal, de modo que o laboratório está fechado. Poderão fazer os exames somente na segunda-feira. Acho que a autópsia de Clark também vai ter de esperar até lá. Enquanto isso – suspirou –, vou ter de agüentar.

— Você não mirou para matá-lo – ela lembrou.

— Mirei no quadril dele, para derrubá-lo da maneira mais rápida – disse Judd, sucinto. – Mas jorrou muito sangue dali, vermelho vivo, sangue arterial. –

Correu a mão pelos cabelos grossos. – Se foi meu tiro, entrou e atingiu a artéria femoral.

Crissy queria dizer alguma coisa consoladora, mas ele estava perdido no inferno de seus próprios pensamentos.

— O outro tiro atravessou o coração – ele murmurou, continuando. – Imagino que não importa muito qual deles foi o meu. Ele teria morrido de qualquer modo. Haverá um interrogatório. Dei uma declaração e agora estou de licença administrativa.

— Com tempo de sobra para ficar pensando a respeito – disse ela suavemente. – Você vai precisar se manter ocupado. Amanhã podemos cavar buracos para mourão e levantarmos cercas.

Judd arqueou as sobrancelhas.

— No dia de Natal?

— Se preferir assistir às infinitas reprises daquele velho filme de Natal em preto-e-branco que ficam apresentando o dia inteiro – disse.

Os olhos negros brilharam pela primeira vez naquele dia.

— Sempre podemos assistir àqueles filmes da tevê por satélite que você gosta tanto – ele disse, arrastando as palavras.

Crissy corou e abriu um largo sorriso.

— Pare com isso. Eu preciso me educar onde puder.

— Eu já lhe disse que aqueles filmes não são como a vida real.

Crissy pigarreou.

— Mais café?

Ele mandou suspender.

— Não, já tomei o suficiente. Ainda temos cerveja?

— Umas seis garrafas que sobraram do Dia de Ação de Graças, todas na geladeira. Quer uma?

Ele acenou com a cabeça.

— Não sou um bebedor, mas farei uma exceção hoje. – Fez um longo e demorado exame minucioso nela. – Jamais tomarei o bastante para colocá-la em perigo. Sabe disso.

Crissy relaxou. Tinha mais razão do que a maioria das mulheres para ter medo de homens que bebiam, e Judd sabia. Ela sorriu, constrangida.

— Não é estranho como a infância nos afeta durante anos na estrada da vida?

Judd brincou com a asa da xícara de café.

— Lembro-me de quantas saudades eu senti de minha mãe, depois que papai não a deixou voltar – ele murmurou.

— Você amava minha mãe – disse Crissy.

Ele sorriu.

— Ela era uma figura – disse ele. – É, eu a amava. Ela tinha uma vida dura, mas estava quase sempre sorrindo. – Ele levantou os olhos para o rosto dela. – Como você.

Crissy encolheu os ombros.

— Rir não custa mais do que chorar – disse com um largo sorriso. – E usa mais músculos!

Ele deu uma risada.

— Eu estava pensando em passar a noite no apartamento em Victoria. Fico contente por não ter feito isso.

Ela reconheceu o cumprimento sutil com um sorriso.

— Muito sábio – ela provocou. – Minha torta de maçã é melhor do que a sua – acrescentou com ironia.

— Nada errado com crosta preta e maçãs duras – desafiou ele.

— Vou pegar a cerveja para você – disse Crissy e foi até a geladeira.

Os dois assistiram à tevê até tarde na sala de estar, ao lado da grande árvore de Natal toda iluminada, evitando os noticiários. Judd escarranchou-se no sofá, de meia, camiseta preta e calça jeans, e tomou três cervejas antes de parar. A experiência traumática da manhã o deixara muito abalado. Seria impossível viver com o fato de ter tirado uma vida humana, e ele sabia. O que não sabia era como enfrentar a consciência que o torturava.

— Você está matutando de novo – disse Christabel, de sua confortável poltrona em frente ao sofá. – Esse filme é muito bom mesmo. Você devia prestar atenção.

Mudou a posição da cabeça na almofada e fitou-a abertamente, dos seios atrevidos no suéter branco de corte baixo que usava até a curva sutil de seus quadris enquanto sentava-se com as pernas puxadas para cima. O cabelo louro era comprido, caindo sobre os ombros e descendo pelas costas. Crissy parecia sexy. Muito sexy. Em geral, Judd tentava não notar isto, mas estava um tanto ébrio e seu controle escapava.

Aquele olhar era perturbador. Ele tinha uma maneira de observá-la nos últimos tempos que fazia seu corpo formigar. Estava fazendo isso agora. Os olhos de Crissy examinaram o corpo delgado e em boa forma de Judd, a calça jeans apertada e a camiseta preta que mostrava a largura de seu peito e os músculos do braço. Judd era fisicamente arrasador. Tampouco era feio, com o rosto magro, a testa alta e o nariz reto. Possuía uma boca sensual, muito larga e masculina, e um queixo saliente que insinuava a obstinação que era tão parte dele como os cabelos negros, grossos e lisos, que caíam sobre a testa quando se inclinava para frente, com sobrancelhas grossas por cima daqueles olhos negros e profundos, os ossos da face altos no rosto bronzeado...

— Você está me encarando – acusou ele.

— Você também – disparou ela em resposta.

Os olhos dele se estreitaram de leve. Examinaram o corpo dela como dedos acariciadores, quase tocando-a fisicamente. Foi como um momento fora do tempo, com o mundo muito distante, apenas os dois na sala de estar mal iluminada com a televisão brilhando ao longe, sem ser notada.

— Suponhamos que eu lhe dissesse – continuou Judd de propósito – que um divórcio não custa muito mais que uma anulação.

Ela ruborizou-se lindamente. Sabia o que ele estava dizendo. Judd precisava de um esquecimento, e ela estava em perfeita posição para proporcioná-lo. Mas ele vinha tendo a companhia de uma modelo internacional que talvez pensasse no sexo como um aperitivo. E ela não queria ter de seguir a Tippy na cama dele. Não que isso não fosse tentador. Nunca desejou algo ou alguém da maneira como desejava o marido.

— Suponhamos que eu lhe dissesse – replicou ela – que Tippy Moore seria uma parada dura até para uma mulher experiente suceder, muito menos uma novata.

Ele pareceu surpreso.

— Você acha que estou dormindo com ela?

Ela desviou os olhos.

— Ela não tenta fazer segredo do fato de que é experiente.

Judd não respondeu de imediato. Parecia estar lutando com coisas que não sabia como expressar em palavras.

— Meu bom Deus – disse ele com voz suave –, é provável que você tampouco seja a única pessoa daqui que vê isso dessa maneira, não?

Ela sacudiu a cabeça.

— É uma fofoca muito comum.

O queixo dele retesou-se.

— E também poucas pessoas sabem que somos casados. Eu não pensava em como podia ser, que você podia ter de agüentar o rojão.

Crissy moveu um ombro, inquieta, e olhou fixamente para a tela da televisão, sem enxergar.

— Eu ando com Cash – disse ela. – Imagino que nós dois demos a Jacobsville munção suficiente para fofocas.

Judd praguejou de leve em voz baixa e seus olhos levantaram-se para o teto. Christabel estava tendo de redimi-lo de seu comportamento e nunca lhe havia ocorrido que estava transformando-a em objeto de mexericos. Mas como poderia não transformar, perguntou-se, quando Tippy provocava manchetes aonde quer que fosse.

— Eu não precisaria ter de perguntar se você está dormindo com Grier – ele disse. – Conheço você bem demais.

Na verdade, Judd parecia ressentido. Crissy sentiu-se arrepiada. Quase atacou com violência antes de lembrar-se do que ele já havia passado naquele dia. Não tinha coragem de deixá-lo mais desconfortável do que estava.

— Judd, ela está usando um anel de noivado – replicou ela num tom de voz contido. – Sei que planeja casar-se com ela. Nós somos casados apenas no papel, em todo caso, e dentro em breve não seremos. Não culpo você por querer uma pessoa bonita, famosa e sofisticada. Nunca estive disputando com chances de vencer dessa maneira e sempre soube disso.

Judd franziu as sobrancelhas enquanto a fitava, chocado. Será que ela realmente tinha uma auto-imagem tão baixa assim? E seria culpa sua o fato de ter? Havia tomado tanto cuidado para manter distância entre eles durante todos esses anos, para protegê-la e impedir que ficassem intimamente envolvidos, antes de namorar ou sair com outros homens. Não quisera se aproveitar do estranho relacionamento dos dois, para usá-la de uma maneira que, em seu lugar, muitos outros homens não teriam hesitado em usar.

Mas Crissy dissera que Tippy estava usando um anel de noivado!

— Que anel de noivado, Christabel? – disse ele, devagar.

Os sábios olhos castanhos dela deslizaram de encontro aos olhos negros de Judd.

— Aquele anel de esmeralda e diamante que você lhe deu. Por que um homem daria um anel tão caro assim para uma mulher, se não estivesse seriamente envolvido com ela? – perguntou em tom prosaico.

Judd respirou fundo e ajeitou-se nas almofadas. Quis dizer: “Porque deixei meu orgulho se meter no caminho numa joalheria quando ela pôs o anel e recusou-se a tirá-lo. Não poderia suportar dizer que não tinha dinheiro para aquilo que ela considerava uma bagatela”. Mas não podia admitir tamanha idiotice. De modo que agora, Christabel pensava que ele estava comprometido com outra mulher, contando os dias até que pudesse livrar-se dela!

CAPÍTULO 12

— Portanto, imagino que devemos conseguir a anulação bem rápido – disse Christabel, tentando parecer corriqueira em relação a um tema doloroso.

Judd lançou-lhe um olhar fixo e penetrante.

— Vamos conseguir uma anulação quando eu disser que vamos. Além disso, nesse exato momento, não temos dinheiro para isso.

— Vamos ganhar o suficiente com o negócio do cinema para pagar um advogado – contra-atacou ela, intrigada.

— Então, digamos que seja conveniente continuar casado por mais um tempo – devolveu ele, com olhos meditativos enquanto a examinava.

— Talvez Tippy Moore não pense assim – disse ela com mais amargura do que imaginava. – Não é nenhum segredo que ela é louca por você. Ela não tenta esconder isso.

Ele não disse o que sabia sobre Tippy. Gostava daquele leve ciúme na voz suave de Christabel. Gostava de saber que ela o desejava. Era bonita e sexy, e o corpo dele começou a ansiar quando olhou fixo para aqueles seios pequenos e perfeitos debaixo da blusa.

— Tippy não sabe que somos casados – disse ele. – Acha que somos apenas sócios nos negócios.

— Ela está certa – respondeu Crissy.

O ar dos olhos dele estava escuro e quieto.

— Não. Eu e você somos mais do que isso um para o outro. Sempre fomos. – Seu olhar desceu pelo corpo dela como mãos e se estreitou. – Seus mamilos estão como pedrinhas. Você me deseja. Acha que isso não aparece? – escarneceu ele de leve, quando ela de fato ofegou com o comentário indelicado.

Ela levantou-se da poltrona.

— Talvez você não devesse ter tomado todas essas cervejas – disse Crissy, insegura com o estado de espírito de Judd. Não queria que ele fizesse alguma coisa da qual se arrependesse mais tarde, mesmo ela estando morta de vontade.

— Não estou bêbado. Você pode ir para a cama comigo se quiser – disse ele, bruscamente.

As sobranceiras levantadas dela eram eloqüentes, e Crissy riu, nervosa.

— Imagine, nem sequer estou de camisola vermelha!

— Cuidado. Não estou brincando. – Judd pôs as mãos na nuca e fez um exame cuidadoso em Crissy, que teria sido capaz de ferver leite. – Você acha que sou um libertino – disse em tom ríspido. – Pensa que abandonei meus votos de casamento, mesmo que sejam no papel, por causa de algumas aventuras com outras mulheres. Meu Deus, você não me conhece nem um pouco, Christabel.

Ela estava quase tremendo de nervosismo quando baixou os olhos para ele a uma distância de poucos metros.

— Não sou virgem – ele confessou, sombrio. – Mas levo meu juramento tão a sério quanto você leva o seu. Não tive outra mulher desde que me casei com você.

Ela não conseguia falar uma palavra. Por que não havia lhe ocorrido que ele era tão rigidamente convencional quanto ela e também tão profundamente religioso?

— Você não teve uma amante? São cinco anos! – ela disse, por fim, com voz embargada.

— Eu sei – confirmou ele, num tom de voz que quase a fez sorrir.

— Mas como...?

— Tem esses filmes picantes no canal por satélite – começou Judd com um sorrisinho travesso. – E outros meios de satisfação.

Crissy ficou escarlate. Era uma coisa tão íntima para saber sobre ele. Mas Judd também conhecia todos os seus segredos – pelo menos aqueles que tinham importância. Ele não estava tendo sexo com Tippy Moore. Isso saltou para ela como uma mola. Deixou-a exultante.

— Perdeu a língua? – ele arriscou, observando-a atentamente. – Chocada?

Ela acenou com a cabeça. Judd respirou fundo.

— Tive um dia duro. Estou meio aceso, mesmo depois de três cervejas. Mas com toda certeza, sou capaz e desejo uma mulher esta noite. Considerando-se nossa situação, a única mulher disponível é você.

Crissy continuou ali parada, rígida, sem se mexer, o coração batendo até não poder mais.

Os olhos de Judd pousaram em seus seios, onde dois pontinhos duros davam estocadas contra o suéter branco.

— Você está madura para um homem e morre de vontade de mim. – Ele captou o brilho súbito dos olhos dela e o sorriso aumentou. Seus olhos corriam sobre ela como mãos. – Eu desejo você, Christabel. Agora mesmo!

Ela hesitou, não porque não quisesse, mas porque ainda estava com medo de que ele estivesse caçoando, testando-a. Não achava que ele falasse sério.

Judd reparou nisso. Seus olhos negros começaram a arder enquanto mantinha o olhar fixo até o coração dela bater freneticamente.

— Você sabe que quer isso. Seu coração está batendo até não poder mais. Dá pra ver daqui. Desligue a televisão e venha cá, querida – disse com a fala arrastada, profunda e sensual. – E farei todos os seus pequenos sonhos culpados se tornarem realidade.

Como uma sonâmbula, controlada por uma parte de si que desconhecia, Crissy foi até a televisão e desligou-a. Em seguida, foi parar diante dele, excitada, faminta, curiosa, com o coração em disparada enquanto olhava para todos aqueles músculos duros.

— Não se atreva a caçoar de mim – disse ela com voz rouca. – Não faço joguinhos com você.

— Não estou jogando.

Ele estendeu o braço e pegou a mão dela, puxando-a e sentindo-a encostar-se com força no corpo musculoso e comprido. Era novidade, e estonteante, estar tão intimamente próxima dele depois de todos aqueles anos de necessidade reprimida. Judd sentiu-se estranho encostado nela durante os primeiros poucos segundos. Suas pernas eram longas e poderosas. Ela sentia os músculos daquelas pernas ondularem enquanto os dois se moviam, entrelaçando-se com as dela. Ela também sentia algo que ele poucas vezes a deixara sentir. Ele a desejava. Era excitante saber disso, e um pouco

intimidante, porque não tinha idéia de como seria mais tarde. Tinha ouvido histórias...

Ele a sentiu tensa. Girou-a parcialmente para baixo de seu corpo e olhou nos olhos dela à queima-roupa.

— Sei que você é virgem – disse ele com voz rouca. – Estou excitado e você pode sentir, não pode? Mas tomarei cuidado. Muito, muito cuidado. A última coisa que quero é apavorar ou machucar você.

Ela relaxou e estendeu a mão para ele, de repente, consciente do leve inchaço do próprio corpo, de uma nova e excitante sensação de prazer em seus lugares mais secretos. Ansiava para que ele a tocasse, beijasse. Estava assombrada com o fato de tudo ter acontecido de forma tão inesperada.

— Você pode se arrepender disso mais tarde – ela sussurrou.

— Não vou. Nem você. Posso garantir – disse ele com confiança.

Crissy olhou fixamente para a boca dura e disciplinada de Judd com verdadeiro desejo. Mal conseguia respirar de modo decente. Judd tinha um leve cheiro de colônia, loção pós-barba e sabonete. Parecia um sonho doce estar tão próxima assim. Seu corpo estava quente e duro, e ela sentia-se envolvida por ele.

— Talvez eu esteja sonhando – ela sussurrou, tocando-o. – Todos esses anos reprimidos, sem experimentar, me deixaram louca!

Ele riu suavemente.

— Acha mesmo? Se quer experimentar – ele murmurou, segurando-a pelos cabelos para manter o rosto dela suavemente debaixo do seu –, pode fazer isto com o seu marido. Abra a boca, querida...

Crissy abriu a boca, ofegante, e ele beijou-a. Foi como a dança, só que dessa vez ele foi lento e terno. Seus lábios brincavam com os dela de maneira suave, num silêncio arquejante que a tornava consciente demais do corpo duro como aço encostado no seu, do calor das mãos dele em suas costas, da sensualidade experiente da boca dura de Judd. Os outros beijos que os dois haviam compartilhado pareciam inocentes em comparação. Dessa vez, ele estava sério, e isso transparecia.

Os braços dela se enroscaram na nuca de Judd, e ela ergueu-se para os beijos dele com faminto abandono. Crissy sentiu Judd puxar seu top para fora da calça jeans. Segundos depois, as mãos dele estavam encostadas na pele nua, nas odiosas cicatrizes que seu pai causara tantos anos antes. Ela se contraiu.

Judd trabalhou seu recuo instintivo, girando-a debaixo dele, de modo a poder fitá-la nos olhos.

— Também tenho minhas cicatrizes, está lembrada? – disse tranquilo. – Aqui.

Levantou a camiseta preta e puxou a mão dela para seu peito.

— Está sentindo? – perguntou. – Levei uma descarga de espingarda automática quando era um tira novato. Para minha sorte, foi uma carga leve e não entrou muito. Mas deixou uma estria, assim como outra deixou uma depressão em meu ombro.

Ela passou os dedos pela área de leve.

— Eu tinha esquecido.

Judd sorriu preguiçosamente.

— Eu não. – Judd alisou os cabelos longos ao redor dos ombros de Crissy, suaves e finos. – Seu cabelo é um de seus melhores atributos –

murmurou, enquanto os dedos magros começavam a procurar os botões de sua blusa. – Depois desses...

— Oh... Judd, ouça, você não pode tirar! – protestou ela ao lembrar-se do sutiã acolchoado.

— Claro que posso. – Ele continuou até abrir a blusa e revelar o sutiã. Então percebeu por que ela lutara para impedir que ele visse. Franziu as sobrancelhas. – Por que diabos está usando esse sutiã acolchoado? – perguntou.

Ela suspirou.

— Não queria que você visse. Achei que, se parecesse maior, talvez você ficasse mais interessado em olhar para mim – confessou. – Os homens não gostam das mulheres de peitos grandes?

— Gosto é uma coisa individual, querida – murmurou ele, procurando o fecho. Levantou-a com um braço enquanto seus dedos soltavam o sutiã com jeito. – Não gosto de mulheres de peitos grandes. Nunca gostei.

Enquanto ela acostumava-se a idéia, Judd moveu-a de modo a poder abrir todos os fechos, deixando-a nua para seus olhos da cintura para cima. Foi como um estrondo de relâmpago. Todos os seus sonhos sobre ele não haviam sido assim tão explícitos. Crissy pairava no ar de alegria.

Ele sorriu devagar ao vê-la daquele modo. Era estonteante pensar que ela não havia feito aquilo com nenhuma outra pessoa. Judd queria que a primeira vez dela fosse com ele. Nunca desejou algo com tanta força.

Crissy tentou falar, mas a cabeça dele já estava inclinada. Mesmo enquanto ela ainda falava, Judd abriu a boca sobre seu mamilo e tomou a maior parte do peito macio. Sua língua trabalhava na protuberância sensível, enquanto sua boca a descobria em silêncio, interrompido apenas pelo excitado batimento do coração de Crissy e suaves soluços de prazer. Os dedos dela agarraram os músculos grossos do braço de Judd e enterraram-se neles com gozo, enquanto a boca de Judd explorava seu corpo.

A mão dele desceu pela espinha de Crissy e puxou-a contra seu corpo, com fome. Ele soltou o seio dela apenas para cobrir sua boca, enquanto a movia para baixo da camiseta de modo a poder sentir os seios dela encostados em seu peito desnudo e áspero.

— Judd! – ela soluçou contra a boca dele –, nunca pensei que fosse assim!

— Nem eu – sussurrou ele com voz áspera. – Eu a desejo muito! Você ainda está tomando pílulas ou vou ter de usar alguma coisa?

A mente de Crissy não estava funcionando em absoluto. Ela não conseguia pensar.

— Como você...?

— Eu as vi em sua mesinha de cabeceira na última vez em que estive aqui. – Judd levantou a cabeça e os olhos negros a estudaram. – Você estava tomando para Grier, só por precaução? – ele perguntou de repente, com raiva.

— Não! – Ela ofegou. – Eu jamais...!

— Então, por quê? – insistiu ele, ansioso.

Crissy estava quase tremendo com o contato íntimo. Judd estava excitado. Ele a desejava, ela não conseguia pensar. Seu corpo jovem estava pegando fogo de necessidade, fome, sede de desejo. Ela morreria se ele parasse agora. O que ele perguntou?

— Minhas... regras eram irregulares... e eu ficava enjoada – disse Crissy.
– O médico me receitou pílulas só para... só por alguns meses, até eu ficar regulada.

Ela não acrescentou que isso tinha sido seis meses atrás e que havia parado de tomar no segundo mês, sem nem mesmo terminar a prescrição. Vivia guardando coisas, nunca jogava nada fora até que Maude a obrigasse. Havia colocado as pílulas sobre a mesa de cabeceira, enquanto procurava uma caneta e não guardara de volta.

— Não pare – ela protestou quando Judd hesitou. – Por favor, não pare, Judd!

Ele franziu as sobrancelhas enquanto ela levava a mão dele de volta a seu seio e a acariciava com ternura, persuadindo-a a voltar para a pele macia.

— Por acaso a pílula não é perigosa? – ele sussurrou.

— O médico disse que não na minha idade, já que não fumo nem tenho dor de cabeça com frequência. – Crissy arqueou-se contra os dedos dele com um suave ofego enquanto ele a acariciava. Seus olhos recuaram. – Oh, que gostoso! Nunca pensei que fosse assim quando assistia àqueles filmes!

Os olhos de Judd se estreitaram. Ele sorriu devagar, os olhos negros brilhantes quando baixaram para o montículo que acariciava.

— Se for seguro, posso tê-la do jeito que desejo – disse ele com voz rouca –, sem nada entre nós a não ser pele.

— Sim. Do jeito que você quiser, Judd, aqui mesmo, agora... – Sua voz sumiu numa lamúria de prazer. Crissy foi de encontro à boca devoradora de Judd, ansiando mais. – Por favor, por favor, não pare!

— Não vou parar. – Ele mordeu os lábios inchados dela. – Estou morto de desejo por você. Preciso tê-la, querida! – acrescentou com voz áspera. – Preciso!

Ele mal a ouvia. Estava afundando num verdadeiro dilúvio de paixão súbita. O toque experiente de Judd fazia a mente de Crissy girar e perder o controle de seu corpo. Ela arqueou-se para ele, movendo-se inquieta sob o lento esmagamento sensual dos quadris, abrindo a boca para os beijos devoradores que faziam seu corpo jovem ansiar por mais.

Judd acariciou-a, tirando-lhe a calça jeans e a calcinha, a boca quente e dura em seus seios, seu ventre. Crissy estava ofegante, agarrando e afogando-se às novas sensações, enquanto Judd abria caminho através de seu corpo atormentado. Ele a tocava de uma maneira que ela jamais esperou que um homem a tocasse, e sua boca cobriu o pequeno grito embaraçado dela. A língua dele entrava em sua boca em explorações lentas e sensuais, e as mãos moviam-se em hábeis carícias que aumentavam de intensidade.

Em certo momento, a camiseta dele foi parar no tapete, seguida pela calça jeans, deixando-o apenas com a cueca preta folgada, que nada fazia para camuflar a pressão faminta de seu corpo.

Judd fez uma pausa para olhar o rosto dela, vendo a falta de compreensão, a falta de equilíbrio mental que refletia sua própria falta de equilíbrio. Os braços dela envolviam sua nuca, e Crissy arqueava o corpo contra o dele como num sacrifício. Os olhos dela eram fendas. Gemia suavemente, movendo-se num prazer desamparado. Era como se o fizesse sentir que tinha três metros de altura. Fazia-o sentir-se o maior amante que já existira.

A audácia dos olhos de Judd conseguia penetrá-la. Ela notou o olhar fixo e extasiado, começando a sentir-se constrangida com sua nudez.

— Não fique embaraçada – disse ele, rouco. – Você me pertence. Nós somos casados, Christabel. Não há nada do que se envergonhar.

— Não estou envergonhada – disse ela. – Mas as luzes estão todas acesas – acrescentou, desamparada, rindo timidamente. – E eu nunca fiz isso antes.

— Quer as luzes apagadas na primeira vez? – ele perguntou suavemente. Ela acenou com a cabeça. – Está bem.

Judd não acrescentou que também seria difícil para ele com as luzes acesas. Tal como ela, possuía inibições que não gostava de admitir.

Ele pôs-se de pé, erguendo-a suavemente nos braços. Examinou os olhos ofuscados de Crissy durante um segundo, antes de baixar a boca para cobrir a dela novamente, com ternura, enquanto passava pela enorme árvore de Natal brilhante, atravessando o longo corredor até o quarto de dormir.

Não acendeu a luz. Colocou-a de pé o tempo suficiente para fechar e trancar a porta antes de levá-la para a cama. Crissy sentiu a boca de Judd em seu corpo na cálida escuridão do quarto, enquanto os suaves sons de carne contra carne mal chegavam a seus ouvidos, por causa de seus ofegos. Era mais íntimo do que imaginara que seria, sobretudo quando a cueca foi tirada e ela o sentiu, realmente sentiu, num contato total.

— Calma – sussurrou ele quando ela retesou-se sem querer. – Não vai ser o que você pensa. Temos todo o tempo do mundo. Solte suas pernas entre as minhas, querida.

Ela ficou intrigada com a gentil solicitação, mas fez como ele pediu e, de repente, sentiu o poderoso corpo musculoso num contato ainda mais próximo, e um forte lampejo de prazer acompanhou a intimidade. Ele sentiu o movimento sensual dela e riu roucamente.

— Você não esperava por isso? Mesmo depois de todos aqueles filmes explícitos?

— Não são tão explícitos assim – ela sussurrou numa risada roufenha, ofegando quando ele se moveu novamente. – Eu não percebia... que seria tão bom! Nem tão íntimo!

Ele também riu. Os dentes dele agarraram o lábio inferior dela e sua língua ficou brincando com ele, enquanto as mãos operavam uma espécie de mágica em terminações nervosas superestimuladas mais abaixo. Crissy moveu-se de novo, convulsivamente dessa vez, arqueando-se para puxá-lo para mais perto.

Crissy sentiu as mãos de Judd deslizarem sob seus quadris para embalá-los, enquanto sua boca ajustava-se a dela, abrindo-a para uma lenta sondagem de sua língua.

Ao mesmo tempo, ele forçou suavemente para baixo e sentiu o corpo dela se contrair. Fez de novo. Ela ofegou e Judd sentiu as pernas dela se moverem para dentro das suas. Na terceira vez, ela soltou um som que Judd nunca tinha ouvido nos lábios dela, cravando as unhas em seus braços antes de deslizarem famintas para os pêlos grossos de seu peito.

Judd levantou a cabeça, respirando de forma áspera. Seus quadris moviam-se de leve, lado a lado, e Crissy soluçou, arqueando-se para cima. O que quer que estivesse sentindo, não era dor. Suas mãos puxavam Judd, não empurravam.

Os lábios dele roçaram os olhos de Crissy, as faces, sua boca aberta, enquanto movia-se muito devagar, de maneira muito sensual, para a posse total. Crissy não reagia como se isso a machucasse, em absoluto. As pernas poderosas de Judd curvaram-se para mais perto ao redor das pernas de Crissy, enquanto mudava de posição. Ela gemia irregularmente, e um minúsculo tremor de prazer ecoou no próprio corpo de Judd, enquanto ela acompanhava o rápido e suave movimento dos quadris.

— Está machucando? – sussurrou ele junto à boca de Crissy.

— Não – disse ela com voz embargada. – Oh, não, nem um pouco! É... maravilhoso!

Ele mordiscou-lhe o lábio inferior enquanto se movia novamente.

— Pode me sentir dentro de você? – sussurrou de forma ousada.

— Dentre todas as coisas para perguntar...! – Ela ofegou.

Ele mordeu o lábio superior dela com suavidade.

— Não é um ritual de silêncio, querida – disse. – Gosto do tom rouco de sua voz quando me mexo dentro de você. Diga-me o que está sentindo – instigou. – Conte para mim.

— Oh, eu... não consigo... falar!

— Por que não?

As mãos dela deslizaram ao redor dos músculos poderosos das costas dele e ela arqueou-se sinuosamente, tremendo.

— Estou pegando fogo – disse ela, a voz embargada, os olhos fechados como se procurassem alguma meta de prazer distante e sublime. – Sinto dores em toda parte. Uma dor tão doce... oh, sim! Faça assim! É... tão... bom, tão bom, tão bom...! – Sua voz subiu freneticamente, enquanto ela tremia ao ritmo de cada estocada lenta. – Nunca quis tanto alguma coisa... como desejo você. Durante tanto tempo, Judd! – Ela ofegou, levantando-se ansiosa. – Estou fazendo direito?

— Está. Está fazendo ótimo!

O prazer dela estimulava-o. Ele não esperava que ela gostasse tanto daquilo, sobretudo na primeira vez. Sentia-se orgulhoso de sua própria habilidade, enquanto ela se movia com ele. Seus pequenos arquezos de prazer eram como música...

— Oh! – Ela silenciou de repente, mordendo com força o lábio, enquanto o prazer se transformava numa súbita dor ardente. Ela enrijeceu. – Sinto muito. Isso machuca, Judd! – Ela soluçou, desapontada.

— Sim, e posso sentir por que – disse ele suavemente, hesitando.

Sua respiração saía em ofegos roucos. Não podia agüentar por muito mais tempo, mas não queria machucá-la mais do que o necessário. Com súbita inspiração, Judd inclinou-se sobre o ombro dela e seus dentes apertaram a carne macia.

— Judd, o que está fazendo...? Ai! – exclamou, arquejando de dor.

Segundos depois, ela o sentiu fundo em seu corpo, numa posse completa. Enquanto estava concentrada em seu ombro, Judd havia rompido a minúscula barreira que os separava. Ela estremeceu uma vez e depois relaxou, enquanto ele se movia com firmeza e ritmo dentro dela, com o prazer substituindo a dor com chocante proximidade. Crissy começou a mover-se com ele, freneticamente, enquanto as pequenas ferroadas de prazer aumentavam a cada segundo, alongando-se e prometendo algo próximo ao céu enquanto a urgência aumentava.

— Isso não machuca – sussurrou ela e, de repente, riu quando o prazer aumentou de modo inesperado. Os lábios dela encontraram a nuca de Judd e beijou-o com fome. Seu corpo saltava como algo selvagem, enquanto ele se movia asperamente contra ela. – Sim! É tão doce! – disse, emocionada, erguendo-se para a posse total. – Oh, não... pare! – Soluçou. – Não pare, não...!

— Como se eu pudesse! – Ele mordeu o lóbulo de sua orelha.

Agora o prazer o dominava com mãos selvagens e, de repente, Judd movia-se para ter satisfação sem nenhuma consideração pela virgindade dela ou a própria preocupação a respeito. Mas ela parecia não se importar. Fazia pequenos ruídos rítmicos de choro que coincidiam com os impulsos bruscos, profundos e medidos de Judd. O corpo de Crissy implorava pelo dele a cada movimento de impulso. Ela lhe sussurrava coisas explícitas e excitantes, que a envergonhariam mais tarde à luz fria do dia. Ela o acompanhou em todo o caminho, erguendo-se, movendo-se, ondulando-se, enquanto o prazer se formava em ondas de urgência que procuravam uma meta distante e vaga que não conseguia alcançar... por completo.

Então ela ficou irracional e desvairada. De repente, estava ali, presa nas garras da loucura que provocaram um grito soluçante de sua garganta apertada. Desejou poder vê-lo. Desejou que ele pudesse vê-la. Ouviu as molas da cama rangendo como pistões enquanto ele se movia em busca da satisfação. Ouviu os arquejos ásperos e desesperados dele, sentindo o rigor de seu corpo, pouco antes de luzes ofuscantes explodirem atrás de seus olhos fechados e ela arquear-se convulsivamente, soluçando o êxtase da satisfação completa no ouvido de Judd.

A coisa continuou e continuou. Crissy não conseguia parar de se mexer debaixo dele, mesmo quando Judd ficou rígido e estremeceu em cima dela. A pele dele estava molhada de suor. Ele respirava com um som áspero, gemendo. Seu corpo pulsava de prazer prateado, com extrema alegria física. Ela era parte dele. Sentiu-o inchar, explodir dentro dela. Embalou-o, pesado em seus braços, tremendo na consequência doce e pulsante do mais extremo prazer que ela já havia conhecido em sua jovem vida.

Deslizou as pernas ao redor das dele, com os braços apertados em suas costas. Beijou-lhe o peito, o pescoço e o queixo com lábios macios e entorpecidos do prazer desamparado, do amor.

Judd respirou de maneira profunda e trêmula e, de repente, a pressão do corpo dele contra o seu aumentou, mas apenas por alguns segundos. Ele rolou, afastando-se, com uma expulsão violenta de ar e ficou ali deitado, sem ossos, de repente agudamente consciente do que acabara de fazer.

De nada adiantava o fato de estar saciado até a medula dos ossos ou de saber que ela experimentara a mesma satisfação. Não adiantava o fato de que ela era virgem e ele a fizera atingir o clímax na primeira vez. Judd se aproveitara dela e não tinha nenhum direito a isso, não sob aquelas circunstâncias.

— Droga! – praguejou.

— E agora vem a camisa de crina e o manguel para a penitência – disse ela com um audível suspiro. – Você vai apenas ficar deitado aí, sentindo-se culpado, depois de me propiciar meu primeiro orgasmo.

Ele piscou os olhos. Com certeza, ela não havia dito aquilo.

— Como sabe o que é um orgasmo? – ele perguntou bruscamente.

— Como posso não saber com o assunto aparecendo em cada programa de entrevistas e cada revista na banca de jornais? – Ela rolou para o lado e descansou a cabeça no ombro úmido de Judd, enroscando-se em seu corpo poderoso de uma maneira tão natural, como se tivesse feito aquilo a vida inteira. – As virgens devem passar um mau momento, sangrar um bocado e, depois, chorar. Eu sei, porque duas garotas do meu curso de informática estão vivendo com homens, e me falaram a respeito. Achavam que eu era maluca porque ainda não tinha feito sexo na minha idade.

Ele alisou os cabelos dela, distraído, tentando não se sentir orgulhoso consigo mesmo.

— Não leio revistas.

Os dedos dela emaranharam-se nos pêlos grossos e ondulados que cobriam os músculos poderosos do peito de Judd. Ele arqueou-se involuntariamente com o prazer da carícia.

— Você se sente culpado, não é? – insistiu Crissy.

Ele suspirou.

— Sim. Sinto-me culpado. Bebi demais e todas as paredes desabaram.

— Tinha de acontecer em algum momento – disse ela com voz suave. – E foi você mesmo quem disse que éramos casados. Eu não poderia fazer isso com outra pessoa.

Sobretudo não com o maldito Cash Grier, pensou ele, e sentiu uma primitiva explosão de prazer, porque a primeira vez dela não poderia ser mais com o outro homem.

— Estou contente por ter esperado, Judd – ela sussurrou com voz rouca. – Jamais sonhei que fosse tão bom assim em minha primeira vez. Foi incrível! Incrível mesmo!

Ele também estava contente, mas não sabia como admitir isso. A mão dela enroscou-se mais perto.

— Estou tão sonolenta e meu corpo lateja cada vez que respiro, com esses fantásticos choquinhos de prazer – sussurrou. – É normal?

Depois daquele terremoto de paixão, pensou Judd, divertido, tinha de ser. Ele também estava sonolento.

— É normal – respondeu.

— Posso dormir com você?

A voz de Judd saiu sonolenta e divertida.

— Já está dormindo.

Ela deu uma pancada suave em seu peito.

— A noite toda – acrescentou.

Ele respirou fundo. Não queria ficar sozinho nessa noite. Apenas ficaria acordado, matutando sobre os acontecimentos do dia. Além disso, a coisa já tinha sido feita. Que diferença faria agora se ela dormisse em seus braços? Estava tão relaxado, tão satisfeito, que mal conseguia manter os olhos abertos. Seu corpo também latejava, saciado. Judd não conseguia se lembrar de uma vez em que uma mulher lhe houvesse propiciado prazer tão selvagem.

— Pode ficar – disse ele.

Ela sorriu, encostada em seu ombro. Podia ter vestido uma camisola primeiro, mas logo caiu no sono, esquecida do rosto duro e tenso do homem que meditava ao seu lado.

A luz tremulou em suas pálpebras pesadas. Christabel se moveu inquieta e depois gemeu ao sentir desconhecidas pontadas de desconforto. Abriu os olhos e Judd estava parado ali, de calça jeans e camiseta preta, imóvel.

— Oi – disse ela com um leve constrangimento.

— Oi – ele respondeu. Não estava sorrindo.

— O que está fazendo?

As sobranceiras grossas estavam contraídas.

— Vendo você dormir – disse ele abruptamente. – Preparei o desjejum.

— Café também? – murmurou ela, sonolenta.

— Sim. Venha quando estiver pronta.

Ele virou-se, parecendo relutante, e saiu do quarto. Ela empurrou o lençol para o lado e viu que estava nua. Havia uma mancha perceptível no lençol branco. Maude a veria. Fez uma careta. Era um segredo. Não queria compartilhá-lo com ninguém por enquanto, nem mesmo com Maude.

Tomou um banho de chuveiro rápido e depois se meteu em roupas limpas, fazendo uma pausa para tirar a roupa de cama do colchão e atirá-la na máquina de lavar antes de descer o corredor em direção à cozinha.

O cheiro delicioso de bacon frito e pão enchia a cozinha. Crissy respirou fundo o aroma e sorriu.

— Você está ficando melhor – observou ela, notando a cor dourada dos biscoitos quando se sentou à mesa ao lado dele.

— Queima-se uma fornada de biscoitos a cada droga de dia durante um mês e, num dado momento, se aprende a assá-los – disse ele, descuidado.

Observou-a servir-se de café, com os olhos concentrados no rosto dela. Sorriu, sem querer, da maneira como ela estava, de banho tomado, sem maquiagem, os cabelos longos limpos e soltos. Parecia mais velha naquela manhã, mais madura. Mais sexy. Isso o fez se sentir culpado e ele virou para o lado.

Ela fitou-o de soslaio e captou o exame cuidadoso e concentrado. Sua mão foi até os cabelos.

— Não parei para me maquiar – disse ela, interpretando mal o olhar fixo.

— Estava pensando em como você está encantadora – ele murmurou.

Ela sorriu.

— Obrigada.

Ele não respondeu ao sorriso. Parecia mais desconfortável do que nunca. Respirou fundo. A expressão de seus olhos negros era indefinível.

— Bem, lá se foi sua anulação, senhora Dunn – ponderou, usando o nome de casada dela pela primeira vez em cinco anos.

Crissy baixou os olhos para a xícara de café e acrescentou açúcar.

— Não me importo – disse ela com voz rouca. – Valeu a pena.

Houve uma longa pausa. Os olhos dela pousaram sobre o rosto magro dele, abruptamente, enquanto desejava, esperava que ele pudesse ecoar seus sentimentos. Mas ele não o fez. No entanto, parecia confuso. Havia um estranho calor firme em seus olhos negros, que nunca havia estado ali. Não era afeto. Era... algo mais. Algo que ela não saberia interpretar.

— Maude vai voltar para o almoço? – ele perguntou.

— Vai. Mas terá de levar um prato de volta para a ceia da irmã.

Judd acenou com a cabeça, devagar. Os olhos estreitos concentravam-se no rosto dela, demorados e possessivos.

— Você não convidou Grier para vir? – perguntou em tom sarcástico. Havia acidez em seu tom de voz.

Ela enrubesceu.

— Não.

— Vai levar o jantar para ele? – insistiu Judd.

— Maude disse que levaria um prato para ele no caminho até a casa da irmã – respondeu ela, aturdida com o olhar direto.

Os olhos negros de Judd voltaram-se para o prato. Não disse coisa alguma. Mas sorriu de leve.

Crissy ficou remexendo o café durante um tempo desnecessariamente longo. Estaria Judd com ciúme de Grier mesmo agora? Será que a queria para si, e este era o motivo de estar fazendo tantas perguntas precisas? Ela teve de admitir que queria muito tê-lo para si. Prometia ser um dia mágico se ela pudesse deixar para trás aquela súbita reserva fria que ele demonstrava naquela manhã.

Judd comeu sem mais comentários, assim como ela. Quando terminaram, ela lavou os pratos e ele enxaguou e secou, lado a lado na pia com vista para o celeiro.

— Se tivéssemos dinheiro, eu compraria uma lavadora de pratos para você – ele comentou.

Ela sorriu.

— Não me importo em fazer desse jeito. As conveniências modernas só me arruinariam. Eu me tornaria uma preguiçosa sem valor!

Ele deu uma risada, dando-lhe um encontrão com o quadril, de brincadeira. Foi a primeira vez que ele fez isso, e todo o corpo de Crissy formigou de alegria com a intimidade.

— Está bem. Em vez disso, vamos comprar um par de botas novas para você – disse ele, baixando os olhos para as botas usadas dela, com as pontas permanentemente viradas para cima, depois de anos inteiros enfrentando o bom e mau tempo no trabalho da fazenda.

— O quê? Quando só agora que essas estão boas para usar? – exclamou ela. – Que Deus proíba.

Ele examinou o rosto radiante dela com olhos tão ternos que fizeram o coração de Crissy doer.

— Você nunca pede nada – disse ele com voz suave. – Senti uma culpa danada por causa daquele anel que comprei para Tippy. Não queria que você soubesse dele. Diamante e esmeralda para ela, quando você nem sequer tem um casaco de inverno decente.

— Eu ficaria horrível com diamantes e esmeraldas – comentou ela, tentando apagar uma discussão potencialmente perigosa.

Ele podia não ter dormido com Tippy, mas dera um anel para ela. Tinha princípios demais para dormir com outra mulher, quando era casado. Nem sequer lhe dera um presente de aniversário e ela também notava a falta de um presente debaixo da árvore de Natal. Isso magoava. Além disso, ele se sentia culpado por causa da noite passada, o que era aparente.

— Você está evitando a questão. Não faz o seu tipo.

Ela levantou o rosto para ele com o coração nos olhos.

— Não quero discutir – disse ela, tentando expressar em palavras a turbulência das novas emoções. – Não depois de ontem à noite.

Ele hesitou, com o rosto ficando mais sério a cada segundo.

— Ouça, Christabel – disse ele. – Em relação ao que aconteceu...

Ela ignorou o olhar e se colocou na ponta dos pés. Mordiscou suavemente a boca dura de Judd e, em seguida, com deliberada sensualidade, abriu os lábios e encaixou-os nos dele de propósito, com súbita ousadia. Judd prendeu a respiração, assim como ela, esperando ser afastada com firmeza. Mas a reação dele foi chocante. Jogou para o lado a toalha coberta de sabão que segurava e apertou-a contra seu corpo magro, mãos cheias de sabão e tudo, envolvendo-a com força, beijando-a com paixão, fome, até ela ofegar.

O corpo poderoso dele estremeceu de leve, e ela ficou sabendo de imediato que ele a queria. Judd nem ao menos estava tentando esconder. Pelo visto, era tão vulnerável quanto ela e perceber aquilo deixou-a fora de si de orgulho. Os olhos negros se estilhaçaram de desejo enquanto procuravam os dela.

Crissy estendeu-se para ele novamente. Abriu a boca quando ele a cobriu. Gemeu com voz rouca sob o esmagamento duro e furioso de seus lábios, os braços de Judd envolvendo-a por completo e erguendo-a do chão.

Crissy estava morta de desejo por ele. Não havia nenhuma reserva, nenhuma timidez, nenhum flerte acanhado. Seus braços se contraíram febrilmente em torno do pescoço dele.

Judd levantou a cabeça apenas o suficiente para ver o rosto ruborizado e submisso, e todo seu rosto contraiu-se de desejo.

— Quero você – ela sussurrou com voz rouca, trêmula. – Vamos voltar para a cama. Eu quero tanto você, Judd! Quero tirar minhas roupas e deixar que você faça o que quiser comigo, agora mesmo, à luz clara do dia!

Ele gemeu. Visões de prazer indescritíveis dançavam em sua mente só com a perspectiva. Mas antes que pudesse enfraquecer-se o suficiente para fazer algo em relação aos dois, o barulho de um automóvel chegando pela estrada congelou-o nos braços dela.

Ele franziu as sobrancelhas.

— Maude? – ele murmurou, rouco.

— Não tão cedo assim, com certeza – começou ela.

Judd levantou uma sobrancelha.

— Ainda não olhou para o relógio, não é?

— Acabamos de tomar o café da manhã – disse ela.

Ele apontou com a cabeça em direção ao relógio de parede sobre o fogão. Eram dez da manhã. Crissy arquejou.

— Oh, Deus! Eu nem ao menos comecei a esquentar o peru, nem fazer o molho, nem tirar os pãezinhos para tomar forma...!

— Essa é boa, Maude chegou cedo – disse ele abruptamente e soltou-a com firmeza. Estava sorrindo, mas sua expressão era de desejo sensual mal contido.

— O que ela vai pensar quando perceber que estamos tomando o café da manhã agora? – disse ela.

Judd lançou-lhe um longo olhar, sem sorrir, e toda a angústia da véspera caiu sobre ele como melaço frio.

— Podemos dizer que ficamos acordados até tarde, conversando sobre o que aconteceu em Victoria – ele sugeriu.

Ela estremeceu. Na verdade, havia esquecido os acontecimentos da véspera, a perda de controle que os lançara para os braços um do outro. Como pôde ter esquecido?

— Um dia de cada vez, Judd – disse ela em tom suave. – Você vai superar.

Ele não respondeu. Uma porta de carro foi batida. No momento em que Maude entrou pela porta dos fundos, os dois estavam acabando de enxugar os pratos do café da manhã num silêncio inquieto.

Maude parou no vão da porta, sentindo-se uma invasora e sem saber por que. Franziu as sobancelhas. Judd não parecia perturbado, mas ela sabia que devia estar.

— Você está bem? – indagou ela, gentil.

Ele sorriu de leve.

— Vou levando. Acabamos de tomar o café da manhã. Levantamos tarde.

— Conversando, não duvido – concordou Maude enquanto ia até a geladeira, de modo que não viu o ar de culpa nos rostos dos dois. – Fico contente que não tenha ficado sozinho em Victoria. Não precisa ficar sozinho.

— Foi o que eu pensei – concordou Judd.

Ela olhou de soslaio para os dois com uma expressão especulativa, mas não disse uma palavra. Havia tanta tensão no ar que era quase palpável. Ela apenas assentiu e começou a transferir comida da geladeira para a mesa da cozinha.

Quatro horas mais tarde, com o almoço beliscado sem prazer por duas pessoas que haviam tomado o café da manhã tarde, Maude preparava um prato para levar para a irmã.

— Só ficarei fora o suficiente para levar isto para minha irmã – disse ela, perguntando-se por que Judd pareceu aliviado e Christabel esmagada com o anúncio.

— Ótimo – disse ele de forma abrupta. – Christabel não precisa ficar aqui sozinha, mesmo com Jack Clark na cadeia. Vocês duas devem se lembrar de manter portas e janelas trancadas. Vou ter uma palavrinha com Nick antes de ir embora.

— Você vai agora? – perguntou Crissy, tentando não falar como se seu mundo estivesse estilhaçado. Coisa que estava.

— Agora mesmo – disse ele sem encontrar os olhos dela. – Eu nunca devia ter vindo!

— Quer que eu leve um prato para Cash Grier? – perguntou Maude, de repente.

— Não se incomode com isso – respondeu Christabel, triste. – Ele pode vir jantar aqui.

Os olhos de Judd relampejaram de fúria, mas ele juntou os lábios e não disse nenhuma outra palavra. Saiu do aposento para se vestir.

— O que está acontecendo? – perguntou Maude, chocada.

Christabel levantou o queixo, orgulhosa.

— Nada. Nada em absoluto. Ele só está perturbado e não é fácil lidar com o que aconteceu. Ele tem de resolver isto da maneira dele.

Maude suspirou.

— Se você diz, querida.

Maude esperou até que ele fosse embora. Dez minutos depois, Judd saiu pela porta. Lançou a Christabel um longo último olhar e, na verdade, estremeceu ao encontrar os olhos feridos dela. Mas não parou. Desejou Feliz Natal para ambas e partiu com o carro.

Estava na metade do caminho para Victoria quando se lembrou que nem falara com Christabel sobre o colar de pérolas e o par de brincos que havia comprado como combinação de presente de aniversário e de Natal. Mas, considerando-se as circunstâncias, talvez fosse melhor assim. Ficara maluco e a levava para a cama. Depois ela ficaria esperando feliz para sempre, e ele estava mais confuso do que nunca na vida em relação às próprias intenções. Precisava de tempo para decidir o que queria fazer. No momento, era incapaz de tomar decisões.

CAPÍTULO 13

Na véspera do Ano Novo, ainda cedo, concluídos os testes de balística e realizada a autópsia em John Clark, Judd passou na fazenda na hora do almoço, com um estado de espírito quieto e introspectivo.

Christabel assistia ao noticiário na sala de estar quando ele entrou. Maude havia ido à cidade para fazer compras no armazém. Ele reparou de imediato que a árvore de Natal fora desmontada. Christabel nunca gostara de desmontá-la antes do dia do Ano Novo, de modo que era uma prova dolorosa do quanto se sentia desconfortável agora com a temporada de férias. O presente que ele não lhe dera o deixava desconfortável. Ainda estava com ele no apartamento. Sentia-se envergonhado demais para apresentá-lo numa data tão atrasada.

Judd sentou-se em sua poltrona, jogando o chapéu para o lado, enquanto Christabel esperava em silêncio pelo que ele tinha a dizer. A televisão brilhava no silêncio. Ele encolheu os ombros.

— Eu estava certo. Meu tiro entrou fundo e atingiu a artéria femoral de Clark. Ele poderia ter sobrevivido, mas apenas com socorro médico imediato. — Sorriu, sorumbático. — Não me sinto muito melhor. Mas disseram que a segunda bala do guarda foi o tiro fatal, e vai ser assim que entrará no relatório.

Crissy sentia-se desconfortável com ele depois da maneira como se separaram. Mas importava-se demais para fingir que o estado dele não tinha importância para ela.

— Na prática, está tudo dentro da lei, Judd, você sabe disso — lembrou com voz suave. — Você não teve a intenção de matá-lo. Tenho certeza de que o guarda tampouco teve.

Os olhos de Judd mostravam-se assombrados.

— Não, ele não teve. Mas está passando por um mau pedaço. Clark está morto e os jornais põem a culpa em nós dois, apesar do que o médico-legista descobriu.

Crissy desejou subir no colo dele e abraçá-lo, consolá-lo. Mas havia uma tremenda distância entre eles agora. Judd estava inabordável, como se jamais a houvesse tocado.

Ela estava confusa e sentia-se rejeitada. Nunca se dera conta de como seria a intimidade com um homem. Não foi como pensou que seria um dia. Estar separada dele era uma agonia, mesmo que por uma hora. Mas ele não a queria de maneira permanente. Havia bebido demais, estava traumatizado e se consolara com Christabel na cama. Fora somente isso, na realidade. Para ele,

a coisa já havia acabado. A morte de Clark não fora culpa dele. Judd voltaria a trabalhar depois que tivesse passado pelos procedimentos administrativos e aconselhamento e, lentamente, tiraria da mente tudo que havia acontecido. Inclusive a noite com ela. Na verdade, ao olhar para ele, Crissy soube que já havia feito isso.

— Você está muito quieta – observou ele.

Ela levantou os olhos.

— Desculpe-me. Você disse que já acabaram a autópsia?

Ele assentiu com a cabeça.

— Vão enterrá-lo depois de amanhã. Um dos delegados daqui levará Jack Clark para o enterro em Victoria. Os meios de comunicação vão ter um verdadeiro carnaval com isso.

— Vivemos em tempos estranhos – disse ela. Examinou-o com tristeza. Era difícil falar com ele agora. – Mas, como você costumava me dizer, até a vida é uma condição temporária. Você vai superar.

— Claro. – O peito de Judd subiu e desceu devagar. Ele sondava o rosto dela com olhos escuros, lentamente. – Eu estava protelando porque não conseguia encarar. Mas temos que falar sobre o futuro, Christabel – disse finalmente.

— Que futuro? – perguntou ela com um sorriso forçado.

Ele respirou curto.

— Preciso tratar do divórcio.

Ela não reagiu. Foi difícil, mas Crissy conseguiu.

— Sim.

Ele relaxou. Crissy estava aceitando muito melhor do que ele esperara. Ainda não estava seguro dos próprios sentimentos, mas tinha de fazer algo.

— Farei isso assim que puder. No momento, as coisas estão um pouco agitadas. Eles estão dando apoio às investigações, de modo que a minha está parada. É provável que até depois do Ano Novo. Ainda preciso responder a perguntas e ver um conselheiro. Haverá relatórios, depoimentos e todas as consequências oficiais do tiroteio.

Ela observou a boca dura de Judd com crescente inquietação.

— Está arrependido do que fizemos, não está, Judd? – Crissy precisava saber.

Ele não respondeu de imediato.

— Sim – disse finalmente, mordendo a palavra. – Bebi demais e você estava à mão – respondeu, categórico. – Não tenho o direito de usar você para afastar minha mente dos meus problemas.

O coração dela desceu até os joelhos. Por falar em ser indelicado...!

— Nós somos casados – disse ela.

— Isso não me exime de culpa! – Ele fez uma careta. – Christabel, nunca planejei uma intimidade entre nós. Eu insistia nisso. Você sabe! Sabe o motivo!

Ele parecia muito desconfortável e todas as esperanças dela desapareceram com a certeza do que Judd estava realmente dizendo. Não lhe havia ocorrido que duas pessoas que tinham sido tão íntimas, estiveram tão próximas, pudessem repentinamente se tornar estranhas num espaço de tempo tão curto. Mas Judd parecia distante e preso num beco sem saída. Para ele, a liberdade era tão sagrada quanto a religião. Judd não a queria.

— Você não quer ficar casado comigo – disse ela com um suspiro. – Sei disso.

Ele não tinha certeza do que queria. Estava perturbado, confuso. Tinha ficado de cabeça para baixo depois do tiroteio. Precisava de consolo, precisava de uma mulher. Usara o álcool como desculpa para ter Christabel, por quem vinha ansiando lentamente. Mas agora sentia culpa por tê-la pressionado para uma relação a qual ela não estava preparada. Ela nunca havia namorado sério. Ele lhe tirara o direito de escolher. A louca paixão que Crissy sentia por ele terminara na conclusão inevitável, e ele estava pensando em sua perda de liberdade, seu desconforto com raízes e vida familiar.

As paredes se fechavam ao seu redor. Ele precisava de espaço pessoal, tempo para superar o trauma dos últimos dias, o tiroteio e o relacionamento com sua jovem mulher que sofrera uma mudança radical. Estava se matando, tentando esquecer como fora com ela no quarto escuro. Ele nunca pensou que ela fosse capaz de tamanha paixão desinibida. Na verdade, nunca pensou que ele mesmo fosse capaz disso.

— Não. Não quero ficar casado – disse ele, obstinado, mais em seu benefício do que no dela.

Crissy acenou com a cabeça.

— Entendo.

— Você não entende – disse Judd. – Mas quando tiver tempo para pensar a respeito, vai compreender que estou certo – acrescentou, frio, baixando os olhos para ela. – Foi uma noite fora do tempo, Christabel. Eu ultrapassei os limites e você deixou. Agora nós dois temos que agüentar. – Judd inclinou-se para frente com os braços cruzados sobre as pernas abertas. – Pelo menos, não haverá nenhuma consequência.

Ele se referia à pílula que achava que Crissy estava tomando. Ela não se atreveu a contar a verdade. Ficou olhando fixo para o chão.

— E, naturalmente, há a senhorita Moore – acrescentou ela, suavemente.

Judd franziu as sobrancelhas, olhando-a de soslaio.

— Sua noiva – lembrou ela e forçou um sorriso.

Ela havia dito isso uma vez antes e ele não questionara. Judd começou a negar nesse momento, mas era conveniente deixar que ela acreditasse. Se Crissy pensasse que ele queria a outra mulher, talvez achasse mais fácil deixá-lo ir embora. Também tornaria as coisas mais fáceis para Tippy que, sem o conhecimento de Christabel, estava tendo acessos para manter Gary Mays à distância. Seu relacionamento com Judd realizara isso, pelo menos.

Crissy notou seu súbito silêncio e respirou fundo, puxando o ar devagar.

— Quer dizer então que era mesmo um anel de noivado?

Ele assentiu, confirmando a mentira com um leve gesto que pareceu uma traição abjeta. Ela ficou despedaçada. Ele não queria magoá-la, mas seu trabalho era sua vida. Não queria se estabelecer numa vida em família. Pareceu o pior tipo de cilada. Judd já havia tomado algo dela sobre a qual não tinha o menor direito, porque perdera o controle. Graças a Deus, ela estava tomando pílulas, do contrário, ele ficaria num beco sem saída para sempre.

O tiroteio brincava em sua mente, atormentava-o. Judd sabia que não estava pensando direito, mas não estava à altura de tantas mudanças de uma vez. Já era bastante ruim ter de se acostumar à idéia de que ajudara a matar um ser humano, sem o tumulto de um relacionamento com uma jovem que o

venerava como um herói. Christabel merecia muito mais do que uma noite de paixão com ele. De repente, pensou no relacionamento dela com Grier e como poderia mudar após o divórcio. Sentiu o estômago embrulhado, sem compreender o motivo.

Christabel tentava lidar com aquela confusão e, lamentavelmente, estava fracassando. Era difícil não ceder às lágrimas, quando sentia a garganta apertada, como se tivesse engolido uma bola de boliche. Ela piscou rápido, para secar a umidade suspeita em torno dos olhos escuros.

— Está bem – disse ela, rouca. – Não vou criar nenhuma dificuldade para você, Judd. Espero que seja feliz com ela. – Apertou as mãos com força no colo e forçou um sorriso. – Eu sabia que devia ser sério, para você comprar um anel como aquele quando mal conseguimos pagar as contas por aqui. Não precisa se preocupar – acrescentou rápida, levantando a mão. – Você tem razão quanto à escola. Só me falta um semestre e apenas duas matérias para me formar. Posso conseguir um emprego e trabalhar durante o intervalo numa loja de conveniência ou algo parecido – ela acelerou a voz enquanto fazia planos. – Depois, quando me formar, conseguirei um emprego. Com o dinheiro extra, podemos contratar outra pessoa para trabalhar em tempo integral, como planejamos.

Ele estremeceu.

— Christabel – disse ele, odiando a dor que podia ouvir em sua voz suave.

Ela engoliu em seco, com força.

— Você pode ir ao Japão sozinho, para encontrar os compradores. Você lida o tempo todo com estrangeiros.

— Você é co-proprietária – ele a interrompeu.

Ela não o fitava.

— Por enquanto – disse. – Quando o negócio com os japoneses chegar ao fim, tomaremos decisões. Mas não quero continuar vivendo aqui, sendo uma terceira indesejável, depois que você se casar de novo.

— Pelo amor de Deus! – explodiu ele, horrorizado com as coisas que ela dizia. Não havia percebido a mudança drástica que as coisas poderiam sofrer com esse anúncio. Estava totalmente despreparado.

Ela se pôs de pé.

— Está bem – disse Christabel. – Está tudo realmente bem. – Forçou outro sorriso. – Eu mesma posso ter perspectiva de casamento – acrescentou, pensando em Cash.

Judd também pensou. Estava arrasado. De alguma forma, seu próprio pensamento confuso arrastara os dois para aquele pântano de futuros inconcebíveis. Ele também se levantou.

— Nada disso tem de ser decidido hoje! – respondeu Judd em poucas palavras.

— É melhor que seja. – Ela moveu-se em direção à porta. – Espero que as coisas se resolvam para você lá em Victoria – acrescentou, olhando de soslaio para ele com olhos que não foram além de seu queixo. Continuou sorrindo. Seu rosto parecia congelado naquela posição. – Feliz Ano Novo, Judd. Espero que o próximo ano seja mais feliz... para nós dois.

Christabel saiu do aposento. Judd seguiu-a com os olhos, o coração encolhido, sentindo como se tivesse entrado num buraco fundo do qual não houvesse saída. Quanta dor naqueles olhos castanhos, quanto tormento! Ela

correria para Grier agora, maldito seja, e se casaria com ele num segundo, bastava ter a oportunidade. Mas Grier não era o tipo de homem que pudesse fazê-la feliz. Ela nunca o compreenderia, nem se ajustaria ao mundo dele. Assim como Judd tampouco se enquadraria no círculo social de Tippy Moore.

Lembrou-se dos braços cálidos de Christabel, de sua boca faminta sobre a dele, seu corpo movendo-se com prazer dolorido sobre os lençóis brancos e amarfanhados na escuridão. Ela fora o verdadeiro sonho dele de perfeição. Mas somente o desejo não seria suficiente para Crissy. Ela iria querê-lo por perto o tempo todo, iria querer filhos. Judd estremeceu só de pensar nesse tipo de vínculo. Jamais pensara em ter um casamento de verdade. O exemplo de seu pai o obcecava. E se Christabel, como sua mãe, encontrasse outra pessoa e fugisse? Em todo caso, apenas se casara com ela no papel, de modo a poder assumir responsabilidade por ela e a mãe, e levar adiante os negócios, enquanto fosse menor de idade. Havia mantido Christabel ao alcance da mão para garantir que não houvesse complicações. Mas, no tumulto que se seguiu ao tiroteio, ele precisou de alguém, de maneira desesperada. Tinha sido impensável procurar outra mulher. Ele a... usara. Não usara? Lembrou-se do desejo de Christabel por ele com angústia. Ela havia esperado tanto tempo, enquanto ele tentava decidir se algum dia poderia estabelecer-se para sempre. Precisava de mais tempo...

Mas agora ela era maior de idade e queria sair. Sair do negócio, sair do casamento, sair de sua vida. Era o que ele queria também. Ou não? Judd tentou imaginar nunca mais vê-la sozinha de novo, nunca mais cavalgar pelas linhas divisórias com ela, nunca mais compartilhar com ela uma xícara de café tarde da noite, nunca mais conversar e receber só para si todo aquele consolo doce e suave. Ela sempre sabia quando ele estava triste ou perturbado, e sabia o que dizer para tirá-lo daquele estado. Às vezes, quase lia seu pensamento. Ela o fazia sentir-se aquecido por dentro, só de estar próximo. Então, ao lembrar-se da resposta febril do corpo dela na intimidade, sentiu-se ainda mais próximo. Mas agora sentia-se... vazio. Sozinho.

Judd pegou o chapéu e inclinou-o sobre a testa, franzindo as sobrancelhas. Ele se acostumaria a ficar sem ela. Não seria difícil. Era a melhor coisa. Ela era jovem demais para ele e ainda não possuía experiência suficiente para se estabelecer. Sua consciência lembrou-o de que Grier a agarraria como a uma truta caída do céu, no minuto em que a licença de casamento fosse legalmente anulada. Era provável que Christabel, magoada e rejeitada, se casasse com Cash de imediato no rebote.

Começou a andar em direção à porta, numa névoa meio cega de indecisão, no momento em que a porta se abriu e Maude entrou com passos lentos, carregando uma sacola de mantimentos.

— Olá, Judd. Como vão as coisas? — ela perguntou com um sorriso gentil.

— Devagar, para variar — respondeu ele. Olhou na direção da cozinha onde podia ouvir água correndo. — Fique de olho nela, está bem? Ela está descontrolada — acrescentou.

Maude lançou-lhe um olhar bem informado.

— Nenhuma necessidade de perguntar por que. Não se preocupe com ela — disse Maude com um sorriso largo. — Tenho notícias que irão animá-la logo. Cash vai levá-la, hoje à noite, para comemorar o *réveillon* no centro da cidade. Ele conseguiu entradas e vai haver uma banda também.

Judd franziu a testa.

— Ele é velho demais para ela – soltou ele, antes que pudesse escolher as palavras.

Maude apenas sorriu.

— Você não acharia isso se os visse juntos. Ela o faz ficar jovem. E não se precisa olhar muito para saber que ele é louco por Crissy. Se ela fosse livre, ele a levaria na frente de um pastor bem rápido...!

— Tenho que ir – disse ele, frio. – Feliz Ano Novo.

— Pra você também. Isso me lembra que você ainda não pegou seus presentes de Natal – disse Maude. – Quer que eu os pegue para você? Tricotei algumas meias. Crissy comprou um alfinete de gravata... uma estrela de prata de lei. Está lembrado que você disse a ela que adoraria ter um desses? Ela foi a Victoria e passou o dia inteiro, procurando a coisa certa... já está indo agora? – acrescentou quando ele começou a sair pela porta, com os olhos turvos.

— Estou. – Sua voz parecia sufocada. Ele não conseguia suportar a lembrança de que não dera coisa alguma a Christabel. Um anel caro para Tippy, que era apenas uma parte superficial de sua vida, e absolutamente nada para a mulher que havia sacrificado tantas coisas para manter aquela fazenda arruinada funcionando enquanto ele trabalhava.

— Bem, dirija com segurança, então – gritou Maude atrás dele. – Não vai se despedir de Crissy?

Ele não respondeu. Foi andando com gravidade até o SUV, instalou-se atrás do volante e partiu como um foguete.

Maude encontrou Crissy junto à pia, com lágrimas rolando expressivas pelas faces. Ela hesitou no vão da porta.

— Precisa de mim para fazer algo?

Ela sorriu por entre as lágrimas e sacudiu a cabeça.

— Cash disse que passaria, mais ou menos às seis, para levá-la à comemoração do *réveillon* – acrescentou rapidamente. – Isso deve animá-la!

Crissy fechou os olhos. Graças a Deus por Cash.

— É – disse ela com voz rouca. – E acredite em mim, estou precisando disso. Maude, Judd e eu vamos nos divorciar para que ele possa se casar com Tippy, não é maravilhoso?

Maude não soube o que dizer.

— Posso me casar com Cash – continuou ela.

— Não faça isso, querida – disse Maude suavemente. – Dois erros não deixarão nada direito. Além disso, você podia lembrar que Judd está passando por um momento traumático agora. Eu não daria muito crédito a nada que ele diga enquanto estiver perturbado. Ele não está pensando direito. Espere até que Judd passe pelo aconselhamento e deixe o tiroteio para trás, antes de tomar alguma decisão concreta, está bem?

Maude não tinha idéia do que estava acontecendo de fato, e Crissy não queria contar. Ela respirou fundo para se acalmar e pôs detergente na água da pia.

— Ele nem ao menos me deu um programa de computador nem nada no Natal, Maude – disse Crissy à mulher mais velha. – Deu um anel caro para ela. Disse que foi um anel de noivado, tal como Tippy nos falou. Acho que está mesmo apaixonado por ela. De modo que é assim. Quero que ele seja feliz.

Maude também, mas, naquele momento, seria capaz de estrangulá-lo. Colocou os mantimentos que ainda segurava sobre a mesa da cozinha.

— Tem mais no carro – ela murmurou, saindo para pegá-los. Crissy nem sequer olhou. De qualquer forma, não poderia enxergar muita coisa através das lágrimas.

A festa de *réveillon* foi ótima. Havia uma série de chifres de bezerro, usados para marcar a contagem regressiva até o Ano Novo – a observação irônica de Calhoun Ballenger havia sido levada a sério pelos pais da cidade –, e a maioria das famílias fundadoras de Jacobsville estava representada na primeira comemoração anual no Centro Cívico de Jacobsville, bem ao lado da praça da cidade. Janie Brewster Hart e seu novo marido, Leo, casados pouco antes do Natal, grudaram-se um no outro quando um inesperado silvo de neve caiu sobre o ajuntamento de pessoas do lado de fora, no momento em que os chifres desceram e o Ano Novo foi proclamado. Todos sorriram indulgentemente.

Cash inclinou-se e beijou Crissy de leve na boca. Ela agarrou-o pela nuca e beijou-o em resposta, com um súbito entusiasmo que o sacudiu até a sola dos pés. Cash respondeu ao beijo com ardor apaixonado, com toda sua perícia. Ela sorriu debaixo do esmagamento de sua boca, desfrutando a novidade de estar em seus braços. Ele não era Judd, mas era agradável beijá-lo. Nenhuma necessidade de perguntar o quanto ele era experiente de fato, era óbvio. Os dois estavam desatentos às pessoas ao redor e aos olhares ainda mais divertidos.

Como era inevitável, a notícia do beijo caloroso chegou até Judd. Agora ele estava passando pela terapia para voltar ao trabalho. A notícia não caiu bem, sobretudo porque, a cada dia que passava, ele estava cada vez mais arrependido de sua fala impulsiva para Christabel a respeito do divórcio.

Alguns dias depois da autópsia, Jack Clark foi levado a Victoria, algemado, para comparecer ao funeral do irmão. No caminho de volta a Jacobsville, Jack havia estado tão dócil e educado que o amável delegado que o transportava rompeu o protocolo e deixou-o algemado em vez de acorrentado. Numa parada para descanso, porque Clark dissera que precisava usar o banheiro, o bondoso delegado foi recompensado com dois belos golpes na cabeça com a coronha de seu próprio revólver de serviço calibre .38, sendo deixado à morte sob uma forte chuva no matagal próximo à estrada de Victoria – Jacobsville. Mais tarde, nesse mesmo dia, a radio-patrolha do delegado foi encontrada abandonada há alguns quilômetros fora de Victoria.

Incapaz de viajar até Jacobsville nesse dia, por causa de seu horário ocupado, Judd telefonou para Cash Grier e contou o que havia acontecido. Também teve de pedir ao outro que ficasse de olho em Christabel, receando que Jack Clark tivesse contas a acertar com todos, em especial com ele próprio e Crissy. Isto o amargurava, porque havia tomado conhecimento do beijo infame no *réveillon* em Victoria. Um dos delegados, com quem dividia espaço, era casado e morava em Jacobsville, fazendo a viagem de ida e volta para trabalhar. Ele disse, de modo descuidado, que achara divertido que o frio e duro Cash Grier tivesse sido apanhado por uma mulher tão nova e, a julgar por aquele beijo, a coisa também era séria.

O sujeito não sabia que Christabel era casada com Judd. Tampouco nenhum dos outros homens do gabinete sabia visto que, aparentemente, se sentiam confortáveis especulando sobre Christabel e Grier bem na frente de

Judd. Este não podia suportar a idéia dos dois juntos, mesmo quando tentava dizer a si mesmo que não tinha nenhum interesse em vida familiar.

A equipe de cinema retornou para as duas últimas semanas de filmagens, inclusive algumas regravações de cena. Christabel sentia-se tão subjugada que mal notava Tippy. Havia passado em todas as matérias do outono e matriculara-se para o próximo semestre.

Judd apareceu cedo na manhã do primeiro sábado de filmagem, um dia frio, porém ensolarado. Cash já se encontrava ali, conversando com um de seus homens que fazia parte da equipe de segurança, esperando que Christabel ficasse pronta, pois sairia com ela durante o dia.

Ela não esperava ver Judd e reagiu com desconforto. Assim como Judd. Os dois trocaram palavras de cortesia com a frieza de estranhos em guerra. Crissy sequer sorriu para ele. Tippy percebeu a nova tensão e desconforto entre os dois e apresentou uma desagradável teoria sobre o motivo. Gary estava mais amoroso e predatório do que nunca, e ela morria de medo de se ver sozinha com ele, mesmo acompanhada. Não podia se dar ao luxo de deixar que Judd a abandonasse agora!

Assim, enquanto Judd tinha uma breve conversa com o assistente de direção e Gary passava o tempo organizando o equipamento, Tippy fez uma pausa ao lado de uma incomum Christabel silenciosa, que mal conseguia afastar os olhos de Judd. Este a ignorava de propósito.

— É isso que acontece quando se demonstra abertamente os sentimentos, senhorita Gaines – disse Tippy suavemente. – Você não deve se atirar sobre os homens, se quiser chegar a algum lugar. De qualquer maneira, sexo é um modo medíocre de segurar um homem como Judd. Ele está aborrecido demais para conversas, não dá pra ver? Ele me disse que você o estava deixando embaraçado com seu comportamento. A única coisa que quer é esquecer que aconteceu um dia. Disse que você se jogou nele e ele não pôde evitar.

Christabel olhou para a mulher mais velha com horror em seus olhos. Por um instante, Tippy sentiu-se culpada pela mentira. Mas tinha funcionado bem, para um tiro no escuro.

— Aborrecido – repetiu Crissy, desanimada, com o estômago embrulhado. Bem, com certeza isto era falar sem rodeios.

Judd não conseguia mais suportar vê-la. Sua paixão inexperiente e impetuosa o deixara aborrecido. Ele havia contado tudo isso a Tippy, que ela se atirara nele! Só queria esquecer o que aconteceu. Bem, era alguma surpresa? Ele não havia lhe dito a mesmíssima coisa? Mas não fora tão brutal assim, mesmo quando mencionara o divórcio.

Crissy afastou-se e foi pegar a bolsa. Não pensou em vestir um suéter e fazia frio nesse dia. Quando tornou a sair, Judd encontrava-se na varanda. Ela não o olhou nos olhos. Estava insuportavelmente magoada. Jogou a bolsa no ombro com movimentos convulsivos.

— Você está bem? – perguntou ele, hesitante.

Os lábios dela formaram uma linha fina.

— Sei que me ver o deixa aborrecido, que o deixo embaraçado só por estar aqui. Por enquanto, eu não posso evitar, mas prometo ficar o mais longe possível de você quando vier. Pode dizer à senhorita Moore que ela não precisa ficar me dando alfinetadas por sua conta. Você terá seu divórcio no

minuto em que pedir! – Ela levantou os olhos, ferida e furiosa. – Como pôde dizer a ela que dormimos juntos, que me atirei em você? Como pôde, Judd?

Ele franziu a testa e começou a falar, mas ela saiu para o pátio, perto de um dos anexos para esperar, enquanto Cash acabava de conversar com seu assistente.

Judd sentiu sua irritação subir. Como Tippy pôde contar tal mentira para Christabel, depois de ele já ter arrancado seu coração? Andou com passadas largas em direção à modelo, com sangue nos olhos, e encurralou-a há alguns metros de distância de onde Crissy estava parada.

— Por que disse que ela me aborrecia? – perguntou a Tippy, com raiva.
— Por que mentiu para Crissy?

Tippy estava chocada demais para responder. Não lhe havia ocorrido que a mulher repetiria o que ela dissera, e com tanta rapidez. Ela começou a falar e, então, um movimento atrás de Judd captou-lhe a atenção.

Christabel moveu-se para longe da dolorosa visão de Judd parado ao lado de Tippy Moore. Foi bem a tempo de avistar um homem magro de cabelos ralos que apontava uma arma diretamente para as costas de Judd.

Não havia tempo. Judd podia reagir numa fração de segundo, mas no momento em que ela gritasse para avisá-lo, ele estaria morto. De fato, não havia outra decisão a tomar, de modo que Christabel agiu.

Deu um passo, entrando direto no caminho da arma, no instante em que Clark disparou.

Estranhamente, não houve uma dor real. Ela sentiu o impacto de alguma coisa dura e depois ficou quase impossível respirar. Observou com olhos arregalados o homem que acabava de alvejá-la quando o estampido alto soou e, com um pequeno gemido convulsivo, caiu no chão com o rosto para baixo, inconsciente e sangrando.

Tippy assistiu a cena com completo horror.

— Judd! – Ela soltou um grito agudo, que foi anulado pelo estampido alto do disparo da pistola.

Com anos de instinto nas costas, Judd sacou a Colt automática num único movimento suave, virou-se e disparou, atingindo Clark com um tiro certeiro na mão. O sujeito largou a pistola e caiu de joelhos.

Judd foi na direção dele sem hesitar, notando, distraído, que Christabel desmaiara. Cash Grier chegou correndo, já de arma em punho.

— Vou algemá-lo – disse Judd. – Vá ver Christabel. Acho que desmaiou.
— Derrubou Clark no chão e firmou-lhe os braços às costas para prender as algemas, surdo para o grito de dor e as ameaças furiosas do sujeito. – Barnes, chame uma ambulância! – gritou ele para o segurança, que acenou e começou a falar no microfone que levava preso ao ombro no uniforme.

— Judd!

A voz de Cash estava estranhamente dissonante.

O som desconhecido deixou Judd inquieto. Largou Clark algemado, de joelhos, recuperou o revólver calibre .38 que este carregava e enfiou-o no cinturão de serviço. Juntou-se a Cash perto do corpo de Christabel, caída de bruços. Tippy estava congelada no mesmo lugar, mas também se aproximou, junto com o resto do elenco atordoado.

A mão de Cash saiu de baixo do peito de Christabel, coberta de sangue vermelho vivo.

Judd parou de respirar. Parou de pensar. Ela não tinha desmaiado. Estava deitada, quieta e imóvel. Estava morta. Clark a matara. Ele virou-se com uma imprecação ríspida e foi até o homem algemado com uma economia de movimentos assustadora.

— Judd, não! Detenham-no! – berrou Cash para a equipe.

Três homens – dois engenheiros e o assistente de direção – agarraram Judd no exato momento em que ele chegou ao atirador e o puxaram para longe de Clark. Judd praguejava, com a voz falhando, enquanto a realidade começava a entrar em seus sentidos entorpecidos aos poucos.

— Me soltem, seus malditos! – arquejou ele, lutando furiosamente contra os homens que o seguravam.

— Judd, ela ainda está viva! – gritou Cash. – Está viva, está me ouvindo? Venha aqui! Não posso fazer isso sozinho!

Judd desvencilhou-se dos homens e juntou-se a Cash de forma abrupta, enquanto o outro virava o corpo de Crissy com um movimento suave, as mãos visivelmente trêmulas. Judd estava com o rosto branco, respirando aos trancos.

O sangue pulsava na frente de sua blusa, impregnando-a assim como ao chão debaixo dela. Estava tão frio que o sangue quente fazia vapor subir da grama morta e da poeira. Ela estava inconsciente e aspirava ar com ruído.

— Colapso pulmonar – disse Cash em tom profissional, através dos dentes trincados. – Foi atingida em algum lugar da caixa torácica. – Ele olhou para Judd com olhos frenéticos. – Precisamos de cobertores, alguma coisa para apoiar as pernas dela, precisamos de pressão no ferimento...

Judd apenas ficou sentado ali, o horror estampado em cada linha do rosto enquanto olhava para ela, tão pálida e quieta. Pela primeira vez em sua vida adulta, ele simplesmente não conseguia agir. Havia tanto sangue, pensou, confuso. Tanto! Cash não estava em melhor forma, também se sentia desamparado ao vê-la daquele jeito.

Tippy chegou correndo, lembrando-se graficamente do que havia dito à outra mulher fazia apenas alguns minutos, a mentira que contara. Ela se odiava. Sentia-se enjoada com a visão do sangue, mas as emergências não lhe eram estranhas.

Arrancou o suéter caro que usava e colocou-o sobre o ferimento, pressionando com força para tentar estancar o sangramento. Grier olhou-a de soslaio, surpreso.

— Ela está entrando em choque – disse Tippy com calma. – Precisamos de alguns cobertores.

— Cobertores! – berrou Cash.

Homens começaram a correr. Maude ouviu a comoção e saiu como um raio da casa, apenas para correr de volta quando lhe disseram o que havia acontecido e o que era preciso. Tornou a sair em disparada, trazendo os cobertores da cama do quarto de hóspedes, um enorme cachecol e uma colcha. Entregou-os a Cash, que cobriu Christabel, enquanto Tippy mantinha a pressão no ferimento. Maude enrolou outro cobertor e usou-o para elevar as pernas de Christabel. Lágrimas rolavam por suas faces. Ela soluçava enquanto torcia as mãos e observava.

— E a ambulância? – berrou Grier para seu assistente.

Enquanto ainda vociferava, o som de sirenes penetrou o zumbido da conversa abafada em torno deles. Judd segurava uma das mãos pequenas de Christabel. Segurava com tanta força que as articulações dela estavam

brancas. Os olhos de Judd estavam mortos. Ele nem parecia estar consciente das pessoas ao redor.

Crissy começou a ter calafrios por todo o corpo e um gemido áspero e comovente separou seus lábios secos. O som mobilizou um congelado Judd. Ele acariciou os cabelos dela, afastando-os do rosto pálido.

— Fique quieta, querida – disse ele com voz rouca. – Está tudo bem. Estou aqui. Vai ficar tudo bem. Onde está a maldita droga dessa ambulância! – berrou ele, rouco, com a voz profunda corroída pelo medo.

— Bem aqui, senhor – disse o segurança, afastando as pessoas e sinalizando para a ambulância através da aglomeração. Ela era seguida por um carro de polícia de Jacobsville, dirigido por um oficial da equipe de Grier, acompanhado por outro.

Judd ainda segurava com força mortal a mão de Christabel. Ele conseguiu manter-se lúcido tempo suficiente para lançar um olhar de soslaio para Clark, que encontrava-se ajoelhado na poeira, gemendo por causa de seu ferimento.

— Levem esse filho da mãe para a cadeia – disse Judd entre os dentes – antes que eu o mate!

Seus olhos eram prova suficiente de que o faria, se deixassem o outro ali. Ele se esquecera da lei, do dever, da honra, de tudo, presa que era do pior medo que já sentira. Se ela morresse, Judd ficaria sem lei. Nada no mundo importaria para ele, nunca mais, exceto a vingança. Sentia-se frio, enjoado e horrorizado. Estava perto do pai quando este morreu. Lembrava-se de estar segurando a mão do pai no exato momento em que o velho exalou seu último suspiro. Foi assustador, mas não como aquilo. Nada jamais foi como aquilo! O terror frio o mantinha preso com firmeza em suas garras geladas. Judd não conseguia afastar os olhos do rosto de Christabel, contorcido de dor. Vê-la daquele jeito o estava matando! E o sangue continuava saindo dela como água de uma torneira, apesar dos esforços febris de Tippy para deter o fluxo.

Os atendentes da ambulância se moviam, eficientes e rápidos. Judd não soltava a mão dela. Tiveram de trabalhar em volta dele, até para transportá-la, porque ele subiu direto na traseira da ambulância com ela, ainda segurando-lhe a mão. Nem sequer notou as outras pessoas paradas do lado de fora do enorme veículo, enquanto as luzes vermelhas piscavam intermitentemente.

— Não a deixe morrer – disse Cash para um dos enfermeiros, sombrio. – Vou ver se consigo tirar aquelas armas dele antes de vocês partirem – acrescentou, tranqüilo.

Subiu na ambulância, falou com voz suave para Judd, que mal o ouviu, e retirou as duas armas, sua própria Colt e o revólver que Clark estava carregando. Saiu, e as portas da ambulância foram fechadas. O último olhar de relance que deu a Christabel foi com a cabeça escura de Judd inclinada sobre ela, numa agonia de pesar.

— Ela vai viver? – perguntou Tippy a Grier.

Ele fitou-a, percebendo com atraso que estava falando com ele.

— Não sei – disse, categórico. Estava tão assustado quanto Judd, só que escondia melhor.

Tippy respirava de maneira hesitante.

— Nunca vi ninguém ser alvejado.

Ele não estava ouvindo. Um dos policiais de plantão aproximou-se dele.

— Coloque ferros nas pernas dele e leve-o para o hospital – disse Grier, sucinto.

— Preciso de um médico – vociferou Clark. – Fui atingido. Minha mão está sangrando!

Grier fitou-o.

— Se você fizer um movimento que eu não goste, vai precisar de um agente funerário – disse com pura maldade e, abruptamente, girou o Colt com uma habilidade profissional que fez Clark recuar um passo. – Tire-o daqui – acrescentou, frio. – Vamos enquadrá-lo com outra acusação de assalto com agravante, e seguir a partir daí.

— Sim, senhor. – O policial não estava inclinado a discutir.

— Eu errei dessa vez, mas não vou errar de novo! – vociferou Clark. – Ele matou meu irmão. Também quero matá-lo e vou matar. Juro que vou!

Grier ignorou-o e entregou ao policial as duas armas que havia persuadido Judd a entregar.

— O Colt é de Judd Dunn. A Smith & Wesson é a arma com que Clark atirou em Christabel Gaines. Tranque-os em meu gabinete.

— Vamos cuidar das armas, senhor – assegurou o segundo policial. – Espero que a senhorita Gaines fique bem.

— Eu também – disse Grier com voz roufenha, tão rígida quanto suas feições. O fato de não poder ter ido com ela na ambulância o estava matando. Mas era direito de Judd, por mais que odiasse admitir isso.

Tippy Moore observou a ambulância se afastar. Olhou de soslaio para Maude, que chorava copiosamente em segundo plano. Apenas podia imaginar como aquilo afetava a mulher mais velha, que era a coisa mais parecida com uma mãe que restava a Christabel. Foi até a mulher e pousou uma mão consoladora em volta dela.

— Venha – disse ela com voz suave. – Vou levá-la de volta para casa.

— Tenho de ir ao hospital – disse Maude, chorando. – Mas não posso dirigir, estou tremendo demais!

— Vou conseguir alguém que nos leve de carro – disse Tippy. – Eu também vou – acrescentou, obstinada, olhando de soslaio para o assistente de direção que parecia pronto para discutir. – Não vou mais trabalhar hoje, caso você venha perguntar. Vou ao hospital para ficar com Judd.

O assistente jogou as mãos para o alto, mas diante do olhar frio de Grier, apenas foi embora sem pronunciar nenhuma outra palavra.

— Vocês podem vir comigo – disse Cash às mulheres, sem fitá-las. – Me dêem um minuto para telefonar para o meu gabinete e o de Judd. – Tirou o celular e começou a teclar os números.

— Você precisa de um suéter – disse Tippy a Maude, conduzindo-a em direção à casa. – Também vou precisar de um emprestado. Coloquei o meu em cima da senhorita Gaines.

Maude havia percebido isso, mesmo com a agonia daquele dia. Conseguiu esboçar um sorriso molhado, surpresa e contente por encontrar uma aliada onde pensava que havia uma inimiga. Toda sua má vontade em relação à linda modelo desapareceu numa neblina.

— Encontrarei alguma coisa para você.

CAPÍTULO 14

Judd encontrava-se sentado na sala de espera da emergência, quando Cash Grier entrou com Maude e Tippy. Estava sem chapéu. Os cabelos escuros estavam amarfanhados. Sua aparência era de alguém que andara cavalcando com a morte. Havia sangue em sua camisa branca, na calça escura. O sangue de Christabel.

Levantou os olhos quando os outros se juntaram a ele.

— Ela foi levada para cirurgia – disse ele. – Copper Coltrain está operando.

— Ele é o melhor que temos – comentou Maude com calma.

— Ela gemeu o tempo todo na ambulância – continuou Judd, quase como se estivesse falando consigo mesmo. – Não conseguia respirar. Eu não tinha certeza se ela conseguiria chegar aqui. – Seus olhos se fecharam numa onda de dor.

— Os ferimentos no peito são assustadores – disse Cash, tranquilo. – Mas o dela foi na parte de baixo do tórax, não nos intestinos.

Os olhos negros de Judd procuraram alento nos olhos do homem mais velho. Relaxou, mas não muito.

— Acho que a operação vai levar tempo.

— Vão ter de procurar a bala – gemeu Maude.

— Talvez não tentem retirar a bala, se for menos traumático deixá-la onde está – disse Cash. – Vão parar o sangramento e reinflar o pulmão. Depois é uma questão de tratamento.

— Ela acabou de se matricular para o primeiro semestre da primavera e comprou os livros escolares – disse Maude pesadamente.

— Ela não vai poder voltar durante várias semanas – devolveu Cash, categórico. – Receio que ela não vá participar dessa parte do ano escolar.

— As taxas trimestrais vencem daqui a duas semanas – disse Maude com tristeza. – Que coisa horrível pensar nisso num momento como esse.

— Ela faz o trabalho dos impostos? – perguntou Cash, apenas para dizer alguma coisa.

Maude acenou com a cabeça.

— Faz toda a contabilidade, exceto pagar as contas do mês. – Olhou de soslaio para Judd. – Não cheguei a lhe dar o alfinete de gravata que ela comprou para você de Natal – acrescentou, e lágrimas rolaram por sua face.

Judd levantou-se, o coração partido, e ficou andando de um lado para o outro, as mãos afundadas nos bolsos.

— Ele não deu um presente para ela – disse Maude, explicando o súbito retraimento dele para os outros. – Eu não devia mencionar, acho. Feriu os sentimentos dela de uma maneira medonha, sobretudo depois que ele comprou aquele anel de noivado para a senhorita Moore.

Cash lançou um olhar penetrante à modelo ruiva, que já estava atraindo olhares interessados dos homens na sala de espera. Ela parecia estranhamente constrangida com a atenção. Olhou de relance para o anel em seu dedo e fez uma careta.

— Não é um anel de noivado – disse em tom desconfortável.

— Ele disse para Crissy que era – replicou Maude sem olhar para a jovem.

Tippy arqueou as sobrancelhas. Aquilo era novidade. Por que ele haveria de mentir sobre tal coisa? E então se lembrou da grande mentira que contara a Crissy, tentando se livrar da rival. Mas não queria isso. Quando olhou para Judd, a angústia dele era quase tangível, e doía pensar que havia deixado Crissy triste. Se a mulher morresse, ela teria de agüentar isso pelo resto da vida. Não seria fácil. Ela era uma covarde. Não tinha um pinga de valor...

— Como ele pode ser seu noivo? – indagou Cash, sucinto, lançando um olhar mal-humorado para Tippy. – Ele e Crissy ainda são casados, não são? – virou-se para Maude.

— Estão se divorciando – disse Maude. – Ela não lhe contou? Acho que ele já começou os procedimentos...

— *Eles são... casados?* – exclamou Tippy, empalidecendo. – Christabel é esposa dele?

— São casados há cinco anos – confirmou Maude, com tristeza. – Nunca significou coisa alguma para ele. Era só no papel, de modo que ele pudesse cuidar das coisas quando o pai dela foi para a cadeia.

— Eu não fazia idéia – disse Tippy, triste.

— Não venha me dizer que isso teria importado – disse Cash, cheio de sarcasmo.

Tippy lançou-lhe um olhar furioso de soslaio.

— Teria importado – disse ela com frieza. – Não namoro homens casados. Jamais.

Ele levantou as sobrancelhas. Aquilo era novidade.

Um cirurgião alto e ruivo, usando roupas verdes, saiu pelas portas giratórias que davam para a sala de operações e ficou olhando em volta até localizar Judd. Caminhou na direção dele, sombrio, sem sorrir.

— Como ela está? – perguntou Judd, rápido.

Copper Coltrain encolheu os ombros.

— Paramos o sangramento. O pulmão está reinflado. Mas ela perdeu muito sangue e tampouco está em boa forma. Está com bronquite. Vai complicar a recuperação dela.

— Bronquite? – repetiu Judd.

— Eu estava achando que ela estava rouca – concordou Maude –, mas ela dizia que era só um resfriado e não iria procurar um médico. – Maude fez uma careta. – Disse que não tinha dinheiro para isso. O plano de saúde dela não tem uma cláusula de paciente de ambulatório.

No minuto em que disse as palavras, Maude se arrependeu. Judd fechou os olhos e pareceu atormentado. Tippy olhou para o odioso anel em seu dedo e amaldiçoou a própria estupidez por ter convencido Judd a comprá-lo. Cash Grier apenas suspirou, enquanto a tristeza o corroía.

— E depois, o que vai ser? – perguntou Judd em tom reprimido.

— Vamos rezar – disse Copper, categórico. – Não farei promessas que não possa cumprir. No momento, a coisa está duvidosa. Sinto muito. Fiz o melhor que pude.

— Eu sei. Obrigado – disse Judd, desanimado. – Posso vê-la? – acrescentou.

— Ela está em recuperação – disse o médico. – Seria melhor esperar até a levarmos para a UTI.

— Ficarei com ela – interrompeu Maude, antes que Grier pudesse dizer o mesmo.

— Você não pode. Não na terapia intensiva. Pode vê-la três vezes por dia, durante não mais do que dez minutos de cada vez – disse o médico, firme.
— É sério demais. Ela tem de ficar quieta. Nenhuma perturbação.

Judd tinha a expressão de alguém que fazia força para não gritar com o cirurgião. Mas, no final, apenas assentiu com a cabeça, derrotado. Copper pousou a mão áspera em seu ombro.

— Não se preocupe de véspera. Viva uma hora de cada vez. Você vai superar isso.

— Acha mesmo? – perguntou Judd com gravidade.

— Sei disso. Ficarei vigiando-a de perto. Tente não se preocupar. – Ele acenou para os outros e seguiu pelo corredor.

Judd olhou para as três outras pessoas com ele.

— Fico contente por vocês estarem aqui. Mas se tem alguém que vai entrar nesse quarto, mesmo que por um minuto, sou eu – disse, peremptório.

Cash parecia inclinado a discutir, mas a expressão no rosto de Judd o dissuadiu.

— Se quiser que fiquemos aqui com você, eu não me importo – disse Tippy.

— O mesmo digo eu – acrescentou Maude.

— Eu preferiria que vocês fossem para casa – disse Judd. – Só vou sair do hospital depois que souber de alguma coisa, de uma forma ou de outra.

— Darei uma carona para elas – disse Cash. – Eu volto depois.

Judd encontrou os olhos do homem mais velho. Não discutiu. Nem sequer falou. Apenas acenou com a cabeça. Não queria ficar sozinho, e não seria obrigado a ter briguinhas verbais conversando com Cash a respeito. Não se podia conversar sobre tiroteios com civis, a maioria dos quais nunca vira um. Judd e Cash tinham visto seu quinhão. Virou-se e caminhou em direção à unidade de terapia intensiva.

— Tirou as armas dele, não tirou? – perguntou Maude quando Cash parou na frente da casa.

Ele assentiu.

— Estão trancadas em meu gabinete. – Sua expressão era sombria. – Mas ainda há uma pistola e uma espingarda de caça em algum lugar da casa. Crissy me contou. Seria melhor você pegar toda a munição e trancar em algum lugar.

— No minuto em que eu entrar – prometeu Maude.

Tippy olhava de relance, de um para o outro.

— Vocês não estão falando sério – observou ela.

Cash encontrou seus olhos.

— Se ela fosse minha mulher, seria isto que Maude estaria fazendo por mim – disse em tom categórico. – Sim, estou falando sério. Talvez Judd não tenha percebido, mas, se Christabel morrer, ele não terá motivo para viver. Não é lógico, mas é o que alguns homens fazem quando estão fora de si de desgosto. Não precisamos de uma outra tragédia.

— Amém – disse Maude, resoluta. – Bem, pode ir e levar a senhorita Moore de volta à cidade – disse. – Não que eu vá dormir. Tem certeza que eu não deveria ficar com Judd esta noite?

— Não sairei do lado dele – garantiu Cash. – Ligo para você quando souber de alguma coisa. Prometo.

— Então, está bem – disse Maude. Sorriu gentilmente para Tippy. – Fique com o suéter – disse. – Trarei o seu de volta para você, lavado e passado.

— Obrigada – respondeu Tippy suavemente, e sorriu.

Cash levou-a para a cidade. Não falou e Tippy tampouco. Na verdade, ela ficou sentada com os braços cruzados com força sobre o peito, parecendo desconfortável.

— Para uma devoradora de homens, você está surpreendentemente domesticada – comentou Cash, quando parou em frente ao hotel.

Ela lançou-lhe um olhar frio.

— Fiz algumas coisas estúpidas. No momento não estou gostando muito de mim mesma. – Encolheu os ombros. – Você viu o que ela fez? – acrescentou com gravidade. – Entrou bem na frente da arma. Ela viu a coisa vindo. Não hesitou. Ela deve... amá-lo muito – Tippy insistiu, quase sufocando-se com as palavras.

— Ama mesmo – ele concordou, sentindo as palavras e odiando-as.

Ela olhou-o de relance, curiosa.

— Você está apaixonado por ela, não está?

— Se estou, não é da conta de ninguém a não ser minha – respondeu ele, direto.

Tippy suspirou.

— Agora você está sendo hostil novamente. Olha, estou tendo dificuldades com os homens. Sérias mesmo. Gary Mays, o diretor-assistente, tem me encostado na parede, tentando me levar para a cama. Judd fingia que estava interessado em mim para mantê-lo à distância, e eu levei isso um pouco a sério. Isso foi tudo. – Ela voltou a fitá-lo. – Eu não teria um homem para o resto da vida num pãozinho com recheio.

Cash arqueou as sobrancelhas e olhou para ela, concentrado.

— É assim que me sinto em relação às mulheres.

Ela relaxou um pouco. Seus olhos deslizaram para ele, com cuidado.

— Eu confio em homens de uniforme – deixou escapar. – Os tiras já me tiraram das maiores confusões de minha vida.

Ele estava começando a ter um quadro de Tippy que era perturbador. Longe da afetação que demonstrava no trabalho, ela era tímida, introvertida e assustada com ele quando ambos estavam sozinhos.

— Preciso entrar – disse Tippy. – Espero que Christabel fique bem. Judd também.

— Por que você não olha Gary Mays nos olhos e diz que irá acusá-lo de assédio sexual se ele não parar? – indagou Cash abruptamente.

Os olhos dela quase se arregalaram.

— Não daria certo.

— Daria. Se você consegue deter um homem, você o domina.

— Filosofia interessante – disse ela.

— Não é minha. Li a autobiografia de Juan Belmonte. Ele foi um toureiro famoso no começo dos anos 1900. Disse que isto funciona tanto com homens como com touros. Funciona mesmo.

— Você deve saber – murmurou ela, seca.

— Sim, eu sei.

Ela saltou da caminhonete um pouco devagar.

— Obrigada pela carona.

Ele franziu a testa e examinou-a com atenção.

— Você consegue me ver? – Cash perguntou de forma inesperada.

Ela ficou surpresa com a pergunta. E sorriu.

— Mais ou menos – respondeu.

— Você é míope e não usa óculos – arriscou ele.

Tippy riu. Soou como sinos de prata tilintando.

— Eu não posso usar lentes de contato.

Cash examinou-a. Apesar da tragédia do dia, ela despertara sua curiosidade.

— Você é um enigma. Eu disse algumas coisas que não devia para você. Não é o que eu pensava que fosse.

Ela observou-o com um novo respeito.

— Você também não – respondeu.

— Pense no que eu disse – Cash continuou, enquanto dava a partida no carro. – Não precisa aceitar esse tipo de merda de um diretor-assistente. Avise-me se não conseguir detê-lo. Eu o farei.

Ela encolheu os ombros e conseguiu esboçar um sorriso.

— Ficarei em contato com Maude.

Cash assentiu. Não disse nenhuma outra palavra. Segundos mais tarde, estava a caminho do hospital.

Judd estava sozinho. Deixaram-no entrar um pouco no quarto para que pudesse ver o rosto branco e contraído de Christabel. Se pudesse ir até um bar, ele seria capaz de tomar um balde de uísque depois disso. Era chocante vê-la daquele jeito. Ela estava ligada à meia dúzia de aparelhos de monitoramento, com uma agulha enfiada no braço alimentando-a de nutrientes e, aparentemente, um medicamento contra a dor. Um tubo saía de seu corpo para drenar o peito. Talvez fosse o mesmo tubo que haviam usado para reinflar seus pulmões.

Desde os seus dezesseis anos, nada havia sido tão doloroso assim e, mesmo na época, a coisa não fora tão séria. Não havia o risco de ela morrer do espancamento promovido pelo pai. Aquilo era diferente. Ela parecia frágil, desamparada e tão sozinha. Os enormes olhos escuros encontravam-se fechados. Havia círculos escuros ao redor deles. Quando Crissy respirava, ele ouvia o lento som raspante do fluído em seu peito. Seus lábios estavam azuis. Christabel parecia morta.

Judd tocou-lhe a mão com sua manopla e lembrou-se da última coisa que ela dissera antes de Clark aparecer. Tippy contara que ele estava aborrecido, que não queria que ela ficasse pendurada nele, correndo atrás sem ocultar os sentimentos. Seus olhos fecharam-se com um arrepio. Se ela não saísse dessa, sua última lembrança dele seria de dor e traição.

Não era verdade. Ele não estava aborrecido. Ficava noites acordado, lembrando a paixão que haviam compartilhado. Sentia falta dela. Era como estar sem uma perna ou um braço. Dissera a Christabel que não queria nada permanente. Agora talvez a escolha não fosse mais dele. Judd poderia ser deixado sozinho, como pensava que queria ao dizer a ela que iria obter o divórcio.

Lembrou-se de um velho adágio. Tenha cuidado com o que deseja; talvez obtenha. Olhou para o corpo imóvel e viu o fim de tudo que amava.

Um ruído chamou sua atenção. Grier estava de volta. Ele sentou-se no banco da capela ao seu lado, parecendo desconfortável.

— Deus me deu um aviso – disse ele a Judd com um suspiro audível, enquanto olhava ao redor. – Talvez eu dê azar a ela só por estar numa capela.

— Deus não é vingativo – respondeu Judd, grave. – Em geral, Ele nos dá mais liberdade de movimento do que merecemos.

— Crissy disse que seu pai era pastor – comentou Grier.

Judd assentiu.

— Atirar em John Clark foi mais difícil do que você esperava – insistiu, tranqüilo.

Judd fitou-o de relance, com curiosidade.

— Porque meu pai era pastor?

— Porque você foi ensinado a acreditar que matar é sempre errado. – Os olhos de Grier pousaram no púlpito. – Eu não. A primeira coisa que você aprende com os militares é a necessidade de matar e como fazê-lo com extrema eficiência. Os homens não matam um outro de perto, a menos que sejam ensinados a fazer isso por reflexo. Depois de algumas semanas de treinamento, matar é instintivo. Fui um bom aluno – acrescentou Cash, frio.

Judd estreitou os olhos.

— Isso não o incomoda?

— Não incomodava. Até eu me envolver com ela – acrescentou, sorrindo de leve. – Ela foi a primeira mulher em anos que não olhou para mim e me viu como um matador. Ela tem essa maneira incômoda de fazer você se sentir importante, necessário, útil. Ela me fazia sentir bem só de sorrir para mim.

Judd odiou estar ouvindo aquilo de seu rival.

— Ela sempre foi assim – comentou Judd após alguns instantes. – Não importa como as coisas vão mal, ela sempre tem um sorriso.

— Ela me fez sentir que eu poderia me ajustar aqui, se tentasse – disse Grier. – Até agora nunca quis pertencer a lugar nenhum em minha vida.

Judd fitou o outro homem com olhos semicerrados.

— Agradeço sua companhia. Mas é melhor você saber que, se ela viver, jamais terá o divórcio – disse ele, abruptamente.

Cash respondeu ao olhar fixo.

— Você não vai enganá-la com piedade – devolveu. – Ela não se deixaria enganar.

Judd evitou o olhar fixo do outro. Não estava querendo compartilhar seus sentimentos mais profundos com o único rival.

— A única pessoa de quem tenho pena nesse momento é de mim. Fui um idiota pensando que a estava protegendo. Que droga, como ela foi atingida? – perguntou Judd de repente. – Sei que ele não estava tentando matá-la. Não foi ela quem atirou no maldito irmão dele!

Cash hesitou, examinando as mãos. Não poderia contar a Judd o que sabia. Ainda não. Não até eles terem certeza de que ela iria viver.

— Tudo será esclarecido num dado momento – disse Cash de modo evasivo.

Judd levou as mãos ao rosto com um longo suspiro, inseguro.

— Eu daria tudo para voltar e pôr as coisas no lugar – disse enigmaticamente.

— Você e o resto de nós – disse Cash, filosofando.

Foi uma longa noite. Na manhã seguinte, um Judd de olhos turvos entrou na unidade de terapia intensiva com uma expressão tristonha e o coração pesado. Christabel continuava deitada da mesma forma que ele a deixara. Havia um novo tubo intravenoso pingando, mas a expressão dela estava tão morta quanto antes.

Ele inclinou-se e afastou os cabelos do rosto dela. Tremia só de olhar.

— Eu sinto muito – sussurrou. – Sinto muito, querida.

Os longos cílios de Crissy se contraíram e os olhos escuros abriram. Sua respiração ainda era áspera e ela parecia a morte num prato coberto. Mas parecia vê-lo.

— Christabel? – sussurrou.

Os olhos fixaram-se no rosto de Judd, mas ela não reagiu.

— Pode me ouvir, querida? – perguntou ele, suave.

Ela franziu as sobrancelhas e estremeceu.

— Dói – ela sussurrou com voz rouca.

A mão de Judd tremia ao alisar seus cabelos e rosto.

— Graças a Deus você ainda está viva – disse ele com voz trêmula, apesar do controle de aço. Inclinou-se e tocou os lábios na boca seca de Christabel. – Graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus – gemeu.

Ela piscou os olhos. Mal tinha consciência de qualquer outra coisa além da dor.

— Dói muito – ela sussurrou e fechou os olhos novamente.

Judd soltou-a, relutante, e apertou o botão para chamar a enfermeira e dizer que Christabel havia acordado com dores. Segundos mais tarde, a enfermeira entrou rapidamente, seguida de um técnico, e ele foi afastado com sorrisos tranquilizadores. Ela viveria. Esse era o sinal de esperança pelo qual todos esperavam.

Copper acenou brevemente com a cabeça quando entrou no quarto para examiná-la. Poucos minutos depois, saiu com um sorriso.

— Ela vai ficar bem – disse ele a Judd, dando uma palmadinha em seu ombro. – Agora é só uma questão de tempo. Pode parar de prender a respiração.

Judd agradeceu, atravessou o corredor e apoiou-se na parede, tentando se controlar. Estivera no inferno durante tanto tempo que o alívio era arrasador. Ela iria viver. Viver. Enxugou a leve umidade dos olhos.

Cash aproximou-se, a pergunta nos olhos.

— Ela vai sair dessa – respondeu com voz rouca.

— Graças a Deus – disse Cash com sincero alívio.

— E quanto a Clark? – perguntou Judd de repente, lembrando-se do sujeito apenas nesse instante.

— Remendado e na cadeia, é provável que fique pelo resto da vida depois do julgamento – assegurou Cash. Observava o outro homem atentamente. – Acho que você deveria saber o que Tippy me contou – acrescentou, odiando revelar a coisa mesmo agora. Significava o fim de todas as suas próprias esperanças.

— Sim? – instigou Judd.

— Ela viu Clark acelerar o passo e mirar a arma em você. Ela não teve tempo para reagir e avisá-lo, tampouco Crissy. Tippy disse que ela percebeu que você não conseguiria salvar-se e deliberadamente se meteu na frente da arma.

Deu para ouvir quando Judd puxou o ar.

— Tippy ficou arrasada quando viu isso — continuou ele. — Disse que se sentiu uma completa idiota pelos problemas que causou entre vocês dois ao ver o quanto Crissy se importava. — Ele sacudiu a cabeça. — Eu não lhe contaria isso se Crissy morresse. Mas você deve saber. Vou telefonar a Maude para dar a boa notícia.

Virou e afastou-se. Judd permaneceu parado como uma estátua, absorvendo a declaração com um sentimento de extrema humildade. Christabel recebera a bala destinada a ele. Desejou dar a própria vida para salvá-lo. Ele jamais sonharia que ela se importasse tanto. Ficou totalmente sem palavras. Agora tinha de encontrar uma maneira de reconstruir as pontes que havia queimado. Não seria fácil.

Christabel vagueou, recuperando e perdendo a consciência durante os primeiros dias, depois que seu corpo começou o lento processo de recuperação, que lhe custou parte do lobo inferior do pulmão, além de um pedaço do baço. Por sorte, a bala estava no tecido destruído que teve de ser removido para deter o sangramento.

No quarto dia, ela foi transferida para outro quarto. Depois disso, Judd não saiu mais do seu lado. Seu segundo tiroteio em duas semanas lhe rendera outra licença administrativa, mas ele não se importou. Era oportuna. Seu capitão e o tenente já haviam ligado duas vezes para saber do estado de Christabel. Ele possuía bons ajudantes. Um deles, de San Antonio, foi designado para assumir temporariamente seu lugar em Victoria, enquanto Crissy se recuperava dos ferimentos. Além disso, os negócios da fazenda tinham de ser resolvidos, muito embora Judd odiasse o tempo que passava afastado dos cuidados com ela. Ele delegou o máximo possível para o capataz, Nick.

Grier também era uma visita constante, mas mostrava-se estranhamente abrandado e mantinha-se em segundo plano. Marc Brannon e a mulher, Josette, souberam da tragédia e passaram para oferecer ajuda. O mesmo fez outro grupo de cidadãos proeminentes. Tippy Moore também passava depois do trabalho para ver a paciente, levando Maude consigo. A atriz surpreendeu muitas pessoas com sua compaixão e, de maneira mais notável, Grier. Ele escutou sem querer uma conversa que ela teve ao celular. A princípio, Grier pensou que ela estivesse falando com um homem, porque sua voz estava suave e cheia de afeto. Então, quando ela mencionou testes, notas e algo sobre ficar longe de brigas com outros garotos, ele percebeu que Tippy falava com uma criança. Verificou-se que era seu irmão mais novo, que estudava num colégio militar. Tippy confessou isto com uma estranha reserva e, depois, afastou-se antes que Grier pudesse fazer mais perguntas.

Quando não havia mais visitas, Christabel ficava retraída com Judd. Nunca o olhava nos olhos. Sorria quando Grier e Maude chegavam, e conseguia conversar com eles, embora estivesse terrivelmente enfraquecida. Era educada, porém distante, com Tippy. Mas era visível o modo como ficava desconfortável com a presença de Judd.

— Você devia voltar ao trabalho — disse ela, certa manhã, quando a auxiliar de enfermagem colocou-a numa cama enquanto a cama era feita. — O médico disse que só vou ficar aqui por mais alguns dias. Nick pode cuidar das coisas em casa. Estou fora de perigo.

Judd, quieto e sem chapéu, não respondeu. Observou a auxiliar trocar os lençóis da cama e encher uma jarra com gelo sem nenhuma reação visível. Quando a mulher terminou, esta deu um tímido sorriso a Judd enquanto ele ajudava Christabel a voltar para a cama, saindo e fechando a porta às suas costas.

Ele continuou em silêncio. Andou até o lado da cama e fitou-a, pensativo. O cabelo de Christabel precisava ser lavado. Estava emaranhado e sem vida. A fraqueza dela era evidente e movia-se com dificuldade, porque os pulmões começavam a se curar de um duplo perigo, do ferimento à bala e da bronquite. Ela ficara sem fôlego apenas por levantar-se da cadeira e voltar para a cama. Mas para Judd, que a observava angustiado desde o momento em que ela saíra da anestesia, Crissy estava linda.

— Vai perder seu emprego e a culpa será minha – insistiu ela.

— Não vou perder. Tenho permissão para estar aqui. – Ele levantou a mão esquerda dela e esfregou o polegar no anel de sinete que ela devolvera dois meses atrás. Judd havia recolocado o anel no dedo anular de Christabel enquanto ela ainda estava inconsciente. – Você deu um susto em todos nós – disse, solene.

Ela moveu os dedos, experimentando, só então percebendo que o anel estava de volta.

— Como isto veio parar aqui? – ela perguntou, sonolenta.

— Eu o coloquei – respondeu Judd, tranquilo. – Ainda somos casados. Tive de dar entrada no hospital com seu nome legal.

Ela desviou os olhos e afastou a mão dele.

— Isso deve ter chocado a senhorita Moore – disse ela, inerte. – Espero que esteja disposta a esperar até que nos divorciemos.

Judd respirou fundo e enterrou as mãos nos bolsos.

— Vamos tratar de fazer você ficar bem e colocar-se de pé, antes de conversarmos a respeito.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Por que esperar?

Judd afastou-se, franzindo a testa. A inspiração veio quando examinou uma pintura na parede. Parecia vagamente japonesa.

— Está esquecendo da viagem de negócios ao Japão, não está? – murmurou. – Não devemos perturbar as negociações a esta altura, apresentando um front dividido, não?

— Isso não deve afetar as negociações – respondeu ela, pouco convincente.

Ele virou-se e examinou as formas frágeis sob o lençol.

— Mesmo assim, não vamos arriscar.

Ela franziu a testa, mas não discutiu.

— O que você quiser fazer estará bom para mim – respondeu após um longo minuto. – Mas talvez você tenha que ir sozinho ao Japão. Não sei se serei capaz.

— Vamos atravessar essa ponte quando chegarmos nela – disse. Caminhou ao redor da cama, o rosto torcido e tenso pela preocupação e falta de sono. Estendeu a mão e tocou o rosto de Christabel de leve, com as pontas dos dedos. – Você está um pouco melhor hoje.

— A coisa é lenta – respondeu Crissy.

O polegar de Judd roçou suavemente, devagar, os lábios cheios. Ficou excitado ao lembrar-se da ardente resposta daquela boca na véspera de Natal. Ele também tinha arrependimentos. Mal podia encontrar espaço para todos em sua consciência.

— Você não está dormindo bem, não, querida? – perguntou ele, preocupado. – Tem círculos escuros debaixo dos olhos.

Ela riu sem humor.

— Se eu pudesse sair desta cama, Jack Clark também teria alguns círculos escuros debaixo dos olhos, mas não seria por falta de sono!

— Ele vai desaparecer por um longo tempo – disse Judd, lacônico.

Os olhos de Christabel procuraram os de Judd.

— Cash disse que você tentou atacar Clark.

O olhar dele moveu-se para a parede, distante.

— Eu nem havia percebido que você tinha sido alvejada, até que Cash a desvirou e vimos o sangue. Pensávamos que tivesse desmaiado.

— Eu não desmaio – ela observou, sonolenta. Suspirando, Crissy fechou os olhos, cansada.

— Sua idiotinha valente – ele deixou escapar, aproximando-se da cama.

– Por que não se limitou a fazer um sinal?

— Ele tinha você na mira – respondeu ela, de forma involuntária. – Não havia tempo para gritar. No momento em que localizei Clark, ele já estava apertando o gatilho.

— Christabel, como acha que eu me sentiria se você morresse? – indagou Judd bruscamente. – Acha que eu poderia continuar vivendo, sabendo que comprou minha vida com a sua?

Ela mal o ouvia. Estava tão cansada.

— Não podia... deixar... que ele o matasse.

Judd inclinou-se com um gemido e pressionou os lábios com força em sua testa.

— Ouça, há algo que eu preciso lhe dizer – começou.

— Não, não há – ela murmurou. – A escolha foi minha. Fui eu que a tomei. Você tomou conta de mim durante cinco anos, Judd. Era a minha vez de tomar conta de você.

Ele não podia suportar a dor da lembrança de como ela ficara logo depois de ter sido atingida pela bala. Inclinou-se e apertou a boca ternamente sobre os lábios secos dela, saboreando seu calor num tenso silêncio.

— Não – gemeu ela, colocando a mão na boca dele. – Por favor, não! Não quero atrapalhar sua vida mais do que já atrapalhei. Você não me deve nada.

Judd beijou a palma de sua mão, com paixão.

— Você não entende.

Ela abriu os olhos e fitou-o.

— Claro que compreendo – sussurrou, cansada. – Você se sente culpado pelo que disse a Tippy, sobre como eu o embaraçava. Depois fui alvejada e você está tentando se sacrificar para compensar. Não é necessário. Pode pegar este anel de volta. Eu lhe darei o divórcio...

Judd pegou a mão dela, impedindo-a de tirar o anel. Mas enfrentar as suspeitas de Crissy seria muito mais difícil do que percebera. Ela não daria ouvidos à razão. Achava que ele estava mentindo por culpa e piedade.

— Você pode perdê-la se esperar por muito tempo – continuou Christabel, a voz desaparecendo, enquanto vagueava no limiar do sono.

— Já esperei muito tempo – disse ele, odiando o nó em sua garganta que parecia não desaparecer, os olhos intensos e torturados no rosto pálido.

Mas ela não ouviu. Estava dormindo.

Assim que Christabel voltou do hospital, ela andou pela casa e até tentou cozinhar. Uma vez, Maude acompanhou-a de volta para a cama. No dia seguinte, Judd a carregou, os lábios apertados, surdo aos seus protestos.

— Não posso ficar deitada aqui como uma massa informe, jamais ficarei bem – vociferou, quando ele começou a levá-la de volta para a cama. – Copper disse que preciso fazer exercício!

— Um pouco de cada vez, não da maneira que está tentando fazer – disse ele, lacônico. Colocou-a na cama, recostada nos travesseiros e fitou-a nos olhos. Christabel havia tomado banho e lavado os cabelos com a ajuda de Maude, e parecia infinitamente melhor do que dias atrás.

— Está bem, ficarei parada – murmurou, desviando os olhos. – Você devia estar passando um tempo com a senhorita Moore. Vão empacotar o equipamento de filmagem na sexta-feira e então irão embora.

Ele não tinha sido capaz de fazê-la ouvir o que quer que fosse e que dizia respeito a seu relacionamento com Tippy. Ela o interrompia antes que pudesse explicar. Tippy devolvera o anel de esmeraldas, resmungando todos os tipos de desculpas, e Judd o devolvera ao joalheiro para ser reembolsado da maior parte do dinheiro. Queria contar a Christabel, mas ela recusava-se a ouvir. Tampouco aceitara o presente de Natal ainda embrulhado que Judd lhe levava, certa de que era uma tentativa de compensar o fato de não ter dado um presente na hora. Maude dera a Judd o alfinete de gravata de Christabel e ele o conservara durante todo o tempo em que esteve no hospital. Ela não sabia. Ele estava cansado de tentar fazê-la ouvir.

Grier também estava aparecendo mais nos últimos tempos, uma outra fonte de preocupação, já que Christabel se reanimava no minuto em que ele enfiava a cabeça pela porta. Ela ria com ele, mas não com Judd.

— Não consigo fazê-la ouvir – disse Judd num tom de voz pesado e derrotado. – Você não quer me ouvir.

Ela levantou o rosto, com os olhos escuros preocupados.

— Você também não me escuta. Eu lhe disse que dou o divórcio no momento em que você quiser. Pode pagar, agora que temos o cheque da produtora de filmes no banco.

A mandíbula de Judd retesou-se.

— Eu não quero o maldito divórcio! – ele vociferou. – Não quero me casar com Tippy Moore! Nunca quis!

Ela tentou se sentar e, acidentalmente, bateu no copo de suco ao lado da cama, derramando-o em seu corpo com o movimento.

— Olhe só o que você me fez fazer! – gritou ela.

— Não toquei nessa maldita coisa em nenhum momento! – gritou ele em resposta, furioso.

Tippy escutou as vozes alteradas e enfiou a cabeça pela porta.

— Oh, pelo amor de Deus – murmurou ela, saindo novamente. Segundos depois, estava de volta com uma toalha e um pano de prato molhado. – Fora – disse a Judd, segurando a porta aberta.

Ele começou a discutir.

— Você a ouviu! – apoiou Christabel. – Fora!

Judd jogou as mãos para o alto e saiu mal-humorado, batendo violentamente a porta às suas costas. Tippy riu.

— Os homens não são o fim? – comentou. Ela enxugou o suco com a toalha. – Onde você guarda suas camisolas? – perguntou em tom prosaico.

Crissy respondeu, surpresa com a eficiência da mulher. Foi limpa com o pano de prato e sua camisola suja foi retirada com habilidade, substituída por outra limpa.

— Oh, passei anos tomando conta de meu irmão caçula e depois de um homem de quem eu gostava... muito – respondeu Tippy diante do olhar dela. – Meu irmão tem nove anos agora e está no colégio militar. – Os olhos mostraram-se profundos. – Gastei uma fortuna para ganhar a custódia dele de minha mãe e seu último amante. Não coloco a mão no fogo por nenhum dos dois já que tentariam seqüestrá-lo para pedir mais dinheiro. Ninguém sabe onde ele está, exceto eu.

Crissy ficou fascinada com esse olhar sobre a vida privada da mulher. Havia um ar atônito ao redor dela.

— Você deve se preocupar um bocado com ele – disse.

Tippy assentiu.

— Ele é toda minha vida – Tippy pegou a toalha e o pano de prato, lançando um longo e triste olhar para a outra mulher. – Eu criei um bocado de problemas para você e Judd. Quero que saiba que sinto muito por tudo. Eu me sentia segura com ele. É um dos melhores homens que já conheci e fiquei possessiva. Mas se tivesse a menor idéia de que vocês eram casados, eu jamais...

— Tudo bem – disse Crissy, embaraçada. – Não se pode evitar o que se sente pelas pessoas.

Tippy suspirou.

— Esta não é a verdade – murmurou ela, pensando em Cash Grier e na sua frieza, apesar das tentativas de fazê-lo reconsiderar a opinião que tinha sobre ela.

Crissy, previsivelmente, achou que ela se referia a Judd e sentiu-se ainda mais deprimida.

— Eu devolvi o anel a Judd – Tippy acrescentou em tom firme. – Também sinto muito por tê-lo deixado comprar o anel para mim. Nunca percebi como as coisas iam mal por aqui.

— Não ficarão por muito tempo – disse Crissy. – Estamos trabalhando num novo negócio com mercado no exterior. Se conseguirmos fechar o acordo, vou me mudar depois do divórcio e ele terá tudo que deseja.

— Sem você? – perguntou Tippy, atônita. – Você não consegue ver como ele se sente?

— Ele se sente culpado – respondeu Crissy, categórica. – Isso vai passar com o tempo. – Recostou-se e fechou os olhos. – Estou cansada de estar casada com um homem que pensa em mim como um albatroz. Só quero sair.

Tippy não soube o que responder. Ficou parada ali com o remorso a corroendo. Finalmente, saiu do quarto e fechou a porta suavemente às suas costas. Já havia causado problemas suficientes para um dia, só que com a melhor das intenções.

CAPÍTULO 15

Judd retornou, relutante, a Victoria depois que Christabel ficou apta a andar pela fazenda de maneira confortável. Tinha voltado a trabalhar uma semana depois que ela voltou para casa, após uma segunda investigação de tiroteio, e fora inocentado de qualquer má conduta. Mas fazia o caminho de Victoria a Jacobsville para estar à mão se fosse preciso. Ela e Nick haviam esboçado novos planos para a fazenda, comprando novos materiais, contratando um empregado em tempo integral e organizando programas de trabalho para o máximo de eficiência.

Christabel tentou, mas fracassou, obter tanto trabalho quanto os empregados de meio expediente. Admirava Judd quando ele empregava a mente num problema. Nick apenas abria um largo sorriso e fazia o que lhe era dito, observando, divertido, a maneira como os trabalhadores de meio expediente se lançavam nos projetos e os levavam a cabo, sem bajulação nem discussão.

A fazenda estava progredindo com a nova injeção de dinheiro do filme. De fato, outra produtora cinematográfica tinha a fazenda como meta para locação no ano seguinte. Christabel gemeu, mas Judd acenou com promessas de um novo celeiro e outras melhorias na casa, e cedeu. Além disso, a coisa só aconteceria no outono do próximo ano. Um bocado de coisas poderia acontecer nesse tempo, pensou Crissy consigo mesma. Na verdade, talvez ela nem estivesse mais ali.

Nesse meio tempo, a empresa japonesa entrou em contato e fez arranjos para Judd e Christabel participarem de reuniões em Osaka. Ela tentou evitar a viagem, alegando trabalho, mas Judd a conhecia bem. Ela nem ao menos pôde argumentar que não possuía um passaporte, porque ele teve tempo de sobra para lhe providenciar um. Nick era perfeitamente capaz de supervisionar o que era preciso fazer em casa e tampouco era época das vacas darem cria. Ela não tinha desculpas, a menos que estivesse relutando em deixar Cash Grier, acrescentou Judd com amarga frieza.

Cash se tornara a cortina de fumaça de segurança dela. Christabel o mantinha entre ela e Judd, porque não queria que ele lhe fizesse qualquer declaração por gratidão ou culpa. Sabia que ele queria. Ela o compreendia muito bem. Judd ainda estava admirado com o fato de ela ter se sacrificado para salvá-lo. Ele não poderia superar isso, não importava o quanto se esforçasse. Ela não conseguiria deixar seus sentimentos com relação à Judd mais evidentes, mesmo que usasse um sinal.

Mas ela não conseguiu furtar-se a ir para o Japão. Até Maude intrometeu-se na conversa e insistiu para que fosse.

— Ainda estou me recuperando do hospital — Crissy argumentou com Judd, na véspera da partida para o aeroporto de Houston.

Judd estudou-a com aquele exame minucioso, meditativo e quase doloroso, que vinha sendo tão evidente nos últimos tempos.

— Eu sei — respondeu delicadamente. — Mas será uma experiência nova para você. Precisa se afastar daqui por uns tempos.

Crissy lançou-lhe um olhar demorado.

— Afastar-me de Cash, é o que quer dizer?

Judd apertou o maxilar. Apenas o som do nome do sujeito era como acenar uma bandeira vermelha para um touro Longhorn do Texas.

— Você vive sob a influência dele desde que voltou para casa – observou ele.

Crissy afastou-se, cansada de lutar. Ela e Cash eram amigos. Seria assim para sempre. Mas isto impedia que Judd chafurdasse na dívida que achava que tinha para com ela.

— Se fosse eu, nas mesmas circunstâncias, você teria feito o que fiz e você sabe disso – respondeu ela, calmamente, com os olhos voltados para o pasto do lado de fora. – Você está fazendo alvoroço demais a respeito, Judd, e não é necessário.

Ela sentiu o calor dele nas costas, sentiu sua respiração movendo os cabelos de sua nuca.

— Você recebeu uma bala que era destinada a mim – disse ele, lacônico. – Como exatamente devo enfrentar o fato?

As mãos de Judd tocaram seus ombros e Christabel foi virada, de maneira muito suave, de modo que pudesse encará-lo nos olhos.

— Eu me aproximo um passo e você recua dois – disse, pesaroso. – Você é a mesma mulher que conseguiu se aproximar de mim na véspera de Natal?

Christabel ruborizou-se.

— Como se atreve a trazer isso à tona! – ela vociferou.

— E você nem estava bêbada – acrescentou Judd com divertida indulgência.

Ela olhava para todos os lados, menos para ele.

— Foi um erro. Você mesmo disse.

— Eu disse um bocado de coisas – murmurou Judd, evasivo.

— É, e agora está dizendo mais um bocado de coisas que não devia – tentou explicar Crissy, afastando-se das mãos dele. – Escute, você quer o divórcio. Sem problema. Nem vou discutir a respeito. Pode se casar com Tippy Moore e eu sairei com Cash até ele decidir se consegue ou não viver pelo resto da vida em Jacobsville.

Ele se perguntou se Crissy fazia alguma idéia do quanto o magoava quando fazia observações descuidadas como aquela. Ele não tinha o menor interesse em Tippy Moore. Mas o fascínio dela por Cash fez com que Judd fingisse que tinha, apenas por orgulho ferido. Cash era tudo que a maioria dos homens desejava ser. Era bonito, charmoso, culto e absolutamente corajoso. Não havia um só agente de polícia no Texas que não reconhecesse seu nome. Judd tivera uma educação superficial e um pouco de universidade, mas em termos intelectuais não era do time de Cash e tinha plena consciência do fato. Tampouco era culto, e não falava meia dúzia de línguas estrangeiras impossíveis.

Pior ainda, ele sabia o que Grier sentia por Christabel e, se o outro tivesse a menor chance, casaria-se com ela rápido, sem pensar duas vezes.

Judd começou a perceber como sua indiferença e rejeição a magoaram durante todos aqueles longos anos, quando estava tão determinado a manter distância dela. Dizia para si mesmo que era pelo bem dela, de modo que Crissy ficasse sem compromissos e inocente, para que pudesse retomar o fio de sua

vida depois que o casamento fosse anulado. Mas não era isso. Ele não queria vínculos, raízes, família. Não conseguia se esquecer da própria infância, quando a mãe abandonara seu pai por outro homem. Ela fora inocente, como Christabel, e casara-se na adolescência sem experiência de mundo ou outros homens, exceto o marido. Não foi surpresa para ele agora, na idade madura, perceber que ela fora tentada por outros homens.

Judd tinha visões de Christabel fazendo o que sua mãe fizera, correndo para os braços de outro homem apenas por curiosidade, após anos de casamento e isto o assustava. Judd afastara-se dos olhos famintos dela, dos sonhos de uma vida com ele. Agora queria essas coisas de volta outra vez, mas ela não. Christabel encontrava-se tão distante e indiferente quanto ele fora. Com maior motivo, ele tinha que admitir. Ele não dera nenhum encorajamento. Agora, aparentemente, era tarde demais. E a concorrência era feroz. Até mesmo ele, com sua imensa autoconfiança, sentia-se inseguro perto da ameaça de Cash Grier.

— Eu estou careca de dizer que não tenciono me casar com Tippy – disse Judd entre dentes. – Mas você não escuta.

Isso era porque ele havia dito que se casaria com Tippy várias e várias vezes até eu ser alvejada, pensou Crissy consigo mesma, mas a discussão já chegara ao fim.

— Se não posso deixar de ir, acho que vou fazer as malas – disse ela pesadamente. – Treze horas dentro de um avião. Estarei espumando pela boca antes mesmo de chegarmos à Califórnia.

Ele lançou-lhe um olhar de conhecedor do mundo.

— Podemos ser admitidos no clube da Coisa Alta.

Christabel levou um minuto para compreender o que ele estava falando. Lançou-lhe um olhar penetrante.

— Não farei sexo com você no banheiro de um avião!

— Nem mesmo se eu comprar uma camisola vermelha? – ele perguntou suavemente.

Maude deteve-se no vão da porta com um pé no ar. Pigarreou, desceu o pé e quase saiu correndo para a segurança da cozinha.

Judd não disse coisa alguma. Estava rindo demais. Christabel soltou um som áspero com a garganta e bateu em retirada para o quarto, o mais rápido que pôde andar.

A viagem foi longa e um pouco assustadora para Christabel, que nunca havia estado num avião em sua vida. A classe econômica era barulhenta, mas ela e Judd recusaram-se a deixar que os japoneses pagassem passagens para a classe executiva. Para começar, já se sentiam desconfortáveis demais em aceitar as passagens. Os assentos eram apertados e foi difícil relaxar, mas só de pensar na maravilha de estar num país estrangeiro, Christabel ficou fascinada.

Jantaram e, logo depois, as noites insones alcançaram Crissy, fazendo-a dormir profundamente. Pareceu não ter demorado nada, quando Judd a acordou com um beijo. O contato da boca dele na sua foi eletrizante, e ela teve que lutar para não corresponder à suave carícia.

— Já chegamos? – ela sussurrou.

Judd sorriu.

— Olhe pela janela, querida.

Ela abriu o compartimento da janela. Soube que, pelo resto da vida, lembraria-se daquela primeira e incrível visão da costa japonesa. Nem toda leitura e programas de viagem na televisão a teriam preparado para o impacto de tal beleza gloriosa. Havia montanhas verdes subindo até as nuvens. O contorno do litoral exibia rochas pontudas que projetavam-se sobre o oceano. Era como estar olhando para algo saído de uma fantasia paradisíaca. A alegria da visão inesperada a atingiu direto no coração.

— Oh! – exclamou, sem palavras.

— Foi como me senti na primeira vez em que vi – disse Judd, tranquilo. Tinha vindo ao Japão anos atrás, quando os Texas Rangers trabalharam numa investigação conjunta com a Interpol. – Nunca pude descrever isto. Você tem que ver.

— Sim. – Crissy suspirou de prazer. – É tão lindo.

Judd observava o perfil de Christabel, sorvendo a visão.

— Tão lindo – ele sussurrou, pensando dolorosamente que ela poderia estar morta agora, de maneira tão fácil.

— Eles vão nos encontrar no aeroporto, certo? – perguntou ela, preocupada. – Gostaria que um de nós falasse japonês, como Cash.

Judd congelou. Apenas uma vez, pensou, gostaria de passar só um dia, um dia inteiro, sem que ela mencionasse o maldito sujeito. Crissy percebeu o que havia dito e fez uma careta. Se ao menos Judd superasse o ressentimento que tinha em relação à Cash! Afinal de contas, ele tinha Tippy, uma mulher linda e famosa que qualquer homem teria orgulho de chamar de esposa. Quando recobrasse o juízo, ele perceberia que Christabel já não fazia parte de sua vida. Com certeza, perceberia.

O aeroporto de Kansai era imenso, uma sinfonia em metal e vidro, mas era difícil circular nele. Christabel sentiu-se inquieta quando passaram pelo controle de passaporte. Tudo era tão diferente.

Mas suas preocupações não deram em nada. Foram recebidos na alfândega pelo próprio sr. Kosugi e o sócio comercial, o sr. Nasagi, juntamente com vários colegas.

— Acredito que tenham tido um vôo agradável, não? – perguntou o sr. Kosugi, todo sorrisos, acenando com a cabeça para um assistente pegar as bagagens, enquanto juntava-se aos dois.

— Foi maravilhoso. Mas minha primeira visão de seu lindo país vai durar por toda minha vida – disse Christabel, rouca, respondendo ao sorriso.

— Sua esposa é uma diplomata, senhor Dunn. – O outro homem riu.

Judd deslizou o braço ao redor dela e puxou-a para perto.

— É meu braço direito – murmurou ele, sorrindo em resposta.

O gerente do hotel e seu assistente saíram ao encontro dos Dunn, acompanhando-os junto com o Sr. Kosugi e equipe, até o quarto. Foi um tratamento tão lisonjeiro que Christabel ficou sem saber como reagir.

— Vocês nos fazem sentirem tão especiais – disse ela ao homem de negócios.

— Vocês também. É um prazer acolhê-los em nosso país. Esperamos que seu quarto seja adequado – acrescentou o gerente do hotel, abrindo as cortinas para revelar o rio e a ponte que ficavam logo abaixo, com a cidade de Osaka estendendo-se mais além.

— É incrivelmente lindo – observou Christabel, estupefata.

O senhor Kosugi deu um risinho de satisfação.

— Passaremos aqui para pegá-los mais ou menos às seis da tarde, se for aceitável para vocês, e jantarão em nosso principal restaurante aqui em Osaka. — Ele hesitou. — Claro que se preferem a culinária americana...

— Mas eu quero sushi — respondeu Crissy de imediato. — Eu li sobre a enguia de água doce, já tomei sopa missô e adorei...!

— O mesmo de minha parte — disse Judd com um largo sorriso. — Vocês descobrirão que a cozinha japonesa nos cai muito bem!

O ar de surpresa e prazer de seus anfitriões diziam tudo.

Eles sorriram, tolerantes, da luta de Christabel com os pauzinhos de comer. Ela não queria que soubessem que Cash tentara lhe ensinar, mas ela fracassara miseravelmente. Judd os usava como um nativo e aproveitou a oportunidade para mostrar a Christabel a maneira apropriada de segurá-los e fazê-los funcionar.

— Está vendo? — ele censurou de maneira suave. — Não é nem um pouco difícil.

— Obrigada.

Os olhos de Judd demoraram-se no rosto dela, enquanto Christabel pegava um pedaço de enguia assada e levava à boca. Ela usava um vestido prateado novo com alças finas, que ele insistiu em comprar antes de saírem de Jacobsville. Os cabelos louros caíam ao redor dos ombros, e Crissy usava sapatos de salto alto com tiras nos tornozelos. Estava linda na opinião de Judd, que mal conseguia tirar os olhos dela.

— Amanhã os levaremos às filiais de nosso restaurante em Kyoto — disse o senhor Kosugi — e à fazenda onde produzimos nossa carne, de modo que vocês possam inspecionar as instalações. Quando estivermos ali — acrescentou —, gostariam de ver um castelo talvez?

Christabel depositou os talheres na mesa.

— Um autêntico forte samurai? — exclamou ela. — Com pisos de “rouxinol”?

Foi a vez de o senhor Kosugi mostrar-se surpreso.

— Conhece os pisos de “rouxinol”, senhora Dunn?

Crissy sentiu-se emocionada ao ser chamada pelo nome de casada. Abriu um largo sorriso.

— Adoro filmes estrangeiros. Acho que vi todos os filmes de samurai que existem! Eu adoraria ver o forte!

Ele ficou feliz.

— Nesse caso, veremos o Castelo Nijo, que data de 1603. Virei buscá-los amanhã, depois do café da manhã. Às nove está bom?

— Seria perfeito — disse com um suspiro e Judd assentiu, sorrindo com o entusiasmo dela.

Ela e Judd dividiram o mesmo quarto de hotel, com camas duplas, mas Christabel dificilmente pensou na intimidade do ato. Estava tão cansada que, mal vestiu a camisola de algodão, caiu na cama em sono profundo. Na manhã seguinte, já vestido, Judd acordou-a e esperou que ela se arrumasse a fim de descerem para o café da manhã.

O senhor Kosugi e seu grupo foram pontuais. Christabel ficou surpresa com a energia que a possuiu, apesar do calor fora de estação. Viajariam no

famoso trem-bala para Kyoto, e ela ficou fascinada com a estação de trem de Osaka. O espaço possuía vários níveis e incluía o *shopping center* onde Michael Douglas havia rodado uma cena do filme *Chuva Negra*. Ela encantou-se com cada nova experiência, a cordialidade do povo e o alegre costume de sorrir e fazer uma reverência em cada oportunidade, até os instrumentos de alta tecnologia com o qual os japoneses contavam. A esposa do senhor Kosugi mostrou-lhe um telefone celular que também era um music player, tinha conexão com a internet, câmera, tela de tevê e uma biblioteca portátil com banco de dados e até um processador de texto. Judd também se mostrou fascinado.

As passagens foram adquiridas por um membro da equipe. Elas tinham de ser inseridas nas fendas de um longo balcão de metal, próximo à borboleta, e recuperadas na outra extremidade. O trem estava lotado, mas eles encontraram lugares e desfrutaram da velocidade e companhia.

Quando chegaram a Kyoto, Christabel observou Judd disfarçadamente. Ele parecia mais relaxado do que jamais o vira na vida. Caminhava através da multidão fascinada de japoneses com passadas largas e esguias, e suas botas chamavam tanta atenção quanto o chapéu de abas largas. Uma adolescente atrevida piscou os olhos para ele e disse:

— Olá, parceiro!

O grupo saiu da estação e foi embarcado numa elegante van que os levou até a fazenda Kosugi, onde fizeram uma turnê pelas instalações e tomaram conhecimento dos métodos de alta tecnologia na produção de carne. Christabel e Judd gostaram do que viram e disseram isto. Quando retornaram à van, receberam panos úmidos, enrolados em plástico, para secar o suor. Estavam usando roupas demais para o calor incomum.

O motorista da van levou-os ao Castelo Nijo, sede do shogunato Tokugawa, e eles caminharam pelo pátio coberto de cascalho onde jardins esculpidos levavam ao castelo em si, uma coleção de quartos de um piso com portas giratórias, em torno dos quais havia um longo passadiço de madeira. Este fazia sons de pássaros cantando quando se pisava nele. Mostraram a parte inferior, onde pregos e metal estrategicamente colocados faziam contato para produzir som. O piso de rouxinol, como era chamado, era uma forma melódica de assegurar que soldados inimigos ou ninjas jamais pudessem se aproximar furtivamente do samurai. Christabel levava uma câmera e a senhora Kosugi tirou várias fotos dela e Judd juntos. Crissy ficou contente por ter as fotografias – poderiam ser as últimas que veria de Judd antes que se divorciassem. Havia uma loja de presentes no forte, onde poderiam comprar refrigerantes e lembrancinhas. Judd comprou um lindo leque vermelho e preto para Christabel, além de cartões postais para levar para casa.

Em seguida, retornaram à van que tinha, entre outras comodidades, cortinas de renda branca nas janelas e o mais cortês dos motoristas. Foram ao restaurante do senhor Kosugi para um almoço tardio. A comida lá era deliciosa, em especial a carne, que rivalizava com a famosa carne de Kobe, pela qual o Japão era famoso. Usavam muitas das mesmas técnicas que a produziam, inclusive massagem no gado. O gado importado de Dunn seria criado de maneira semelhante. Eles comeram carne com talharim, um prato absolutamente delicioso. Christabel estava agora mais familiarizada com os *ohashis*, desde que Judd lhe ensinara a usá-los. Não fora capaz de pegar o

jeito quando Cash mostrara. Ela cometeu o erro de mencionar isso enquanto levava um bocado de talharim à boca.

Judd estivera exuberante e sorridente o dia inteiro. Mas, à menção do nome de Cash, tornou-se frio. Seu apetite também pareceu sofrer. Fez um grande esforço para ser polido com os anfitriões. Eles passearam por um templo e conversaram com um monge budista que até autografou o livrinho que Christabel comprara como lembrança do fascinante templo com seus extensos jardins zen de areia e belos peixes *koi* num lago próximo. Mais tarde, no entanto, após outra viagem de trem de volta à Osaka e uma viagem de barca descendo o rio até o hotel, as maneiras agradáveis de Judd entraram em eclipse. No momento em que ele e Christabel ficaram a sós no quarto de hotel, a história foi diferente.

— Talvez eu devesse ter ficado em casa e deixado Cash vir com você – disse ele com fúria mal contida. – Ele até sabe falar a língua, não?

Crissy enrijeceu.

— É, ele sabe, muito fluentemente – retrucou com os olhos castanhos flamejantes. Puxou para trás os longos cabelos louros, desgrehados pelo vento. Com calça bege folgada e blusa floral, ela parecia mais delgada, arrumada e muito bonita.

Judd virou-se, movendo-se na direção dela com uma brusquidão que a deixou com o coração batendo forte. Ainda estava usando calça azul-marinho, mas tirara o paletó, a gravata e o chapéu, desabotoando a parte de cima da camisa. Os grossos pêlos escuros que cobriam seu peito musculoso mostravam-se de maneira espalhafatosa, e ela lembrou-se de como era ser abraçada por ele na escuridão.

— Mas ele não teve você – disse ele de forma abrupta, elevando-se sobre ela. – E não terá.

Crissy respirava com força, fitando-o com olhos arregalados e perplexos.

— Você não me quer... – começou.

As mãos de Judd projetaram-se e puxaram-na suavemente para ele, entrelaçando-a de encontro ao corpo musculoso.

— Somos cegos, surdos, mudos e insensíveis do pescoço para baixo, não é? – perguntou Judd com humor negro, enquanto pressionava os lábios dela com os seus.

Ela sentiu perfeitamente a ironia da declaração. Estava totalmente excitada e ele mal a tocara. Christabel engoliu em seco. Deliciosos espasmos de prazer dançavam no fundo de sua mente. Lembrava-se do prazer de uma maneira tão profunda que era quase doloroso e os sons que saíam de sua garganta mal soavam humanos. Suas mãos empurraram a camisa dele com suavidade.

— Não, Judd – disse ela com voz rouca. – Você só está perturbado com tudo que aconteceu. Vai passar.

— Tenho sido nobre desde que levaram você para o hospital - disse entre dentes. – Estou cansado disso. Eu não como, não durmo e nem consigo trabalhar. Lembro dos seus gemidos em meu ouvido, enquanto a possuía, como um grito condenado – continuou, inclinando-se para a boca de Crissy. – Você não podia tirar o suficiente de mim. Não podia se aproximar o bastante. Seu rosto, quando a satisfiz... sinto desejo cada vez que penso nisso. E você acha que vai passar?

Ela estava perdendo terreno. Seu corpo reagia da maneira previsível ao tê-lo tão perto, não de forma que pudesse convencê-lo. Seus seios achatavam-se contra o peito dele, as pernas tocando a magnífica excitação. Ela o sentia ao seu redor e desejava-o loucamente.

Crissy observou as próprias mãos deslizarem para dentro da camisa dele com uma sensação de horror, mas não tinha forças para parar. Levantou o rosto para Judd e viu o mesmo desejo desamparado e desesperado refletido nos olhos negros e brilhantes.

— Dessa vez, eu não vou apagar a luz, Christabel – disse ele, inclinando-se para levantá-la do chão. – E vai adorar o que eu farei com você.

Sua boca se abriu sobre os lábios separados dela. Crissy sentiu uma explosão de alegria dentro de si. Para sua vergonha, nada fez que parecesse um protesto. Agarrou-se a Judd, respondendo à fome furiosa da boca dele com uma paixão louca, esfregando-se contra seu corpo e gemendo penosamente.

No momento em que terminaram estatelados juntos na cama, Crissy estava sem palavras. Suas mãos estavam tão impacientes com obstáculos quanto as dele, a respiração convulsa e rápida no completo silêncio do quarto.

— Nós vamos jantar... com os Kosugi – Christabel gemeu enquanto ele tirava suas calças e puxava a blusa pela cabeça.

— Em duas horas – sussurrou ele, com voz áspera, enquanto as mãos desciam para a roupa íntima dela com eficiência mortal. – Com um pouco de sorte, você ainda conseguirá andar até eles...!

Ela gemeu contra a pressão áspera da boca de Judd. Ele abriu caminho até seu corpo, removendo obstáculos com pouca delicadeza e muita pressa, até que ambos ficaram cravados juntos numa confusão nua sobre os lençóis.

— Vá devagar – sussurrou Judd com voz rouca, enquanto ela se contorcia com os lábios dele em seus seios. – Vá devagar, querida. Não se apresse. Não há necessidade. Nenhuma necessidade, em absoluto.

Ela soluçou em voz alta no silêncio que só era rompido pelo zumbido suave do ar-condicionado.

— As camareiras – disse ela com voz entrecortada.

— Eu tranquei a porta.

Ela ia mencionar que elas possuíam uma chave mestra, mas os lábios dele estavam na parte interna de suas coxas, fazendo com que ficasse louca de prazer. Jamais sonhara que o próprio desejo atingisse o auge como aquilo, explodindo daquele jeito, no minuto em que Judd a tocou.

— Talvez... eu não seja normal – disse Crissy com voz embargada, agarrando-se a ele.

— Por quê?

— Estou pegando fogo. – Ela riu desvairadamente. – Estou morrendo de desejo por você. Faria qualquer coisa, qualquer coisa...!

— Eu também. Qualquer coisa para lhe dar prazer. – Judd deslizou ao lado dela e aninhou sua cabeça entre as mãos, investindo suavemente em seu rosto. – Faz tanto tempo, querida. Tanto tempo!

Sua voz desapareceu num gemido áspero quando ela passou as mãos pelos cabelos grossos. Christabel perguntou-se se os homens sentiam o mesmo que as mulheres em relação a carícias íntimas. Instigada a descobrir, ela inclinou-se sobre o peito dele e explorou-o com a boca, demorando-se nos mamilos masculinos planos, que eram a contrapartida de seus próprios seios.

Ele arqueou-se, estremecendo.

— Você gosta disso? – ela sussurrou contra sua clavícula.

— Adoro – disse ele, rangendo os dentes. – Faça de novo.

Ela obedeceu, seguindo seu comando. Mas quando sua boca chegou um pouco mais abaixo do umbigo de Judd, ele estremeceu e, de repente, arrastou o corpo dela para baixo do seu, entrelaçando suas pernas enquanto procurava a boca de Christabel.

As mãos dele estavam no meio de suas pernas, nesse momento, fazendo mágica com seu corpo retesado, fazendo-a contorcer-se e gemer com as sensações deliciosas. Ela abriu mais as pernas para que Judd a tocasse mais intimamente.

Judd levantou a cabeça e olhou dentro de seus olhos, enquanto as mãos descobriam novamente com explorações lentas e suaves que a deixaram fora de si de prazer.

— Eu nunca desejei tanto assim alguém – disse ele num tom rouco.

Uma perna longa e áspera deslizou por entre suas pernas e moveu-se, de modo muito suave, para uma completa intimidade com ela.

— Não, não levante sua perna – ele sussurrou. – Mova essa... aqui, assim. – Judd estremeceu. Seus olhos procuraram os dela. – Agora se aproxime, sintame entrando em você. Devagar e com calma, querida. É bom, não é?

— Sim – murmurou Crissy.

Suas mãos cravaram-se nos ombros dele enquanto Crissy levantava os olhos, sentindo o corpo de Judd fundir-se lentamente ao seu. Havia esperado desconforto ou um pouco de dor, mas agora não existia nenhuma barreira, nenhum impedimento. Os olhos dela refletiram surpresa e prazer com a facilidade de sua passagem.

— Você me excita – disse Judd, observando-a enquanto se movia. – Tudo em você me excita. Odiei ter as luzes apagadas na primeira vez. Queria ver seu rosto, seus olhos, enquanto a amava.

Foi uma expressão inesperada. A respiração de Christabel deteve-se em sua garganta e, então, ela produziu um som estridente quando Judd mudou de posição em cima dela, juntando as pernas dela entre as suas.

— Lembra como foi antes quando fiz isso? – perguntou ele, a voz profunda e sensual quando mudou de posição novamente.

— Sim – ela respondeu. Levantou as mãos para tocar no rosto dele, traçando seu perfil com o nariz reto, a boca larga e sexy, o queixo saliente. Ela ofegou ante o prazer que o corpo dele lhe proporcionava.

— Aí? – ele sussurrou, movendo-se outra vez, com mais confiança, quando viu a expressão dela. – Sim, você gosta disso, não? – Seus quadris subiam e desciam e, a cada movimento lento, Crissy ofegava e enrijecia.

Christabel enterrou as unhas nos braços dele enquanto ficava ali suspensa, num êxtase crescente que era tão aguçado quanto prazeroso.

— Judd! – Sua voz explodiu com a tensão e, de repente, o corpo ficou rígido. Ela fitou-o nos olhos quase em pânico. – Por favor... não pare – pediu, a voz em frangalhos.

— Assim? – perguntou ele com urgência, pressionando mais profundamente, com mais força.

Judd trincou os dentes. Seus olhos se fecharam.

— Sim. Sim! Assim... mesmo!

Ela movia-se com ele agora, como se estivesse ligada por cordões invisíveis. Esqueceu o passado, o futuro, a dor e a incerteza. Só sabia de uma coisa, a busca desesperada pelo prazer que estaria logo ao seu alcance. Concentrou-se com cada grama de força que possuía. Sua respiração saía ofegante, como a dele. O corpo tremia com cada movimento profundo dos quadris de Judd. Seus olhos cegos olhavam diretamente no rosto dele, enquanto o corpo tornava-se exigente em sua louca busca de conclusão.

— Nunca foi assim antes – ele sussurrou com voz rouca, enquanto seu corpo enrijecia-se sobre o dela. Judd gemia e as mãos enormes apertavam o lençol de cada lado da cabeça de Christabel. – Vou morrer...!

— Sim – sussurrou ela, a voz aguda, urgente. – Oh, Judd... Judd...!

A boca de Judd mordeu os lábios dela enquanto o ritmo tornava-se caótico e bruto.

— Venha para mim, querida – ele sussurrou sobre sua boca. – Venha para mim...!

A violência da satisfação pegou-a desprevenida. No instante seguinte, Crissy estendia as mãos para uma altura impossível. Ela soluçou como uma criança, agarrando-se a ele, sentindo o próprio corpo explodir de alegria enquanto enrijecia-se com as repetidas convulsões.

Ela mal conseguiu enxergá-lo na loucura que se seguiu. Seus olhos estavam arregalados, assim como a boca, enquanto ela entrava no torvelinho da agonia final do prazer, latejando infinitamente por seu corpo numa onda de selvageria quente como lava.

Os quadris de Judd arriaram com violência sobre ela. Num último impulso, ele enrijeceu e clamou no calor infinito da explosão de paixão.

— Oh, Deus, oh, Deus...! – Judd gemeu, trêmulo. – Nunca foi assim... nunca... nunca!

Ela abraçou-o, aninhou-o, confortou-o enquanto ele estremecia de forma desamparada em seus braços. Por longos instantes, ele entrou em convulsão e sucumbiu num emaranhado úmido, exausto. Christabel saboreou completamente o contato do corpo dele sobre o seu, os braços segurando-o ali na intimidade da saciedade.

Ela beijou seu ombro, a garganta. Percorreu as costas úmidas de Judd com as mãos, sentindo os músculos rijos, sentindo-o estremecer enquanto cada pequeno movimento dos corpos acendia novos choques de prazer. Sentiu a boca de Judd em seu ouvido, seca e quente, enquanto ele aconchegava-se contra o ombro dela.

Foi o interlúdio mais suave que Crissy poderia ter imaginado, após um sexo tão louco e ardente. Agarrou-se a ele, tentando respirar de maneira normal, com o corpo ainda intimamente colado ao dele, as pernas entrelaçadas, os corpos inertes de exaustão.

Judd levantou os olhos e fitou-a. Examinou-a como se não a visse há tempos. Afastou com a mão os cabelos úmidos e desgrehados dela e, em seguida, desenhrou lenta e delicadamente o contorno dos lábios inchados.

— Sou parte de você – sussurrou ele, parecendo deslumbrado. – Posso senti-la ao meu redor, como seda suave e quente.

Ela enrubesceu e o rosto embaçado mergulhou na garganta molhada de Judd. Os dedos dele emaranharam-se com suavidade nos cabelos dela. Ele rolou para o lado, levando-a consigo. Seu peito subia e descia pesadamente.

— Eu a machuquei?

— Claro que não.

A mão dele deslizou pelo peito de Crissy, até o lugar onde estava o ferimento à bala, uma leve cicatriz protuberante que se formara ali.

— Tem certeza?

— O médico disse que eu poderia retomar as atividades rotineiras normais – disse ela. – Acho que isso significa... qualquer... atividade.

Ele deu uma risada rouca.

— Isto não é normal – murmurou Judd, beijando-lhe as pálpebras. – Nem rotina.

Christabel deslizou as mãos ao redor do pescoço dele e deitou a cabeça sobre o ombro úmido com um suspiro trêmulo.

— É assustador me sentir assim.

— Sim. – Ele não perguntou o que ela quis dizer.

Judd alisou-lhe os cabelos contra as costas úmidas, distraído, enquanto seus olhos fitavam o teto. Franziu as sobrancelhas ao pensar no quão perto estivera de perdê-la para sempre. Fora um tolo. Mas talvez, apenas talvez, ainda tivesse uma chance.

— Você não falou mais sobre o divórcio – sussurrou ela, odiando ter que tocar no assunto. Mas sentia-se terrivelmente vulnerável e insegura com relação a ele.

— Eu disse a seu amigo Cash que ele ficaria coberto de gelo antes de você ter o divórcio – disse ele, calmo.

Christabel enrijeceu de leve contra seu corpo.

— O quê...?

A mão de Judd deslizou por suas costas, sobre as delicadas cicatrizes, indo até os quadris e puxando-a para mais perto. Ele estremeceu com o delicioso contato íntimo e seu corpo começou a mover-se involuntariamente.

— Se está machucada, é melhor me dizer agora mesmo – disse Judd, mal controlando a voz. – Antes que eu me perca de novo.

Ela pôde sentir a resposta instantânea de Judd à intimidade que compartilhavam. Era delicioso sentir o próprio corpo abrindo-se para ele, respondendo sem reservas. Ela levantou uma perna, devagar, para aprofundar sua posse e ouviu quando Judd prendeu a respiração.

— Eu não diria mesmo se estivesse machucada – ela sussurrou com voz rouca. – Quero de novo. Quero você de novo. Quero ser... parte de você.

Judd soltou um gemido do fundo da garganta. Segundos depois, a boca cobriu a dela e seu corpo moveu-se, desamparado, faminto, pressionando-a contra o colchão. Ele nunca pensara que fosse possível para um homem e uma mulher compartilharem de um único corpo, mas, sem dúvida, os dois o faziam. Foi seu último pensamento coerente antes de sucumbir nas chamas novamente.

Judd puxou-a para o chuveiro com ele, grave e quieto, banhando-a com tanta naturalidade como se tivesse feito isso a vida inteira.

Christabel sentia-se neurótica com a súbita intimidade do relacionamento dos dois. Mal haviam se tocado desde o Natal e agora eram amantes. Verdadeiros amantes.

Ele beijou-a com ternura enquanto passava o sabonete e enxaguava o corpo macio de Christabel. Traçou os seios dela com prazer arquejante e beijou-os antes de passar-lhe a esponja de banho e persuadi-la a usá-lo.

Pareciam crianças, cada qual explorando o outro num silêncio latejante de alegria.

Judd enxugou-a, enrolou-a numa toalha e depois fez o mesmo. Em seguida, pegou o secador de cabelo no banheiro e usou-o nos longos cabelos de Crissy. Era como se o tempo tivesse parado para os dois. Ela não conseguia recordar-se de ter estado tão próxima de outro ser humano em toda sua vida. Seus olhos procuraram os de Judd, famintos, esperando algo mais do que o intenso prazer que havia vislumbrado antes.

— O que está procurando, Christabel? – ele perguntou, suave.

Ela desviou os olhos e sorriu rapidamente.

— Nada.

Judd baixou o secador e inclinou o queixo dela para cima. O exame que fez foi intenso, e os olhos negros mostravam-se solenes.

— Não existe amanhã. Só o agora. Vivemos um dia de cada vez, até voltarmos para casa. Está bem?

Ela engoliu em seco, encontrando seus olhos.

— Está bem, Judd – sussurrou.

Ele se inclinou e roçou sua boca de leve. Em seguida, conduziu-a de volta ao quarto, vestindo-a pessoalmente com uma ternura que fez o coração dela doer.

Depois disso, não houve como voltar atrás. Iam aos lugares de mãos dadas. Judd sorria para Christabel como se jamais tivesse olhado para uma outra mulher. Abria portas para ela, andava nas ruas ao seu lado, puxava cadeiras. Deu-lhe de presente a camisola vermelha mais sexy que Christabel já tinha visto e convenceu-a a desfilar para ele. O resultado foi previsível. Toda noite, ela dormia em seus braços e adorava, após suaves momentos de paixão que ficavam mais excitantes a cada dia que passava. Christabel apavorava-se com o pensamento de voltar para casa.

Mas, obviamente, a viagem terminou. Embarcaram num avião para Dallas, e o medo de perder o que tivera com Judd a manteve silenciosa e distante durante todo o trajeto de volta.

Judd percebeu o silêncio e sua conclusão foi de que ela estava pensando se devia ou não continuar o relacionamento. Ele recuou para lhe dar espaço. E isso, claro, deu a Crissy a certeza de que ele tinha seus arrependimentos e só agora ela os via.

CAPÍTULO 16

Não muito tempo depois de retornar do Japão, Crissy começou a vomitar o café da manhã. Na primeira vez em que isso aconteceu, Maude não estava em casa. Na segunda, ela fingiu ter esquecido alguma coisa no quarto e mal conseguiu chegar a tempo no banheiro. Correu furtivamente até a cidade, comprou um teste de gravidez e, antes de usá-lo, esperou que Maude fosse passar o final de semana na casa da irmã.

Ficou espantada com o resultado. A culpa era sua. Deixara Judd acreditar que ela estava tomando anticoncepcionais, mesmo quando ficaram íntimos no Japão. Agora estava grávida e ele a evitava. Judd negava, mas ela

sabia que ele se casaria com Tippy. A equipe de filmagem voltara para refilmar algumas cenas e ele estava sempre por perto para levar a modelo de volta ao hotel. Aparentemente, Judd não suportava olhar para Christabel desde que voltaram da viagem ao exterior, mesmo depois de tantas noites deliciosas e maravilhosas nos braços dele. Mas e se ele descobrisse sobre o bebê? Judd se sentiria obrigado a continuar casado, claro. Ela arruinaria a vida dele, a própria vida...

Sentou-se pesadamente na beirada da banheira e desejou poder voltar no tempo, até a véspera de Natal, e dizer a verdade. Agora era tarde demais. Além disso, não havia nenhuma privacidade com o pessoal do cinema por lá, mesmo que fosse por apenas alguns dias, refilmando uma cena que alguém estragara acidentalmente.

Maude descobriu, claro. Era impossível esconder qualquer coisa dela. Quando Crissy vomitou o café da manhã na semana seguinte e teve que se deitar, Maude confessou que já sabia. Mas não confessou que havia confidenciado seus medos a Cash. Com os braços cruzados, lançou um olhar penetrante a Crissy.

— Ele está lá no celeiro com a equipe de filmagem – disse Maude. – Vá até lá e conte a ele, do contrário, quem irá contar sou eu.

— Você não vai contar! – respondeu Christabel, furiosa, enxugando o rosto com uma toalha úmida. – Preciso tomar algumas decisões.

— Ele também – foi a réplica rude. – O bebê também é de Judd. Ele vai querer.

Crissy não sabia ao certo o que Judd iria querer. Ele a evitava desde a viagem ao Japão. Na verdade, só aparecia na fazenda quando a turma do cinema estava presente. Quando o fazia, estava sempre perto de Tippy, indo e vindo. Ainda a levava e trazia de carro para o hotel. E assegurava-se de que Crissy soubesse, o que a magoava ainda mais. Nunca lhe ocorrera que Cash também estava por perto e que Judd poderia estar com ciúme.

— Ele passa a maior parte do tempo com Tippy – disse ela, grave. – Além disso, qualquer dia desses, vai preencher o pedido de divórcio. Não é justo roubar a pequena chance de felicidade que ele tem.

— Pequena, é verdade – zombou Maude. – Não tenho nada contra Tippy, ela tem sido gentil com nós duas. Mas vai arruinar a vida dele. Judd jamais se adaptaria ao mundo dela. Assim como você não poderia se adaptar ao mundo de Cash – acrescentou de maneira incisiva.

— A decisão é de Judd, não minha.

Maude suspirou.

— Não posso discutir com você, posso?

— Não fará muito bem – Crissy teve de concordar. Ela sorriu, gentil. – Mas imagino que você tenha razão. Não é algo que eu possa esconder dele.

— Você entendeu direito – Maude olhou pela janela. – Ele está parado lá fora no celeiro com Gary e Tippy. Pode pegá-lo antes que vá embora.

— Tenho mais chance de pegar um resfriado – murmurou Crissy. – Está bem, está bem, estou indo! – Saiu da cama e seguiu Maude pelo corredor.

Maude abriu a porta dos fundos e ficou a segurando, piscando um olhar travesso para ela.

— Não tenha muitas esperanças – disse Crissy enquanto atravessava a varanda dos fundos. – Judd me disse que nunca se vê como um homem de família.

— Espere só até ele segurar esse bebê, depois me diga novamente.

Crissy esperava que Maude estivesse certa. Mas tinha uma sensação ruim em relação à coisa toda e ficava pior quanto mais se aproximava do celeiro. E se Judd pensasse que ela estava mentindo? Pior ainda, se pensasse que era filho de Grier? Ele tinha visto as pílulas anticoncepcionais no Natal, até mencionara que não a tocara se não soubesse delas. Mas ele ainda não sabia que o medicamento era velho e não usado.

Não obstante, ela não conseguiria esconder uma gravidez em Jacobsville, Texas, onde todo mundo conhecia ela e Judd. Ela poderia acabar com isso. Afinal de contas, não havia muito que ele pudesse fazer...

Sua mente parou repentinamente com a cena que seus olhos encontraram, quando deu a volta no celeiro. Gary, o diretor-assistente, dizia palavras grosseiras a seu câmara e o técnico de som. Lançou um olhar penetrante na direção do celeiro e afastou-se, descontente. Crissy ficou se perguntando sobre o motivo, até que conseguiu ver o interior do anexo. Estava deserto, com exceção de duas pessoas. Judd encontrava-se recostado numa das baías altas e Tippy estava encostada nele, com o lindo corpo quase parte do de Judd naquela posição, enquanto se beijavam com algo próximo ao desespero.

Christabel sentiu o estômago embrulhado. Não havia como poder entrar lá e dizer a Judd que não poderia divorciar-se dela, porque estava grávida – não quando era patentemente óbvio que ele estava fisicamente envolvido com Tippy. Era impossível dar de ombros para um beijo como aquele. Ele havia lhe dito que não queria Tippy!

Crissy virou-se e voltou pelo mesmo caminho sem soltar um único som. As lágrimas quase a cegavam enquanto caminhava, entorpecida, até sua velha caminhonete e sentava-se ao volante. Pegou a chave reserva que mantinha debaixo do tapete e deu partida no motor. Saiu sem pensar na carteira de motorista, no cartão do seguro ou mesmo em sua bolsa.

Aos poucos, seu tato voltou. A dor era esmagadora. Crissy via repetidas vezes aquele beijo faminto. Não foi Tippy beijando Judd. Fora mútuo. Pelo visto, ele estava tão seguro do divórcio que já fazia planos com a supermodelo. Era difícil ver Tippy tentando viver com o salário de um Texas Ranger, com os dividendos que a fazenda produzia para Judd e Crissy. A mulher era linda e muito requisitada. Viajava pelo mundo para aparecer em programas de moda com estilistas famosos. Devia realmente amar Judd se estivesse disposta a renunciar a todo o dinheiro e fama. Não seria nenhuma surpresa. Judd era um homem bonito, sexy e muito masculino. Tippy não seria a primeira mulher que o achava irresistível.

Não havia muito tráfego na estrada. Era tarde demais para o almoço e cedo demais para os ônibus escolares estarem circulando. Escola. Suas mãos apertaram-se contra o volante. Ela teria um filho na escola dentro de poucos anos. Judd tinha de saber. Não havia nenhuma maneira de ela poder manter isso escondido dele. O bebê que não queria iria arruinar sua vida, suas esperanças em relação ao futuro. Ele o odiaria e a Crissy.

Ela saiu da estrada principal em direção às margens altas do rio, numa estreita estrada de terra. Sua mente rodopiava. Não conseguia decidir o que fazer. Poderia ir embora. Mas, algum dia, ele descobriria. Não era como se pudesse ir a uma clínica; não poderia conviver com isto, não importava o quanto custasse. Cegamente, Crissy pisou fundo no acelerador. Podia ver Judd

beijando Tippy, podia sentir a agonia que a cena lhe causara, como um ferimento recente. Judd amava Tippy. Ele amava Tippy...!

Gemeu em voz alta. Não poderia contar a ele. Não poderia! Era tudo culpa dela. Não havia tomado cuidado. Não tomara precauções. Era sua responsabilidade. Teria de pagar as conseqüências, não Judd.

Crissy cerrou os dentes e fechou os olhos enquanto via novamente o beijo. Não estava prestando atenção à estrada que se abria numa pequena ponte estreita sobre o rio – nem sequer possuía proteções laterais. O rio não era muito fundo, mas a margem ficava facilmente a uns três metros de altura. Quando abriu os olhos, estava fora dos sulcos de pneu na estrada e dirigia-se direto para a margem!

Christabel arquejou e fez um movimento brusco ao volante. O pé atingiu o freio com força, a poucos centímetros da morte certa. A caminhonete derrapou e parou, com os pneus da frente a menos de trinta centímetros da margem do barranco.

Ela apoiou a cabeça no volante, tremendo de alívio. Sentia lágrimas quentes escorrendo pelas mãos com o perigo iminente pelo qual passara. Era isto que acontecia quando se dirigia perturbada, coisa que Judd sempre lhe dissera para não fazer. Se não tivesse aberto os olhos naquele exato instante, teria ido direto para o rio. Poderia estar morta, para não dizer nada do bebê. Sua mão pousou, protetora, sobre a barriga levemente arredondada.

Saiu desajeitada da cabine e foi verificar o pára-choque dianteiro amassado, apoiando-se na lateral dos faróis enquanto olhava para a correnteza rápida do rio abaixo. Tirou uma toalha de papel do bolso, que usara para limpar o batom naquela manhã, e enxugou o rosto suado. Suas mãos tremiam. Nunca antes havia passado por um perigo tão próximo. Bem, não voltaria para dentro daquela caminhonete enquanto não estivesse calma o suficiente para dirigir com segurança.

Sua atenção voltou-se para o ruído de um carro que passava pela estrada estadual e que corria paralela à estrada de terra. Era um carro-patrolha. Ele diminuiu a velocidade durante alguns segundos antes de seguir em frente em disparada. Era provável que o policial tivesse estranhado o que ela estava fazendo ali sozinha, com a parte frontal da caminhonete pendurada na margem do rio. Bem, ele que estranhasse. Ela não iria para casa, ainda não. Primeiro, daria tempo de sobra para Judd ir embora. Não suportaria vê-lo novamente naquele momento, com a lembrança daquele beijo a comendo viva.

Judd estava voltando para o SUV quando viu Maude, parada na varanda dos fundos, parecendo preocupada. Ele virou-se e aproximou-se o suficiente para ser ouvido. Sorriu tranquilamente.

— Alguma coisa errada? – perguntou.

— Crissy lhe contou? – perguntou ela de maneira abrupta.

Ele franziu a testa.

— Contou o quê?

Maude hesitou.

— Você a viu?

— Não. Devia ter visto? – indagou, impaciente.

— Ela estava indo contar para você – corrigiu-se Maude. – Não estou vendo a caminhonete dela.

Ele sentiu o corpo tenso. Se Christabel fora ao celeiro, devia tê-lo visto com Tippy. Ele a beijara para impedir que o diretor-assistente, Gary, tentasse lhe dar uma cantada novamente. O sujeito estava se tornando uma peste. Fora um beijo técnico, completamente inocente. Mas se Christabel viu...

— O que ela ia me dizer? – perguntou Judd, pensando na frequência com que tropeçava em Grier quando ia à fazenda. Chegara a um ponto em que ele mal falava com Christabel. Estava tão ciumento que já não podia mais esconder.

Maude pigarreou.

— Não sei, ela não disse – desconversou ela, respirando fundo. – Imagino que foi pegar o correio ou algo parecido. Não importa.

Maude voltou para dentro de casa. Judd hesitou. Ela estava agindo de maneira estranha. Perguntou-se por que Christabel não anunciara a presença. Não era do feitio dela ignorar aquilo que consideraria traição. A velha Christabel teria provocado um alvoroço, e ele e Tippy teriam uma verdadeira batalha nas mãos. Aborrecia-o o fato de ela ter ido embora sem dizer coisa alguma.

Judd entrou no carro e decidiu ir até a cidade para ver se ela estava na agência dos correios. Mas, no momento em que engrenou a marcha, ouviu um chamado na faixa policial.

— Cash está por aí? – indagou um oficial.

— Ele está em reunião com o chefe Blake e o prefeito. Por quê?

— Quando ele sair, diga que a namorada dele está parada na margem do rio ao lado da caminhonete, lá na estrada J. Davis, está bem?

— Por que ele precisa saber? – perguntou.

— Porque as rodas da frente da caminhonete quase não estão na margem e ela também – respondeu o jovem. – Se eu fosse ele, iria até lá rápido.

— Direi a ele no minuto em que sair. Não deve demorar muito tempo.

— Obrigado – O rapaz deu sinal de chamada de seu veículo e saiu do ar. Judd cantou pneus, entrando na estrada.

Christabel ouviu a aproximação de um veículo e ficou tensa. Era um local isolado e ela poderia se ver em encrencas. Talvez fosse apenas aquele policial que passara antes, perguntando-se o motivo de ela estar ali. Crissy esperava que não fosse alguém procurando problemas.

O enorme SUV preto entrou em seu campo de visão e ela sentiu o corpo enrijecer. A última pessoa no mundo que queria ver naquele exato momento era Judd Dunn. Os olhos escuros de Christabel lançavam dardos furiosos quando ele parou atrás de sua caminhonete e saltou com economia de movimentos.

Ela estava usando tênis, o que a deixava mais baixa. Judd parecia muito alto com suas botas de couro e o chapéu creme de abas largas, levando no quadril a enorme Colt automática calibre .45 no coldre de couro trabalhado à mão. O distintivo prateado de Ranger brilhava ao sol, assim como os olhos negros, quando aproximou-se dela.

— Você está perto demais da margem – disse ele sem qualquer preâmbulo.

Ela cruzou os braços apertados sobre o peito e desviou o olhar de volta para a correnteza.

— Não estou – argumentou.

Judd parou bem atrás dela, esperando que ela falasse, o acusasse, para poder se explicar. Mas Christabel não falou.

— O que está fazendo aqui sozinha? – ele insistiu.

— Tinha coisas a resolver – disse ela num tom de voz estranho.

Ele hesitou. Não sabia como perguntar se ela o tinha visto com Tippy no celeiro.

— Que coisas? – indagou.

Christabel respirou fundo, puxando o ar para se acalmar e virou-se. Os olhos estavam um pouco vermelhos, mas estava calma e resoluta.

— Quero que você compre minha parte.

Era a última coisa que ele esperava ouvir dela. Judd ficou sem fala durante alguns longos segundos.

— O quê?

— Decidi que não quero passar o resto de minha vida tentando criar vacas, apesar do negócio japonês – disse ela, calma. – Economizei um pouco de dinheiro. Não quero voltar para a escola profissionalizante. Quero ir para a universidade.

— Está bem – disse ele. – Conversarei com Murchinson no banco. Pode viver na fazenda enquanto viaja todo dia...

— Você não me entendeu – interrompeu Crissy. – Vou para a universidade em San Antonio, não aqui.

Ela ia embora. Ele não a veria mais. A fazenda que fora o principal vínculo dos dois, seria apenas dele. Ela viveria numa outra cidade, trabalharia em outra cidade. Não estaria ali quando ele fosse olhar os livros, inspecionar o gado, selecionar os animais de engorda. Ele não a veria mais em absoluto, nem mesmo com Grier. Este pensamento deixou-o paralisado.

— Gostaria de ir embora ao fim do mês – acrescentou Christabel. – Se você não conseguir amarrar as coisas até lá, não importa. Dê um jeito nisso como puder. Assinarei qualquer tipo de documento.

Judd franziu a testa ferozmente. Alguma coisa estava muito errada. Ela adorava a fazenda. Pertencia a sua família há três gerações. A princípio, ela odiara dividi-la até mesmo com Judd. Agora queria ir embora para sempre. Por quê?

— Maude disse que você tinha algo para me contar – disse ele. – O que é?

— Sim – respondeu ela, agradecida pelo fato de Maude não ter ajudado mais Judd. San Antonio não era longe o suficiente, mas era um bom salto para longe da fazenda. Ela iria para lá e depois encontraria outro lugar para onde fugir, antes que começasse a aparecer.

— Christabel – começou ele.

Antes que Judd pudesse organizar os pensamentos, ouviu uma sirene e um motor muito alto em disparada. Os dois se voltaram a tempo de ver um carro-patrolha de Jacobsville descendo pela estrada de terra a toda velocidade, deixando uma enorme onda de poeira. Grier, maldito sujeito!

Grier parou fazendo barulho e mal teve tempo para desligar a sirene e as luzes, antes de saltar do carro e caminhar com passos rápidos na direção de Christabel.

— Você está bem? – perguntou ele abruptamente, ignorando Judd por completo.

Ela sentiu uma onda de alívio. Agora Judd não poderia lhe arrancar a informação.

— Estou bem – disse ela. – Só precisava de um lugar tranquilo para pensar.

Grier não estava caindo nessa. Estreitou os olhos e lançou-lhe um olhar penetrante, obstinado.

— Vou acompanhá-la de volta à fazenda – disse.

Christabel soltou um suspiro de raiva.

— Não preciso de um guarda-costas!

— Uma droga que não precisa – vociferou Grier. – Olha onde você estacionou!

— Estou há uns bons trinta centímetros da margem! – argumentou ela.

Grier estendeu a mão. Ela lançou-lhe um olhar penetrante, mas entregou a chave da caminhonete.

— Eu levo de volta. O que você está fazendo aqui? – ele perguntou a Judd com atraso.

— Estou conversando com minha mulher – devolveu Judd com arrogância zombeteira.

— Não sou sua mulher. – Christabel sufocou-se. – Sou apenas a empregada contratada.

Sabidamente, Grier deixou os dois a sós e foi ocupar-se do veículo.

— Que droga significa isso?

Ela não olhou para Judd. Enroscou os braços com força sobre o peito.

— Estou resfriada.

Ele olhou de relance para os braços nus e sua voz abrandou-se.

— Não é de admirar. Você nem ao menos está usando um suéter.

Ela ignorou-o, observando Grier dar a volta à caminhonete com perícia. O suspiro de Judd foi audível.

— Precisamos nos sentar e conversar...

Ela encontrou seus olhos, tranquila.

— Não tenho coisa alguma para conversar com você, nunca mais – disse ela em tom solene. – Conversa são apenas palavras. Não significam coisa alguma.

O maxilar dele retesou-se.

— Você me viu com Tippy – disse ele, mal-humorado. – Posso explicar.

— Por que se preocupa com o que eu penso? – indagou ela com calma.

— Não faço parte de sua vida. Nunca fiz.

Ele estremeceu.

— Christabel...

— Crissy! Vamos! Vai pegar um resfriado ficando aí fora! – gritou Grier.

Ela forçou um sorriso.

— Olha só quem também não está usando um casaco – acusou ela, delicadamente.

Grier fez uma expressão de que morreria se ficasse de boca fechada, mas ficou. Ela encolheu os ombros.

— Está bem. Eu estou indo.

Judd cerrou os punhos ao lado do corpo.

— Espere um minuto.

Ela fitou-o.

— Sua vida é problema seu agora. Não vou interferir. Espero a mesma gentileza de sua parte.

— Que droga!

— Você salvou a fazenda, Judd – disse ela, serena. – Também me salvou. Sacrificou cinco anos de sua vida só para me manter solvente. Jamais esquecerei o que lhe devo. Mas não espero que vá fazer sacrifícios por mim – acrescentou com voz rouca. – Se alguém merece um pouco de felicidade, é você. Eu... fico contente porque você tem Tippy lhe esperando. Não vou me meter em seu caminho.

Crissy afastou-se, como uma sombra fundindo-se à floresta, e dirigiu a atenção para Grier, que mantinha a porta do motorista aberta para ela. Ele entregou-lhe a chave da caminhonete.

— Está bem, eu vou para casa – disse ela a Cash, fazendo-lhe uma careta e rindo.

Ele sorriu em resposta.

— Não corra.

— Eu nunca corro.

— Ha!

Ela entrou no carro e deu a partida. Não olhou para Judd ao passar por ele. Judd, com um ar grave, aproximou-se de Cash que voltava ao carro-patrolha.

— Ela ainda não está divorciada – disse num desafio espalhafatoso.

Grier lançou-lhe um olhar frio.

— Ela bem podia estar, por toda a atenção que você tem dado a ela nos últimos tempos.

— Como eu poderia dar atenção a ela quando não posso ir à minha própria fazenda sem tropeçar em você?! Além disso, meu relacionamento com Christabel não é da sua conta.

Grier apenas sorriu.

— Isso nós veremos – e deu a partida no carro.

— O que você sabe que eu não sei? – perguntou Judd de modo abrupto.

Grier hesitou, o que não era de seu feitio.

— Pergunte a ela. Melhor ainda, pergunte a Maude. Foi como eu descobri.

Antes que Judd pudesse insistir, Grier foi embora.

Mas Judd não ia desistir. Ele sabia que alguma coisa estava acontecendo e tinha a profunda sensação de que estava envolvido. Seguiu Grier até a cidade e direto para o distrito policial.

O Departamento de Polícia de Jacobsville dividia um prédio com o Corpo de Bombeiros. Os homens eram quase intercambiáveis. Muitos começavam como bombeiros e, mais tarde, recebiam treinamento policial ou vice-versa. Era um bom grupo de homens de bom coração. A maioria era composta de homens de família. Alguns eram solitários, outros, ex-militares.

Grier destacava-se até mesmo entre os solitários. A princípio, ele deixou os homens desconfortáveis. Mais tarde, fez amizades, superficiais, em especial depois que outros policiais ficaram sabendo que sempre poderiam contar com ele em caso de necessidade. Não demorou muito para seu passado alcançá-lo, num burburinho que parava sempre que ele entrava numa sala. Grier provocava sobrancelhas arqueadas aonde quer que fosse, sobretudo quando

algumas de suas mais turbulentas aventuras eram enfeitadas ainda mais. Assim, em muito pouco tempo, ele retomou o antigo papel de forasteiro permanente.

Na verdade, Grier não se importava muito. Tinha o glamour do perigo para atrair as mulheres quando estava interessado – o que não acontecia com frequência naqueles dias – e a mesma aura impedia que a maioria dos homens o procurasse para brigar. Sempre havia uma exceção.

De fato, a exceção estava entrando pela porta, furiosamente enlouquecido e determinado a ir ao fundo de um mistério da qual não gostava.

Grier sabia que não poderia salvar a situação com palavras. Dunn era muito parecido com ele. Os dois possuíam históricos que deviam ter feito com que fossem amigos do peito. Em vez disso, estavam sempre competindo.

Judd fechou a porta às suas costas e baixou as persianas, que o antigo assistente de chefe de polícia usava para se proteger de olhos intrometidos enquanto fazia os exercícios na hora do almoço. Poucas vezes Grier usava a veneziana. Era óbvio que Judd a estava colocando no lugar para impedir que homens curiosos se envolvessem num conflito pessoal.

Com um suspiro de resignação, Grier levantou-se e começou a desabotoar a camisa do uniforme e afrouxar a gravata.

— Você não pode brigar vestido? – perguntou Judd, sarcasticamente.

Grier levantou um canto da boca e continuou a mexer nos botões.

— Não tenho roupas limpas para trocar. Não quero que estas fiquem sujas de sangue.

— Meu ou seu? – perguntou o outro.

— De qualquer um. Você está usando camisa branca – observou Grier.

Judd não respondeu. Tirou o cinturão, com arma e tudo, colocou-o sobre a escrivaninha e assumiu uma posição de equilíbrio, esperando.

— Não queremos fazer isso – tentou Grier mais uma vez.

— Não, não queremos – concordou Judd num tom de voz enganosamente agradável. – Conte o que ela está escondendo e eu volto para o meu gabinete.

— Não posso fazer isso – disse Grier. – Dei minha palavra.

Judd encolheu os ombros largos.

— Então terá que ser do meu jeito – disse e, enquanto falava, deu um passo à frente, desfechando-lhe um soco rápido como um raio.

A reputação de Grier não se baseava no exagero. Ele se esquivou, girou e atingiu Judd com um chute de calcanhar num movimento digno de Chuck Norris.

Judd foi ao chão, mas colocou-se de pé como um gato. Aprumou-se novamente, enxugou o sangue do canto da boca e sorriu. Aquele sorriso era bastante conhecido no círculo dos Rangers. Grier também possuía um sorriso igual. Este quase se esquivou a tempo, mas um chute circular atingiu-o no estômago, seguido de outro chute que o jogou sobre uma cadeira.

Os ruídos altos, mesmo na hora do almoço, chamaram a atenção. A porta de Grier foi aberta no exato momento em que o chefe-assistente deu um mergulho sobre Judd, arrastando-o por cima da escrivaninha e derrubando-o no chão.

Alguém gritou “briga!” e, de repente, havia uniformes azuis em todas as partes, formando um círculo de primeira fila de arena. Grier teve certeza de

ouvir alguém fazendo apostas, mas sinos tilintaram em seus ouvidos por causa do último soco de Judd. Droga, o cara pegava forte!

Ele contrapôs o próximo giro de Judd com um chute de salto, que o arremessou contra a parede. Enquanto o outro tentava se recuperar, Grier girou e atingiu-o na lateral da cabeça com um gracioso chute alto, pura poesia marcial.

Judd desabou com igual graça e ricocheteou, pondo-se de pé. Os dois homens, bem equiparados em tamanho e habilidade, olharam-se nos olhos enquanto moviam-se um em direção ao outro. Golpes de mão foram esquivados ou bloqueados, chutes foram evitados ou impedidos. Os ruídos de contato eram ásperos e fortes. Os dois estavam ficando machucados, ambos sangravam.

Grier conseguiu acertar outro chute inesperado, fazendo finta com um soco. Judd recebeu o golpe, mas girou e acertou-o com as costas da mão, lançando-o em sua escrivaninha. A multidão estava ficando mais barulhenta e, aparentemente, maior.

Grier olhou de relance para a platéia com os olhos escuros semicerrados, quase tão negros quanto os de Judd.

— Vai fazer com que eu seja demitido – vociferou para Judd.

— Pouca probabilidade. Chet é seu primo em segundo grau. – Judd lançou um chute de calcanhar rápido que desequilibrou Grier, de modo que este caiu ao lado da mesa. – Levante! – resmungou ao ver o outro hesitar.

Grier levantou-se com um movimento circular indistinto da perna poderosa que quase desequilibrou Judd. Mas este se recuperou rápido, girou o outro para cima com um braço e o fez cair sobre o quadril, desabando em cheio numa confortável cadeira do gabinete, numa posição estatelada, sem fôlego.

Seria empate, não importava como terminaria, supôs Grier. Ele e Judd eram muito iguais para que um eliminasse o outro. Pior ainda, o próprio Grier havia ensinado a Dunn alguns daqueles movimentos rápidos como um raio. Ficou parado na cadeira, esfregando o maxilar.

— Não pare agora – disse Judd num suave tom raivoso, com os olhos negros cintilando. – Levante-se e vamos acabar com isso.

— Eu não – respondeu Grier, divertido. Deu um risinho de satisfação, balançando a cabeça. – Sei quando devo parar.

— Levante-se!

Grier arqueou as sobrancelhas.

— Melhor reconsiderar. Se me levantar, vou prendê-lo por agressão a um policial. Será algemado, tiraremos suas impressões digitais, será fichado e trancafiado, e eu mesmo vou ligar para os jornais para dar o furo de reportagem. Pense em como seu capitão verá a coisa ou, pior ainda, as altas patentes em Austin! – acrescentou, piscando um olho.

Judd ficou furioso. Não queria desistir com tanta facilidade. Não ficara sabendo de coisa alguma.

— Ela disse que quer me vender a metade da fazenda e mudar-se para San Antonio. Não sairei daqui enquanto você não me contar o que há de errado com ela – insistiu Judd, teimoso. – De um jeito ou de outro, vou descobrir – acrescentou, sombrio.

Grier sabia que, se não dissesse a Judd, ele voltaria à fazenda e continuaria com Crissy. Isso poderia ser perigoso. Já era óbvio que ela estava

muito perturbada. Conhecendo-a como conhecia, Grier podia imaginar que ela já estava fazendo todos os tipos de planos malucos para fugir de Jacobsville nesse momento. Poderia facilmente perder-se em San Antonio. Não daria, não no estado dela.

— Está bem – respondeu Grier finalmente, com um suspiro. – Vou falar. Mas não na frente de testemunhas – acrescentou, lançando um olhar penetrante à platéia. – Fora, senão todos vocês farão turno duplo no cruzamento da escola primária!

O grupo deixou rastros de vapor ao sair pela porta. Grier pôs-se de pé, devagar, sentindo os machucados em todo o corpo. O rosto de Judd parecia um mapa de relevo do oeste do Texas. Junto com os cortes, estava assumindo tonalidades interessantes de púrpura. Grier imaginou que ele mesmo não estava com melhor aparência. Seu maxilar doía.

— Bem, por que não podia me dizer logo no começo para conversa? – perguntou Judd bruscamente.

— Achei que você pudesse ter pena de mim e ir embora.

Judd riu friamente.

— Continue sonhando.

Grier encolheu os ombros sob a camisa do uniforme, abotoou e enfiou-o para dentro das calças, recolocando a gravata.

— Imagino que Christabel quer ir para San Antonio porque a cidade é grande, ela pode pegar um ônibus ou trem para sair dali e ir a qualquer lugar, sem muito risco de ser descoberta antes que seja tarde demais.

Judd franziu a testa, enquanto colocava o cinturão de volta.

— Ela disse que queria voltar para a universidade.

Grier empoleirou o corpo pesado no canto da escrivaninha e lançou um olhar paciente a Judd.

— Ela pensa que você quer Tippy – disse. – Vai embora para não ficar no caminho de sua felicidade.

— Eu nunca disse que queria me casar com Tippy – disse Judd, na defensiva.

— Claro que isto não é da minha conta. Mas ficaria feliz em vê-lo se casar com ela e sair da vida de Crissy. Casarei com ela e a estragarei com mimos.

O orgulho de Judd o estava sufocando. Não podia suportar pensar em Christabel com aquele sujeito, nem mesmo da forma mais inocente.

— Ela é minha mulher – vociferou. – Até isto mudar, ela é minha.

— Ouvi Crissy dizer que você deu início aos procedimentos de divórcio.

— Ainda não – Judd cerrou os dentes.

— É só uma questão de tempo, certo? Foi você quem insistiu nisso desde o começo.

Era verdade, e isso doía. Judd havia cometido tantos erros estúpidos. Era incrível como um homem com sua experiência não conseguia separar os próprios sentimentos em relação a uma moça frágil, que conheceu durante a maior parte da vida.

— Estamos saindo do assunto – disse Judd, evasivo. – Por que ela quer fugir?

Grier suspirou.

— Você não consegue adivinhar, claro.

— Não pode ser por sua causa – disse Judd em tom zombeteiro. – Senão ela estaria brigando para manter a metade da fazenda.

— Não – concordou Grier, tranqüilo. – Ela é uma jovem maravilhosa. Eu daria tudo para ser o homem certo da vida dela, mas não foi o que aconteceu. Nem mesmo estou no páreo.

Durante um longo e horripilante momento, Judd perguntou-se se havia outro homem. Mas depois percebeu que era impossível. Então, se não era Grier, e ela estava fugindo...

— Você não sabe contar, sabe? – falou Grier, arrastando as palavras. – Vocês voltaram do Japão há mais ou menos dois meses. Ela voltou para casa com os olhos brilhando e cheia de esperança, depois entrou numa depressão que não desapareceu desde então, porque você a evitou como a uma praga. Agora, de repente, ela está evitando você.

— Eu notei – disse Judd. – Você não está contando nada que eu já não soubesse!

— Estou, se você escutar – devolveu Grier, cruzando os braços sobre o peito. – Pense. Por que ela quer fugir? Por que é importante que ela vá para algum lugar onde você não possa vê-la?

Já devia estar claro muito antes disso. A coisa atingiu Judd entre os olhos como um bastão de beisebol. Ela estava tentando esconder-se, porque seu corpo estava mudando. Porque ela estava...

— Ela... está grávida? – Judd quase sufocou-se com as palavras.

Grier apenas assentiu com a cabeça.

— É o que Maude diz. Há duas semanas, ela vem tendo enjôo matinal e nenhuma das roupas serve mais.

O rosto do outro ficou branco. Ela não vinha tomando pílulas anticoncepcionais. Sentia-se culpada por causa disso. Ela o tinha evitado. Vira Judd com Tippy no celeiro. Mas Christabel não sabia que havia sido apenas um beijo técnico de palco, e agora estava decidida a não se meter no caminho da felicidade dele, a não arruinar suas possibilidades com uma criança sobre a qual ele nem sequer sabia. Talvez achasse que Judd não iria querer a criança.

Judd desabou no sofá e ficou ali sentado, quieto, pensando, traumatizado.

— Os bebês são uma graça – disse Grier. – Estou na idade em que penso um bocado neles. Posso viver em qualquer lugar. Se você quiser que Crissy vá, vou seguir junto. Talvez um dia, ela ceda e case-se comigo. Adotarei a criança e a amarei como se fosse meu filho.

Portas estavam sendo fechadas. Em algum ponto do caminho, Judd havia perdido Christabel e o bebê num futuro triste e gelado.

Levantou os olhos para Grier com pesadelos na expressão. Judd adorava a liberdade. A idéia de passar a vida com uma mulher, tendo uma família, havia sido extremamente aterrorizante para ele. Sentiu-se inseguro. Ele vivera sozinho, trabalhara e ficara a maior parte de sua vida adulta sozinho. Não quis vínculos, responsabilidades. Odiava a idéia de viver numa gaiola. Mas depois Crissy foi alvejada, recebendo uma bala que estava destinada a ele, e toda a atitude de Judd mudou. Faria qualquer coisa que estivesse em seu poder para mostrar a Christabel o quanto se importava, mas ela tinha ficado fria com ele e se apegara a Grier. Isso magoou. Será que ela não conseguia ver isso? Como podia acreditar que ele preferia Tippy a ela?

Que tipo de vida ele teria se deixasse Christabel ir embora da cidade, e com Grier a acompanhando?

— Se eu fosse você... e graças a Deus não sou... iria para casa e pensaria a respeito com todo empenho – disse Grier com um leve divertimento no tom de voz. – Você não tem muito tempo.

Judd não deu uma resposta brusca. Olhou para Grier como se não o estivesse vendo em absoluto. Pôs-se de pé, tendo vaga consciência de lugares machucados que eram desconfortáveis, além de cortes no rosto que sentia úmidos.

— Alguns curativos irão lhe cair bem – instigou Grier.

— Olhe-se num espelho, Grier – respondeu Judd.

— Não posso resistir. Se tiver no rosto a metade dos machucados que você tem, virei trabalhar amanhã usando um saco de papel.

— Isso é esperto – resmungou Judd enquanto caminhava em direção à porta. – Será um sortudo se tiver um emprego amanhã, quando Chet Blake vir esse gabinete.

— Oh, direi a ele que foi você quem fez tudo isso – assegurou Grier ao homem mais novo, com um largo sorriso.

— Experimente.

— A primeira coisa na qual você vai ter que dar um trato é em seu senso de humor – observou Grier. – Isso sem falar de suas medíocres habilidades em diplomacia.

— Sua idéia de diplomacia é uma pistola engatilhada.

— Só com cabeças-duras como você.

Judd estava com a mão na maçaneta da porta quando fez uma pausa e olhou de relance para o outro.

— Não diga a ela que eu sei sobre a gravidez.

— Não se preocupe. As pessoas ainda não sabem o que eu fiz, de fato, no Iraque.

Judd franziu a testa.

— Eu não sabia que você já esteve no Iraque!

Grier lançou-lhe um largo sorriso.

— Está vendo?

Judd abriu a porta.

— Mais uma coisa – chamou Grier.

— O quê?

— Da próxima vez em que der esse chute circular reverso, mantenha seu eixo estável. Vai perder o equilíbrio todas as vezes se inclinar a parte superior do corpo quando girar.

Judd olhou para o teto e sacudiu a cabeça enquanto saía. Quando se encaminhava para a porta da frente do prédio, notou que, de repente, os homens estavam muito atarefados em suas escrivaninhas.

CAPÍTULO 17

Christabel estava lavando roupa quando um veículo chegou. Ainda estava abalada demais com o quase acidente para estar muito atenta a o que

acontecendo lá fora. Além disso, o zumbido alto da velha máquina de lavar abafava qualquer coisa que estivesse a mais de um cômodo de distância.

Maude estava na cozinha, acabando de fazer pão, quando Judd entrou. Ela deteve-se com as mãos cheias de massa e apenas olhou espantada para ele. O rosto bonito de Judd estava coberto de cortes e machucados, e havia sangue coagulado no canto de sua boca. A camisa branca, antes imaculada, estava salpicada de sangue.

— Grier está com a cara pior – disse ele, encolhendo os ombros. – Onde está Christabel?

— Lavando roupa – Maude conseguiu dizer. Era chocante olhar para ele. Ela não o via numa briga desde o dia em que o pai de Crissy batera nela, o que tinha sido há um longo tempo atrás.

Judd virou-se e foi encontrar Christabel. Ela estava de costas para ele. Judd parou no vão da porta da lavanderia para examiná-la e fechou os olhos, a mente trabalhando como louco. Christabel sentiu seu olhar. Num movimento abrupto, a cabeça virou. Ela levantou-se devagar, encarando-o, e ficou de queixo caído.

— Mas o que aconteceu com você? – exclamou.

— Grier não dá informação de boa vontade sem ser persuadido um pouco – disse ele, implacável. Aproximou-se mais, o rosto neutro. Olhou para ela com uma expressão que Christabel não pôde compreender.

— Que tipo de informação você procurava? – perguntou ela, confusa. Sabia que não podia ser a respeito do bebê. Cash não sabia que ela estava grávida.

— Não importa – ele murmurou. – Foi preciso um bocado de machucados para não descobrir nada – assegurou. Judd estreitou os olhos negros. – Não gosto que ele fique vagabundeando por aqui e disse isso. Agora estou dizendo para você também. Você é casada.

Christabel lançou-lhe um olhar penetrante por cima da toalha que tirou da velha secadora. Distraída, perguntou-se se, algum dia, poderiam substituir aquela máquina. Não que não funcionasse, mas tinha quinze anos. Dobrou a toalha.

— Você beijou Tippy Moore!

— Sim, beije – disse ele, ríspido. – O diretor-assistente está fazendo de tudo para seduzi-la e ela está com medo! Foi um beijo de teatro.

— Oh, conte outra – disparou ela. – Tippy Moore, a modelo internacional, com medo de um assistentezinho de diretor pé inchado! Eu gostaria de ver o homem de quem ela tem medo!

Judd aproximou-se e tirou a toalha de suas mãos. Arremessou-a na secadora.

— Ela tem uma história que eu não posso lhe contar – disse Judd, de modo rude. – Basta dizer que ela tem verdadeiro pavor de homens. É por isso que tem andado agarrada em mim. Eu nunca a toquei e essa é a jogada. Tippy sente-se segura com tiras... com qualquer oficial da lei uniformizado.

Christabel estava embasbacada. Tinha inveja de Tippy, odiava-a por causa da beleza delicada, que deixava Judd e outros homens tão cobiçosos. Agora se sentia triste e com pena da outra mulher. Peças do quebra-cabeça se encaixaram. Deve ter sido algo terrível, supôs, para deixar uma mulher adorável naquele estado.

— Não posso vir aqui sem tropeçar no maldito Grier – insistiu Judd, os olhos negros flamejantes. – Se quer a verdade, eu estava indo à forra!

Os lábios dela se abriram. O que quer que ela estivesse esperando que Judd dissesse, não era aquilo. Ele estava com ciúme... dela? Podia sentir o coração bater como louco dentro do peito.

Judd acalmou-se um pouco ao ver a expressão do rosto dela. Parecia fascinada. Pelo visto, ela tampouco estava ansiosa por insistir nesse assunto desagradável. Ele relaxou ainda mais.

— Eu... só saía com Cash porque ficava magoada vendo você com Tippy o tempo todo – confessou ela, sem levantar os olhos.

O coração de Judd saltou até sua garganta. Tantos mal-entendidos, tudo por falta de um pouco de honestidade. Afinal de contas, não era Cash. Ele começou a rir e não conseguiu parar. Christabel levantou o rosto e foi capturada pela expressão dele. Judd ria a plenos pulmões.

— Tippy virou um caso para Cash, mas você não pode dizer a ele – murmurou Judd. Seus dedos alisaram os longos e suaves cabelos louros.

— Por quê?

Ele encolheu os ombros.

— Ele acha que ela é uma piranha feliz. Tippy disse que um homem assim conhece mais sobre a maioria das mulheres do que ele mesmo percebe. Os olhos de Crissy procuraram os dele.

— Você não dormiu mesmo com ela? – indagou, obstinada.

Ele suspirou.

— Sou casado, Christabel – disse, unindo as mãos atrás da cintura dela.

— E daí? – perguntou Christabel, enrubescendo.

Ele inclinou a cabeça.

— Não durmo com outras mulheres, querida. Só com você. E apenas nos últimos tempos – gemeu ele, encostando os lábios na boca suave de Christabel. – Minha cama tem estado muito vazia.

Ela deixou que Judd a beijasse. Alguns segundos depois, esqueceu por completo o que estava fazendo e ergueu-se contra o corpo poderoso com um soluço.

— Espere. Espere um minuto – disse Judd, insistente.

Afastou-se dela o tempo suficiente para trancar a porta. Graças a Deus a porta tinha chave, pensou, enquanto ainda conseguia fazê-lo.

Judd apoiou-a na secadora e beijou-a novamente, ansioso. Era provável que Christabel estivesse usando um vestido, ele refletiu, porque nenhuma das calças jeans abotoaria, e ele teria notado. Sorriu contra os lábios de Christabel, enquanto enfiava a mão por baixo do vestido e tirava sua calcinha.

— Judd, não, não podemos! – ela sussurrou.

Ele mordiscou-lhe o lábio superior enquanto livrava-se do cinturão, colocando-o de lado e estendendo a mão para a fivela do cinto.

— Tudo bem, querida. Podemos fazer sem a camisola vermelha – provocou ele com voz rouca. – Além do mais, somos casados. Vou lhe mostrar a certidão de novo. – Judd levantou-a até ele e cobriu-lhe a boca num beijo selvagem, enquanto suas mãos puxavam-na para seu corpo. – Vamos procurá-la... mais tarde.

Ele gemeu ao penetrá-la. Christabel parou de protestar, pensar, respirar. Agarrou-se a ele, gemendo contra a boca devoradora de Judd, enquanto moviam-se com a máquina de lavar barulhenta abafando o barulho que os dois

faziam. Ela estava com tanto desejo por Judd que soluçava a cada movimento rápido e duro dos quadris dele. Queria arrancar-lhe as roupas, empurrá-lo para o chão, devorá-lo...

Ela só percebeu que estava falando em voz alta quando terminaram num emaranhado de membros no chão de linóleo, com o corpo pesado de Judd por cima do seu, enquanto se agarravam numa devastadora febre de desejo.

Christabel jamais experimentara tal paixão súbita. Num último instante de lucidez, Judd levantou a cabeça e observou o rosto dela, enquanto a conduzia direto ao êxtase. Ela estremeceu, e seus gemidos eram quase desumanos, enquanto enterrava as unhas nos quadris dele. Segundos mais tarde, o corpo de Judd enrijeceu e arqueou-se. Ele soltou um grito rouco e estridente, o rosto contorcido. Ela observou-o, tão excitada que sentia todo o corpo pegando fogo com o calor esmagador da satisfação. Nem mesmo quando estavam no Japão fora assim tão intenso. Ela não conseguia parar de tremer. Lágrimas rolaram por suas faces, enquanto Judd movia-se, desamparado, contra ela no pulsante momento posterior.

No exato instante em que Judd desabou sobre ela, a máquina de lavar parou abruptamente. Ela sentiu o corpo dele tremer. Só quando ele levantou a cabeça e Christabel viu os olhos negros brilhando foi que compreendeu o motivo. Judd estava rindo.

— Que alívio! O maldito técnico de som consegue ouvir uma formiga andando numa esponja a cinco metros de distância, e ele gosta de gravar pessoas quando elas não sabem que está escutando – murmurou Judd, sem fôlego. – Se essa máquina de lavar tivesse parado alguns segundos antes...

Ela também riu, tentando imaginar o embaraço. A máquina começou um novo ciclo, barulhenta, e Judd moveu-se sobre ela, sua boca traçando os lábios, as faces e a orelha de Christabel. Mordiscou-lhe o lóbulo da orelha. Ela beijou seu peito e Judd gemeu.

— Desculpe – murmurou ela ao notar que havia beijado um corte. Tocou o rosto machucado dele com cuidado. – Seu queixo está doendo?

Judd acenou com a cabeça.

— Grier bate com força.

— O que queria que ele lhe contasse? – insistiu.

— Que ficasse longe de você – inventou ele. Franziu os lábios e moveu-se de forma deliberada, de modo que ela pudesse sentir o lento e delicioso desabrochar de seu corpo. – Mas não acho que isso vá ser um problema agora. Você acha? – Ele moveu-se novamente.

Crissy ofegou. Ainda estava sensível e aqueles pequenos movimentos eram tão doces que ela começou a mover-se com ele.

— Maude...

— O ciclo da máquina dura mais quinze minutos – lembrou ele, inclinando-se. – Mas duvido que eu...

— Vamos ver – ela sussurrou, despreocupada, e puxou-o para si.

Os dois estavam de pé novamente, quando a lavadora parou pela segunda vez. Christabel terminava de vestir a calcinha e Judd abotoava a calça jeans. Ele baixou os olhos para a camisa e suspirou.

— Grier tirou a camisa antes. Eu devia ter feito o mesmo. Será que tenho outra limpa? Não posso voltar ao trabalho desse jeito.

Ela sorriu, radiante, e acenou com a cabeça, indo até a estante de roupas. Tirou uma camisa branca limpa e passada e entregou-a a Judd. Ele tirou a que estava usando, revelando uma camiseta também literalmente salpicada de sangue.

— Droga! – murmurou.

— Você também tem uma camiseta limpa – disse ela, tirando uma do cesto de roupa onde ficavam as roupas lavadas. – Aqui.

Judd tirou a camiseta, consciente de que ela o devorava com os olhos. Jogou as peças de roupas sujas no cesto de lavar e aproximou-se, levando a mão dela para seu peito áspero, coberto de pêlos.

— Eu nem tive a presença de espírito para me despir primeiro, estava morto de desejo por você – disse, com um sorriso. – A partir de agora, passarei a viajar ida e volta até Victoria. Passarei as noites aqui, onde é meu lugar, e não vamos dormir em camas separadas.

— Vai dormir comigo? – perguntou ela, fascinada.

— Claro. – Ele traçou o dedo ao redor da boca suave de Christabel. – A menos que você prefira que eu fique em meu antigo quarto. Podia ser interessante. Você poderia vestir a camisola vermelha e ir me seduzir à noite.

Crissy bateu nele com delicadeza e riu.

— Vou dormir com você e seduzi-lo com conforto. Você é meu marido – sussurrou, sentindo cada palavra.

— Você é minha mulher. – Judd inclinou-se e beijou-a delicadamente, arrastando a mão dela para cima e para baixo em seu peito. – Desculpe-me por você não ter aberto seu presente de Natal.

— Por quê? – indagou ela, distraída.

— Eram pérolas. Pérolas cor-de-rosa, suas favoritas. Mas havia dois presentes. Tippy me devolveu o anel. Ela me provocou para comprá-lo, algo que fiz para salvar meu orgulho. Quando devolvi – acrescentou, suave –, comprei um par de anéis... um para você, outro para mim. Alianças de casamento. De modo que você ganha dois presentes, não um.

Ela apenas fitou-o. Judd encolheu os ombros.

— Eu nunca quis o divórcio – confessou. – Não mesmo. Minha mãe era jovem, como você, e talvez não estivesse preparada para o casamento. Vi meu pai morrer por dentro, depois que ela o deixou. Ele jamais se recuperou do divórcio e usou luto até morrer. Eu não queria acabar como ele. Tinha medo de compromisso. Sabia que você se importava comigo, mas tinha medo de que fosse apenas uma paixão súbita.

— Que paixão súbita – comentou ela com um sorriso. – Durou cinco anos.

— Fiquei sabendo disso quando você recebeu uma bala por mim – disse ele, sereno. – Foi quando soube que você sentia algo forte em relação a mim. Mas Grier estava sempre por perto e homens bem melhores já se sentiram inferiores a ele.

— Cash é um sujeito triste e solitário – disse Christabel. – Tenho pena dele. Sei coisas a respeito dele que você não sabe, Judd. Já foi casado por um breve período e haveria uma criança. Não sei o que aconteceu, mas eles tiveram um divórcio amargo. Cash é apenas um amigo.

Judd fez uma careta.

— Eu não sabia de nada disso. Estava louco de ciúme. No final, compreendi que você não esperaria para sempre, enquanto eu punha em ordem o que sentia por você. Foi quando soube que lutaria para ficar.

Ela lançou-lhe um olhar intenso, encorajando-o a continuar.

— Sabe, meus pais eram opostos exatos. Ele estava apaixonado, mas ela casou-se com ele sem de fato amá-lo. Ela se apaixonou, sim, mas por outro homem e não pôde evitar o que acabou fazendo. Eu nunca compreendi antes, porque nunca estive apaixonado. — Sua voz ficou rouca. — Mas agora entendo melhor as ações dela, embora continue não aprovando. O amor tira suas escolhas. Você e eu pensamos iguais e acredito, no fundo do peito, que sabia que tínhamos muitas coisas em comum para fazermos um bom casamento. Mas não conseguia tirar o passado da cabeça... esquecer o fato de que você e Cash pareciam tão próximos. Eu não poderia ter certeza do que você sentia por ele. Ele me fez passar por maus bocados, em especial depois que voltamos do Japão.

Ele sorriu lentamente.

— Tippy também fez o mesmo. Ela é linda e sofisticada.

— Sofisticada, como Grier. — Judd acariciou-lhe os cabelos. — Um pode consolar o outro — disse com um sorriso travesso. — Mas os dois estão fora do páreo.

Ela hesitou.

— Tem certeza?

As sobrancelhas escuras dele se arquearam.

— Quantas mulheres você acha que já ataquei no chão de uma lavanderia?

Christabel estreitou os olhos.

— É melhor que tenha sido só uma — devolveu, com raiva zombeteira.

Ele riu.

— Agora você está parecendo mais com você mesma — Judd estendeu a mão para a camiseta limpa. As mãos dela percorreram seu peito e, relutante, ela se afastou. Judd cheirava a loção pós-barba e sabonete. Crissy gostava dos aromas masculinos, gostava demais. — Preciso voltar ao trabalho. Estou amarrando as pontas soltas do caso Clark. — Fitou-a de relance. — Eu nunca lhe contei. Adivinhe quem estava causando os envenenamentos por aqui.

— Jack Clark — supôs.

— Não. O irmão dele, John, estava envenenando o gado e foi quem matou o velho Hob. Ele conseguiu que um amigo e colega, o mesmo sujeito que emprestou a picape, lhe desse um alibi para o momento da morte de Hob, fazendo-o pensar que uma namorada ciumenta o estava investigando. Jack Clark matou a jovem mulher por ter testemunhado contra ele e o mandado para a prisão seis anos atrás. Jack era nosso principal suspeito pelos envenenamentos, porque morava em Jacobsville, e ele sabia disso.

— Não omitta nada! — ela exigiu.

— A vereadora que estava mostrando a propriedade a Jack em Victoria não tinha idéia de que ele estava estabelecendo um alibi, enquanto seu irmão andava por aqui envenenando touros. Eles envenenaram o touro de Brewster, porque era um descendente do touro Salers de Handley. Mataram os nossos para irem à forra, porque demitimos Jack. Mas, se não fosse por você, talvez eu jamais tivesse solucionado o caso de assassinato em Victoria.

— Eu?

Judd vestiu a camisa, abotoou-a e prendeu a estrela de prata no bolso.

— Você mencionou a maneira como a cerca foi cortada – disse Judd. – Tínhamos uma cerca cortada na cena do outro homicídio. Comparei com a foto que você mandou Nick tirar de nossa cerca cortada. Formavam um par perfeito. Nossa cerca... que você teve a inteligência de guardar... tornou-se o principal indício. Sem mencionar aquela picape preta que pertencia ao amigo de John Clark, Gould, de Victoria. Depois, aquelas fibras coloridas, que eu mencionei terem sido encontradas na cena do crime, combinaram com a amostra de uma camisa de flanela que você lembrou que Clark usava quando a enfrentou na fazenda. Estava numa caixa de pertences que John Clark levou para Victoria. Também conseguimos outro indício crucial.

— Não me deixe em suspense – disse ela, excitada.

— Além de um fio de cabelo encontrado na camisa, na cena do crime, o técnico forense notou marcas de dentes nos seios da mulher. Não fazia muito tempo que ela estava morta e seu corpo estava meio coberto pela blusa quando foi encontrada. O técnico informou que o corpo ainda estava quente ao ser encontrado. Ele teve um pressentimento... pôs água esterilizada numa mecha de algodão e passou nos seios da mulher. Conseguiu provas de DNA que relacionam o assassinato diretamente a Jack Clark. E o cabelo encontrado na blusa combina exatamente com o cabelo de Clark. Este indício é lícito no tribunal.

— Eu não sabia que você podia fazer isso! – exclamou Crissy.

Judd riu.

— Terei de ensiná-la sobre indícios legais.

— Mas por que ele a matou, você sabe? – perguntou ela.

— Ela era a moça que testemunhou contra ele por agressão sexual e espancamento, e desapareceu. Ele passou seis anos na prisão por causa do testemunho dela. Depois que foi solto, ele e John foram trabalhar para Handley, que possuía touros Salers puro-sangue. Handley era o melhor amigo do marido dela. Handley os demitiu mais ou menos na época em que Jack reconheceu a jovem mulher e decidiu se vingar. John Clark envenenou os touros, Jack estuprou e matou a mulher.

— Deus do céu. E quanto ao pobre Hob Downey? – continuou ela.

— Quando contamos a Jack Clark sobre a prova legal e concreta contra ele, o sujeito cedeu e confessou tudo para o defensor público. Disse que o irmão foi até Hob apenas para ameaçá-lo, mantê-lo quieto. Hob recusou-se a ser ameaçado. Ia ligar para a polícia e contar que os garotos Clark cortaram a cerca. John atingiu-o na garganta com o atizador de brasas. John não se importava com touros, mas não conseguiria viver depois de ter matado um homem. Disse a Jack que roubaria um banco e não se importava se fosse morto.

— Pobre velho Hob – disse ela com tristeza. – Que maneira mais triste de morrer.

— De modo que Jack vai desaparecer de cena por um longo tempo. O que é uma coisa boa, porque o psiquiatra comportamental que o avaliou disse que o homem poderia matar de novo. Clark ainda me odeia, claro, pelo que aconteceu com o irmão dele e por ajudar a reunir as provas que irão condená-lo por assassinato. – Judd abriu um largo sorriso para ela. – Como se eu me importasse.

Crissy abraçou-o com força, pela primeira vez segura de seu casamento.

— E, a princípio, você não acreditou em mim com relação ao gado ou à cerca.

Ele puxou-a para mais perto.

— Não, e pagando caro por isso, não acreditei. Poderia ter havido consequências fatais se Clark fosse um pouco mais confiante. Também sinto muito. Mas esse tempo acabou. Agora se você me disser que preto é branco, querida, vou acreditar. — Levantando a cabeça, ele procurou os olhos sonolentos e felizes dela e sorriu. — Dê-me um beijo. Preciso voltar ao trabalho.

Ela enlaçou os braços ao redor do pescoço de Judd e beijou-o com desejo.

— Leve-me com você – sussurrou ela.

— Eu jamais terminaria algo – Judd provocou. Afastou-a, relutante, e afivelou o cinturão. — Estarei em casa às seis.

Christabel sentia como se toda sua vida tivesse mudado num espaço de horas. Não conseguia parar de sorrir.

— Está bem. Vou vestir minha camisola vermelha.

Ele deu uma risada, encantado.

— Encontro marcado.

Judd destrancou a porta e os dois saíram de mãos dadas pela porta da frente. Baixou o olhar para ela e desejou poder dizer o que sabia. Ela estava levando seu filho. Nunca se sentiu mais próximo. Nunca a amou tanto. Mas tinha de esperar, esperar o momento propício. Se ela descobrisse o que ele sabia, podia pensar que ficaria com ela por todas as razões erradas. Ele não ousava revelar. Deu-lhe um beijo de despedida e foi embora, fazendo uma anotação mental para telefonar e advertir Grier a não bater com a língua nos dentes. Maude não disse uma palavra, mas tampouco pôde parar de sorrir.

Na manhã seguinte, a equipe estava trabalhando de novo. Mas dessa vez foi diferente, porque todo mundo podia ver o que estava acontecendo entre Judd e sua jovem esposa. Tippy sentia como se estivesse aberta a temporada de caça a ela. Depois de uma cena especialmente difícil no celeiro, Gary Mays disse “corta” e entrou no cenário com as costas voltadas para a porta, a fim de pousar um braço muito atrevido nos ombros de Tippy, forçando-a contra seu corpo de maneira deliberada. Gary tornara-se novamente o pior pesadelo de Tippy.

— Agora, escute aqui, boneca – disse Gary, persuasivo –, trate de fazer a cena do jeito que está escrita e não tente atuar de verdade, entendeu? A única coisa que quero é que você pareça bonita e balance esse quadril sexy para mim. — Ele passou a mão lentamente no traseiro de Tippy, com um olhar de esguelha digno de um presidiário em liberdade condicional.

Segundos mais tarde, a mão dele estava no ar, virada para trás, com um Cash Grier de olhos muito frios na outra ponta.

— Não acho que você tivesse a intenção de fazer isso, não é, Gary? – perguntou Cash num tom de voz agradável, flexionando a mão uma fração, apenas o suficiente para fazê-lo se retrair. — Assédio sexual é um termo tão grosseiro. Pense no que a imprensa faria, em nossa sociedade politicamente correta. Está entendendo o que eu quero dizer? – acrescentou, suave, e apertou-lhe a mão outra vez.

— Entendo... muito bem! – disse Gary, ofegando, virando-se no apertão para impedir que sua mão fosse arrancada com violência.

— Embora eu não possa prendê-lo por isso, já que está fora de minha jurisdição, posso chamar um de meus camaradas que trabalha para o departamento do xerife, e ele pode prender você. Portanto, não toque nela desse jeito de novo. Está bem, Gary? – insistiu Cash, sorrindo.

Esse sorriso causou calafrios gelados na espinha de Tippy.

— Nunca mais em minha vida, eu juro! – disse Gary, trêmulo.

Cash soltou a mão, ainda sorrindo.

— Acho que talvez você queira fazer uma pausa de dez minutos – acrescentou Grier. – Eu gostaria de ter uma palavrinha com a senhorita Moore.

— Vá em frente – disse Gary, rangendo os dentes. Lançou a Tippy um olhar de pura aversão. – Dez minutos para todo mundo! – gritou e depois saiu das vizinhanças de Cash tão rápido quanto pôde, segurando o pulso com a outra mão.

Cash acenou com a cabeça para Tippy. Ela foi até ele como um cordeiro, sem um único protesto, e ficou parada olhando para ele com os olhos verdes arregalados e perplexos.

— Por que o deixa tratá-la desse jeito? – perguntou ele, tranqüilo.

Ela estava abalada. Envolveu o próprio corpo com os braços.

— Estou com vinte e seis anos – disse ela. – Tenho um irmão de nove anos para sustentar. As portas de desfile já estão se fechando para mim. Tenho de vencer no cinema, do contrário não terei uma fonte de renda.

— E acha que dinheiro vale deixar esse primo de segundo grau de tarântula trepar em seu corpo como um fungo? – insistiu ele. – O que foi que eu lhe disse no hospital quando Crissy foi alvejada, sobre olhar dentro dos olhos dele e dizer “não”?

Ela levantou a vista para ele com dor nos olhos.

— Mais fácil dizer do que fazer.

O queixo de Cash levantou-se de leve. Os olhos negros estavam fixos e diretos no rosto dela.

— Mas vai tentar, não vai?

Ela acenou com a cabeça, porque ele possuía esse tipo de efeito sobre as pessoas.

— Você poderia tê-lo machucado – disse Tippy, hesitante.

Os olhos de Cash trespassaram os dela e vestígios de seu passado formaram sombras frias em sua expressão.

— Eu poderia ter quebrado a mão dele com a mesma facilidade com que machuquei. Alguns anos atrás, eu nem teria hesitado. – Cash estava pensando. Sua mente encaixava fatos e chegava a conclusões. – Você é sexy na metade de uma concha, até que um homem chegue a meio metro de distância. Aí vira gelo. Mas por baixo do gelo existe medo. Você tem medo dele – murmurou, apontando na direção do sujeito com o queixo. – Mas – acrescentou, suave – não tem tanto medo dele quanto de mim.

Ela engoliu em seco. Odiava ser tão transparente, mas a audácia de Gary a acovardava. Cash notou sua postura, sua posição defensiva.

— Você não tinha nenhum medo de Judd – lembrou ele, estreitando os olhos. – Mas ele jamais a tocou, não?

O rosto dela respondeu a pergunta imediatamente.

— Com que então era isso.

Os olhos dela encontraram os dele, cheios de curiosidade surpresa. Cash deu um passo para mais perto, dividido por emoções conflitantes, enquanto observava a dor arrasar o lindo rosto de Tippy.

Ela parecia um coelho assustado, mas não se afastou. Ele a fascinava. Ela não conseguia se recordar desde a infância de um homem que a defendesse, assim como ele enfrentara Gary, exceto Judd. Os policiais eram gentis com ela, desde muito tempo. Cash estava usando uniforme.

Ele aproximou-se mais um passo, deliberadamente, elevando-se sobre ela. Tippy podia ver as sardas pretas espalhadas sobre a ponte do nariz reto dele, a espessura do bigode sobre a boca sensual, a minúscula pêra triangular abaixo do lábio inferior. Podia ver o leve ondulado dos cabelos negros e grossos no lugar onde eram puxados para trás num rabo-de-cavalo. Ele tinha um cheiro limpo e masculino. Ela gostava de estar perto dele. Isso era um choque e infiltrou-se em seu olhar fixo. Mas estar tão próxima dele deixava-a nervosa, e Tippy deu um rápido passo para trás.

O comportamento de Tippy o intrigava. Era uma fofoca comum nos tablóides, que ela teria vivido seis anos com um homem, um astro do cinema com o dobro de sua idade que possuía uma reputação quase obscena por seus ruidosos casos de amor com mulheres. Na indústria cinematográfica, Tippy tinha a fama de ser sexualmente agressiva. Mas como poderia ser experiente e ter o hábito de recuar diante de qualquer homem que chegasse perto demais? Ela poderia estar fingendo nervosismo. Mas Grier podia dizer que não estava. Nada daquilo fazia sentido para ele. Os olhos escuros se estreitaram, enquanto procuravam os dela.

— Ele não vai mais incomodá-la, porque você não vai deixar. Certo?

Ela engoliu em seco. Gary fazia sua pele formigar, mas jamais o enfrentara. Em geral, apenas se mostrava determinada com os homens e os deixava desconfortáveis, fazendo de propósito com que achassem que jamais estariam à altura de seu ideal. Mas Gary era um vigarista e lembrava muito aquele homem em seu passado. Ela não conseguia usar seus estratagemas com ele. Tinha medo.

— Certo? – instigou Cash.

Ela acenou com a cabeça, como se houvesse um cordão ligado a seu queixo.

— Tippy. – Ele repetiu seu nome, franzindo as sobrancelhas. – Isso é apelido de quê?

— Tristina – respondeu ela, amargurada. Afastou os cabelos dos olhos. – Deve significar “tristeza”. Era o que minha mãe sentia quando me teve ou, pelo menos, é a história que contam – acrescentou. – Ela não gostava de ter filhos, mas adorava dormir com os homens. Quanto mais, mais divertido. – Tippy hesitou. – Ela dizia que não tinha certeza de quem era meu pai.

Cash não pareceu dar importância ao fato. Examinou-a em silêncio.

— Deve ter sido um homem bonito – foi tudo que ele disse.

Ela fez uma careta.

— Minha mãe é uma gata, até hoje. Tem cabelos ruivos e olhos verdes, como eu, e um corpo que não foi destruído nem pelos anos de abuso de álcool. Também não é burra. Tive muita dificuldade para tirar Rory dela, mas o dinheiro sabe falar. Agora a custódia é só minha e não vou desistir dele.

— Rory?

— Meu irmão.

Ele estendeu a mão e tirou uma mecha de cabelos vermelho-ouro da boca de Tippy.

— Por que você tem a custódia?

— Porque o último namorado que mora com ela o odiava, o suficiente para deixá-lo num hospital quando ele tinha quatro anos. Um policial, meu conhecido, telefonou e me contou.

— Mas que droga sua mãe fazia enquanto isso? – exclamou Grier.

Ela engoliu em seco.

— Segurava.

O suspiro dele foi audível. Olhando para ela, Cash começava a ter imagens perturbadoras, quase como se estivessem passando da mente dela diretamente para a sua. Os olhos escuros se estreitaram. Ele somou a postura defensiva de Tippy, o medo de homens e desconsiderou a reputação libertina do homem com quem ela viveu. A conclusão que obteve foi muito perturbadora.

— Ela não vai conseguir tê-lo de volta – continuou Tippy num tom frio. – Não importa o quanto me custe.

— Inclusive agüentar os lábios de lagarto ali? – disse ele, sacudindo a cabeça na direção de Gary.

Ela levantou o rosto, surpresa, e um tinido de risada escapou de sua boca.

— Gary pode cuidar da mão o dia inteiro, pensando em mim – disse Cash com os olhos semicerrados. – Venha.

Voltou com ela ao cenário, a uma distância confortável, de modo a não deixá-la inquieta. Até sorriu para Gary. Tippy andou direto até o sujeito, sentindo uma estranha confiança.

— Gary, o senhor Grier disse que, se você voltar a pôr as mãos em mim, posso mandar prendê-lo e processá-lo por assédio. – Ela deu um lindo sorriso. – Você tem seguro, não, querido?

Gary ficou pálido. Olhou de soslaio para Cash e pigarreou.

— Está bem, pessoal, já desperdiçamos muito tempo. Vamos voltar ao trabalho!

Tippy lançou um rápido olhar para Cash e um estranho sorrisinho tímido, antes de voltar ao trabalho.

A decisão de Judd de não deixar que Christabel suspeitasse que ele sabia da gravidez durou exatamente quatro dias, até voltar para casa cedo do trabalho e encontrá-la na traseira de um caminhão, atirando fardos de feno para o gado num dos pastos.

Dizer que ele causou alvoroço seria suavizar a coisa. Judd arrancou-a do caminhão, carregou-a para sua SUV, colocou-a no assento e levou-a, calado, direto ao consultório do Dr. Jebediah Coltrain. Foi com ela até a mesa e disse à recepcionista que Christabel tinha de ser vista de imediato. A sala de espera encontrava-se vazia.

— Copper não está – a moça balbuciou. – E Lou também está prestes a ir embora...

— Ainda não, ela não vai.

Puxou Christabel porta adentro, entrando no corredor.

— Lou! – gritou.

A Dra. Lou Coltrain surgiu, primeiro assustada, depois divertida quando viu os visitantes.

— Posso ajudá-lo? – perguntou Lou.

Os lábios dele formaram uma linha fina.

— Quero um teste de gravidez agora mesmo.

— Muuuuuito bem – respondeu Lou, tentando não dar uma risadinha. – Quando foi sua última regra?

— Não é para mim – rosnou ele, fitando uma atônita Christabel. – Pelo amor de Deus, ela estava tirando fardos de feno de cima de um caminhão!

O sorriso de Lou dissipou-se.

— Isso não é prudente se estiver grávida, Crissy – disse ela, gentil.

— Você não pode saber! – gritou Christabel para o marido. – Como sabe?

— Não sou cego, sou? – murmurou Judd. – Você não consegue abotoar as calças e também não pode tomar o café da manhã! – ele odiou-se por não dizer a verdade.

— Maude contou! – acusou ela.

— Maude não me contou coisa alguma – ele se defendeu.

— Vamos tirar uma amostra de sangue, Crissy – disse Lou, interpondo-se. – Quando foi sua última regra?

Ela teve de dizer, com um presunçoso Judd escutando cada palavra. Lou chamou Betty e fizeram o teste. Foi positivo. Lou fez os preparativos para Christabel ter hora com um especialista de Victoria, que também trabalhava no Hospital Geral de Jacobsville. Em seguida, prescreveu vitaminas.

— Chega de levantar peso – preveniu. – E coma de maneira adequada.

Christabel concordou mansamente. Ela estava aliviada com a forma como Judd encarava a notícia da paternidade iminente. Ele nem estava perturbado. Isso a relaxou.

De volta ao SUV, Judd não conseguia parar de sorrir. Estendeu a mão para ela e prendeu-lhe os dedos com os seus.

— Chega de Grier – disse ele com ar presunçoso.

Christabel examinou-o intensamente, procurando sinais de inquietação. Não havia nenhum.

— Não está com raiva?

— Estou encantado. E também aliviado – contrapôs. – Agora eu posso dormir à noite sem me preocupar se você vai me abandonar e fugir com Grier.

— Ele gosta de bebês – devolveu ela.

— Pode achar uma outra mulher e fazer alguns com ela. Esse aqui é meu. – Judd respirou fundo. – Que presente de Natal vou ganhar neste ano!

Na verdade, o bebê era esperado para pouco antes disso. Crissy estava fascinada com o jogo de emoções no rosto magro e moreno de Judd. Ele não conseguiria fingir tanto prazer. Ela se perguntou se uma mulher poderia desmaiar de pura felicidade. Nunca se sentira tão segura, tão confiante, tão cuidada em toda sua vida. Ele sentia afeto por ela, claro, e queria o bebê. Talvez, com o tempo, até chegasse a amá-la. Ela tinha muita coisa a esperar pela frente. Muita coisa!

A empresa cinematográfica disse adeus e foi embora para o aeroporto. Tippy pediu um monte de desculpas a Christabel e Judd pelos problemas que havia causado e disse que os dois seriam convidados para a estréia do filme em Nova York, mais ou menos dali a sete meses. Isso seria em novembro, e o bebê era esperado para esse mês.

Cash Grier chegou ao aeroporto no exato momento em que ela acabava de fazer o check-in e saía em direção aos detectores de metal.

— Espere um minuto – disse ele, tranqüilo, puxando-a para um lado. Entregou-lhe um cartão comercial com seu nome e número de telefone. – Só para o caso de você ter mais algum problema com seu irmão caçula – acrescentou. – Há um número particular escrito no verso. Se algum dia precisar de ajuda, use-o.

Ela ofegou.

— Por que faria isso por mim? – perguntou Tippy, completamente desorientada. – Você me odeia!

Os olhos escuros encontraram os olhos verdes de Tippy com tranqüilidade.

— Droga, eu não sei! Você tem de perguntar tudo?

Tippy estendeu o braço e, hesitante, tocou a manga da camisa de Grier, embora sua mão tenha largado quase no mesmo instante em que fez o contato. Ele estava vestido com o uniforme. Parecia muito asseado e limpo.

— Obrigada pelo que fez em relação à Gary. Pelo que me encorajou a fazer. Eu tinha tanto medo de perder meu único emprego. – Ela deu um sorriso tímido. – Tive alguns problemas para conseguir trabalho nos últimos tempos. Mas você tem razão. Ninguém deve ser obrigado a aceitar isto só para continuar trabalhando.

— Vejo que você se lembra – disse ele, neutro.

Ela examinou-lhe o rosto, tão acima do seu, com verdadeiro interesse.

— Você pode ir com Judd e Crissy à estréia do filme, se quiser. Em todo caso, mandarei um convite.

Grier levantou a cabeça e examinou-a.

— Irei – respondeu ele, de forma inesperada.

Tippy enrubesceu. Seus olhos se iluminaram. Soltou uma risada vazia. Ao redor dela, os homens observaram-na com olhos arregalados e as mulheres olharam espantadas para sua beleza surpreendente. Ela parecia não ter nenhuma consciência da atenção. Só tinha olhos para o homem à sua frente.

— Eu gostaria disso – disse ela com voz rouca. – Obrigada, senhor Grier.

— Sou apenas doze anos mais velho que você – disse. – Pode me chamar de Cash.

O sorriso dela demorou-se em seu rosto.

— Que é o diminutivo de...?

Ele suspirou.

— Cassius.

— É mesmo?

Ele acenou com a cabeça.

— Minha mãe gostava dos clássicos.

Os olhos de Tippy pousaram sobre os cabelos negros com seu esmerado rabo-de-cavalo, o bigode e o minúsculo triângulo de pêlos logo abaixo da boca sensual.

— Você a amava.

Ele assentiu.

— Muito mesmo.

Ela suspirou, memórias amargas empurrando o sorriso para fora dos lábios cheios.

— Deve ser bom. — Tippy olhou de relance na direção do detector de metais, por onde a multidão passava devagar. — É melhor eu ir — Guardou o cartão no bolso. — Obrigada mais uma vez.

Ele encolheu os ombros.

— Eu gosto de estrelas de cinema — murmurou Cash, abrindo um largo sorriso para ela.

Este sorriso atingiu-a direto no coração. Ela retribuiu o gesto.

— Eu gosto de tiras.

Tippy desviou os olhos, virou-se e andou apressada em direção ao detector. Pouco antes de seguir para a área de segurança, com a valise de mão, ela voltou-se e fitou-o. Nunca se sentira tão sozinha em sua vida. Ele também ainda a observava. Ficou observando-a até perdê-la de vista, por razões que não poderia começar a entender.

Quanto a Christabel, ela descobriu coisas novas a respeito do marido nos meses que se seguiram. Ele adorava fazer coisas. Tinha uma oficina no galpão de utilidades, inativa durante um longo tempo. Agora, ele comprou equipamento novo e madeira, e começou a fazer mobília de bebê.

Pouco antes da data em que o bebê era esperado, os convites para a estréia do filme de Tippy Moore, em Nova York, chegaram. Christabel sabia que Judd iria e, de repente, sentiu-se insegura e amedrontada com relação ao futuro. Ele jamais fez alguma confissão de amor a Christabel, que tinha uma vaga suspeita de que ele sabia sobre o bebê muito antes de ela confirmar. E se fosse para Nova York e descobrisse, afinal de contas, que amava Tippy Moore de verdade?

CAPÍTULO 18

Surpreendentemente, Cash Grier decidiu ir para Nova York com Judd. Christabel e Maude se despediram de Judd na varanda da frente. A gravidez de Crissy estava tão avançada que ele não quis que ela se arriscasse a fazer a viagem ou mesmo que fosse até o aeroporto para acompanhá-lo. Christabel não queria que ele fosse sem ela, mas não tinha desculpas.

— Voltarei depois de amanhã — ele sussurrou, inclinando-se para beijá-la com ternura. — Não tenha o bebê enquanto eu não voltar — acrescentou com flagrante humor carinhoso.

— Farei o possível. Trate de não... se enredar com Tippy novamente — ela deixou escapar e depois enrubesceu.

Ele franziu a testa. Será que ela não sabia o que ele sentia?

— Você vai perder o avião — disse Maude, preocupada. — Não corra para chegar ao aeroporto.

— Sim, mamãe — murmurou ele com um suspiro. Deu um último beijo em Christabel, pulou para dentro do SUV e partiu velozmente estrada afora.

— Ele nunca escuta — murmurou Maude.

— Ele não vai correr — disse Christabel, confortando-a. Sorriu. — Venha. Vamos tomar um delicioso leite quente e conversar sobre partos.

— Está bem, querida, se precisarmos — respondeu Maude, gentil.

A estréia foi um evento de gala. Tippy Moore estava à altura de sua publicidade, deslumbrante num vestido de veludo negro, com diamantes gotejando de suas orelhas e pescoço. Entrou no cinema de braços dados com o ator principal, Rance Wayne, e o diretor, Joel Harper, acompanhado da mulher.

Cash e Judd tinham assentos próximos à tela e assistiram ao filme com verdadeiro interesse e humor desamparado, enquanto a história tomava vida na tela. Risos ecoaram nas fileiras quando Tippy e o caubói lançaram frases secas um ao outro e terminaram num abraço selvagem sobre uma poça de lama, quando descobriram que seus mundos poderiam encontrar-se e fundirem-se no final.

Houve aplausos de pé. Tippy sentiu lágrimas nos olhos. Sua nova carreira era promissora.

Ela encontrou Judd e Cash quando eles saíam do cinema. Abraçou Judd com carinho, mas agiu de modo reticente e nervoso com Cash.

— Você estava ótima – disse Judd, sorrindo. – Será um sucesso de arrasas o quarteirão.

— Acha mesmo? – perguntou ela, esperançosa.

— Seu irmão está aqui? – indagou Cash de repente.

— Ora... está – ela balbuciou.

Virou-se e acenou para um garoto bonito de cabelos escuros, que usava um terno elegante. Tinha um corte de cabelo muito convencional e parecia o produto de um colégio militar, até que se aproximou e puderam ver o brilho em seus olhos verdes.

— Você estava muito boa, mana – disse o menino, dando-lhe um encontrão de brincadeira. – Não esqueceu nenhuma fala!

— Olha como fala, cara – repreendeu Tippy, dando uma autêntica risada enquanto o abraçava. – Rory, este é Judd Dunn. É um Texas Ranger e amigo meu. Judd e sua mulher estão esperando o primeiro filho para um dia desses – acrescentou para assegurar-se de que o menino entendera o relacionamento.

— Prazer em conhecê-lo – disse Rory, trocando um aperto de mão. – Já li um bocado sobre os Texas Rangers desde que Tippy me contou sobre você – acrescentou, animado. – Inclusive, existem vários sites na internet sobre os Rangers, passado e presente!

— É mesmo, eles são educativos – Judd riu. – Prazer em conhecê-lo também.

— Este é... hmm, Cash Grier – disse Tippy, acenando com a cabeça em direção ao homem mais velho. – É assistente-chefe de polícia de Jacobsville, no Texas, onde o filme foi rodado.

Rory olhou para o homem de rabo-de-cavalo por um longo tempo. Parecia cativado.

— Tippy falou um bocado sobre você. Eu... hmm, mencionei seu nome para o nosso oficial de comando. Ele o conhece. Disse que vocês estiveram juntos no Iraque. – Rory prendeu a respiração. – Ele disse que nunca conheceu ninguém tão corajoso como você. Disse... ahn, disse que o prenderam e torturaram...

— Rory! – exclamou Tippy, horrorizada.

O rosto de Cash endureceu. Seus olhos brilhavam como diamantes negros.

— Desculpe-me – disse Rory. Aproximou-se novamente, inquieto. – Você é uma espécie de herói para mim. Estou confundindo tudo porque não consigo falar do jeito que eu quero. Acho-o genial, senhor. Um verdadeiro soldado guerreiro.

Cash respirou rápido e desviou os olhos. Não gostava de recordar daquela viagem ao Oriente Médio nem do que havia feito ou fizeram com ele. O garoto estava caminhando sobre ossos quebrados e nem se dava conta.

— Rory, por que não vai para o restaurante com Joel e a mulher? Eu irei daqui a pouco – Tippy apressou-se a dizer, tentando ajeitar as coisas.

— Sim, madame – respondeu Rory, magoado e envergonhado.

Mas quando se virou para ir embora, uma mão enorme e forte pousou sobre seu ombro e o deteve.

— A honestidade é uma virtude subestimada – disse Cash ao garoto. – Você disse exatamente o que pensa. Eu também não sou brando. Não gosto de me lembrar de Tempestade no Deserto – acrescentou com voz calma. – Eu sobrevivi. Os outros sete homens que estavam comigo não sobreviveram. Também eram bons homens.

Rory estava com a respiração suspensa.

— Fico contente porque não ficou com raiva, senhor.

— Cash – o homem alto o corrigiu, conseguindo dar um sorriso ao garoto. – Fico contente porque conversamos.

— Eu também! – Rory abriu um largo sorriso, pura criança de novo, e enrubescceu um pouco quando olhou de relance para Judd e sua irmã, safando-se em direção a Joel Harper.

— Às vezes, ele fala demais – murmurou Tippy, preocupada com a expressão que vira nos olhos de Cash. – Espero que não o tenha ofendido.

Ele deu de ombros.

— Todo mundo me ofende, via de regra, mas eu gosto de um garoto com coragem. Ele vai conseguir – Cash acrescentou, tranquilo.

Tippy forçou um sorriso.

— Obrigada.

Grier levantou o queixo e, de repente, a expressão de seus olhos estava diferente.

— Quer dizer que você conversou com ele a meu respeito, hein?

Tippy ficou escarlate. Foi uma reação tão estranha para uma modelo internacional e recente estrela de cinema que as sobrançelas de Judd encontraram a linha do cabelo. Os olhos de Cash começaram a brilhar. Na verdade, ele riu.

Ela fez um ruído impaciente com a garganta e olhou de relance para o irmão.

— Haverá uma festa de elenco num restaurante aqui perto e vocês podem ficar e ir conosco, se quiserem – disse ela, virando-se deliberadamente para Judd.

— Bem – começou ele, no instante em que o celular de Grier vibrou como louco em seu bolso.

Grier franziu as sobrançelas, tirou o aparelho e atendeu. Pareceu estar tendo dificuldade para ouvir a pessoa do outro lado da linha. Virou-se, com uma das mãos cobrindo a audição.

— Está bem, fique calma – dizia ele com voz suave. – Agora me conte o que aconteceu.

Acenou com a cabeça, olhou de relance para Judd, fez uma careta e murmurou alguma coisa ao telefone.

— É Maude – disse ele. – Ela estava tentando ligar para o seu celular, mas sua bateria deve estar fraca. De modo que, em vez disso, ligou para mim. Crissy sofreu uma queda. Eles a levaram para o hospital...

Grier estava falando para o vento. Judd já se encontrava parado no meio-fio, chamando um táxi. Ele olhou de relance para Tippy.

— Desculpe-me, mas temos que ir – disse, explicando-se. – O convite fica de pé para uma outra visita? – ele acrescentou, para surpresa dela.

O rosto de Tippy ficou radiante.

— Si... Sim! Quando quiser – ela deixou escapar.

Ele lançou-lhe um sorriso genuíno.

— Então nos veremos. Diga adeus a Rory.

Ela acenou com a cabeça. Grier correu até Judd, que acenava freneticamente, e pulou para dentro do táxi, segundos antes do carro partir. Judd estava preocupado demais até para dar um aceno de despedida a Tippy. Seu coração estava apertado dentro do peito. Estava aterrorizado. Christabel estava ferida.

— E quanto ao bebê? – indagou.

— Maude disse que ainda não sabiam de nada – respondeu Cash, igualmente preocupado. – Vamos direto para o hospital. Ouça, os bebês ficam envoltos no fluído embriônico – acrescentou, suave. – É preciso muita coisa para machucá-los.

— O que você sabe sobre bebês? – perguntou Judd, com raiva.

Cash desviou o rosto.

— Quase tive um, uma vez – disse ele entre dentes. – Não se dê ao trabalho de perguntar mais nada – acrescentou, quando Judd abriu a boca para falar. – Não falo sobre isso. Com ninguém.

Judd ficou sem saber o que dizer, de modo que permaneceu calado. Mas pensou naquela estranha declaração.

A volta durou uma eternidade. Quando chegaram ao hospital, Judd em seu SUV e Cash com a picape, largaram os veículos e correram juntos para a sala de emergência.

— Christabel Gaines... Dunn – gaguejou Judd no balcão, o rosto rígido, os olhos frenéticos. – Ela foi trazida após uma queda. Está grávida. Eu sou o marido.

— Oh... Senhor Dunn. – A funcionária olhou fixamente para ele, muda, e Judd prendeu a respiração. Então ela sorriu. – Ela já está num quarto. Espere um segundo... – Apertou alguns números ao telefone e falou com alguém. – Quarto 211 – E acrescentou: – É naquele corredor... parabéns!

A última palavra sequer foi registrada de tanto medo. Os dois correram com ruidoso desrespeito às regras do hospital até chegarem ao quarto, abrindo a porta com força, em uníssono. Pararam de súbito com a cena que seus olhos encontraram.

Christabel encontrava-se deitada com uma minúscula trouxa nos braços, dando de mamar. Ela olhou para Judd com o coração nos olhos.

— Querido! – exclamou.

Judd mal conseguia enxergá-la através da névoa sobre seus olhos. Avançou, traumatizado, ignorando a presença de Maude, um dos irmãos Hart,

uma mulher que não reconheceu e a enfermeira que trabalhava indolentemente no quarto. Tocou o minúsculo rosto pressionado bem perto da pele suave de Christabel e, depois, baixou os olhos para seus enormes olhos escuros. Tocou o rosto de Christabel com uma mão trêmula.

— A única coisa que soubemos foi que você teve uma queda – ele sussurrou. – Fiquei com tanto medo...

— Eu estou bem. O bebê está bem...

Judd a beijou, ansioso, com um gemido partido que ecoou nos ouvidos de Crissy, pouco antes de ele conseguir levantar a cabeça.

— Eu te amo – ele murmurou com voz rouca. – Se algo tivesse acontecido com você...!

— Mas não aconteceu – sussurrou ela, acabrunhada com a expressão dos olhos dele, com o que havia dito. – Você nunca disse que me amava – murmurou.

— Eu sempre quis dizer – rebateu Judd, acalmando-a. Sorriu admirado enquanto procurava seus olhos. – Você está bem?

Ela abriu um sorriso.

— Não foi exatamente uma queda. Eu estava colocando as cortinas no quarto do bebê. Torci as costas. Pensei estar morrendo e acabou que eram as dores do parto. – Ela indicou a trouxinha em seus braços. – Quer conhecer seu filho?

A respiração de Judd ficou suspensa.

— Um menino?

Ela acenou com a cabeça.

— *E* uma menina. – Uma fala arrastada veio do outro lado do quarto, junto à janela, onde Cash inclinava-se sobre o berço de vime, brincando com um minúsculo dedo, um sorriso de orelha a orelha no rosto.

— O... quê? – tartamudeou Judd.

Christabel franziu os lábios e pareceu travessa.

— Você estava tão preocupado comigo, o tempo todo, que fiquei com medo de contar que eram gêmeos – confessou ela, sorrindo. – Estava guardando para ser uma surpresa. – Fitou-o. – Surpresa!

— Gêmeos. Um menino e uma menina. Dois. – Judd parecia despojado de palavras. Seus olhos ficaram nublados e ele rapidamente secou a umidade, antes que alguém visse.

Cash estava com a menininha em seus braços enormes e, de fato, fazia sons que não pareciam de Cash Grier ao falar com ela.

— Ei, devolva minha filha – disse Judd com uma carranca zombeteira.

Cash estava apaixonado.

— Não posso ficar com essa? – ele perguntou. – Eu mesmo não tenho nenhum, e vocês têm dois. Isso é justo?

Judd explodiu numa risada, assim como Christabel, com a expressão no rosto de Cash. Ele moveu-se à frente, entregando docemente a criança para Judd, com olhos suaves e ternos pousados no rosto dela.

— Ela se parece com a mãe – disse Cash a Judd e, por um instante, ao olhar para Christabel, houve um lampejo de tristeza nas feições duras, que ele apagou rapidamente.

— É, parece mesmo – respondeu Judd com voz rouca, inclinando-se para beijar a diminuta testa. – São dois! Ela parecia um fusca de frente e eu nunca fiz a ligação...!

Christabel riu de puro prazer, enquanto observava os dois homens grandes e fortes se alvoroçando por causa da minúscula menininha. Nenhuma necessidade de se perguntar se ela seria estragada de mimos. E dizem que os homens só querem meninos. Ha!

— Nomes? – Uma voz profunda veio do outro lado do quarto. Leo Hart e a esposa, Janie, sorriam. – Já escolheram algum?

— Jessamina para a menina – disse Christabel, orgulhosa. – Vamos chamá-la de Jessie. E...

— Jared para nosso filho – interrompeu Judd delicadamente. – Em homenagem ao meu trisavô, Jared Dunn, que foi pistoleiro e Texas Ranger, depois virou um famoso advogado em San Antonio lá pela virada do século XX – acrescentou.

— Bem, congratulações, mais uma vez. É melhor partirmos – disse Leo. – Temos que seguir pelo corredor para ver Rey e Meredith. Eles têm uma filha nova em folha, Celina, nascida na mesma hora mais ou menos que sua ninhada.

— Diga-lhes que mandamos nossos parabéns – gritou Christabel.

Eles acenaram, abriram um sorriso e saíram juntos. Cash ainda observava a minúscula menina nos braços de Judd, ansioso. Judd fez uma careta e devolveu-a para o outro.

— Acho que você pode segurar – disse ele com um suspiro. – Mas lembre-se de a quem ela pertence.

Cash lançou-lhe um sorriso.

— Ela pode viver com você, mas eu serei o padrinho dela – respondeu, fazendo caretas para a minúscula coisinha em seus braços. – Papai Cash vai ensiná-la a brigar com a mão e usar golpes-relâmpago em ataques da SWAT!

Maude soltou um lamento de puro horror. Christabel explodiu em gargalhadas.

— Ele está brincando, Maude!

— Não, não está – murmurou Judd secamente.

Cash ignorou ambos, envolvido no arrebatamento da nova condição de padrinho.

Quando enfim ficaram a sós, Judd sentou-se na cama ao lado de Christabel e segurou-lhe a mão com força.

— Dois bebês – disse ele, ainda admirado. – Não consigo acreditar. Você não me deu nenhuma dica. Maude não deu nenhuma dica!

— Eu fiz com que ela e o obstetra jurassem segredo – respondeu ela com um sorriso cansado. – Você tinha tanta coisa na cabeça, querido, com o julgamento de Clark e a mudança em nossas vidas. Além disso, eu gozava de perfeita saúde e não havia nenhum perigo. Eu lhe diria se houvesse, realmente.

O caso Clark mereceu manchetes nacionais, sobretudo depois que foi condenado e sentenciado à prisão perpétua, sem probabilidade de recorrer, por assassinato. Judd, Christabel e Cash haviam testemunhado contra ele.

Judd apertou seus dedos.

— Está bem.

— Como foi a estréia do filme?

Ele deu uma risada.

— A estréia não foi tão interessante quanto o que aconteceu depois – disse. – Tippy e Cash ficaram desconcertados.

O último receio secreto de Christabel, de perdê-lo para a modelo, foi embora voando como um balão solto.

— É mesmo? – perguntou ela, feliz.

— Parece que Tippy contou ao irmão caçula um bocado de coisas sobre Cash, mais do que contou sobre mim, e o garoto revelou. – Ele abriu um sorriso. – Grier estava quase se pavoneando quando Maude telefonou e nos interrompeu.

— Uau.

O divertimento desapareceu aos poucos.

— Parece que o comandante do garoto, no colégio militar, esteve com Cash no Iraque. Ele disse ao garoto que Cash foi capturado e torturado, e todos os outros membros de sua unidade foram mortos.

Ela estremeceu.

— Não acho que este seja o único segredo que ele carrega sobre seu passado.

Judd acenou com a cabeça. Virou a mão dela sobre a sua e observou-a.

— Crissy – disse ele, usando o apelido dela pela primeira vez em suas vidas –, ele estava mesmo louco por você.

Os dedos dela enroscaram-se nos dele.

— Não teria importância, porque estive apaixonada por você quase toda a minha vida.

As faces de Judd ficaram coradas. Ele examinou-lhe o rosto, ansioso.

— Estive apaixonado por você desde que nos casamos, Christabel. Mas você era tão nova, querida, e não sabia nada a respeito dos homens ou do mundo fora da fazenda. Eu tinha medo...

Christabel apertou-lhe a mão.

— Você tinha medo de que fosse como seu pai e sua mãe. Mas, querido, sua mãe gostava de aventuras, festas e excitação – lembrou. – Eu adoro gado e o trabalho na fazenda. Nada que o mundo pudesse me oferecer seria igual ao que já tenho com você. E agora temos nossos bebês. O negócio japonês nos colocou num patamar de renda de seis cifras, a fazenda está prosperando, estamos ampliando nosso negócio para a criação de touros Salers puro-sangue, Nick está assumindo como gerente da fazenda e melhorando nosso equipamento e instalações... e ofereceram a você uma promoção para tenente de novo! Que tal foi este ano?

Ele abriu um sorriso.

— Foi ótimo, acho. Mas eu não quero trabalhar fora de San Antonio – disse ele, tranqüilo. Lançou-lhe um longo olhar. – O que acha?

Christabel sorriu.

— Acho que deve fazer o que tem de fazer.

Judd franziu a testa, pensativo.

— Mesmo que isto signifique continuar sargento?

— Sim – respondeu ela em tom suave.

Ele franziu os lábios.

— Existe uma outra alternativa.

Ela permaneceu calada.

— Sim?

— Ofereceram um emprego a Chet Blake lá em El Paso. Ele tem família lá e realmente quer aceitar. – Judd levantou os olhos. – Cash passaria a ser chefe de polícia de Jacobsville, o que deixaria seu emprego vago.

Christabel ficou com a respiração suspensa.

— Você está pensando em aceitar!

Ele assentiu.

— É um pouco menos trabalhoso do que ser Ranger, embora eu ame o que faço. Mas gostaria de ficar em casa o tempo todo, com você e os bebês. Conheço a maioria do pessoal da força. — Ele encolheu os ombros. — Cash será o padrinho de nossos bebês, e já não tenho mais ciúmes dele. Bem, não muito — emendou. — O que acha?

Os olhos de Christabel se suavizaram.

— Eu daria tudo para ter você por perto o tempo todo — sussurrou. — Mas jamais pediria a você...!

Judd levantou-se e inclinou-se sobre ela, beijando-a com ânsia, adorando o aperto dos braços dela ao redor de seu pescoço. Ela beijou-o em resposta, com a mesma ânsia, lágrimas rolando por suas faces. Era como um sonho que se tornava realidade.

Jacobsville era um ótimo lugar para alguém ser policial. Não era o mesmo que ser Ranger e ter de viajar por todo o Estado, país ou até mesmo o mundo, em alguns casos. Ele ainda teria o desafio de trabalhar na aplicação da lei, mas estaria um pouco mais seguro. Isso importava agora, já que tinham filhos e o trabalho dele seria, em grande parte, administrativo.

Um pigarrear alto interrompeu o beijo arrebatador. Os dois levantaram a cabeça ao mesmo tempo e olharam na direção da porta.

Uma enfermeira encontrava-se ali com duas trouxinhas.

— Desculpe-me, senhor Dunn, mas está bloqueando o jantar dos bebês, e eles estão com fome.

Ele deu uma risada, levantando-se.

— Deus me livre! — respondeu secamente, saindo para o lado. — Pode trazê-los.

— Uma pena que você não possa ajudar a fazer isto — provocou Christabel enquanto se sentava na cama, recostada aos travesseiros, desabotoando a camisola do hospital.

— Meu peito é achatado demais para eu poder ajudar — observou ele com um largo sorriso.

A enfermeira riu e entregou Jessamina a Crissy e Jared a Judd. Ficou com o filho no colo enquanto Christabel alimentava a filha. A enfermeira deixou a família a sós, dando um sorriso pensativo ao sair e fechar a porta.

— Gêmeos na primeira tentativa. Eu gostaria de saber — murmurou Judd pensativamente um minuto depois, franzindo a testa ao examinar a jovem esposa.

— Gostaria de saber o quê, querido? — ela perguntou, sorrindo.

— Se foi a camisola vermelha — ele respondeu maliciosamente.

Ela soltou uma risada rouca. Não estava usando uma na véspera de Natal, mas ficara grávida no Japão, e *possuía* uma então.

— Talvez tenha sido o chá verde — contrapôs Christabel, brincando.

Judd pousou os olhos no filho com tranquilidade e ternura.

— O que quer que tenha sido, foi graças a Deus — murmurou, tocando a face do garotinho com um dedo comprido.

Ela observou-o em silêncio, fitando a expressão que inundava as feições duras com um prazer quase dolorido. Jamais pensara em Judd como pai. De

repente, era impossível vê-lo como qualquer outra coisa. Ele se adaptara como um pato à água.

Christabel recordou sua vida, desde o horrível espancamento que causou o casamento deles, passando pelos longos anos de desejo sem esperança, o perigo dos irmãos Clark, a maravilha do fervor de Judd no Natal, a angústia dos meses que se seguiram, o tiro que quase acabou com sua vida. A viagem ao Japão, os ciúmes e, por fim, a fusão de suas vidas. A dor que fora, às vezes, quase insuportável. Mas, enquanto olhava dos filhos para o marido e novamente para as crianças, ocorreu-lhe que a felicidade tinha seu preço. Para aqueles que eram corajosos o bastante para pagarem esse preço, as recompensas eram grandes.

— Você está pensativa – murmurou Judd, sorrindo de sua expressão.

Christabel encontrou os olhos dele com tranqüila admiração e suspirou, feliz.

— É. Estava lembrando de algo que li um dia, sobre pessoas que vivem sossegadamente nas sombras e jamais saboreiam a vida, porque têm medo de arriscar as profundezas. Ou algo parecido. Estava pensando que nós pagamos pelo que conseguimos na vida, de uma forma ou de outra. E que a felicidade maior só vem depois da maior dor.

Ele acenou lentamente.

— Entendo.

Os olhos escuros de Christabel sorriram.

— Eu estava pensando – acrescentou ela – que valeu a pena tudo por que passei na vida.

Os olhos negros de Judd brilharam quando fitou Christabel.

— É. Nós somos ricos de uma forma que nada tem a ver com dinheiro, não é mesmo, querida?

Ela abriu um sorriso. O bebê em seu seio deslizou a mão diminuta por sua pele. Baixou os olhos e tocou a pequenina cabeça com carinho.

— Mais ricos do que piratas.

Judd explodiu numa risada. Seu filho fez um som e Judd levantou o pequeno garotinho até os lábios duros, beijando-o com ternura.

Christabel encostou a face na cabeça da filha e fechou os olhos. A alegria que sentia era grande demais para que qualquer palavra pudesse exprimi-la. Qualquer palavra mesmo.

****FIM****